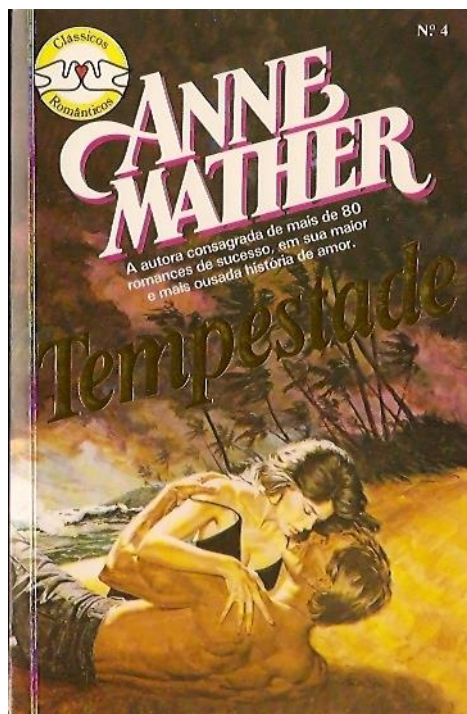


Tempestade

Stormspell

Anne Mather



Título original: "Stormspell"

Copyright: © by Anne Mather

Publicado originalmente em 1982 pela
Worldwide Romance, Londres, Inglaterra

Tradução: Dulce de Andrade

Copyright para a língua portuguesa: 1986

Nova Cultural — São Paulo — Caixa Postal 2372

Esta obra foi composta na Artestilo Compositora Gráfica Ltda.
e impressa na Companhia Lithográfica Ypiranga



O naufrago chegou com a tempestade, e tudo se modificou na vida de Ruth. Loiro, bronzeado, fascinante, tão diferente dos nativos da pequena ilha de Índigo, foi impossível ignorar o magnetismo daquele homem que lhe desvendou o mundo maravilhoso dos sentidos, onde cada carícia, cada beijo era uma promessa de prazeres desconhecidos para a doce e inocente Ruth. E ela se deixou envolver por uma paixão sem limites, quente como o sol tropical que beijava as águas cor de turquesa do Caribe, sem saber que iria pagar caro cada momento de felicidade vivido com ele.

CAPÍTULO I

Era uma manhã lavada pela chuva, tão calma quanto fora violenta a noite que a tinha precedido. Uma manhã sombria, sem atrativos, em que até o canto dos pássaros parecia tímido. A terra estava se recuperando da força da tempestade e o sol a cobria com seus raios fracos, como que pedindo perdão pela barbaridade acontecida durante a escuridão. Ruth acordou com a aurora. O silêncio intenso depois do rugir do vento, que havia assobiado sem cessar por entre as telhas do bangalô, era tão estranho quanto fora a tempestade, e ela continuou deitada por vários minutos, deixando-se envolver por aquela abençoada paz. Então, afastando o lençol que a cobria, caminhou descalça até a janela, destrancando as venezianas e abrindo-as de par em par.

Por todo lado, eram visíveis as conseqüências da tormenta. Árvores tinham sido arrancadas pelas raízes e as que haviam sobrevivido ainda se mostravam abatidas pela chuva torrencial, que caíra com o ruído de moedas de prata pela varanda. Relâmpagos tinham causado lesões profundas nos troncos das árvores que permaneciam em pé, arrancando-lhes a casca e

deixando-os nus.

A varanda estava coberta de destroços: folhas e gravetos, algas da praia, conchas e pedras minúsculas, que tinham matraqueado de encontro às janelas, como granizo. Ruth não se lembrava de já ter visto uma chuva de granizo, mas seu pai fizera a comparação.

Agora, no entanto, com o calor do dia, espirais de vapor começavam a se levantar da madeira úmida, misturando-se com a névoa rasteira, que girava em torno das raízes das árvores. Isso dava ao jardim, abaixo do bangalô, um aspecto levemente misterioso, envolvendo a terra em camadas opacas.

Tomando consciência do ar frio em contato com sua pele quente, Ruth voltou para o meio do quarto, com indisfarçada pressa. Trocaria de roupa e iria até a praia. Muitas coisas podiam ser encontradas na praia, depois de uma tempestade como a da noite anterior, e tinha tempo para uma exploração preliminar, antes do café da manhã.

Tirando a camisola de algodão, que era a única coisa que a cobria, lavou o rosto e as mãos com a água fria de uma jarra, que ficava sobre a penteadeira. Em seguida, após uma leve escovada nos cabelos, prendeu-os com uma tira de couro na nuca e colocou um *short* e camiseta, que eram sua forma habitual de se vestir. Saiu sem se dar ao trabalho de lançar um olhar para sua imagem, refletida no espelho manchado da penteadeira, detendo-se apenas o tempo suficiente para abrir a porta do quarto do pai, que ainda dormia, e examinar-lhe, com olhos ansiosos, as feições cada vez mais marcadas pelo sofrimento. A tensão causada pela doença o fizera emagrecer bastante e os ossos proeminentes da cabeça davam-lhe uma aparência esquelética.

Ruth tinha o lábio inferior apertado entre os dentes, ao fechar a porta, e muito de seu excitamento desaparecera. Por quanto tempo ainda os remédios receitados pelo dr. Francis conseguiriam manter a dor afastada? Quanto tempo se passaria, antes que o torpor induzido pelas drogas cedesse lugar à consciência agoniada?

Balançando a cabeça, ela continuou pelo corredor que dividia o bangalô em duas metades, com a cozinha, a sala de jantar e o banheiro de um lado, e os quartos e a sala de estar do outro. Não havia sentido em se torturar por algo que não podia ser mudado. O dr. Francis fora claro: a doença de seu pai estava em fase final. Era só uma questão de tempo, antes que o coração dele cedesse à pressão. Uma realidade dura e injusta, mas que tinha que aceitar. Seu pai já a aceitara, e não era certo deixar que suas próprias ansiedades estragassem o pouco tempo que ainda lhes restava, juntos.

Ainda assim, ao pisar na varanda, Ruth sentiu o coração apertar-se, à idéia do quanto ficaria sozinha. Desde que se conhecia por gente, sempre

tinham sido os dois, ela e o pai. E, apesar de não ter medo de ficar só, temia o isolamento. Índigo era uma ilha tão pequena, com uma população de não mais que trinta pessoas. Além deles, só havia outro homem branco na ilha: padre Andreas. E ela não conseguia se ver conversando com ele da maneira como tanto gostava de fazer com o pai. O próprio padre na certa sentiria falta das partidas de xadrez, às vezes turbulentas, que costumava jogar com o velho amigo.

Ruth suspirou. Seu pai jamais aprovaria tamanho sentimentalismo. Estava perdendo tempo, quando tinha o que fazer: descer à praia e verificar se nenhum dano sério ocorrera, para dar ao pai um relatório completo, durante o café da manhã.

As galinhas de Celeste estavam ciscando nas ruínas do que havia sido a horta e Ruth bateu palmas numa fingida agressão, afugentando-as. As aves espalharam-se barulhentemente pelo quintal, atrás do bangalô, e ela, com um sorriso nos lábios, tomou o caminho das dunas, em direção à praia.

"Pobres criaturas! Na certa acharam que a tempestade tinha recomeçado", pensou, meio divertida, inclinando-se para apanhar um graveto. Celeste, com certeza, encontraria poucos ovos inteiros, aquele dia.

A chuva havia parado quando ela alcançou a margem de grama que se erguia acima da praia, e os raios de sol salientavam as evidências da devastação. A costureira faixa ininterrupta de areia quase branca estava agora cheia de destroços da terra e do mar. Galhos arrancados, algas, rochas e conchas quebradas davam ao lugar um ar desolado, intensificado pelas flores em botão caídas de um oleandro, que se espalhavam pela areia como pétalas de rosa, num funeral.

O mar ultrapassara os limites de seu território e Ruth, enquanto descia com cuidado para a praia, encontrou pedaços de metal enferrujado e cacos de cerâmica, provavelmente arrancados de um navio há muito tempo naufragado, após bater nos dentes afiados dos recifes.

"Um galeão espanhol, talvez", refletiu, examinando um objeto brilhante, que logo descobriu ser uma moeda.

Piratas audazes e dobrões de ouro vieram-lhe à mente, fazendo com que se lembrasse das histórias que o pai lhe contara sobre as frotas de navios espanhóis, carregados de ouro, que singraram aquelas águas, durante o século dezessete. Só Deus sabia que tesouros ainda jaziam escondidos, sob a superfície verde-azulada do Caribe.

Guardando a moeda no bolso, Ruth continuou sua busca. Com o calor do sol aumentando e o ar fresco e limpo que sempre surgia depois de uma tempestade, ela foi sentindo uma exaltação cada vez maior e sua ansiedade de momentos atrás assumiu outra perspectiva. Muita gente vivia anos nas condições de seu pai. Os médicos estavam sempre fazendo progressos em

suas pesquisas. E com remédios tão sofisticados quanto os de hoje em dia podia-se manter uma vida indefinidamente.

Os gritos das aves marinhas acompanhavam-na, enquanto gaivotas procuravam alimento, entre os destroços. Caranguejos fugiam, assustados, de seu caminho, e aves pernaltas percorriam, expectantes, a margem da água. Havia um mundo de vida na ilha. Como poderia alguém se sentir só, com tanta companhia por perto?

Além da curva da praia, onde um promontório rochoso avançava em meio às águas espumantes de uma laguna, Ruth parou, sombreando os olhos com a mão. Um grupo de árvores de mangue crescia quase à beira da água, os troncos retorcidos e cheios de nós parecendo mais escuros que o normal, em contraste com a claridade do dia. Observando-as, Ruth teve a impressão de ver alguma coisa se mover junto às raízes de uma delas e, quando seus olhos se ajustaram à luminosidade, já estava quase certa de que se tratava de uma grande criatura do mar, jogada na praia pelas ondas.

A curiosidade levou-a a avançar, mas a dúvida e as superstições de Celeste tornaram-na cautelosa. Seria um tubarão ou uma barracuda, trazidos para a lacuna pela força da tempestade, ou apenas um galho de árvore, movendo-se com a maré? Automaticamente, benzeu-se ao chegar mais perto do objeto, censurando-se em seguida pela blasfêmia. Seus temores eram baseados nas crenças de outra religião, e as histórias de Celeste, sobre possessão e destruição, fizeram nascer em seu íntimo uma espécie de pânico.

Era um homem!

Ao alcançar a sombra da árvore, viu-o distintamente: estava deitado de rosto para baixo, com uma das mãos estendida para diante, como que procurando agarrar a praia, e a outra, escondida sob o corpo. Nu da cintura para cima, tinha, os pés descalços, lambidos pelas águas da lacuna, e usava uma daquelas calças de brim tão populares entre os jovens de St. Vincent, mas que seu pai desaprovava por completo.

Por vários segundos ela se limitou a olhá-lo, imóvel, mas depois, levada pela apreensão, cruzou a areia correndo e ajoelhou-se ao lado dele, explorando-lhe o pescoço com os dedos e não contendo um suspiro de alívio, ao encontrar uma artéria batendo. Ele estava vivo. Achava-se inconsciente, mas com uma pulsação mais ou menos firme. Como teria chegado até ali? Com mãos tímidas, virou-o de frente, apoiando-se nos calcanhares, trepidante, ao ouvir um som de protesto. Mas ele não abriu os olhos e ela mordeu os lábios, consternada.

Que era um homem branco, não havia dúvida, embora estivesse com a pele bastante bronzeada, como se passasse muito tempo, ao ar livre. Tinha cabelos loiros, grossos e lisos, que pareciam quase prateados, em contraste com a pele morena; cílios longos, de pontas douradas; malares salientes;

nariz forte e boca de lábios finos. Ruth foi tomada por uma vontade quase irresistível de passar as mãos nos cabelos claros, tão diferentes dos seus, longos e escuros, mas dominou-se e continuou a inspeção.

De imediato, uma exclamação de susto escapou-lhe dos lábios. Havia sangue no peito dele, em parte já seco e coagulado, e cheio de areia. Automaticamente, apertou a boca com os dedos, enquanto olhava em torno, insegura, à procura de algo com que pudesse limpar a ferida.

Não encontrou nada que servisse e, em desespero, rasgou a barra de sua camiseta e molhou-a na água. Teria que servir. Pelo menos, era limpa e poderia ser usada como bandagem. Depois, seria obrigada a deixá-lo, para ir atrás de ajuda.

Movimentou o braço que ele ainda mantinha de encontro ao peito, empalidecendo ao ver de onde brotava o sangue. No entanto, de certo modo, sentiu-se aliviada, pois era o braço, e não o peito dele, que estava ferido. Seu movimento impensado abria ainda mais o corte feio e úmido, que ia do cotovelo ao punho do desconhecido, e um sangue novo manchou seus dedos, quando ela recolocou o braço dele na posição anterior. Deus do céu! Quanto sangue teria ele perdido? Seria necessária uma transfusão? Então, lembrou-se da firmeza do pulso que pegara. O estado dele não era crítico, mas poderia se tornar, se não conseguisse ajuda logo.

Depois de hesitar um momento, usou a atadura improvisada para amarrar com força o braço dele, acima do corte. Isso estancaria o sangramento, embora uma ausência prolongada do suprimento de sangue pudesse ser perigosa. Ao lhe ensinar os primeiros-socorros, seu pai lhe dissera que uma ferida poderia gangrenar, sem um fluxo normal de sangue, e o homem, fosse ele quem fosse, não lhe agradeceria por privá-lo de um braço. Certa de que tinha feito tudo que podia, ela tentou levar o desconhecido para mais longe da água. Em vão. Mesmo segurando-o por baixo dos braços, não conseguiu movê-lo um centímetro e suava em bicas, ao desistir.

Agachou-se ao lado dele e, para sua surpresa, viu-o se mexer e abrir os olhos. Não chegara a imaginar de que cor os olhos dele poderiam ser. Se lhe perguntassem, diria que o mais provável era que fossem azuis. Mas não eram: eram castanhos, cheios de interessantes pintinhas cor de âmbar, e, quando a focalizaram, estreitaram-se numa evidente falta de reconhecimento.

Ruth ajoelhou-se, inclinando-se para ele com ansiedade.

— Oi — murmurou, sabendo que devia estar parecendo uma tola, mas incapaz de pensar em algo melhor para dizer. — Como... como está se sentindo?

O homem continuou a fitá-la, sem dizer nada, e ela prosseguiu, aos

tropeções:

— O senhor está ferido. Tem um corte no braço. Parei o sangramento, mas tenho que ir atrás de ajuda. Não vou demorar, e se ficar quietinho aqui... — Interrompeu-se abruptamente, quando ele estendeu a mão e agarrou seu braço, com uma força que não esperava.

— Onde estou? — A voz dele tinha um tom curiosamente áspero. — E quem é você, droga!

Nunca ninguém, muito menos seu pai, tinha usado tal linguagem com ela, e sua indignação aumentou, quando os dedos do desconhecido enterraram-se ainda mais em sua carne. Não julgara que ele fosse capaz de despender tanta energia, e o reconhecimento de seu erro só serviu para aumentar sua impressão de ter sido ofendida.

— O senhor... o senhor está em Índigo — respondeu, meio seca. — Eu sou Ruth Johnson. Meu pai e eu vivemos aqui.

— Índigo? O que é isso? Onde fica? E onde está o veleiro? Desistindo de tentar soltar o braço, Ruth fitou-o.

— O senhor estava num veleiro? Então, ele deve ter naufragado.

— Naufragado? — o desconhecido repetiu, confuso. E, depois de considerar suas palavras por um instante, admitiu: — Foi isso mesmo. Estou começando a me lembrar. Houve uma tempestade...

Conseguindo afinal se libertar, Ruth friccionou o braço dolorido.

— Quem lhe deu autorização para sair do porto, ontem? Houve muitos avisos de mau tempo. Foram irradiados regularmente.

— Ninguém me autorizou nada — ele explicou no mesmo tom áspero, agora com um traço de zombaria. — Eu resolvi correr o risco e, obviamente, estou sofrendo as conseqüências. O veleiro está muito estragado?

— Veleiro? — Ruth ergueu-se. — Não estou vendo nenhum veleiro. Mas, se havia um, ele na certa foi jogado nos Dentes da Serpente.

Conseguindo erguer-se no braço são, o desconhecido fitou-a, meio impaciente.

— Pode acreditar em mim, havia um veleiro. Eu não vim a nado de Barbados até aqui.

— Barbados?! Mas isso fica a quase cem milhas daqui!

— É? — Ele deu de ombros, estremecendo em seguida, como se tivesse sentido dor. — Onde eu estou? — Tocou a ferida, com a ponta dos dedos. — Em outra ilha, não é? Nunca ouvi falar desta.

— Não é de admirar. Índigo é uma ilha muito pequena. Papai, padre Andreas e eu somos os únicos europeus, aqui. — Ruth fez uma pausa, mudando o peso de um pé para o outro. — Acho bom eu ir atrás de ajuda. Coloquei um torniquete no seu braço, mas ele precisa de tratamento, e logo. Se ficar aqui. . .

— Não... espere!

Para sua surpresa, o desconhecido sentou-se com um movimento abrupto e passou a mão pelos cabelos molhados. O esforço fez com que perdesse a pouca cor que ainda lhe restava, mas, quando ela ia censurá-lo, ele estendeu a mão para a frente, como que pedindo alguns momentos para se recuperar.

Então, tornou a erguer os olhos para ela.

— Eu vou com você — disse. — Se tiver um pouco de paciência. ..

— Mas o seu braço vai sangrar de novo! O senhor não está em condições de andar até a minha casa, sem ajuda.

— Deixe que eu decida se estou em condições ou não. Não fiquei inválido, só cortei meu braço. Quando mais cedo eu me levantar e chegar a um telefone, melhor.

— Não há telefones em Índigo.

— Não?

— Não.

— Então, como é que vocês se comunicam com o resto do mundo? Porque vocês estão em contato com o mundo exterior, não estão? E onde fica isso? Em Trinidad? Na Martinica?

— Fica em St. Vincent, para dizer a verdade — Ruth replicou, citando uma das menores ilhas a oeste de Barbados. — E a maior parte dos nossos contatos são feitos por mar. —

Fez uma ligeira pausa. — Mas temos um rádio, que usamos em casos de emergência.

O desconhecido ergueu uma das sobrancelhas.

— E isto não é bem o que você chamaria de emergência, não é?

— Eu não disse isso! — Ruth sentiu-se confusa com o humor zombeteiro do desconhecido. — Mas... se você insistir em ir comigo. . .

— Eu sei. — Ele respirou fundo. — Se me ajudar a ficar de pé.. .

Ruth inclinou-se para que ele pudesse passar o braço sobre os ombros, depois endireitou-se devagar. O desconhecido era mais pesado do que esperava, e ela vacilou um pouco, firmando-se com dificuldade. Mas o que mais a perturbou foi o fato de estar, pela primeira vez, tão perto de um homem, que não seu pai. O corpo apoiado no seu era muito diferente do de seu pai: em primeiro lugar, era rijo e musculoso, sem nada que lembrasse a flacidez de um homem mais velho, e a coxa pressionada a seus quadris tinha uma forma inegavelmente masculina. Isso fez nascer uma curiosa sensação na boca de seu estômago, uma sensação não de todo desagradável, e ela o olhou de esguelha, tentando descobrir se ele sentia o mesmo.

Mas o homem a seu lado só tinha atenção para o próprio equilíbrio e pediu-lhe desculpas pela fraqueza em que estava, quando gotas de suor

começaram a porejar-lhe na testa,

— Desculpe. Estou tão tonto! Devo ter perdido mais sangue do que imaginei.

— Não quer ficar aqui, enquanto eu vou atrás de ajuda?

— Não. Eu consigo — ele declarou por entre os dentes, decidido, e ela foi obrigada a ceder.

Foi uma caminhada dura até o bangalô. Fiel à sua palavra, ele conseguiu, embora não pudesse disfarçar a dor, a cada passo. E como poderia ser de outro modo, exausto como estava e com um corte até quase o osso? Ruth ouviu-lhe a respiração difícil, sentiu-lhe o hálito na têmpora — pois mesmo encurvado como estava ele ainda era mais alto que ela — e notou o suor que o molhava cada vez mais, enquanto ele lutava para não perder a pouca força que ainda lhe restava.

Celeste deve tê-los visto, pois, quando se aproximaram, do bangalô, correu ao encontro deles, o corpo gorducho bamboando, os seios avantajados balançando sob o vestido solto que usava, o rosto mostrando uma dezena de expressões diferentes, enquanto tentava identificar o visitante inesperado.

— O que aconteceu? — exclamou, examinando o homem ao lado de Ruth com um olhar agudo e inquisitivo. — Por que levou tanto tempo na praia? Faz meia hora que seu pai acordou e está lhe chamando.

— Você está vendo o que aconteceu, Celeste — Ruth protestou com impaciência, percebendo o interesse da outra. — Encontrei.. . este homem — não sabia nem o nome dele! — na praia. Está com o braço muito machucado. Dá para você nos ajudar a entrar?

— Eu gostaria que você não falasse de mim como se eu não estivesse aqui — o desconhecido murmurou, em voz rouca. — Eu posso estar cansado, mas ainda não perdi a consciência. — Lançou a Celeste um olhar curioso. — Você já viu um homem branco antes, não é?

Celeste sorriu.

— Já vi, sim. Já vi muitos homens brancos. Mas nenhum deles tão bonito quanto o senhor.

— Celeste! — Ruth fitou--a, incrédula. — Celeste, quer parar com isso e me ajudar? Se o segurar deste lado, poderemos subir a escada...

— Eu posso subir sozinho — o homem insistiu, soltando-a para segurar o corrimão. Conseguiu fazê-lo, mas quase perdeu o equilíbrio, e Ruth trocou um olhar impaciente com a governanta, antes de ajudá-lo de novo.

— Por aqui — indicou, caminhando para seu quarto. Abriu a porta com o pé e ajudou-o a alcançar a cama, vacilando quando ele se deixou cair sobre o colchão. A fraqueza dele era tão grande, que foi obrigado a agarrar o batente da porta para não ir ao chão. A caminhada fora dura para ambos, e

não era de admirar que sentisse o suor escorrendo pelo meio das costas.

— Obrigado — ele disse, apoiando-se na cabeceira da cama e olhando em tomo.

Ruth arrependeu-se de não ter arrumado a cama, antes de sair. Mas o desconhecido precisava de descanso, e aquele era o único lugar. Recuperando o fôlego, ela se pôs a endireitar os lençóis, debaixo dele. Celeste olhava da porta, e Ruth voltou-se para ela, impaciente. A governanta parecia fascinada pelo visitante inesperado, e a garota não gostou de lhe dar instruções que, normalmente, não deveriam ser necessárias.

— Vá dizer a papai o que aconteceu. Peça-lhe para vir até aqui. E, depois, faça um pouco de chá. . . quente e forte, com bastante açúcar.

— Tá bom. — De má vontade, com evidente relutância, Celeste se foi. Não era todo dia que recebiam visitas, e ela obviamente teria preferido ficar e saber de onde ele vinha.

— Ela está curiosa — o homem comentou, recostando-se nos travesseiros que Ruth acabava de afogar. Havia um traço de humor na linha de seus lábios, enquanto ele falava, mas a dor que ele sofria ainda era visível na expressão sombria de seus olhos. — Sinto estar causando tanto aborrecimento a vocês. Irei embora, assim que puder. Por enquanto... se me for possível descansar....

— Seu braço precisa ser suturado — Ruth disse, quando ele já fechava os olhos. — Esse torniquete tem que ser retirado. Meu pai saberá o que fazer.

O desconhecido reabriu as pálpebras pesadas.

— Seu pai é médico?

— Não. Ele.. . ele era professor universitário. Mas conhece essas coisas. Ele é que trata o pessoal da vila. E quando o primo de Celeste foi mordido por uma barracuda...

— Tudo bem, então. — O homem passou a língua pelos lábios ressequidos. —Dá para você me arrumar um pouco de água? Estou morrendo de sede.

— Claro.

Com relutância, Ruth começou a se afastar, mas parou quando seu pai apareceu na porta, exibindo uma expressão confusa no rosto abatido.

— Celeste me contou... ela disse...

— É verdade, papai. — Ruth apontou para a cama, atrás de si. — O veleiro deste homem naufragou, durante a tempestade. Encontrei-o na praia.

O professor Jason entrou no quarto com seu andar vagaroso, um pouco ofegante. Nos últimos tempos, até os menores exercícios o cansavam, e ele não fazia mais que andar pelo bangalô e se sentar na varanda, com seus

livros e cachimbo. A idade e a doença tinham emaciado seu corpo franzino, que apresentava uma curvatura cada vez maior.

Ruth colocou uma cadeira ao lado da cama, para que o pai pudesse se sentar e examinar o desconhecido sem esforço; depois esperou, hesitante, que ele desse sua opinião. Como Celeste, não tinha a menor vontade de deixar o quarto. Além disso, sentia-se responsável pela presença do desconhecido ali.

— Desculpe o aborrecimento, senhor — ele falou, dando ao homem mais velho tempo de recuperar o fôlego. — Mas foi uma tempestade dura, e eu me lembro vagamente do casco raspando numas rochas, antes de virarmos.

Franzindo a testa, o professor Jason examinou-lhe o ferimento.

— Você estava sozinho?

O desconhecido fez que sim. E lançando um olhar zombeteiro para Ruth, que sentiu de novo aquela curiosa sensação na boca do estômago, acrescentou:

— Acho que não havia ninguém louco o bastante para me acompanhar.

— Diga-me, senhor. . . senhor. . .

— Howard. Dominic Howard.

— Sr. Howard, o senhor tomou alguma dose de vacina antitetânica, nos últimos seis meses?

— Que eu me lembre, não. Isso é importante?

— Pode ser que seja. Este é um corte profundo, e vai precisar de alguma antitoxina. Posso fazer a sutura, mas acho bom um médico dar uma olhada.

— Está bem. Vou procurar um médico, assim que voltar a Bridgetown..

— O senhor não pode ir embora hoje!

Ruth foi tomada por um intenso embaraço, assim que terminou de pronunciar essas palavras impulsivas e sentiu os olhos dos dois homens pousarem em seu rosto. Para seu alívio, no entanto, seu pai apoiou sua declaração.

— Realmente, seria melhor que descansasse o resto do dia, sr. Howard — o professor aconselhou, levantando-se da cadeira. — Amanhã. . . Bem, amanhã é outro dia.

O rapaz respirou fundo e colocou as pernas no chão, aproveitando o impulso para se sentar.

— Eu estou bem — murmurou, embora fosse óbvio que, mais uma vez, fora assaltado por uma tontura. — Vou embora, assim que o senhor terminar de suturar meu braço. Há algum vô de Saint Vincent para Bridgetown?

Ruth lançou um olhar de súplica ao pai, que depois de hesitar um momento respondeu:

— Não posso forçá-lo a ficar aqui, sr. Howard, mas gostaria que pensasse melhor, antes de ignorar meu conselho. O senhor está exausto e pode causar um dano irreparável à sua saúde, se se esforçar demais. Nossa casa está às suas ordens. Aceite meu conselho e espere... pelo menos, até amanhã.

Dominic inclinou-se para a frente, o braço ferido pendendo entre os joelhos. Em seguida, com um ar de cansaço e resignação, voltou a se recostar nos travesseiros.

— Está bem — concordou, deixando Ruth sem saber se fora o conselho de seu pai ou a própria fraqueza que o convencera. — Até amanhã. — Fechou os olhos, e todos respiraram aliviados. — Agora, posso tomar um copo de água?

CAPÍTULO II

Já seria hora do almoço, antes que Ruth falasse de novo com ele.

O professor Jason mandou-a buscar uma bacia de água limpa, algumas toalhas e o estojo de equipamento médico. Em seguida, pediu-lhe que saísse, enquanto examinava o paciente. Até Celeste, que chegava com o chá que Ruth pedira, foi posta para fora do quarto e teve a porta fechada com firmeza, às suas costas.

— Quem é ele? — ela perguntou a Ruth, quando a garota apareceu na cozinha, para tomar o café da manhã. — Que homem, hein? Tão forte e queimado de sol! Eu, eu não ligo para homens brancos, mas esse.. . Esse é um homem e tanto!

Ruth sorriu.

— O nome dele é Dominic Howard, e ele veio de Bridgetown. Não adianta perguntar, que não sei mais nada.

— De Bridgetown, em Barbados?! E como é que ele chegou até aqui?

— Ele tinha um veleiro — Ruth explicou com paciência, servindo-se de um copo de suco de laranja. — O veleiro naufragou. Ele teve sorte de não morrer afogado.

Celeste concordou.

— Mas esse não se afoga. Esse, não. — Curvou os lábios, expressivamente. — Esse é um homem de sorte... Eu sei.

— Sabe, como? Você o conhece tanto quanto eu. Celeste fungou, batendo na ponta do nariz com o indicador.

— Celeste sabe — insistiu,

Balançando a cabeça, Ruth pegou um pãozinho.

— De qualquer maneira, papai convenceu-o a ficar até amanhã. Ele queria ir embora hoje, mas está muito fraco. Se não tivesse se apoiado em mim, não teria conseguido vir da praia até aqui.

— Eu sei. Eu vi. — Um brilho insinuante surgiu nos olhos de Celeste.

— Você não está triste por ele ter ficado, está? Você também acha que ele é um homem e tanto, não é?

Ruth ofendeu-se.

— Não seja tola, Celeste! — Tola, por quê? Você está com dezessete anos. Já é tempo de aprender sobre os homens.

— Com o sr. Howard? — Ruth quase riu. — Ele é velho, Celeste!

— Não é, não. Ele tem vinte e cinco, vinte e oito anos, talvez. Vinte e cinco não é velho. Trinta não é velho!

— Para mim, é — Ruth replicou com firmeza, concentrando-se em passar manteiga no pão.

Mas as sensações perturbadoras tinham renascido, em seu íntimo. Celeste estava louca. E era louca por homens, também. Como seu pai dissera. Pois não era mãe de três filhos, sem nunca ter sido casada? Se seu pai ouvisse o que estava dizendo, na certa a repreenderia severamente por estar pondo caraminholas na cabeça da filha.

No entanto, enquanto comia mais dois pãezinhos e uma fatia de melão, acompanhados por duas xícaras de café, Ruth não pôde deixar de se lembrar da sensação da pele rija do homem, de encontro a seu braço nem da expressão cheia de dor daqueles olhos curiosamente felinos, quando eles a fitaram. Nunca vira um homem como ele, antes, e se fosse acreditar em Celeste, ela também não. O que era bastante estranho. Afinal, Celeste sempre dizia que já tivera experiência com todos os tipos de homem e, mesmo que metade disso fosse mentira, ela estava em condições de saber do que falava.

Ruth suspirou, passando a ponta do dedo pela borda da xícara. Pela primeira vez, lamentava não ter ouvido com mais interesse as histórias de Celeste. Mas a maioria das narrativas da governanta, altamente dramatizadas, nunca tinham chegado a prender sua atenção. Na sua opinião, o relacionamento entre um homem e uma mulher era bastante tolo, até mesmo aborrecido, e a idéia de deixar um homem tocá-la, do jeito que Celeste descrevia, era inconcebível. Ela simplesmente não acreditava que um dia pudesse chegar a permitir que alguém do sexo oposto tomasse tais liberdades e às vezes até achava que Celeste estava brincando, quando lhe falava de tais coisas. Era nessas horas que mais sentia vontade de ainda ter a mãe. Ou então, que o pai não fosse tão fechado. A não ser por um monólogo bastante confuso sobre os fatos da vida, em que Ruth sentira que ele falava mais para si mesmo do que para ela, seu pai nada lhe dissera sobre amor ou casamento. E ela nunca

estivera suficientemente interessada, para tentar descobrir sozinha. A natação, a pesca submarina e a procura de conchas sempre lhe pareceram muito mais interessantes e só agora ela tomava consciência da própria ignorância.

Dominic Howard era um homem perturbador, tinha que reconhecer. E era o culpado por aqueles pensamentos estranhos. Mesmo com a barba por fazer e os olhos pesados de exaustão, emanava uma atração totalmente incompreensível, à qual não era imune. Ele não era um homem bonito. Pelo menos, não era bonito como os modelos dos catálogos de reembolso postal, que seu pai recebia de tempos em tempos. Tinha feições muito irregulares: os olhos muito fundos, os málares salientes, o nariz proeminente, os lábios finos. No entanto, o conjunto de tudo era fascinante, e ela sentiu os joelhos amolecerem, ao chegar a essa conclusão. Estava com dezessete, quase

dezoito anos de idade e, pela primeira vez, pensava em como deveria ser estar casada. Céus, aos dezessete anos Celeste já tinha um filho! Se bem que acreditava em seu pai, quando ele dizia que uma moça dessa idade era muito nova para ser mãe. O que, no entanto, não invalidava o fato de que tinha idade suficiente para ter um filho também.

Trêmula de ansiedade, passou a língua pelos lábios. Depois, sacudiu a cabeça, irritada com a própria ingenuidade. Que absurdo pensar em ter um filho, quando nem sabia como era um homem! Nunca vira um homem sem roupas, e até sua nudez despertava nela uma espécie de excitamento culposo, como se estivesse cometendo um terrível pecado, por se olhar. Geralmente, vestia-se e se despia sem olhar um segundo para si mesma, e nunca parará para pensar na maturidade que desabrochava em seu corpo.

— Você vai ficar sentada na frente dessa xícara de café a manhã inteira?

O tom levemente malicioso de Celeste tirou-a de seus pensamentos.

— Eu...? Não, claro que não. Eu só estava... pensando.

— No sr. Howard? — insinuou Celeste, zombeteira, e Ruth sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. — Já vi esse olhar de peixe morto antes. Você acaba de perceber que tipo de homem ele é e agora está pensando em como seria fazer amor com um homem como ele.

— Não! — Ruth levantou-se de um salto, vermelha e embaraçada. — Você só tem isso na sua cabeça, não é, Celeste?

Pois eu só estava pensando no que vamos fazer para o jantar. Será que não posso nem pensar mais, sem que ache que estou fazendo algo sórdido?

— Não há nada de sórdido em fazer amor! O que acontece é que você não sabe o que está perdendo. Se soubesse...

— Chega, Celeste. — Ruth apertou os punhos. — Não quero mais falar disso. E lhe agradeceria se não fizesse mais comentários desse tipo, de hoje em diante.

Ruth deixou a cozinha, com passos duros e a cabeça erguida. Mas no corredor, longe do olhar ressentido da governanta, perdeu a pose, enfiando as mãos trêmulas nos bolsos do *short*. Celeste teria razão? Fora naquilo mesmo que estivera pensando? E, se fosse, que tipo de garota isso fazia dela?

Seu pai saiu para a varanda, quando se inclinava sobre o gradil, tentando prender de novo o caule de uma trepadeira, que fora arrancado de seu lugar pela força da tempestade. Levantou o olhar, ao ouvir os passos dele, e não conteve uma exclamação de susto, ao ver o quanto parecia cansado.

— Sente-se, papai — pediu, aproximando uma cadeira de vime e ajudando-o a se acomodar. — O senhor está com um ar tão cansado! Quer

que eu vá buscar um café? Ou prefere algo mais forte?

— Não quero nada, obrigado. — O professor recostou-se na cadeira.

— Logo estarei bem. Só preciso de um pouco de descanso.

Ruth examinou-lhe o rosto pálido, com indisfarçada preocupação. Cada vez que o via, ele lhe parecia mais fraco. Como era injusta a vida! Por que uma coisa daquelas tinha que acontecer, quando eram tão felizes, juntos?

Após alguns minutos, o ar exausto do professor melhorou e um leve sorriso surgiu-lhe nos lábios.

— Você é uma boa menina, Ruth. Não sei o que eu faria sem você.

Ruth retribuiu o sorriso, agachando-se ao lado da cadeira e acariciando-lhe a manga com dedos ternos.

— O senhor não vai ficar sem mim — garantiu. E depois, num tom deliberadamente distraído, perguntou: — Conseguiu fazer a sutura no braço do sr. Howard?

— Consegui. Era um corte e tanto. Ainda bem quê hoje em dia existem desinfetantes.

— Ele vai ficar bom? — Sua voz tinha um traço de ansiedade. — O corte não vai piorar, vai? Não vai infeccionar ou qualquer coisa desse tipo, não é?

— Acho que não. Era um corte limpo, e eu dei a ele uma dose de soro antitetânico. Ele perdeu muito sangue, mas é um homem forte. Vai se recuperar logo.

— Ele... ele lhe contou mais alguma coisa sobre si mesmo? Disse de onde é?

— Ele é inglês, naturalmente. Mas não creio que seja das ilhas: Deve estar aqui em férias. — O professor fez uma ligeira pausa. — Na verdade, ele me pediu para entrar em contato com o correio, em Saint Vincent. Quer que eu mande um telegrama para uns amigos que tem em Bridgetown, dizendo-lhes que está são e salvo e pedindo-lhes para transferirem uma certa soma em dinheiro do banco de lá para o de Kingstown. Ele insistiu para que eu não revele exatamente onde está e pretende usar o dinheiro para comprar roupas e uma passagem aérea de volta a Barbados.

— E o veleiro?!

— Pelo que entendi, ele vai contratar uma companhia especialista em resgate de embarcações. No momento, tem outras coisas em que pensar.

Ruth balançou a cabeça.

— Não vai haver uma investigação da companhia de seguros?

— É capaz. Mas, como ele saiu sozinho, ignorando os avisos de mau tempo. . . — O professor suspirou. — As companhias de seguro levam tudo isso em conta.

- Talvez o veleiro seja de um amigo dele.
- Não creio. Veleiros são caros e, apesar de eu ter a impressão de que o sr. Howard não está acostumado a seguir os conselhos de ninguém, um amigo não o teria deixado sair de Barbados.
- Erguendo-se, Ruth deu alguns passos pela varanda.
- Até parece que o senhor não gosta dele, papai — comentou, voltando o rosto para o sol.
- E não gosto mesmo. O homem é muito seguro de si, muito. .. arrogante, para o meu gosto.
- Celeste acha que ele é um homem e tanto.
- Não duvido. O interesse de Celeste não vai além da pele. O caráter de um homem não significa nada, para ela.
- Ela acha que ele é muito atraente. — Ruth fez uma pausa. — O senhor também acha que ele é atraente, papai?
- O rosto do professor endureceu.
- Que ele tem boa aparência, não há dúvida. E sou capaz de jurar que sabe disso. — Franziu a testa. — O que mais Celeste lhe disse? Ela deve achar difícil entender sua atitude.
- Minha atitude?!
- Claro. Se tive sucesso em alguma coisa, na vida, espero que tenha sido em lhe ensinar que uma mulher inteligente vale uma dúzia dessas cabeças-ocas que andam por aí. É natural que Celeste tente influenciar você, principalmente agora que está crescendo. Mas eu espero que tenha juízo suficiente para não dar ouvidos ao que ela lhe diz.
- Eu tenho — Ruth murmurou, atormentada intimamente por conhecer a ambigüidade de seus sentimentos.
- De qualquer modo — o professor prosseguiu, apoiando as mãos nos braços da cadeira, para se levantar —, essa é uma conversa que não tem sentido. Você é muito criança para estar interessada num homem como o sr. Howard. Celeste devia ter mais juízo e não discutir esse assunto com você. Preciso falar com ela, quando tiver tempo. Agora, é melhor eu providenciar o que ele pediu.
- Ruth passou a palma úmida das mãos pelos quadris.
- O senhor vai. . . usar o rádio?
- Não, vou mandar Celeste atrás de Joseph. Ele pode ir de lancha a Kingstown. Preciso de algumas coisas de lá e prefiro mandar minhas instruções por escrito.
- Ruth deu um passo à frente.
- Quer que eu vá com ele?
- Por alguma razão desconhecida, pareceu-lhe imperioso que saísse da ilha por umas horas. Mas seu pai sacudiu a cabeça, num gesto negativo.

— Vou precisar de sua ajuda, quando for examinar o braço do sr. Howard de novo, depois do almoço. Joseph é competente, posso confiar nele.

— Está bem.

— Agora, acho que você pode se dedicar aos seus estudos, como de costume. Leu o capítulo de Ovídio, que eu lhe pedi?

— Uma parte — Ruth respondeu com relutância, sem disposição para traduzir latim. Mas seu pai não deu a impressão de perceber sua falta de entusiasmo.

— Então, não vai precisar da minha assistência, esta manhã. Discutiremos o que leu, depois que eu tiver cuidado dos negócios do sr. Howard.

Ao ficar só, Ruth seguiu obedientemente para a saleta junto à sala de jantar, que o professor transformara em escritório. Pequeno, cheio de livros, aquele não era o melhor lugar para passar uma manhã ensolarada, mas geralmente Ruth esquecia-se de tudo que a rodeava, entregue às delícias do aprendizado. Seu pai a vinha educando desde pequena e, apesar de nunca ter se submetido a um exame formal, ela estava à frente da maioria das garotas de sua idade. Tinha facilidade para línguas e falava tão bem o francês e o espanhol quanto o inglês.

O estudo do grego e do latim não era tão gostoso, mas geralmente conseguia absorver sua atenção. Aquela manhã, no entanto, as palavras de *Metamorfoses* dançavam diante de seu olhar, sem o menor sentido, e seus olhos voltavam-se constantemente para a janela, enquanto seus pensamentos corriam em outra direção.

Quem era Dominic Howard? De onde vinha? Por que saíra com o veleiro, na boca da tempestade? Que razões teria para manter seu paradeiro em segredo?

À hora do almoço, estava com dor de cabeça e só traduzira mais uma linha de Ovídio. Esperando que o pai não desconfiasse do motivo de sua falta de concentração, foi para a sala de jantar, onde o encontrou conversando com Celeste.

— Ah, você chegou, minha filha — o professor disse, meio distraído, afastando-se da governanta e tomando uma cadeira à mesa. — Pode nos servir. Celeste. Depois, arranje uma bandeja para o nosso hóspede.

— Sim, senhor.

Lançando um olhar perspicaz para o rosto pálido, de Ruth, Celeste foi para a cozinha. Era evidente o que ela estava pensando, e Ruth sentou-se depressa, na esperança de evitar uma discussão pessoal.

— Joseph já foi — o professor comentou, abrindo o guardanapo. — Mande alguns garotos limparem a praia. É claro que o estrago causado pela tempestade não poderá ser reparado em algumas horas, mas isso não impede

que façamos um esforço para restaurar a ordem.

Ruth concordou com um gesto de cabeça, abrindo o próprio guardanapo.

— Felizmente, parece que não houve nenhum ferido — o professor continuou. — A não ser nosso hóspede inesperado, é claro. — Seus olhos cinzentos pousaram no rosto pálido da filha. — Se bem que, reparando melhor, você me parece um pouco abatida. Não dormiu bem?

— Dormi, sim. — Evitando o olhar dele, Ruth se pôs a mexer nos talheres. — É que eu estou com um pouco de dor de cabeça. — Levantou os olhos. — Não progredi muito na minha tradução.

O professor franziu a testa.

— Você não está preocupada com aquele sujeito, está? Eu já lhe disse, ele vai ficar bom.

— Não, não estou preocupada com ele, não. — Ruth enfiou as mãos nos bolsos do *short*, erguendo uma das sobancelhas ao dar com algo duro e redondo. Era a moeda que encontrara na praia, e pegou-a com ansiedade. — Encontrei isto na praia, hoje de manhã — disse, entregando-a ao pai. — É espanhola? As letras estão meio apagadas, mas imaginei que o senhor seria capaz de saber, pela gravação.

— Que interessante! — Para seu alívio, o professor tirou os óculos do bolso e colocou-os. — Uma moeda antiga. Nunca vi uma igual, antes.

— O senhor acha que tem valor?

Ruth estava ansiosa para manter a curiosidade do pai concentrada em seu achado e respirou mais livremente quando ele voltou a moeda para a luz, virando-a de um lado para outro, na tentativa de descobrir-lhe a origem. Isso desviou a atenção dele de si mesma e, quando Celeste chegou com a comida, encontrou-o discorrendo sobre a conquista espanhola na América do Sul.

A governanta, no entanto, tinha outras idéias.

— O senhor quer que eu leve a bandeja para o sr. Howard? — perguntou, colocando sobre a mesa uma tigela de peixe ensopado. — Ele deve estar com fome, também.

O professor franziu a testa, lembrando-se novamente do problema que representava seu visitante.

— Quero, sim — decidiu, após um momento. — É uma boa idéia, Celeste. — Fez uma ligeira pausa, depois acrescentou:

— Mas não vá ser inconveniente, hein? Não quero você muito tempo no quarto dele. Leve a comida e deixe lá. Eu pego a bandeja, quando for examinar o braço dele.

Um brilho zangado surgiu nos olhos escuros de Celeste, diante da censura implícita, e ela olhou para Ruth como se a culpasse pelas palavras do

pai. O leve dar de ombros com que Ruth negou qualquer responsabilidade foi ignorado, e a porta fechou-se com desnecessária força, nas costas da criada.

— Minha nossa! — O professor tirou uma fatia do pão que Celeste fizera aquela manhã. — Acho que a ofendi. Mas foi para o bem dela. Não quero que Howard fique imaginando que meus criados são... Bem, inconvenientes.

— Celeste só é amigável.

— Amigável demais, na minha opinião. E eu não quero que ela influencie você.

— Ah, papai...

Ruth concentrou-se no ensopado, que mais parecia serragem em sua boca. Seu apetite desaparecera por completo, e ela assustou-se quando, de repente, o pai colocou a mão sobre a sua.

— Preste atenção, Ruth — ele murmurou, com gentileza. — Eu sei que você ainda pensa e sente como uma criança, mas está crescendo e logo será uma moça. — Esperou que ela o fitasse, depois continuou: — Enquanto o sr. Howard estiver aqui, acho que deve dar um pouco mais de atenção à sua aparência.

— À minha aparência?! Como assim?

— Não me entenda mal, minha querida. Não quero que mude seu comportamento, é só que... Bem, esse *short* que você está usando, por exemplo. Não acha que ele é meio sumário?

— Ele está pequeno para mim — Ruth admitiu, embaraçada com a discussão e com o que Dominic Howard poderia estar pensando dela.

— Foi isso que eu quis dizer, meu bem. Acho que outra roupa... talvez uma saia e uma blusa seriam mais convenientes. — O professor sorriu. — Por que não aproveita e vai se trocar, logo depois do almoço?

— Mas papai...

— Não seja teimosa, Ruth. Faça como eu digo e não discuta. E me avise assim que estiver pronta.

— O senhor não vai comer mais? — Ansiosa, ela o viu afastar a cadeira e se levantar.

— Não. Vou aproveitar para me sentar na varanda um pouco.

Com evidente esforço, o professor abriu a porta, e Ruth observou-o sair, tomada por horrível sensação de culpa. Seu apetite, que já era praticamente nulo, desapareceu por completo, o que lhe valeu um olhar de desaprovação de Celeste, quando ela voltou para tirar a mesa e viu os pratos ainda cheios.

— Aconteceu alguma coisa? Vocês não gostam mais do meu peixe ensopado?

- O peixe está delicioso. É só que nós. . . não estávamos com fome.
- Bem, tomara que o sr. Howard não seja tão cheio de nove horas — Celeste replicou, lançando-lhe um olhar maldoso. — Ele parece ter idade bastante para pensar por si próprio.
- Ah, Celeste...

Ruth não estava com vontade de participar de uma discussão e, dando um tapinha nas costas da criada, escapou. Já se encontrava na metade do corredor, quando se lembrou de que Dominic Howard estava em seu quarto. Seu pai, obviamente, também não se lembrara disso, ao mandá-la trocar de roupa. Relutante, saiu à procura dele, para relatar o problema.

Ao chegar à varanda, no entanto, encontrou-o dormindo a sono solto. Os esforços da manhã foram demais para ele, e era quase um alívio ver que a natureza havia tomado seu curso normal. Descanso era sem dúvida do que ele mais precisava. Não querendo perturbá-lo, ela tornou a entrar em casa. No hall, Ruth hesitou. O barulho vindo da cozinha mostrava que Celeste ainda estava tentando descarregar sua frustração. Se fosse até lá, na certa acabariam discutindo. Naturalmente, podia voltar aos estudos, mas a perspectiva de traduzir latim não a atraía nem um pouco. Além disso, o escritório era muito abafado à tarde.

Outra possibilidade era se sentar na sala, ou então ajudar os garotos da vila a limpar a praia. Podia também se oferecer para ajudar Thomas, o rapaz que cuidava da horta para eles e que, no momento, estava consertando os estragos causados pela tempestade. No entanto, nenhuma dessas alternativas pareceu-lhe boa. Gostasse ou não, foi irresistivelmente atraída para seu quarto e, colando a orelha à porta, tentou distinguir algum som vindo lá de dentro.

O silêncio era total e ela acabou por decidir que o visitante só podia estar dormindo. Talvez pudesse entrar, pegar algumas roupas e sair, sem que ele se desse conta disso. Seu pai não precisava saber de nada. Em último caso, poderia lhe dizer que pegara as roupas com Celeste, recém-lavadas e passadas.

Essa dúvida a alarmou. O que estava acontecendo com ela? No que estava pensando? Nunca enganara o pai, antes. Nunca quisera enganá-lo. Por que, então, estava planejando isso agora?

Mas uma voz interior censurou-a, por hesitar. Que mal poderia haver em entrar em seu próprio quarto? Onde estava o engano, nisso? Já não era mais uma criança. Celeste sempre dizia que já era uma moça e a criada entendia dessas coisas.

Respirando fundo, Ruth segurou a maçaneta e girou-a. A porta cedeu com facilidade e ela deu um passo para dentro, examinando o quarto em penumbra. Alguém tornara a fechar a janela e a única luz visível era a que

entrava pelas fendas da veneziana.

Dominic estava na cama, onde o vira da última vez, mas com o braço esquerdo envolto em ataduras do punho ao cotovelo. Estava com os olhos fechados, e a calça *jeans*, molhada, fora trocada por um dos pijamas de seda de seu pai.

Preso de sentimentos contraditórios, Ruth caminhou até a cômoda. Dizendo a si mesma que sentia-se contente por Dominic estar dormindo abriu a primeira gaveta. Não precisou de muito tempo para decidir o que usar. Acostumada a passar o dia inteiro de *short* e camiseta, tinha poucas roupas e a saia estampada e a blusa de algodão, que pegou, já estavam bem lavadas e desbotadas. Até aquele momento, nunca dera muita importância a roupas e lamentava que o pai tivesse chamado sua atenção para isso.

— Quanto tempo você ainda vai levar?

Ruth sobressaltou-se, tomada por uma sensação de culpa, ao ouvir a voz de Dominic Howard. Juntando a saia e a blusa, fechou a gaveta com o joelho e virou-se para encarar o homem na cama. Ele estava com os olhos bem abertos, agora, e ela fitou-o, insegura, sem saber ao certo o que responder.

— O que você estava fazendo? — Dominic ergueu-se num dos cotovelos. — E por que tanto mistério?

— Mistério?

— É, sim, mistério. Eu vi o modo como você entrou e resolvi não dizer nada. Mas você começou a demorar e eu perdi a paciência. O que é isso que você pegou?

Ruth sentiu o rosto em fogo.

— São minhas roupas. Papai me disse. . . Bem, eu queria me trocar, mas você estava aqui e eu não queria perturbá-lo.

Dominic relaxou de encontro aos travesseiros, indolente como uma pantera, exalando aquela influência perturbadora que ela já sentira antes. Aquele homem de olhos estranhamente felinos e corpo forte e moreno a preocupava. Despertava nela sentimentos que não reconhecia nem entendia, e dos quais tinha medo, embora soubesse que eram sobre eles que Celeste tentara, lhe explicar.

— Desculpe — Dominic murmurou. — Eu não pretendia ser rude. Devo tanto a você. . . e ao seu pai.

— Não foi nada. Eu. . . Nós teríamos feito o mesmo por qualquer um. — Ela fez uma ligeira pausa, antes de perguntar: — Está se sentindo melhor? O seu braço parou de doer?

— Já melhorei muito. O seu pai me deu um comprimido contra dor. Ele é bem experiente. . . Mas isso você já deve saber.

Ruth inclinou a cabeça.

— Ele. . . eu. . . é. — Pressionou os lábios, levantando os cantos da boca numa imitação de um sorriso. — Fico contente por saber que está melhor. Poderia ter se afogado, lá.

— Eu sei. Tenho uma noção muito boa do que houve. Sabendo que deveria sair, mas relutante em deixá-lo, Ruth mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

— Eu.. . Papai mandou Joseph a St. Vincent. Nessa altura, ele já deve ter mandado o seu telegrama.

— Ótimo.

Dominic Howard desviou o olhar para a janela e Ruth teve vontade de saber que pensamentos poderiam estar lhe passando pela cabeça. Quem seriam os amigos dele, em Bridgetown? Homens ou mulheres? Seria ele casado? Essa idéia não lhe agradou, mas era uma possibilidade inegável. No entanto, se ele tivesse uma esposa, que motivo teria para esconder dela o próprio paradeiro?

Como que percebendo sua concentração, Dominic virou-se para fitá-la, e ela corou, embaraçada.

— Quantos anos você tem, Ruth?

Ruth apertou as roupas de encontro ao corpo, defensivamente, enquanto respondia.

— Dezessete — Dominic repetiu. — Ah, ter dezessete anos de novo!

— Na verdade, estou com quase dezoito — ela acrescentou, depressa. E quando as sobrancelhas dele se arquearam, num gesto interrogativo, prosseguiu: — Vou fazer dezoito daqui a sete meses.

— Dezoito. — O sorriso dele foi zombeteiro. — Sabe que tenho idade bastante para ser seu pai?

— O senhor não é como meu pai. Ele. . . ele é muito mais velho.

— Concorde. Ele é muito mais velho do que eu. Velho demais para ter uma filha da sua idade, também.

— Ele e mamãe já estavam casados há quase vinte anos, quando eu nasci.

— Dá para acreditar. — Dominic franziu a testa. — E onde está... a mamãe?

— Está morta. Eu nem a conheci. Ela morreu quando eu nasci.

— Que pena! — O tom dele mostrou simpatia. — Seu pai deve ter se sentido culpado, não?

— Papai?! Não, ele não se sentiu culpado. O culpado foi o sistema. Ele disse que o sistema tinha perdido a credibilidade.

— O sistema?!

— É. Mesmo com todos os avanços da medicina moderna, ainda não é possível impedir que uma mulher morra, ao dar à luz.

— Talvez sua mãe já fosse muito velha, para isso.
— Ela estava com quarenta e quatro anos. Uma mulher dessa idade não é velha, é?

— Para ter um bebê, é. Principalmente se for o primeiro. Ruth pensou por um momento.

— É, talvez o senhor tenha razão. Creio que papai nunca pensou nisso. Acho que ele ficou muito triste. — Deu de ombros. — De qualquer modo, foi por isso que ele decidiu sair da Inglaterra. Ele disse que tinha perdido a fé numa sociedade que coloca mais dinheiro em armamentos do que em pesquisa médica.

Dominic ergueu-se na cama, sentando-se com as pernas cruzadas.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Bastante tempo. Doze anos, pelo menos.

Ele pronunciou uma palavra que ela não reconheceu, mas que achou que deveria ser muito pouco polida.

— Quer dizer que você vive aqui desde que tinha quatro ou cinco anos de idade?

Ruth fez que sim.

— Deus do céu! E os seus estudos?

— Papai não lhe contou? Ele era um professor universitário. Ele mesmo me ensinou.

Dominic olhou-a como se não tivesse entendido bem. Depois, fez um gesto de descrença.

— Não é possível!

— Por que não?! É bem simples. Papai tem uma renda particular. Algo a ver com o dinheiro que minha avó deixou para a mamãe. Dá bem para nós vivermos aqui, plantando nossas verduras, gastando pouco. ..

— Mas você não tem amigos, não tem companheiros da sua idade! Você mesma me disse que só havia você, seu pai e um velho padre, nesta ilha.

— O que eu disse foi que éramos os únicos europeus. Há muitas famílias na vila. . .

— E a sua família? — Dominic interrompeu-a. — A sua avó, por exemplo. A mãe da sua mãe. Onde está ela? Morta, também?

— Claro. — Ruth não via razão para ele estar tão bravo. — Só restamos papai e eu. — Fez uma pausa. — E ele é toda a família de que preciso.

— Não acredito. Eu simplesmente não acredito. Afinal, você não conhece outro tipo de vida, conhece?

Ruth mexeu-se, começando a se sentir pouco confortável.

— Eu conheço tudo que preciso conhecer. Não sou uma ignorante. Tenho uma boa educação. . . Melhor que a de muitas garotas da Inglaterra,

papai disse.

— Não duvido — Dominic replicou, a voz áspera assumindo um tom de violência. — Mas a educação de que você fala não serve de substituta para a escola da vida!

Mais uma vez, Ruth sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Observá-lo, ver as mudanças de expressão nas feições morenas estava fazendo com que se sentisse ansiosa e pouco à vontade. O que dissera? O que tinha feito, para despertar sentimentos tão fortes nele? Como gostaria de saber mais a respeito de homens, para acabar com a raiva súbita que crescera entre eles. Fora gostoso falar com ele. Uma experiência nova e excitante. Agora, estragara tudo e não tinha a menor idéia de como reparar seu erro.

— É... é melhor eu ir dizer a meu pai que o senhor acordou.

Dominic fitou-a de novo, com uma curiosa expressão no olhar. Uma expressão inquisitiva, que mostrou que ele havia percebido sua insegurança e a analisava com uma intensidade perturbadora. Procurando fugir dessa análise, Ruth desviou os olhos dos dele, focalizando-os no peito musculoso e queimado de sol, coberto por uma camada de pêlos que se estreitava na parte inferior e desaparecia sob o cós da calça do pijama de seu pai. Haveria pêlos naquela parte do corpo dele, também? Corando, mortificada pela direção de seus pensamentos, Ruth abaixou a cabeça.

— Quantas vezes você sai daqui?

Ela ouviu a pergunta como se viesse de muito longe e precisou se esforçar para se concentrar no que ele dizia.

— Quantas vezes eu saio daqui? Eu... eu não sei.. .

— Com que frequência você visita as outras ilhas? — Dominic explicou, paciente. — Por exemplo: quantas vezes vai a St. Vincent?

— Duas... às vezes três vezes por ano.

Uma exclamação incrédula escapou dos lábios dele.

— Você está desperdiçando a sua juventude! Meu Deus, Ruth, você está deixando a vida passar!

— Não creio que minha filha concorde com isso, sr. Howard. — A voz do professor, vinda da porta, era gelada de censura. — Ruth... faça o favor de ir trocar de roupa, como eu lhe pedi. E não precisa voltar. Eu mesmo cuidarei do curativo do sr. Howard.

CAPÍTULO III

O jantar foi uma refeição pouco animada. Sentada em frente ao pai, Ruth estava ciente de que ele ainda não a perdoara por ter desobedecido as instruções que lhe dera e conversado com Dominic Howard. Ainda não conseguira entender como um homem podia causar tantos conflitos, no curto espaço de um dia.

Desde que deixara o quarto, o pai não lhe dissera mais que meia dúzia de palavras. Ela tentara várias vezes começar uma conversa, mas só conseguira respostas monossilábicas, em troca. Na sua opinião, essa hostilidade era mais difícil de entender que a raiva de Dominic. O que ela fizera aos dois, para despertar sentimentos tão fortes? E o que havia de mal em conversar com um homem que — ele mesmo admitira — tinha idade suficiente para ser seu pai?

Decidindo que teria que tocar no assunto de seu desacordo, Ruth respirou fundo.

— O senhor acha que o sr. Howard vai estar em condições de ir embora amanhã? — perguntou, tendo a satisfação de ver o pai reagir.

— Claro que vai. — O punho fechado do professor, ao lado do prato, era uma evidência de seus sentimentos. — Não vejo motivo para ele não poder ir embora, amanhã de manhã.

— Sei.. . — Ruth olhou para os talheres, tomada por uma sensação de desapontamento fora de proporção em relação à informação recebida. — O braço dele não infeccionou, então? Fico contente em saber.

— Você fica contente por ele estar em condições de partir? Era a primeira abertura da parte de seu pai, desde a cena no quarto em que Dominic estava, e Ruth fez que sim.

— Claro que fico — murmurou, ignorando a vozinha em seu íntimo, que lhe dizia que estava mentindo de novo. — E por que não havia de ficar? Eu mal conheço o homem.

Os ombros do professor caíram para a frente.

— Graças a Deus!

— Graças a Deus por quê, papai?

— Não sei. Nem sei bem o que eu quis dizer com isso. Só sei que, desde que ouvi Howard lhe dizer que estava desperdiçando sua vida, ficando aqui comigo, tenho sentido... medo.

— Medo?! — Preocupada com o pai, Ruth esqueceu-se dos próprios problemas. — Mas do quê, papai?

— De você — o professor respondeu com simplicidade. — De que você me deixe. Fiquei com medo de que Howard tivesse mudado seus pontos de

vista, tivesse feito você ficar insatisfeita ...

— Ah, papai! — Levantando-se de um salto, Ruth foi até o pai e ajoelhou-se no chão, pousando a cabeça nos joelhos dele. — Não seja bobo, papai! O senhor sabe que eu nunca vou deixá-lo. Nunca!

— Minha querida... — Os dedos envelhecidos acariciaram os cabelos que tinham se desprendido da tira de couro e agora caíam pelas costas de Ruth, escuros e sedosos. — Sou tão covarde! Acho que eu não conseguiria suportar, se não tivesse você comigo.

Ruth suspirou e, encostando a mão dele ao rosto, fitou-o com os olhos cheios de lágrimas.

— Pensei que o senhor estivesse zangado comigo. Pensei que estivesse zangado por tê-lo desobedecido. Mas é que as minhas roupas estavam lá, e eu...

— Vamos por uma pedra em cima disso, minha filha. Não posso negar que fiquei um pouco... aborrecido, vendo você lá, com aquele homem. Mas sei que a culpa não foi sua. Ele estava lhe fazendo perguntas. Eu ouvi! E, como eu lhe disse, ele é agressivo, arrogante. Não vou me lamentar, quando ele for embora.

Ruth concordou, abaixando as pálpebras para que o pai não visse a súbita expressão de dor em seus olhos. Era uma rematada tolice ficar triste porque o estranho ia deixar suas vidas de forma tão abrupta quanto nelas entrara. Havia um ditado que falava de navios passando um pelo outro à noite. Era como se ele estivesse num desses navios e por um breve instante seus caminhos tivessem se cruzado.

Ruth dormiu na sala de estar. Seu pai havia se oferecido para dormir no sofá, mas não pôde esconder o alívio quando ela insistiu para que ele ficasse com a cama. Achava que o velho precisava de todo descanso que pudesse obter e ela poderia se arrumar muito bem no sofá.

Naturalmente, tendo em vista as circunstâncias, não conseguiu cair num sono profundo, acordando de imediato, ao ouvir alguém gritar. Durante alguns segundos, continuou onde estava, sem saber se tinha ou não sido vítima da própria imaginação. Mas, quando o grito se repetiu, levantou-se depressa e correu para acender a luz.

O quarto de seu pai ficava no fim do corredor, e para lá se dirigiu, cheia de ansiedade, certa de que os esforços do dia tinham, sido demais para ele. Quase gritou, apavorada, quando, ao passar por seu quarto, a porta se abriu e Dominic apareceu, cambaleando.

Ele piscou ao vê-la, perplexo.

"Até parece que ele não me reconheceu", Ruth pensou. Então lembrou-se de que estava só com unia camisola de algodão, que mal lhe cobria as coxas, e procurou se proteger, cruzando os braços sobre o corpo.

— Água — Dominic disse, passando a língua pelos lábios, como se eles estivessem secos. — Quero água. E onde fica a droga do telefone, neste lugar?

— O telefone? — Entre as exigências estranhas de Dominic e a certeza de que seu pai precisava dela, Ruth ficou sem saber para que lado ir. — Não temos telefone em índigo, sr. Howard. Volte para a cama. Eu levo um copo de água para o senhor assim que atender meu pai.

— Seu pai? Quem é você? Onde eu estou? Que droga você acha que está fazendo comigo?

— Sr. Howard...

Ruth indicou o quarto atrás dele, esperando que Dominic voltasse para lá e lhe desse tempo de atender seu pai. Sem saber como, no entanto, sua mão esbarrou no braço dele e o calor que sentiu fez com que recuasse, horrorizada.

Com um olhar de impotência para o quarto do pai, Ruth hesitou apenas um instante, antes de pegar Dominic pelo braço e empurrá-lo para dentro de seu quarto.

— Vá para a cama, sr. Howard. O senhor está com febre. Não quer pegar uma pneumonia, não é?

— Quero água — ele insistiu, tentando se livrar das mãos dela. — Me solte! Quero água, estou lhe dizendo!

— Eu vou buscar. Mas agora volte para a sua cama. Por favor! Não posso deixar o senhor aqui, assim. Está queimando em febre.

Os olhos castanhos de Dominic encontraram-se com os de Ruth, examinando-os com súbita emoção.

— Se você for comigo, eu volto para a cama — ele disse, deixando de resistir.

De repente, Ruth viu-se numa situação inteiramente nova. A abrupta e perturbadora transformação de Dominic, de adversário hostil em sedutor apaixonado, tornou-a consciente da hora tardia e da inesperada intimidade entre eles. Era evidente que ele não estava em si, para fazer uma sugestão daquelas, mas isso não alterava o fato de que a sugestão fora feita e uma resposta era esperada.

— Volte. . . volte para a cama, sr. Howard — disse afinal, afastando-se um pouco. Mas logo ele fechou os dedos em torno de seu pulso, com força e firmeza, puxando-a de encontro a si.

Não era possível! Aquilo não podia estar acontecendo. Ele não podia estar retendo seu olhar num transe hipnótico nem deslizando a mão livre por sua cintura. Era a primeira vez que um homem, além de seu pai, colocava as mãos em seu corpo. E o mais apavorante era que não se sentia capaz de impedi-lo!

— Quem é você? — Dominic murmurou em voz rouca, fitando-a com olhos vidrados, enquanto tentava se lembrar da própria identidade.

A pergunta trouxe Ruth de volta à realidade e, quando ele inclinou a cabeça, procurando um contato mais íntimo, ela girou o corpo, conseguindo se soltar.

— Volte para a cama, sr. Howard — implorou, ofegante, antes de sair e fechar a porta com firmeza atrás de si.

No corredor, respirou fundo várias vezes, preparando-se para entrar no quarto do pai. Ele não devia, de modo algum, desconfiar do que acontecera, decidiu, com o coração palpitando de ansiedade. Estava tão frágil e vulnerável!

Ao abrir a porta, no entanto, encontrou o pai dormindo a sono solto. Só então percebeu que fora Dominic Howard que havia gritado. O que a colocou numa situação extremamente difícil. O que deveria fazer? Acordar o pai e comunicar que Dominic estava passando mal?

Detestaria fazer isso. O pai lhe parecera tão frágil, aquela noite, e a última coisa de que precisava era ter o sono interrompido. Mas como poderia voltar para o quarto de Dominic, conhecendo a própria vulnerabilidade? Que tinha que fazer alguma coisa, não havia dúvida. Mas o quê? O quê?

Só havia uma solução. Relutante, ela retrocedeu pelo corredor, atravessou a cozinha e saiu para o quintal. Não ligou para o fato de estar descalça. Tinha o costume de andar descalça desde que se conhecia por gente e sua única preocupação, enquanto se dirigia à cabana de Celeste, era a possibilidade de não encontrar a criada sozinha.

A voz mal-humorada de Celeste respondeu à sua terceira batida e logo ela abriu a porta, grande e volumosa em sua camisola de cambraia.

— Isso é hora de acordar alguém? — queixou-se, passando os dedos gorduchos pelos cabelos encarapinhados. Então, vendo o rosto ansioso de Ruth à luz do luar, exclamou: — É o seu pai? Ah, meu bem, Celeste não sabia!

— Não é o papai — Ruth admitiu, a sensação de desconforto aumentando ao ouvir o colchão da criada ranger, como se alguém tivesse se virado sobre ele.

Celeste sempre tinha um homem por perto e, como seus filhos viviam com a avó, em Kingstown, considerava-se livre para convidar quem quisesse para partilhar sua cama. Ultimamente, Ruth chegara a achar que era Joseph o homem a ocupar esse lugar especial, mas no fim concluía que não, pois ele tinha mulher e seis filhos. Agora, no entanto, já não estava tão certa.

— Não é o seu pai? — Celeste insistiu, apertando os lábios.

— Então, o que foi? Por que veio me acordar a essa hora da noite? Eu sou uma mulher que trabalha, preciso do meu sono.

— Nós todos precisamos de nosso sono, Celeste. — Estremecendo

com o ar frio da noite, Ruth esfregou os braços nus.

— Mas eu estou preocupada com... com o sr. Howard. Acho que ele está com febre.

— Você veio até aqui me amolar por causa daquele homem?! Indignada, Celeste tentou fechar a porta, mas Ruth impediu-a.

— Celeste, por favor, ouça! Ele está mesmo doente e eu não sei o que fazer. Não quero acordar papai, a menos que seja absolutamente necessário. Pensei... Bem, eu pensei que você poderia me ajudar.

— E como foi que você descobriu que o sr. Howard está doente? Por acaso estava dormindo na cama dele?

— Claro que não! Ele gritou, e eu... eu pensei que fosse papai.

Celeste fungou.

— E você estava cuidando dele assim? — grunhiu, fazendo Ruth levar a mão à camisola e aos cabelos soltos, embaraçada. — De qualquer modo, o que você quer que eu faça? Eu não sou médico.

— Ele está com sede. Disse que está. Talvez, se nós lhe dermos um copo de água e algumas aspirinas...

— E não dá para você fazer isso sozinha? Você já é uma garota crescida. Não precisa de ninguém segurando a sua mão.

— Preciso, sim. É que... — Ruth interrompeu-se, envergonhada. — Por favor, Celeste, venha comigo. Preciso da sua ajuda.

Celeste fitou-a, em dúvida, e ela aproveitou para insistir.

— Você tem mais experiência nessas coisas do que eu. Tenho certeza de que ele vai lhe agradecer.

— Bem. . . — A criada tornou a fungar. — Se é assim, eu vou.

— Ah, obrigada, Celeste!

— Vou pegar meu roupão.

Coçando a cabeça, a criada tornou a entrar, e Ruth voltou para casa, bem mais aliviada.

Quando Celeste apareceu, envolta num roupão vermelho, que fora de seu pai, Ruth já tinha colocado um *short* e tirado sua camisola provocante. Ela não tinha idéia de como Dominic reagiria, ao enfrentar duas mulheres, mas esperava que fosse mais seguro assim.

— Ele ainda está dormindo no seu quarto? — Celeste perguntou, entrando no corredor, com Ruth atrás de si.

— Está. Eu fui para o sofá da sala. Papai queria me dar a cama dele, mas eu não aceitei — ela explicou, sentindo os pulsos se acelerarem, à medida que se aproximavam da porta de Dominic.

Celeste resmungou qualquer coisa, abrindo a porta com um gesto brusco. De imediato, as duas estacaram, horrorizadas. À luz que vinha do corredor, elas viram a cama vazia e Dominic no chão, caído de tal modo que

só podia ter sofrido um colapso.

— Meu Deus!

Ansiosa, Ruth olhou para Celeste, mas a criada já estava se movendo, ajoelhando-se ao lado do homem inconsciente, examinando-lhe a testa com a palma da mão.

— Ele está queimando em febre! Por que não me disse logo? O coitado está muito doente!

— Mas eu lhe disse, Celeste! — Insegura, Ruth enfiou as mãos nos bolsos do *short*, tirando-as logo em seguida. — Oh, meu Deus, o que vamos fazer? Celeste endireitou-se.

— É o corte no braço dele. Às vezes é assim. O sujeito está bem e acha que nada vai acontecer. Então, aqueles bichinhos, os germes, eles vêm e jogam você aos tubarões.

— Eu sei disso, Celeste. Mas o que nós podemos fazer?

— Eu podia ter dito a você que ia ser assim — a criada continuou, como se a garota não tivesse falado. — Já vi acontecer, antes. Você se lembra daquela vez que aquele menino; o Bobby, foi mordido pelo mangusto de estimação? Seu pai pensou que fosse dar tudo certo, e o que aconteceu? No dia seguinte o lugar da mordida estava inchado feito um balão...

— Celeste, por favor! — Ruth agarrou-a pelo braço. — Eu conheço infecções secundárias. E agora não me interessa o que aconteceu ao Bobby! Eu quero é saber o que devemos fazer. Não é melhor ele voltar para a cama? Celeste olhou-a como se fosse se ofender, mas o desespero no rosto da garota venceu-a.

— Me ajude a levantar o sr. Howard — pediu, segurando Dominic pelos ombros.

Juntando esforços, as duas o levaram para a cama. Ruth suava em bicas quando Celeste parou para examinar o rapaz, preocupada. O rosto dele, que momentos atrás estava quente e vermelho, achava-se agora de uma palidez assustadora. A pele tinha um brilho esverdeado, bem pouco saudável, e quando a criada ergueu-lhe as pálpebras, os olhos giraram para cima, vidrados.

— O que podemos fazer? Ah, Celeste, ele não vai morrer, vai?

— Você se importa, por acaso? — Celeste comentou com ironia, ganhando em troca um olhar indignado de Ruth.

— Claro que me importo! Eu me importaria com qualquer um, nas mesmas circunstâncias. Eu me importo com a vida humana, Celeste. Você não se importa?

— Me importo, mas não desse modo — a governanta replicou, interpretando a seu modo as faces coradas de Ruth. — Em todo caso, já que você está tão preocupada, acho melhor acordar seu pai. Precisamos de um

médico aqui, e nenhuma de nós vai conseguir um.

O resto da noite consumiu-se numa mistura de especulação ansiosa, inquietude, impaciência e impotência. Uma vez acordado, o professor tomou conta da situação, e Ruth foi mandada para a cama dele, onde deveria ficar até ser chamada.

— Mas eu posso ajudar — ela protestou, recebendo em troca uma oposição implacável.

— Vá dormir um pouco — o professor lhe disse com firmeza, não lhe dando outra alternativa a não ser concordar. Discutir teria sido perda de tempo e, além disso, ela sabia que ele não estava em condições de desperdiçar energias.

Portanto, Ruth passou a noite andando de um lado para outro no quarto do pai, sem saber o que estava acontecendo e sem poder fazer nada, além de esperar pelo amanhecer. Naturalmente, sabia que o pai e Celeste fariam tudo que pudessem, mas isso não a ajudou, e a frustração deixou-a com olheiras cada vez mais fundas, à medida que o tempo passava.

Teriam eles chamado o dr. Francis? Ele chegaria a tempo? E Dominic? Teria recuperado a consciência e a temperatura normal? Perguntas como essas enchiam sua mente e ela não conseguiu descansar, apesar do cansaço. Perto do amanhecer, estava tão exausta que resolveu deitar um pouco. Descansaria por alguns momentos, decidiu, sonolenta, e não viu mais nada até que os raios de sol, entrando pelas fendas da veneziana, bateram em suas pálpebras pesadas.

Levantando-se de um salto, abriu a porta e espiou o corredor. O silêncio era total. A porta de seu quarto estava fechada e não havia sinal de seu pai ou Celeste.

Sentindo-se como a única sobrevivente de uma horrível catástrofe, cruzou sorradeira o corredor e entrou na cozinha, respirando aliviada ao ver Celeste ocupada no fogão. Ela estava vestida agora, o corpo avantajado exagerado ainda mais por um vestido vermelho, com flores brancas por toda parte, e Ruth foi tomada por uma sensação de culpa ao pensar em como havia colaborado pouco nas atividades daquela noite.

— Oi — cumprimentou, apoiando-se no batente da porta. — Onde está papai?

Celeste voltou-se com um sobressalto, resmungando, impaciente, ao ver o ar pouco à vontade de Ruth.

— Então você resolveu aparecer, afinal! — exclamou, colocando as mãos nos quadris. — Bela enfermeira você me saiu, abandonando seu paciente daquele jeito!

— Como vai ele? Papai chamou o dr. Francis? Eu estava tão preocupada, mas ninguém foi me dizer nada.

— Hum. — Celeste fitou-a, cética. — Se estava tão preocupada, como é que conseguiu dormir? Porque você estava dormindo como um bebê, quando passei pelo seu quarto, duas horas atrás.

— Eu sei. Fiquei acordada um tempão, mas depois fechei os olhos para descansar e não vi mais nada. O que aconteceu? Onde está... o sr. Howard? Ele melhorou?

— Eu não fico cansada, não é? — A criada resmungou, ignorando as perguntas. — Eu fico acordada a noite inteira, mas ninguém me pergunta como estou.

— Ah, Celeste! — Ruth aproximou-se, movendo os braços num gesto de quem pede desculpas. — Desculpe. Eu queria ajudar, mas papai disse....

— Eu sei o que o seu pai disse. Ele disse que você é muito jovem, que não tem idade para saber dessas coisas. Quer que eu desobedeça o seu pai e lhe conte coisas que ele não quer que você saiba?

Com dificuldade, Ruth conseguiu dominar a irritação.

— Por favor, Celeste, diga-me o que aconteceu.. Papai chamou o dr. Francis? Se não me contar logo, acho que vou gritar!

— Não faça isso. — Apreensiva, Celeste olhou para a porta. Posso saber por que você está tão interessada?

— Celeste!

— Está bem, está bem! — Assumindo um ar resignado, a criada voltou-se para o fogão. — O sr. Howard está muito doente. O braço dele infeccionou. O doutor disse que podia ser um caso de vida ou morte.

Ruth empalideceu.

— O dr. Francis esteve aqui?

— Ele está aqui. — Com a cabeça, Celeste indicou a sala de jantar. — O que você acha que estou fazendo? Estou preparando o café da manhã para seu pai e o doutor.

— E o sr. Howard?! — Ruth apoiou as mãos trêmulas sobre a mesa. — O que significa esse negócio de vida ou morte, Celeste?

A criada hesitou por um momento; depois, sentindo pena da aflição da garota, explicou:

— Eu não disse que era um caso de vida ou morte. Eu tlixe que o doutor avisou que podia ser.

Uma súbita fraqueza tomou conta de Ruth.

— Como assim, Celeste?

— Se nós não tivéssemos chamado o dr. Francis quando chamamos, o sr. Howard poderia ter morrido.

Ruth deixou-se cair numa cadeira:

— Quer dizer que ele não vai morrer?

— Não. — Quebrando alguns ovos numa tigela, Celeste começou a

batê-los. — Pelo menos, não é provável.

— Mas você disse que ele estava doente.

— E está muito doente. A febre está acabando com as forças dele.

— Então, ele ainda está com febre?

— Está. — Celeste derramou os ovos numa frigideira. Ela sabia ser obtusa, quando queria. — Você quer café? Vá ver seu pai. Eu levo para você.

— Eu não quero café nenhum. — Impaciente, Ruth lançou um olhar para a porta da sala de jantar, antes de fitar de novo a criada. — Eles vão levá-lo para o hospital?

— Que eu saiba, não. Você não quer mesmo café?

— Não, eu não quero nada, Celeste! — Ruth replicou com aspereza, o que fez a criada arquear as sobrancelhas.

— Você está mesmo preocupada com aquele homem, hein? Eu fico imaginando o que seu pai diria, se soubesse.

— Isso não é da sua conta — Ruth respondeu, mais irritada ainda. Depois, suspirou. — Não me provoque, Celeste. Eu lhe disse, ontem à noite, como me sinto.

— Eu sei que você disse. Só acho que está deixando sua preocupação por esse homem ir longe demais.

— Eu o encontrei, não foi?

— E o que tem isso?

— Nada. Mas eu me preocupo com ele.

— Você acha que ele é sua responsabilidade, não é?

— Não. — As faces pálidas de Ruth encheram-se de cor. — Só quero saber o que está acontecendo. Onde ele está? Recuperou a consciência?

Celeste refletiu um pouco e acabou se abrindo.

— Acho que agora ele está dormindo. O doutor lhe deu uma injeção para esfriar o sangue. Não há mais nada a fazer, a não ser esperar. Pelo menos, foi isso que eu ouvi.

— E o braço dele?

— Está todo inchado. Tem pus para todo lado, o seu pai disse. Um negócio feio mesmo.

Ruth teve a impressão de que Celeste estava gostando de descrever o braço de Dominic. Como a criada conseguia mexer na comida e não se sentir mal, falando nisso, era uma coisa que não entendia. Ela mesma já estava enjoada e foi com apreensão que viu a porta se abrir e seu pai entrar.

— Achei que tinha ouvido vozes — o professor comentou, o rosto expressando uma fadiga intensa. — Esses ovos ainda não estão prontos, Celeste? O dr. Francis não tem o dia inteiro.

— E eu não tenho mais que duas mãos — a governanta resmungou, ressentida. — Eles já estão prontos. Vá se sentar, que eu já vou pôr tudo na

mesa.

— Não quer se juntar a nós, minha querida? — o professor perguntou, sorrindo de leve para a filha.

Sabendo que Celeste esperava sua resposta com a bandeja nas mãos, impaciente, Ruth concordou e levantou-se. Se queria informações, por que não obtê-las da melhor fonte?, decidiu, ignorando o olhar malicioso da governanta. Se bem que a perspectiva de ver os dois homens devorarem um prato de ovos mexidos não lhe era das mais agradáveis.

O dr. Francis era um homem de cinquenta e poucos anos. Escocês, ele se fixara em Kingstown depois da guerra, criando a família nas ilhas. Ele e o professor haviam se tornado bons amigos e, ultimamente, suas visitas profissionais tinham se transformado em reuniões sociais, também. Além disso, pelo menos uma vez por mês, o médico aparecia só para jantar e jogar uma partida de xadrez com o velho amigo.

Ruth sabia que o dr. Francis estava preocupado com seu pai, pois não via salvação para o amigo; e também que ele se preocupava com o que seria dela, quando ficasse sozinha.

— Olá, mocinha! — o médico cumprimentou-a, com o mesmo sotaque de sempre. — Fiquei sabendo que foi você que achou nosso naufrago na praia. Aposto que seu pai bem que gostaria que isso não tivesse acontecido.

Ruth olhou para o pai, que apressou-se em negar.

— Eu não disse isso, John. O que eu disse foi que esse homem só tem me dado trabalho, desde que apareceu.

— Como está ele, dr. Francis? — Ruth perguntou ansiosa, puxando uma cadeira. — Vai sarar? Ele não está em perigo de vida, está?

O médico ajustou os óculos de aro de tartaruga sobre o nariz e examinou-lhe o rostinho ansioso.

— Mas quanta ansiedade, Ruth — brincou, bem-humorado. — Por acaso você simpatizou com esse rapaz?

— Não diga besteira, John! — O professor apertou os lábios, e Celeste, que servia os ovos, lançou um olhar zombeteiro à garota. — Naturalmente, Ruth está interessada. Não estamos todos nós? Não há nada de estranho nisso.

— Se você diz, Curtis, se você diz... — O médico tornou a fitar Ruth, que estava com um ar bastante mortificado, agora, e sorriu encorajadoramente. — O sr. Howard vai sobreviver — garantiu com gentileza. — Sou capaz de apostar meu diploma, nisso. E graças a você, que alertou seu pai a tempo.

Ruth corou.

— Não, eu...

— Estou falando sério. Se ele tivesse ficado como estava, até o

amanhecer, provavelmente não conseguiríamos salvá-lo. O braço infeccionou e se as toxinas tivessem se espalhado pela corrente sanguínea.. .

— O senhor teve que abrir o braço dele de novo?

— Era inevitável — o professor comentou, com secura. — Obrigado, Celeste. Pode ir, agora. Se precisarmos de alguma coisa, eu chamo.

— Tínhamos que aliviar a pressão — o dr. Francis explicou pacientemente, enquanto Celeste deixava a sala de má vontade. — A cavidade tinha que ser drenada e esterilizada. Não havia outro jeito de combater a febre.

— E agora?

— Agora, ele está dormindo. A febre diminuiu, mas as toxinas que já tinham conseguido escapar para a corrente sanguínea continuam agindo. Enquanto essa infecção não for debelada, a febre vai continuar. Mas está tudo sob controle.

Ruth assentiu com um gesto de cabeça, observando com a boca seca o médico ingerir uma garfada de ovos mexidos. Não entendia como ele podia comer, depois de falar em infecção e coisas do tipo. Seu próprio estômago chegara a ficar bem embrulhado, e o que a salvara de dar um vexame fora o alívio de saber que Dominic não ia morrer nem perder o braço.

— Uma tempestade num copo d'água — declarou o professor, passando manteiga num pedaço de pão. — Coma alguma coisa, minha filha. Você tem muita coisa a estudar, hoje.

— Eu não estou com fome, papai. — Ruth abaixou a cabeça, fugindo ao olhar cheio de censura do pai.

— Claro que está — ele insistiu, estendendo a cestíciha de torradas para ela. — Vamos, pegue uma. Um inválido nas minhas mãos já é mais que o suficiente.

— Deixe a garota em paz, Curtis!

O pedido do dr. Francis foi feito num tom educado, mas os dois homens sabiam que escondia uma ordem, e o professor zangou-se.

— Cuide dos seus pacientes e deixe que eu cuide da minha filha, John!

— Mas você não vê que a garota está se sentindo mal? A última vez que vi uma cara assim foi numa sala de cirurgia, um pouco antes de um dos meus alunos desmaiar. Acredite, eu sei do que estou falando.

— Sentimentalismo barato — exclamou o professor, asperamente. — Essa história não afetou Ruth. E por que deveria? Howard é um estranho, para ela.

O médico fitou Ruth, que retribuiu o olhar, cheia de infelicidade. Ela sabia que ele esperava umas palavras em sua própria defesa, mas não poderia pronunciá-las. Não, depois da conversa que tivera com o pai, na noite

anterior.

— Acho... acho que vou comer uma torrada — murmurou, num tom inexpressivo. E evitou os olhos do dr. Francis, enquanto comia.

CAPÍTULO IV

Ruth só teve um vislumbre de Dominic, aquele dia. Estava passando pela porta do quarto, quando o dr. Francis saía, e ele, de propósito, demorou a fechar a porta, para que ela pudesse dar uma olhada lá dentro.

Dominic estava com os olhos fechados, o rosto muito pálido apoiado nos travesseiros. Celeste queixava-se de que tivera que trocar os lençóis duas vezes, durante a noite, e a brancura deles fazia um contraste vivo com a pele bronzeada do rapaz. O ar doentio, dado pela febre, era bem menos pronunciado agora, mas os cabelos loiros estavam úmidos de suor, com algumas mechas cobrindo-lhe a testa.

Ruth foi tomada por uma vontade quase irresistível de entrar e banhar as têmporas de Dominic com uma compressa de água fria, empurrando para trás aquelas mechas de cabelo. Naturalmente, isso seria impossível. Seu pai a proibira de entrar no quarto e ele mesmo removera suas roupas dos armários, acabando com a necessidade de haver qualquer contato de sua parte, com o visitante. Ele se tornara quase fanático, no que se referia a uma possível associação sua com Dominic, e ela só podia atribuir essa atitude à antipatia que o pai nutria pelo rapaz.

Fechando, afinal, a porta do quarto, o dr. Francis fitou-a com simpatia.

— Eu lhe garanto, ele vai ficar bom.

Ruth fez um gesto inconseqüente, passando as mãos pelos cabelos.

— Não sei por que estou tão preocupada. Como papai disse, ele é um estranho. Que motivo tenho eu, para me preocupar com ele?

— Você não sabe? Ruth corou.

— Não sei o quê?

— Quantos anos você tem, Ruth? Dezesseis? Dezesete? É idade bastante para entender que nem sempre precisamos de motivos para nos importarmos com uma pessoa. Você está crescendo, Ruth, e acho que nunca viu um homem como o sr. Howard, antes.

— Não estou entendendo...

— Ah, Ruth! — O médico fitou-a, impaciente. — Eu gostaria de... de... — Interrompeu-se. Depois, dando-lhe as costas, continuou: — Seu pai não falou qualquer coisa a respeito de terminar uma tradução? Acho melhor você fazer o que ele mandou.

Ele teria ido embora, se Ruth não o impedisse, pegando-o pelo braço.

— Por favor — pediu, sem saber se estava fazendo o certo —, não quer me contar do que gostaria? Fiquei com a impressão de que... Tem alguma coisa a ver comigo?

— Tem. — O médico inclinou a cabeça.

— E... o que é?

— Quer mesmo saber? Ela fez que sim.

— Bem... eu... eu gostaria que Curtis não mantivesse você presa, neste lugar. Gostaria que ele a deixasse participar do mundo real. Vai ser difícil para você, depois que... Bem, quando ele não estiver mais aqui.

— Entendo... — Não era isso que Ruth queria ouvir. — Eu... Por favor, não se preocupe comigo.

— Mas eu me preocupo — o dr. Francis replicou, aborrecido com a passividade com que ela aceitava a situação. — Seu pai conserva você num casulo, aqui. Você não tem espaço para respirar. Não há nada de estranho no fato de se interessar por Howard. Não deixe que ninguém a convença do contrário. Ele é um rapaz atraente e é perfeitamente natural que se sinta curiosa a respeito dele. — Fez uma ligeira pausa, — Mas não me entenda mal. Não estou lhe dizendo para se envolver com ele. Na verdade, eu a aconselho a não fazer isso, de jeito nenhum. Howard é muito mais velho que você e provavelmente já teve mais mulheres que... Bem, de qualquer modo, eu duvido que você seja do gosto dele. O importante é que aceite que é uma garota atraente, que afeta os homens.

— Atraente? Eu?!

— Claro que você é atraente. Com esses cabelos e esses olhos... Você vai ser uma beleza, Ruth. E quanto mais cedo seu pai aceitar isso, melhor será.

— Mas eu...

— Eu sei do que estou falando, meu bem. E sei que não é fácil para você entender, com a criação que teve. Mas agora o importante é que aprenda a não ter medo de suas emoções.

Ruth fitou-o, corajosamente.

— Eu... eu já sei sobre o amor...

— O amor? Não é de amor que estou falando, Ruth. Eu estou falando é de sexo! O velho sexo! É por isso que você anda tão tensa, desde a chegada de Howard. Ainda não aprendeu o que é querer algo que não pode ter.

— Não estou entendendo...

— Eu sei que não. — O dr. Francis empurrou os cabelos ralos para trás. — Se tivesse mãe, ela lhe explicaria tudo. Como não tem. . .

Ele deu a impressão de que ia dizer mais alguma coisa, mas não disse. Despedindo-se com um aceno de mão, cruzou o corredor como se estivesse aborrecido com ela e consigo mesmo. E, mais uma vez, Ruth foi dominada por uma desagradável sensação de culpa.

Num impulso, ela foi até o banheiro e fechou a porta, passando a

chave antes de examinar seu reflexo no espelho acima da pia. Pela primeira vez, estudou-se sem vergonha, sentindo o coração bater mais forte ao analisar as feições que um dia seriam uma beleza, de acordo com a opinião do dr. Francis. Teria ele razão? Estivera ele dizendo a verdade ou apenas tentando animá-la? Era difícil ver beleza em seus olhos ligeiramente puxados, de um azul pálido e tão sensíveis à luz forte do sol. Sempre desejara ter olhos castanhos, como os de Celeste, que aparentemente eram imunes ao brilho do sol.

Seu nariz não tinha nada de mais também, concluiu, correndo a ponta do indicador por toda sua extensão. E a boca era, sem dúvida, grande demais. Empurrou os lábios para diante, como vira os modelos dos catálogos de reembolso postal fazerem, e não gostou do resultado. Não era nenhuma *femme fatale*, garantiu a si mesma, lembrando-se do termo que estudara em sua gramática de francês. Se o dr. Francis via beleza nela, era pura e simplesmente devido ao afeto que lhe dedicava.

Chegando a essa conclusão, Ruth deu as costas ao espelho, desconsolada. Com o movimento, no entanto, seus cabelos soltos bateram-lhe no rosto, e ela ergueu a mão, acariciando os fios sedosos. Eles eram, com certeza, o que tinha de melhor. Estavam soltos, na noite em que Dominic a tocara, puxando-a de encontro ao corpo. A lembrança do que acontecera fez o sangue subir a seu rosto, mas não fora uma experiência de todo desagradável. Ele fizera com que se sentisse excitada e adulta, e gostaria de saber o que teria acontecido, se não tivesse escapado. Entreabriu os lábios, recordando o formato dos dele. Sentira que Dominic ia beijá-la. E, agora, quase lamentava o pânico que a privara dessa experiência. Tinha vontade de saber como um homem beija uma mulher. Não do jeito respeitoso que o dr. Francis costumava beijá-la, mas do modo em que há o encontro dos lábios, como lera nos livros de Colette e Flaubert. Suspirou". O dr. Francis tinha razão: não entendia as necessidades de seu próprio corpo. E, antes que se sentisse tentada a aprofundar suas explorações, saiu depressa do banheiro.

O dr. Francis partiu à tarde, depois de se certificar de que seu paciente estava a caminho da cura. Ruth acompanhou-o até o ancoradouro, onde uma lancha esperava para levá-lo a Kingstown. Antes de embarcar, ele segurou-lhe as mãos e beijou-a na testa, com carinho.

— Cuide-se, hein? — disse. — E não se esqueça do que eu lhe falei. Convença seu pai a deixar que vá passar uns dias em Kingstown, comigo e Mary. Você bem que está precisando de uns dias de folga, não é? E de algumas roupas novas, a julgar pelas que está usando.

Ruth lançou um olhar para a camiseta velha e a saia de algodão que vestia.

— Geralmente, eu não uso saias — confessou. — Mas papai achou...

— Eu posso imaginar o que seu pai achou — o dr. Francis interrompeu com secura, fazendo com que ela se lembrasse do modo tenso com que ele e o velho amigo tinham se despedido. — Mas acredite em mim, já é hora de você esticar um pouco o cordão umbilical. Prometa que falará a seu pai do meu convite.

— Falo, sim.

Mas Ruth não tinha esperança de ir. Os Francis já a tinham convidado muitas vezes para passar uns dias com eles, mas seu pai sempre alegava que ainda era muito nova, para deixar a ilha desacompanhada. E, como ele nunca saía de Índigo, ela também não saía.

Ruth comprou peixe para o jantar, antes de voltar ao bangalô. Podia-se comprar todo tipo de frutos do mar nas barraquinhas ao lado do ancoradouro, que os homens da ilha mantinham, na esperança de aumentar sua renda. Eles haviam formado uma pequena cooperativa, com a ajuda de Pai Andreas, e as frutas e legumes, que cresciam tão bem sob o sol quente do Caribe, eram colhidos e levados a St. Vincent, para serem vendidos no mercado de lá. A renda não era grande, pois a ilha era pequena, mas mesmo assim seus habitantes conseguiam sobreviver. E, se havia uma coisa que Ruth sempre invejara neles, era a alegria de viver.

Ela saía do ancoradouro, quando encontrou o velho padre, descendo o caminho que levava à capela. Alguns anos atrás, com a ajuda do pessoal da vila, ele conseguira erguer um barracão de madeira, que servia tanto como local de orações como para resolução de desavenças. No entanto, como padre Andreas era um homem de pouca ambição, estava feliz. Seu contato com Ruth e o professor era pouco freqüente, pois seus votos de lealdade chocavam-se com os pontos de vista do professor, a respeito das fraquezas da religião e do poder da Igreja. Mas ele sempre gostava de ver Ruth, cumprimentando-a com sorrisos calorosos. E aquela vez não foi exceção.

— Ouvi dizer que vocês estão com um hóspede — ele comentou, assim que trocaram cumprimentos, com o sotaque gutural que ainda conservava, apesar de ter deixado Salonica há muitos anos. — Um inglês, se não me engano. E que deve a vida a você.

— Não é nada disso. Eu só o encontrei na praia. O veleiro dele tinha naufragado, na tempestade, e ele teve muita sorte em sobreviver.

— Não há dúvida. — O padre cocou a careca lustrosa. — Mas Deus escreve certo por linhas erradas, como dizem por aí.

Ruth sorriu. Suas crenças eram menos implacáveis que as de seu pai.

— O senhor precisa ir visitá-lo. O dr. Francis disse que ele ainda vai ter que ficar vários dias conosco.

— Ah, o dr. Francis! Um bom homem, temente a Deus. Um homem em

quem se pode confiar de olhos fechados.

Ruth percebeu que este era um ataque velado a seu pai, mas não reagiu. Em vez disso, indicou o embrulho feito com jornal, que tinha nas mãos, e disse:

— Preciso ir. Não quero que esse peixe se estrague. Papai não ficaria contente se o jantar não saísse como planejou.

— Acredito — replicou padre Andreas, com secura. — Vá com Deus, minha filha. — E, fazendo o sinal da cruz, ele saiu do caminho, para lhe dar passagem.

Ruth já tinha dado dois passos, quando parou e voltou-se, hesitante.

— Padre Andreas?

— O que é? — O padre parou também, olhando-a por cima do ombro. Ela corou.

— Eu queria lhe perguntar uma coisa, Pai.

— Pois pergunte.

— Bem... eu queria saber... O senhor acha que eu levo uma vida pouco natural? — Vendo a surpresa nos olhos do padre, Ruth apressou-se a explicar: — O senhor diria que eu vivo num... casulo? Que estou... desperdiçando minha vida?

O padre franziu a testa.

— Quem foi que lhe disse isso? O tal rapaz? O inglês? Pensei que ele estivesse em colapso, quando você o encontrou.

— Que importância tem quem me disse? O que eu quero saber é se é verdade.

Com ar pensativo, o sacerdote esfregou o queixo.

— Acho que podemos dizer que sua situação aqui não é comum — admitiu, afinal. — A maioria das garotas da sua idade frequenta a escola ou trabalha.

— Mas eu sou assim tão diferente delas? É tão importante o fato de meus amigos serem pretos, em vez de brancos?

— Não! De jeito nenhum! Para ser franco, eu diria que a sua vida é o que a de toda garota dessa idade deveria ser. Você é inteligente, não tem preconceito racial, respeita seu pai e cuida dele. Assim é que as coisas costumavam ser. Talvez - ele hesitou —, talvez sua vida seja até mais plena que a das outras garotas. E o que é a vida, senão um ensaio para o outro mundo? Na minha opinião, o que muitas pessoas julgam ser a vida não passa de uma alternativa do diabo.

Ruth concordou, não muito satisfeita com a resposta. Deveria ter visto que um padre jamais daria sua aprovação a outro tipo de vida. E, em todo caso, não tinha uma idéia real do que poderia estar perdendo. Talvez, se tivesse dito ao padre Andreas que a comparação fora feita pelo dr.

Francis, ele tivesse mostrado mais simpatia por seu caso. Ao mesmo tempo, ele poderia não ter acreditado em suas palavras, o que teria tornado a situação bem pior.

— Isso responde à sua pergunta?

Padre Andreas a fitava, cheio de ansiedade, e Ruth forçou um sorriso.

— Obrigada, padre — murmurou, evitando uma resposta direta.

Despedindo-se com um aceno de cabeça, o padre continuou seu caminho, a batina esvoaçando sob o efeito da brisa que vinha do mar.

Na manhã seguinte, Dominic estava muito melhor. Celeste deu a notícia a Ruth durante o café da manhã, com ar triunfante, como se só ela tivesse direito de acesso a tão privilegiada informação. Ela estava nas boas graças do professor, como única enfermeira disponível, e foi com grande satisfação que contou à garota como havia ajudado a fazer o curativo no braço de Dominic e trocado algumas palavras com ele, ao levar-lhe o café da manhã.

— Ele está se sentindo bem melhor — declarou, colocando a cesta de torrada sobre a mesa. — Até se levantou para ir ao banheiro. O dr. Francis vai ficar contente.

Com a cabeça apoiada numa das mãos, Ruth olhou para o prato.

— Você tem sido de grande ajuda. Tenho certeza de que papai já viu isso.

— Também acho. E ele confia em mim, para saber o que é certo; nem foi ver o sr. Howard, hoje. É por isso que eu sei que ele confia em mim.

Ruth ergueu os olhos.

— Papai não foi ver o sr. Howard hoje?! Por quê? Onde ele está?

— Ainda não se levantou. — Celeste serviu-lhe uma xícara de café. — Você não quer mesmo ovos?

Sem responder, Ruth empurrou a cadeira para trás. Na noite anterior, ficara de novo com o sofá, deixando que o pai ocupasse a cama. Mas não era comum ele não estar em pé àquela hora, principalmente tendo em vista as circunstâncias, e foi com a boca seca de apreensão que correu para o quarto dele.

Para seu alívio, encontrou o pai acordado, embora fosse evidente que a tensão dos últimos dois dias tinham cobrado seu preço. Ele estava abatido, de uma palidez acinzentada, e foi com grande esforço que tentou se sentar na cama, ao vê-la. Mas ela o conteve.

— O senhor parece cansado. É melhor aproveitar a manhã para dormir um pouco. Celeste e eu cuidaremos de tudo.

O professor balançou a cabeça.

— Celeste — disse, parecendo encontrar dificuldade até em falar. — Celeste cuidará de tudo. Só verifique se ela dá o remédio a Howard, nas

horas certas. Francis virá mais tarde, para vê-lo. Vou ficar na cama, até ele chegar.

— Está bem, papai. Agora, quer que eu lhe traga alguma coisa para comer?

— Não quero comer nada. Prefiro uma xícara de café preto. E me dê os comprimidos que estão naquela mesinha.

Ruth entregou-lhe os comprimidos e um copo da água que ele conservava numa jarra, na mesinha-de-cabeceira, e observou-o engolir dois comprimidos.

— Obrigado, minha querida. — Com um leve sorriso, o professor voltou a se recostar nos travesseiros. — Agora, se me dá licença, vou descansar. Se eu estiver dormindo, quando trouxer o café, deixe-o na mesinha-de-cabeceira.

Celeste mostrou-se preocupada, quando Ruth lhe contou a conversa que tivera com o pai.

— Seu pai se cansou demais, ontem. É melhor que fique na cama o dia inteiro. Nós duas cuidamos do sr. Howard, não é?

— Eu... papai disse..

— Eu não quero saber o que seu pai disse. E o que os olhos não vêem, o coração não sente. Agora, termine seu café e vá buscar a bandeja do sr. Howard. Tenho muita coisa a fazer, para ainda ficar correndo atrás de um homem.

Ruth abriu a boca para protestar, depois fechou-a, abafando a voz da consciência. Afinal, por que não? Não era possível querer que Celeste fizesse tudo, e seu pai deveria saber disso. Além do mais, ele não precisava ficar sabendo de nada.

Mesmo assim foi com a consciência pesada que Ruth levou o café do pai, pois sabia que pretendia ir ao quarto de Dominic, assim que saísse de lá. No entanto, seu pai estava dormindo, e ela descobriu que é bem mais fácil ser rebelde quando não se está sendo observada.

Foi um pouco enervante abrir a porta do quarto de Dominic. De certo modo, ela não sabia o que poderia encontrar do outro lado e respirou aliviada, ao vê-lo recostado nos travesseiros. O prato de ovos mexidos que Celeste trouxera continuava ao lado dele, intocado, mas o suco de laranja e o café tinham sido bebidos e algumas torradas haviam desaparecido da cestinha.

— Oh — ele a cumprimentou, meio surpreso, ao vê-la entrar. — Eu já estava imaginando o que tinha acontecido com você. Não se importa mais com seu paciente, agora que ele está a caminho da cura?

Ruth corou, enquanto fitava o rosto brincalhão de Dominic, bem menos abatido agora que no dia anterior. Uma barba de dois dias cobria-lhe

o queixo, mas mesmo assim ele continuava um homem muito atraente. Depois das reflexões dos últimos dias, ela tomara consciência dele de uma forma diferente, e a lembrança de seu encontro noturno afetou sua atitude em relação a ele.

— Como... como vai? — perguntou, aproximando-se da cama devagarinho. — Esteve bem doente. Nós todos ficamos muito preocupados.

— Você ficou? — Os lábios dele se crisparam. — E eu que pensei que você tivesse me abandonado!

— Ah, não! — Ruth entrelaçou os dedos. — Foi só que. . . com o dr. Francís aqui. . . e. . . e papai. . .

— Você decidiu ficar fora do caminho. Tendo feito sua parte, você achou que já era o bastante.

— Não foi bem assim. — Insegura, ela interrompeu-se por um momento. — De qualquer modo, estou contente por ver que se sente melhor.

— Muito melhor. — Dominic inclinou a cabeça, correndo os dedos pelas bandagens que lhe cobriam a parte inferior do braço. — E graças a você. Pelo que ouvi, foi você que salvou minha vida.

— Não, eu. . . eu não. . .

— Não foi isso que me disseram. Aquele médico. .. Francis. . . ele me falou que se você não tivesse alertado seu pai... |

— Você provavelmente teria acordado e pedido ajuda.

— Não creio. — Ele passou a mão pelo peito nu, e ela virou a cabeça, evitando olhar o gesto curiosamente perturbador. — Não me lembro de quase nada do que aconteceu, aquela noite. Como foi que você soube que eu tinha saído da cama?

— Papai não lhe contou? — Ruth pegou a bandeja, juntando os pratos e verificando o conteúdo do bule, para parecer ocupada. — Você... você gritou. Devia estar delirando.

— E você me ouviu? — Dominic inclinou-se para a frente e o lençol que o cobria deslizou para baixo, mostrando que ele | estava sem as calças do pijama. Seus dedos seguraram com delicadeza o braço dela, logo acima do punho. — Obrigado. Ruth mal podia respirar. Não conseguia engolir e seus pulmões pareciam ter se contraído. O rosto de Dominic estava tão perto, que o teria tocado, se virasse a cabeça, e o cheiro que dele emanava era atordoante.

— Eu... não foi nada — murmurou, sufocada. Mas ele não a soltou e, como não queria fazer uma cena, foi obrigada a aceitar a situação.

— Não concordo. — Com o polegar, Dominic se pôs a acariciar a parte interna do pulso de Ruth, despertando nela uma emoção quase tão grande quanto a que despertara com suas palavras, duas noites atrás. — Eu acho que lhe devo muito. Tanto, que não creio que possa lhe pagar.

Os joelhos de Ruth amoleceram.

— Na... na verdade, você não precisa se... se sentir assim — ela gaguejou, alarmada com a sensação de fraqueza que a invadia. Sua vontade era virar a cabeça e fitá-lo, e sabia que, se fizesse isso, ele não se afastaria. Mas estava com muito medo. Obviamente, ele não se lembrava do que acontecera duas noites atrás, e ela era tímida demais para buscar o mesmo tipo de intimidade.

A situação estava se tornando cada vez mais insustentável, e no fim, dando de ombros, Dominic soltou-a e voltou a se recostar nos travesseiros. O gesto recolocou o lençol no lugar, escondendo novamente seus quadris rijos dos olhos de Ruth.

Soltando a respiração e rezando para que suas mãos trêmulas não a traíssem, ela pegou a bandeja. Os talheres tilintaram um pouco, enquanto se dirigia à porta, mas isso foi tudo. Já estava quase do lado de fora, quando tornou a ouvir a voz de Dominic.

— Será que dá para você me arranjar um aparelho de barbear? — ele pediu, passando a mão pelo queixo. — Gostaria de ficar com uma aparência melhor e, como você sabe, eu não trouxe bagagem.

— Eu... eu acho que meu pai pode lhe emprestar um barbeador. — Apreensiva, com medo de que o pai a ouvisse, Ruth olhou para o corredor. — Vou... vou pedir a Celeste que o traga até aqui. — Levou a mão à maçaneta, para fechar a porta, mas ele a chamou de novo.

— Prefiro que você traga. Não que eu tenha alguma coisa contra Celeste. Ela tem sido de muita ajuda. — Dominic sorriu, passando as mãos sugestivamente pelo contorno das pernas. — De muita ajuda, mesmo. É só que eu gosto mais de olhar para você.

Fazendo que sim, Ruth apressou-se em fechar a porta. Respirou fundo várias vezes, tentando se recompor, antes de ir para a cozinha. Nunca conhecera alguém que a desconcertasse com tanta facilidade, que a excitasse e abalasse tanto com meia dúzia de palavras provocantes. E não era bem o que ele dizia, mas o modo como dizia. Só de pensar no polegar dele deslizando por seu pulso, sentiu o coração bater mais forte. Não entendia como um ato tão simples podia provocar uma reação tão intensa. E o pior é que a levava a imaginar como seria ter Dominic acariciando partes mais íntimas de sua anatomia: os ombros, a cintura ou mesmo — e aqui ela corou — os seios.

Celeste fitou-a com redobrada atenção, ao vê-la entrar na cozinha. Ruth achou que era devido a suas faces coradas, que fora incapaz de disfarçar, sem imaginar que havia outras indicações de sua agitação. Não sabia que seus olhos brilhavam intensamente e que seus lábios achavam-se

entreabertos, numa ansiosa espera. A criada sorriu com ar entendido, ao notar as evidências de seu excitamento e, apontando as mãos nos quadris largos, perguntou:

— Esteve conversando com o sr. Howard? O que foi que ele lhe disse? Posso saber por que está com essa cara de gato que comeu o canário do vizinho?

Ruth colocou a bandeja sobre a mesa e escondeu as mãos trêmulas nas costas.

— Eu não estou com cara nenhuma, Celeste. Só fui até lá pegar a bandeja, como você pediu. Que mal pode haver nisso?

Com ar indolente, Celeste deu de ombros.

— É que você demorou demais para pegar essa bandeja. Vamos, pode me contar. Eu não vou cochichar tudo no ouvido do seu pai.

— Não há nada para contar. Ele. . . eu. . . ele quer um aparelho de barbear. Será que papai vai achar ruim se eu emprestar o dele?

— Quem sabe? Você vai pedir a ele? Ruth negou com a cabeça.

— Papai, está dormindo. Acho que seria melhor eu pegar o barbeador e pronto. Ele nem precisa ficar sabendo.

— E na certa ele vai achar que o sr. Howard arrancou os fios um a um, não é? — Celeste comentou com sarcasmo, fazendo uma ruga de preocupação surgir na testa da garota.

— Eu não tinha pensado nisso...

— Pois eu vou lhe dizer o que fazer: pegue o barbeador que tenho, na minha cabana. — A criada suspirou, acrescentando com ar resignado: — Não sei de onde ele veio; só sei que está lá, sem servir para nada.

— Ah, obrigada, Celeste! — Ruth teve vontade de abraçá-la.

— Depois... depois você o leva para ele?

— Por que você não pode levar?

— Tenho... tenho que fazer algumas coisas para o papai — Ruth explicou evasivamente, evitando o olhar da criada. — Você não se importa, não é?

Celeste deu de ombros.

— Está me parecendo que há alguma coisa estranha nisso, mas pode deixar que eu levo. Levo o barbeador e, se ele quiser, faço a barba dele, também. — Fez uma pequena pausa, depois acrescentou, deliberadamente: — Não existem muitas coisas que eu teria coragem de me negar a fazer, para o sr. Howard. Não, senhora! E eu já fiz praticamente tudo, menos ir para a cama com ele.

Suas palavras tiveram o efeito desejado, e Ruth corou da cabeça aos pés.

- O que. . . o que você faz não é da minha conta, Celeste.
- Apesar da vontade que tinha de correr para a porta, Ruth forçou-se a diminuir os passos. — Se papai precisar de mim, vou estar no escritório. Até depois.

CAPÍTULO V

O professor insistiu em levantar-se para o jantar, e Ruth sentou-se diante dele, bastante inquieta. Ela estava começando a perceber que enganar alguém não era só fazer algo, sem o conhecimento dessa pessoa. Era preciso estar sempre atenta para não se trair, falando de coisas a respeito de Dominic que Celeste não poderia ter lhe contado.

O dr. Francis aparecera para uma rápida visita, aquela tarde, recusando-se a ficar para o jantar, apesar do desapontamento de Ruth.

— Prometi a Mary levá-la para jantar fora, esta noite — explicara, tocando o rosto da garota com carinho. — Além disso, duvido que seu pai gostasse de ter minha companhia.

— Mas que bobagem, doutor! O senhor sabe como papai é. Nesse momento, ele já deve ter se esquecido de tudo e eu sei que ele gosta da sua companhia.

— Pode ser que você tenha razão, mas não dá mesmo para eu ficar, esta noite. Passei vários dias trabalhando até tarde e Mary merece minha atenção.

— Por que o senhor não a traz para jantar, qualquer dia desses? — Ruth convidara impulsivamente, embora soubesse que seu pai nunca fizera tal sugestão.

Mas o médico limitara-se a sorrir, lembrando-a em seguida do convite que lhe fizera, no dia anterior.

— Pensou no que eu lhe disse, ontem?

— Agora não é possível. Talvez, depois que o sr. Howard for embora...

— É, quem sabe? — comentara o escocês, saindo para visitar os outros pacientes da ilha, antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

O professor Jason serviu-se de mais sopa da terrina que Celeste colocara sobre a mesa, fitando a filha com ar pensativo.

— Francis lhe contou que nosso paciente estará em condições de ir embora, em um ou dois dias? — perguntou, fazendo Ruth apertar os dedos em torno do cabo da colher. — Da minha parte, estou contente. Ele interferiu demais em nossa vida.

Ruth concentrou-se em partir um pãozinho; depois, vendo que o pai esperava uma resposta, murmurou:

— Celeste me contou que o braço dele não está mais inflamado. Mas o dr. Francis me disse que ele ainda está muito fraco.

— Ah, isso ele está. — O professor apertou os lábios. — Mas eu não estou sugerindo que ele vá embora, antes de estar em condições. Se bem que ele perturba o andamento da casa, além de aumentar o trabalho de

Celeste.

— Eu poderia ajudá-la...

— Não, Celeste pode agüentar. E eu não tenho intenção de encorajar você a se envolver com esse sujeito. Francis pode dizer o que quiser, mas você é muito criança para isso. Além do mais, não é enfermeira e não fica bem que entre no quarto dele.

— Celeste entra — a garota atreveu-se a dizer, abaixando os olhos diante do olhar de menosprezo do pai.

— Celeste é um caso totalmente diferente. Além de ser mais velha, é mais. . . experiente. Uma coisa que você não deve ter deixado de notar, apesar da sua idade e. . . inocência.

— Não.

— Então — o professor respirou fundo — já que resolvemos esse assunto, há uma coisa que eu gostaria que fizesse pelo sr. Howard.

— Há? — Ruth ergueu os olhos, o coração batendo acelerado.

— Há. Ele me disse, agora à tarde, que está preocupado com o dinheiro que pediu que transferissem para o banco de Kingstown. Como ele não o retirou, conforme esperava, pode ser que o pessoal do banco faça algumas perguntas. — O professor fez uma pausa. — Concordei em mandar Joseph a St. Vincent, amanhã de manhã, mas acho, embora não goste da idéia, que você deve ir junto. Pode ser que haja algum problema. Você levará uma autorização escrita de Howard, mas sabe como são os bancos. Eles podem se mostrar desconfiados, se Joseph tentar fazer a retirada em nome de Howard.

Ruth colocou as mãos trêmulas no colo.

— Ele quer que o dinheiro seja... retirado?

— Quer, E também quer que lhe compremos algumas roupas. Joseph pode cuidar disso, mas será mais simples se você mesma falar com Templar.

— Sei... — Diante da perspectiva da saída inesperada, uma ridícula excitação tomou conta de Ruth. — O que... o que ele quer que nós compremos?

— Deixe isso por conta de Joseph. Vou pedir a Howard para fazer uma lista. A sua tarefa será explicar a situação a Templar e convencê-lo a tratar do assunto de forma confidencial.

Ruth concordou, sem manifestar os pensamentos que lhe fervilhavam na mente. Havia lojas que vendiam roupas baratas, em Kingstown, e já estava calculando como poderia esticar o dinheiro que o pai lhe dava para a casa, de modo a poder comprar pelo menos um vestido novo.

Mal dormiu aquela noite, de tão excitada, e estava em pé e vestida, assim que clareou. A viagem de Índigo a St. Vincent levava quase duas horas, e ela queria ter tempo suficiente para fazer compras, depois de ir ao banco.

Joseph era um bom camarada e não acharia ruim, se saísse sozinha. Além disso, ele tinha outras coisas a fazer.

Celeste já estava lá, quando Ruth entrou na cozinha, e lançou à garota um olhar perspicaz, enquanto tirava o bule de café do fogão.

— Chegou na horinha — ela declarou, colocando o bule sobre a bandeja que havia preparado. — Pode levar isto ao sr. Howard, antes de sair. Vou ter muito trabalho a fazer, enquanto você estiver fora, divertindo-se em Kingstown.

— Celeste, você sabe o que papai acha...

— Ele achava a mesma coisa ontem, mas isso não a impediu de fazer nada. — Empurrou a bandeja para ela. — Vá, leve o café do rapaz. Ele não vai comer você.

Ruth hesitou.

— Papai já se levantou?

— Não. Você e Joseph já estarão longe daqui quando ele acordar. Ande logo. . . Você não tem o dia inteiro.

Dominic estava acordado quando Ruth entrou com a bandeja e surpreendeu-se ao vê-la. Sentando-se de imediato, bateu no colchão, ao seu lado, quando percebeu que ela ia colocar a bandeja sobre seus joelhos.

— Ponha aqui, que eu como depois — disse, com uma expressão atenta nos olhos castanhos-claros, enquanto a examinava de alto a baixo. — Você se levantou cedo. Pensei que Celeste é que fosse me trazer o café.

Ruth colocou a bandeja no lugar indicado e endireitou o corpo, enfrentando o olhar dele com dificuldade..

— Ela... ela está ocupada — explicou, notando que ele parecia bem mais jovem, com o rosto barbeado. — Como está se sentindo?

— Bem melhor, agora que vi você. Por que não veio ontem? Eu disse alguma coisa que a ofendeu?

— Claro que não. — Ruth sentiu-se pouco à vontade, sob o olhar brincalhão de Dominic. — É que eu tinha muito trabalho a fazer. Mas Celeste lhe trouxe o barbeador, pelo que vejo.

— Ah, sim. Ela cuida bem de mim. — Ele correu os dedos pelo queixo.

— Acho que melhorei um pouco, barbeado.

— Sua aparência está bem... melhor. Você também deve estar se sentindo melhor.

— Não há dúvida. E é bom saber que você gostou. O sorriso de Ruth foi meio forçado.

— Papai deixou crescer a barba, uma vez. A vantagem é que você não tem que se barbear.

— Isto é verdade. Uma observação muito sutil. Ruth apertou os lábios.

— Você está sendo sarcástico, não é? — perguntou, desejando ter mais experiência nesses assuntos.

Dominic ergueu uma das sobrançelhas, num gesto zombeteiro. — Ora, vamos! Por que você foi pensar uma coisa dessas? — Ajeitou-se melhor na cama. — Pensei que eu estivesse me comportando extraordinariamente bem, tendo em vista a situação, que é bem provocante.

Ruth abaixou a cabeça.

— É melhor eu ir. Há mais alguma coisa que você precise? Alguma coisa que Celeste possa lhe trazer?

— Não creio. Pelo menos por enquanto, não. — Os olhos castanhos se estreitaram. — Mas você pode me dizer por que está com tanta pressa de ir embora? Eu não estou com peste ou algo do tipo, estou?

O sistema nervoso de Ruth não estava preparado para enfrentar esta espécie de conversa.

— Eu tenho que ir — ela insistiu, virando-se para a porta.

— Eu... eu vou a St. Vincent, com Joseph. Ele já deve estar me esperando.

— É você que vai a St. Vincent? Não é o seu pai?

— Papai quase não sai da ilha, ultimamente. Como você deve ter notado, ele não está bem. Cansa-se com facilidade e só vai a St. Vincent quando o dr. Francis o manda fazer tratamento, no hospital de lá.

— Sei. . . — Dominic assumiu um ar pensativo. — Então, você vai falar com o gerente do banco?

— Vou.

— E também vai comprar as minhas roupas? O sangue subiu ao rosto de Ruth.

— Não. Joseph é que vai fazer isso.

— Mas você vai com ele?

— Eu... acho que sim.

— Ótimo. — Seus olhos prenderam os dela. — Compre uma camiseta e um *short* novo para você, enquanto estiver lá.

— De... de jeito nenhum!

Ruth estava horrorizada, mas Dominic deu de ombros.

— Por que não? Você rasgou a sua camiseta para fazer o torniquete no meu braço, não rasgou? Eu lhe devo uma.

— Não, obrigada. Não é preciso.

— Eu sei que não é preciso, mas eu quero lhe dar.

Ruth recusou com um gesto de cabeça. E ainda recusava, depois de fechar a porta atrás de si e se ver no corredor, em segurança.

Kingstown, a capital de St. Vincent, era um porto vivo e animado, e Ruth sempre se encantava com a intensa atividade existente na região do

cais. Escunas das ilhas, descarregando bananas e batatas, frutas-pães e cocos, constituíam uma fonte inesgotável de fascínio, e o mercado, onde fazendeiros e pequenos agricultores iam vender seus produtos, era um caleidoscópio de cor e vida.

Enquanto Joseph esperava a vez de atracar, Ruth observava tudo com olhos maravilhados. Havia tanto para ver e absorver, que ela nem notou os olhares de admiração lançados em sua direção. Sua atenção estava toda no cargueiro transatlântico, sendo carregado com engradados de frutas e legumes, e o interesse manifestado pelos marinheiros dependurados na amurada passou-lhe despercebido, até um assobio alto atingir seus ouvidos. De imediato, o sangue subiu-lhe ao rosto, e foi com alívio que viu Joseph se aproximar e levá-la para longe das propostas atrevidas.

— Você precisa se acostumar com esse tipo de coisas, mocinha — Joseph disse, com um sorriso bem-humorado. — A menos que não queira mais vir a Kingstown.

O Banco Internacional ficava na rua Grenville, e deixando Joseph do lado de fora, Ruth cruzou seus portais imponentes. Já estivera no banco, antes. A renda que seu pai tinha, proveniente de um legado de sua avó, era transformada em dólares do Caribe naquela agência, e Andrew Templar e ele se conheciam há mais de dez anos.

Se alguns dos funcionários mais novos do banco encararam a garota usando uma saia de algodão e uma velha camiseta com uma certa dúvida, os mais velhos logo a reconheceram, cumprimentando-a com efusão.

— Srta. Jason! — Edward Hollings, um dos caixas, exclamou. — Faz tempo que a senhorita não aparece. Aconteceu alguma coisa?

— Não. — Ruth sorriu para o senhor de meia-idade, atrás do balcão.

— Eu só queria conversar com o sr. Templar. É possível?

— Acho que sim. — O caixa piscou para ela, com ar maroto. — Não há dúvida de que a senhorita é um colírio para os olhos, nesta linda manhã. Como vai seu pai? Ouvi dizer que ele continua sendo um adversário duro, no jogo de xadrez.

O riso de Ruth foi espontâneo.

— O senhor deve ter andado conversando com o dr. Francis. Ele é a única pessoa que conheço, que poderia lhe dar esse tipo de informação.

— Foi ele mesmo. — O sr. Hollings fitou-a, com ar pensativo. — Vocês não devem ver muita gente naquela sua ilha, não é?

— Não. — Ruth adquiriu uma expressão séria. — Dá para o senhor ver se o sr. Templar está livre, agora? Eu estou com um pouco de pressa.

O sr. Hollings desapareceu atrás do biombo que dividia as duas seções da área de contabilidade, e Ruth recostou-se no balcão. Seria possível que todos pensassem que viviam como eremitãos? Impaciente, percebeu que

estava se tornando super-sensível àquele tipo de comentário. Afinal, só porque uma pessoa não vivia de acordo com as regras gerais, não era motivo para todos imaginarem que estava fora da normalidade.

— Srta. Jason!

Ruth girou nos calcanhares, dando com Andrew Templar do outro lado do balcão, sorrindo-lhe, bem-humorado.

— Não quer entrar, srta. Jason? — ele convidou, abrindo a meia porta junto ao caixa e esperando que ela passasse. — No que posso ajudá-la? Resolveu abrir uma conta conosco?

O escritório para onde foram era grande e imponente, com chão de mármore e teto alto e arqueado. Uma enorme mesa quadrada ocupava o centro da sala, e havia papéis e fichários espalhados por toda sua superfície recoberta de couro. Bandejas marcadas por "Entrada" e "Saída" testemunhavam a quantidade de trabalho que ainda esperava o sr. Templar, e vários telefones coloridos davam um toque mais vivo ao ambiente, tirando-lhe um pouco da formalidade.

No entanto, apesar dos sinais evidentes do quanto estava ocupado, Andrew Templar não mostrou pressa em passar para os negócios, insistindo em pedir uma xícara de café para Ruth e inquirindo sobre a saúde do professor, antes de procurar saber o que a levava até lá.

Mas afinal ele abordou o assunto, comentando com perspicácia:

— Suponho que sua visita esteja relacionada com o bilhete que seu pai me mandou, três dias atrás. Aquele rapaz tem nos causado uma série de dificuldades.

— O sr. Howard?!

— É, Dominic Howard Crown. Ele tem nos causado alguns problemas.

— Dominic Howard... Crown? Quer dizer que ele não se chama Dominic Howard?

— Claro que sim. Dominic e Howard são seus nomes de batismo. Mas ele deixou de mencionar que é filho de James Crown.

— James Crown? — Ruth sabia que estava parecendo uma boba, mas o que podia fazer? — Quem... quem é James Crown?

— Não sabe? — Andrew Templar fitou-a, surpreso, depois balançou a cabeça. — É, não deve saber mesmo. Mas duvido que seu pai esteja tão alheio aos fatos do mundo. — Ele suspirou. — Ruth.. . Posso chamá-la de Ruth, não é? — perguntou. E, quando ela fez que sim, prosseguiu: — James Crown é o poder por trás da Crown Chemicals, um dos mais bem-sucedidos grupos empresariais da Europa.

— Mas por quê...

— Se está querendo saber por que seu hóspede não lhes deu seu nome real, só posso lhe dizer que não tenho a menor idéia. — Andrew

Templar fez um gesto evasivo. — Por que homens como Crown gostam de manter suas identidades em segredo? Eu não sei. A menos que preferiram permanecer incógnitos, por razões de publicidade. Talvez essa tenha sido a intenção desse rapaz, embora soubesse que vocês acabariam por descobrir a verdade, mais cedo ou mais tarde.

— Não, necessariamente — Ruth murmurou, depois de um instante. — Afinal, como é que nós iríamos descobrir?

— Bem, se ele pretendia mandar um de vocês retirar o dinheiro ...

— Mas ele não pretendia. Pelo menos, não, no início. Eu... eu acho que a intenção dele era retirar o dinheiro pessoalmente, ontem. Se não tivesse ficado doente...

— Ele está doente? — Andrew Templar mostrou-se preocupado. — Olhe, Ruth, se há alguma coisa séria com o rapaz, é melhor seu pai trazê-lo para o hospital, sem perda de tempo. Os Crowns não vão aceitar, sem problemas, uma complicação desse tipo, mesmo que o rapaz tenha enganado vocês, deliberadamente.

— Ele está bem, agora — Ruth afirmou depressa. Mas depois prendeu o lábio inferior entre os dentes, meio incerta. — Ele estava doente. O braço dele. . . Joseph deve ter explicado ao senhor que ele machucou o braço.. . Bem, o braço infeccionou, mas o dr. Francis cuidou de tudo, sem dificuldade,

— Meu Deus! E pensar que o velho John anda tratando o filho de James Crown! Espere só até eu vê-lo. Vou lhe dizer duas ou três coisinhas...

— Não, por favor! — Ruth mexeu-se na cadeira, pouco à vontade. — Papai me pediu que lhe dissesse para manter tudo em segredo. É assim que o sr. Howard. . . o sr. Crown quer.

— O quê? Mas os amigos dele já telefonaram esta manhã, querendo saber onde ele está e o que está acontecendo.

— E o senhor lhes disse?

— Ainda não. — Frustrado, Templar correu a mão pelos cabelos. — Eu estava esperando novas notícias do rapaz. As instruções no bilhete de seu pai eram claras, e eu respeitei o pedido de confiança. Mas agora, com os Crowns em cima de mim, não sei o que fazer.

Ruth achou difícil tomar uma decisão. Este era um imprevisto para o qual seu pai não a tinha preparado e, apesar do que o sr. Templar dissera, ela duvidava que ele soubesse da verdadeira identidade de Dominic.

— Acho que o senhor deve fazer como... como o sr. Crown sugeriu — murmurou, afinal. — Se ele quer manter seu paradeiro em segredo, o senhor não pode fazer nada, a não ser concordar.

Andrew Templar suspirou.

— Você tem razão, é claro. Não posso dar essa informação, sem o consentimento dele. Mas talvez você possa lhe explicar a situação e pedir-

lhe para pensar melhor. Isso tornaria as coisas mais fáceis, para mim.

Ruth concordou.

— Vou fazer o possível.

— Você tem certeza de que ele está mesmo bem?

— De todo, não. — Ela tentou ser honesta. — O dr. Francis disse que ele ainda está muito fraco. A infecção foi muito forte. Mas, a cada dia que passa, ele está melhor.

— Pelo seu bem, espero que tudo dê certo. Eu detestaria estar no lugar de vocês, se algo acontecesse a ele. Duvido que Índigo fosse remota o bastante para salvá-los da gritaria que isso iria provocar. Para não falar da fúria do pai dele.

Ruth estremeceu.

— O senhor está querendo me amedrontar, sr. Templar?

— Não, eu só estou querendo que você entenda a situação, Ruth. — Com uma certa pena, Templar estudou-lhe o rosto ansioso. — Vocês estão lidando com pessoas que podem ser totalmente implacáveis, se lhes interessar. Fale com o seu pai, explique a situação direitinho. Não quero que se arrependam de ter ajudado esse rapaz.

Ruth saiu do banco, sentindo-se meio atordoada. Até aquela manhã, pouco pensara nos motivos que Dominic poderia ter para conservar seu paradeiro em segredo. Mas agora estava diante de fatos concretos. Ele não era um turista comum em férias, mas o filho de um homem que o sr. Templar obviamente respeitava, um homem cujo poder e influência chegavam até os pontos mais remotos da civilização. James Crown era um nome que todos reconheciam, o nome de um homem rico, para quem a perda de um veleiro podia ser classificada de coisa sem importância.

Joseph estranhou seu ar tenso.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, tocando-lhe o braço.

Ruth fitou-o de modo vago, sem entender a pergunta. Depois, vendo o rosto dele se encher de ansiedade, reencontrou a voz.

— Eu. . . Não, não aconteceu nada, Joseph. Foi a luz do sol que me cegou, por um momento. Vamos?

— Conseguiu o dinheiro?

— Consegui, sim. Está aqui. — Ela mostrou o envelope que tinha nas mãos. — O que você tem que comprar?

Joseph tirou uma lista do bolso, e Ruth estudou-a, meio confusa.

— Levis? O que é isso, Joseph?

— É uma calça dessas. — Sorrindo, ele apontou para o próprio corpo.

— De brim grosso.

Ruth franziu a testa.

— Tem certeza de que é isso mesmo que ele quer? Essas calças não

são muito vulgares, não?

— Elas são o que todo jovem usa. — Joseph garantiu-lhe com firmeza, o que não impediu Ruth de pensar que seu pai não concordaria com ele.

— Bem, você deve saber melhor do que eu — admitiu meio em dúvida, olhando de um lado para outro da rua. — Onde pretende comprar essas coisas? Eu estava pensando em ir ao mercado. Não podemos nos encontrar no barco em... mais ou menos duas horas?

— Você quer sair sozinha?

Ruth fez que sim, com um sorriso persuasivo.

— Não sei, não... Acho que seu pai não vai gostar disso.

— Por que não? Você mesmo disse que eu estou crescendo, Joseph.

Não vai me acontecer nada.

— Você pode se perder.

— Se eu me perder, peço ajuda a alguém.

— A quem?

— A um policial! — Ruth dominou seu temperamento com dificuldade.

— Joseph, eu não sou mais uma criança, e você não é meu tutor. Vá comprar as coisas que o... sr. Howard pediu. Eu me encontro com você no barco, às duas e meia.

Não querendo usar a força, Joseph não teve outra escolha a não ser concordar. Ele sabia que sua atitude seria mal interpretada pelos outros, se tentasse detê-la, e a última coisa que queria era ir parar na cadeia local. Mas ainda tinha uma recomendação a fazer.

— Não fale com estranhos, então. E esteja no barco às duas e meia, ou eu vou falar com seu pai, e ele não vai mais deixar você vir comigo.

— Ah, obrigada, Joseph! — Ruth exclamou, beijando-o no rosto, com gratidão. E, entregando-lhe o envelope, escapou antes que ele tivesse chance de mudar de idéia.

Era excitante fazer compras sozinha. À parte qualquer outra coisa, podia passar o tempo que quisesse olhando as vitrinas, conseguindo ver e absorver muito mais, sem Joseph para apressá-la.

Os manequins nas butikues da moda, na rua principal, despertaram seu interesse. Estavam vestidos com uma grande variedade de roupas, que iam desde o esporte comum até sofisticados vestidos de noite. A elegância das sedas e *chiffons*, lãs finas e crepes a encheu de inveja, embora duvidasse que fosse capaz de andar com sapatos de saltos tão altos. Ela admirou echarpes exóticas e xales delicadamente bordados, cores que iam do azul-acinzentado ao mais vivo cor-de-rosa, camisas e suéteres que custavam o bastante para mantê-la e ao pai durante um ano, e objetos de couro, feitos a mão e macios como sua própria pele. Havia mesmo uma vitrina

destinada à exibição de peles, embora fossem uma incongruência em St. Vincent. Bocas e olhos pintados olhavam com desdém por cima de golas de castor e vison, despertando nela a vontade de saber como seria envolver-se numa dessas peles. Mas tais coisas não eram para o clima local. Elas pertenciam às terras do norte, como a Inglaterra, onde o clima era muito mais frio e havia chuva, gelo e neve, além de outros horrores dos quais, como seu pai sempre lhe dizia, tinham conseguido escapar.

Era inevitável, no entanto, que Ruth se lembrasse de Dominic Howard. Ou melhor, Crown. Pensar nele acabou com seu divertimento, e foi com uma certa tristeza que ela se dirigiu ao mercado, à procura de roupas mais em conta; Dominic conhecia a Inglaterra, conhecia o clima mais frio do norte. Ele vivia lá. E provavelmente convivia com mulheres que se vestiam e tinham a aparência dos manequins, na vitrina das lojas. Por mais natural que lhe parecesse a vida que levava com o pai, era obrigada a admitir que ele na certa os considerava excêntricos ao extremo. Uma crença que a atitude dele, em relação a ela, não desmentia. Dominic dava a impressão de gostar de suas conversas, mas sem dúvida a achava divertida, encontrando motivos para rir de muitas coisas que dizia. O que diria ele aos amigos, a seu respeito, quando voltasse a Barbados? Melhor não saber. Além disso, que importância poderia ter o que ele diria, quando deixasse a ilha? Provavelmente nunca mais o veria.

Joseph estava à sua espera quando ela voltou para o barco, andando de um lado para outro, obviamente ansioso com sua demora.

— Você sabe que horas são? — perguntou, zangado, quando a viu aproximando-se pelo cais. — Mais de três horas! E eu estou esperando desde as duas e quinze!

— Desculpe. Eu me esqueci das horas. — Ruth suspirou. — Foi tão bom fazer algo de que gosto, pelo menos uma vez na vida. Não fique zangado comigo.

O mau humor de Joseph evaporou-se.

— Conseguiu o que queria? — Pegou as sacolas que ela trazia. — Não se esqueceu do sabão e do detergente que Celeste pediu? Essas sacolas estão tão leves!

— Não me esqueci de nada. — Aceitando a mão que ele lhe estendia, Ruth subiu a bordo. — Nessas sacolas só estão umas coisas que comprei para mim. Não tenho que gastar todo meu dinheiro em coisas para a casa, tenho? O silêncio de Joseph disse tudo, e foi com um sorriso que ela se dirigiu à parte traseira do barco. Tivera uma boa manhã, e relaxou, contente, enquanto Joseph conduzia a pequena embarcação para fora do porto.

— Comprou as coisas que o sr... Howard pediu? — perguntou, quando viu que ele podia responder.

— Tudo. E não levei mais do que uma hora. Você comeu alguma coisa?

— Não. Nem me lembrei.

— Foi o que achei que ia acontecer. — Inclinando-se, Joseph tirou um saco de papel do bagageiro, ao lado da direção. — Tome. Comprei um sanduíche e uma lata de Coca-cola para você.

Ruth sorriu, só percebendo o quanto estava com fome ao abrir o saco e ver um sanduíche de galinha e folhas de alface.

— Hum, parece delicioso, Joseph. Não quer dividir comigo?

— Eu já comi — ele murmurou, abrindo uma garrafa de cerveja. — Bom apetite. Não tem sentido deixar que Celeste pense que você não é capaz de cuidar de si mesma.

Ruth reconheceu a perspicácia dele, e os dois trocaram um riso de conspiração, enquanto deixavam o porto para trás.

Já eram mais de cinco horas quando chegaram a Índigo. Ruth cochilara durante a última meia hora, enrodilhada na popa do barco, enquanto Joseph refestelara-se atrás da direção, com um cachimbo de barro preso à boca. Ele insistiu em acompanhá-la até o bangalô, aparentemente para levar as sacolas, mas ela percebeu que isso não passava de uma desculpa para ver Celeste.

Obviamente, Joseph gostava de Celeste, e Ruth gostaria de saber como ele resolvia esse problema de consciência, quando ia se confessar com Pai Andreas. Afinal, a mulher dele lhe dera uma penca de filhos e merecia um tratamento melhor. Mas o afeto que ele sentia pela amante era, aparentemente, maior que a lealdade que tinha pela esposa, e Ruth era obrigada a reconhecer que não possuía experiência bastante para julgar tais assuntos. Eles podiam lhe parecer simples, mas certamente não eram, e a conclusão a que chegara era que sexo, fora do casamento, devia ser muito diferente do sexo dentro dele.

Celeste os esperava na varanda, sem o bom humor de costume.

— Onde é que vocês andaram este tempo todo? — perguntou, seu olhar de censura envolvendo os dois, antes de se fixar em Ruth. — Faz mais de uma hora que seu pai está perguntando por você. Vá falar com ele. Ele está no quarto.

— Papai está se sentindo mal? — Ruth subiu os degraus da varanda de dois em dois, mas Celeste acalmou-a.

— Ele só está cansado. Mas vá indo, que Joe e eu cuidaremos destas sacolas.

Ruth não teve alternativa, a não ser obedecer. Além disso, estava ansiosa para ver o pai e contar-lhe o que ficara sabendo. Deixando a varanda, atravessou depressa o corredor e abriu a porta do quarto dele.

O professor estava com os olhos fechados, mas abriu-os assim que

ouviu o barulho na porta, sorrindo fracamente ao ver a filha.

— Ruth, meu bem! — exclamou, com evidente alívio. — Eu já começava a ficar preocupado.

— Sem motivos, papai. — Ela deu a volta à cama, inclinando-se para beijá-lo. — Aqui estou eu, sã e salva. Missão cumprida, como dizem.

— Falou com Templar?

Falei. Até tomamos café, juntos. — Ruth fez um gesto displicente com os ombros, retardando as explicações inevitáveis. — Ele perguntou como o senhor estava, e eu lhe contei da tempestade. Ao que parece, o telhado do clube de golfe foi levado pelo vento. O senhor sabe, aquele clube junto à via expressa, ao norte de Kingstown. Mas ninguém foi ferido, graças a Deus, embora alguns dos barcos que estavam no porto tenham sido danificados. O professor ouviu-a em silêncio, depois perguntou:

— Retirou o dinheiro do sr. Howard?

— Claro que sim. Está comigo. — Inquieta, Ruth deu alguns passos pelo quarto.

— Ótimo! Quanto mais cedo esse rapaz tiver fundos, mais cedo ele irá embora. — Ele tornou a fechar os olhos. — Agora, eu gostaria de descansar. Você não se importa que eu não lhe faça companhia durante o jantar, não é, minha filha? Estou muito cansado.

Ruth virou-se para ele. Precisava lhe falar da conversa que tivera com o sr. Templar e da verdadeira identidade de Dominic, mas ficou com pena de perturbar-lhe a tranquilidade. Ainda assim, ele teria que saber, e estava pensando no melhor modo de lhe dizer, sem alarmar ou irritá-lo, quando a voz dele a sobressaltou.

— Pode ir, Ruth. — Um gesto cansado, com a mão, acompanhou essas palavras. — Eu lhe garanto que não tenho nada que possa ser motivo de preocupação. É só cansaço. Amanhã de manhã, já estarei bem.

— Mas papai. . .

— Amanhã, Ruth — ele disse, com firmeza.

E ela deixou o quarto, com a sensação de que o tinha enganado, deliberadamente.

CAPITULO VI

Atormentada por conhecer a verdadeira identidade de Dominic, Ruth dormiu mal. Teve pesadelos em que o via caído em meio a uma poça de sangue, enquanto ela e o pai o observavam, incapazes de fazer algo para salvá-lo. Viu feridas dilacerantes, membros presos ao resto do corpo por apenas uma tira de pele, carne apodrecendo — e acordou banhada em suor, para descobrir que o céu já se tornava cor-de-rosa, além das janelas da sala. Era manhã, e com um suspiro de alívio levantou-se do sofá. Normalmente dormia a sono solto, apesar da dureza de sua cama, mas os sonhos da noite tinham deixado seu corpo rijo de tensão, e foi com prazer que se espreguiçou, estirando os membros doloridos.

Abaixo dos jardins do bangalô, o terreno descia gradualmente em direção à praia e ela estremeceu ao abrir as venezianas e sentir a brisa errante acariciar sua pele quente. O sol erguia-se no horizonte, e o mar estava translúcido, com cores que iam do azul ao mais pálido âmbar, passando por um verde maravilhoso. Nuvens minúsculas espalhavam-se pelo céu pálido, e o ar tinha um cheiro fresco e limpo, inacreditavelmente estimulante.

Tirando a camisola de algodão, Ruth remexeu as roupas que o pai acomodara no armário da sala, atrás do sofá, à procura de um biquíni. Tinha vários, feitos, por Celeste quando seus maiôs infantis haviam se tornado muito pequenos, e, embora seu pai não os aprovasse, não os proibira, já que não era provável que mais alguém a visse com eles.

O biquíni que escolheu era azul, com bolinhas brancas, e complementava às mil maravilhas sua cor morena. No entanto, a textura de sua pele não tinha o menor significado para ela. Afinal, não se lembrava de si mesma de outro modo e não fazia idéia de que muitas garotas de sua idade passavam horas ao sol, tentando adquirir um bronzado igual.

Com uma toalha nas mãos, ela saiu do bangalô, atravessando a varanda e descendo a escada da frente com passos leves. Então, cedendo à onda de bem-estar que a manhã evocava, correu para as dunas, dirigindo-se à praia de areia fina e úmida, mais além. Seus cabelos, soltos e sedosos, espalhavam-se nas costas, e ela estendeu os braços e deu uma ou duas piruetas, antes de perceber que não estava só. Havia um homem junto à água, olhando em sua direção. Um homem alto, forte e musculoso, com uma pele intensamente bronzeada, que fazia um lindo contraste com seus cabelos claros...

Incerta e surpresa, Ruth levou a mão à boca. Era o sr. Howard, ou melhor, o sr. Crown. Ele estivera andando na praia, e a atadura que lhe

envolvia o braço ferido tornou-se visível, projetando-se de baixo da manga arregaçada da camisa, quando ele se pôs a caminhar ao seu encontro.

Como estava diferente, com aquelas roupas. Não notara que ele era tão alto. E não sabia que um homem podia se mover de um modo tão ágil. Ele era dono de uma indolência graciosa, e a calça que usava, justa nos quadris, acentuava o movimento poderoso de suas coxas. Devia ser a de brim de que Joseph lhe falara, no dia anterior, e não se podia dizer que fosse exatamente decente. Mesmo a camisa, aberta de modo a revelar uma boa porção do peito dele, não era como as camisas que seu pai, Joseph ou qualquer outro homem de seu conhecimento costumava usar. Era de seda macia e cara, como as roupas que vira nas vitrinas das butikues de Kingstown, de um tom acastanhado que combinava com a luz felina nos olhos dele.

— Oi! — Dominic a cumprimentou ao se aproximar, com os olhos semicerrados contra o brilho da manhã. E acrescentou num tom ligeiramente rouco, tornando-a, de imediato, consciente da pequenez do biquíni que usava: — Você vai nadar, não é? Como eu gostaria de ir junto!

Ruth passou a língua pelo lábio superior, notando que a pele dele estava coberta por uma leve camada de suor. Não havia dúvida de que a caminhada pela praia devia tê-lo deixado exausto, e suas primeiras palavras refletiram sua ansiedade.

— Você não deveria estar na cama? — exclamou, esquecida de seu embarço. — O dr. Francis disse...

— Eu sei o que o dr. Francis disse. E você não me respondeu.

— É claro que eu vou nadar. Mas acho que é melhor você voltar para casa e...

— Eu não sou um inválido — ele replicou, deixando-se cair na areia, aos pés dela, e esticando as longas pernas. — E também não preciso que você me diga o que fazer. Vá nadar, que eu fico aqui olhando. Estou precisando de um pouco de distração, depois da monotonia daquelas quatro paredes.

Ruth hesitou e Dominic ergueu o braço, tirando a toalha de suas mãos.

— Vá — repetiu, os olhos pesados de cansaço e algo mais, que ela não soube identificar. — Eu prometo não sair daqui.

Ela se moveu, inquieta, mexendo na areia com a ponta do pé.

— Há uma coisa que preciso lhe dizer; ontem, quando fui ao banco...

— ...eles lhe disseram quem eu sou, certo? — Sombreando os olhos com a mão, Dominic fitou-a. — E isso faz alguma diferença?

— Por que você mentiu? Por que nos deu um nome errado?

— Eu não dei. — Abaixando a mão, ele fixou o olhar no horizonte. — Eu me chamo Dominic Howard. O que eu fiz foi não dar meu nome completo.

— De propósito! Dominic deu de ombros.

— E por que não quer que ninguém saiba onde está? O sr. Templar, o gerente do banco, disse que seus amigos estão loucos para saber onde você está.

— Duvido — ele comentou com desinteresse, voltando a olhar para ela. — E Templar não lhes contou?

— Não. Mas ele gostaria de poder contar.

— Acredito. — Dominic fez uma careta. — Eu cuido dos meus... amigos, quando chegar a hora.

— Mas e se alguma coisa tivesse acontecido a você?

— E daí, se alguma coisa tivesse acontecido comigo? Não teria importância, de um jeito ou de outro.

— Para nós, teria! — Ruth exclamou, indignada. E corou, diante do olhar firme que ele lhe dirigiu. — Nem quero pensar no que o seu pai faria, se o deixássemos morrer!

— Ah, sei. . . E você faria isso? Deixaria que eu morresse? — Dominic brincou, bem-humorado de novo.

— Você entendeu o que eu disse. E o sr. Templar me falou...

— Ah, então foi Templar, não é? — Dominic apoiou-se nos cotovelos, fazendo uma careta ao sentir dor no braço e desafiando-a, em silêncio, a fazer qualquer comentário a respeito.

— Bem que eu achei que isso não era coisa sua ou de seu pai. Acredite em mim, isso não passa de um jeito da minha família exercer pressão.

— Exercer pressão?! Como assim? Ele meneou a cabeça. - Vá nadar — mandou, observando o horizonte de novo. Falaremos disso quando você voltar.

Ruth não queria, mas o mar estava uma tentação, e ela, pegajosa de suor dos terrores da noite. Assim, com um gesto distraído, abaixou a cabeça e caminhou para o oceano, seus passos cada vez mais rápidos.

Apesar de extremamente consciente de sua platéia, seria impossível não se deliciar com a água gelada, que parecia seda de encontro à sua pele, acalmando a ansiedade e esfriando o sangue. Nadou à vontade, sem esforço, os braços movendo-se através da água num ritmo medido, as pernas agitando-se com indolência na corrente marinha.

Passou quinze minutos nadando e mergulhando, boiando de costas, com o rosto voltado para os raios cada vez mais fortes do sol, antes de sair e voltar para a praia, torcendo os cabelos para livrá-los da água do mar. Sentiu-se limpa e animada, e um pouquinho intoxicada também, ao encontrar o olhar estranho e enigmático de Dominic.

Ele lhe pareceu um pouco melhor, depois do descanso, com uma palidez não tão pronunciada, e foi com uma expressão perturbadora que lhe estendeu a toalha.

— Eu nunca tinha visto uma sereia brincando no mar — comentou, observando-a enxugar os braços.

E ela não soube o que responder, quando o olhar dele procurou o seu.

— Você... está com uma cara melhor — comentou, mordendo em seguida o lábio inferior.

O rosto de Dominic mudou, assumindo um ar impaciente.

— Será que não dá para você se esquecer do meu braço, pelo menos uma vez? Eu lhe fiz um elogio, não lhe dei uma desculpa para discutir minha saúde!

Ruth concentrou-se em secar as pernas, consciente do olhar avaliador com que ele a fitava. Mas Dominic logo desviou a atenção dela, dedicando-se a pegar punhados de areia e deixando que escorressem por entre os dedos.

O silêncio entre eles prolongou-se.

— Eu... eu acho que está na hora de voltarmos — Ruth arriscou-se a dizer afinal, esperando que ele concordasse.

— Por quê? — Dominic ergueu as pálpebras pesadas, olhando-a com uma expressão sombria. — Qual o motivo da pressa? Não sinto a menor vontade de ficar fechado naquele quarto o dia inteiro, principalmente sabendo que você não irá conversar comigo.

— É que eu... eu tenho trabalho a fazer...

— O dia inteiro?

— Tenho que ajudar Celeste.

— E por que não me ajuda?

— Ajudar você? — Ruth fitou-o, nem um pouco à vontade. — Não sei como...

— Não, você não sabe, não é? — A expressão dele suavizou-se um pouquinho. — Ei, venha cá! Deixe que eu faço isso para você. — Tirando a toalha das mãos de Ruth, Dominic indicou-lhe, com um gesto, que se agachasse diante dele.

— Não é preciso... — ela começou, não querendo que ele a tocasse. Mas o endurecimento da boca masculina persuadiu-a e, meio apreensiva, ela se abaixou na areia, entre as pernas dele.

Ruth estivera secando os cabelos, e as mãos de Dominic substituíram as suas, movendo-se continuamente pelos fios espessos, massageando-lhe o couro cabeludo e tornando-a consciente do quanto eram fortes e gentis. Os dedos dele acalmaram sua tensão, fazendo-a relaxar e, quase sem pensar, ela se recostou nele.

Mas assim que sentiu os músculos das pernas masculinas tocarem suas costas, Ruth endireitou-se depressa, muito corada. E teria se erguido de um salto, se a mão dele, em seu ombro, não a tivesse impedido.

— Não se levante — Dominic disse, num tom de voz curiosamente

rouco. — Pode se recostar em mim. Vamos. . . É agradável.

Ruth engoliu em seco. Ele devia estar certo. E que mal poderia haver em se recostar no peito dele? Seus cabelos só estavam úmidos, agora, e a pele dele era firme e reconfortante, de encontro a suas espáduas.

No entanto, apesar de sua inexperiência, Ruth sentiu-se estranhamente culpada, sentada ali, entre as coxas de Dominic, com a respiração dele batendo em sua nuca. Ele parecia descontraído, mas ela percebeu, por instinto, que isso não era verdade. Sabia que deveria levantar-se, apesar do que ele dissera, mas uma estranha relutância a impedia. Estava vivendo uma experiência inteiramente nova, uma experiência que não podia negar que a excitava, embora não entendesse por quê.

— Este lugar é lindo — Dominic comentou de repente, perturbando sua ansiosa reflexão. — Dá para entender por que seu pai gosta tanto dessa ilha. E também por que ele mantém você aqui.

Ruth inclinou a cabeça, revelando, sem saber, a curva de sua nuca.

— Nós somos felizes — disse. E seu movimento fez com que lios sedosos de seus cabelos escuros esbarrassem no peito do Dominic.

— Você é? — A resposta dele foi distraída. — Talvez seja porque não conhece nada melhor.

Ela virou-se um pouco, para fitá-lo. - E você conhece um lugar melhor, é claro...

— Eu não disse isso.

A voz de Dominic soou áspera e diferente, e seu olhar pene-irou nos lábios entreabertos de Ruth de modo quase palpável.

Com a respiração suspensa, Ruth sentiu o ar lutando para escapar de seus pulmões. Dominic estava tão perto, mais perto do que imaginara, e o olhar dela pousou nos cílios desbotados pelo sol e numa artéria latejante na têmpora dele. Mais uma vez, foi invadida pelo desejo intenso de tocá-lo, acariciando lhe o rosto magro e correndo a palma da mão pela linha do queixo, áspero da barba por fazer. Teria gostado de enterrar a mão nos cabelos dele e sentir a vitalidade dos fios espessos entre seus dedos mas, quando Dominic abaixou os olhos para a forma arredondada de seus seios, mal encobertos pelo sutiã molhado do biquíni, virou-se abruptamente, para que ele não pudesse mais vê-los.

Respirava depressa agora, de, um modo superficial e alterado, tentando, sem muito sucesso, assimilar o que acontecia entre eles. Não entendia mais nada, principalmente por que ele conseguia, só de olhar, despertar em seu íntimo sentimentos tão fortes. Só sabia que, quando ele a olhava, queria que admirasse seu corpo, e era isso mais do que qualquer outra coisa que lhe dava aquela sensação de vergonha.

Pondo-se de joelhos, Ruth estendeu a mão para a toalha, jogada ao

lado de Dominic, e teria se erguido por completo, se ele não a tivesse impedido.

— O que foi? — Os olhos dele, escuros e perspicazes, estudaram suas feições alteradas. — Não se assuste. Não vou tocar em você. Pelo menos — corrigiu com secura, ao perceber que a segurava —, não do jeito que está com medo.

— Eu não estou com medo de nada! — Ruth replicou, ofendida pela ironia presente na voz dele.

— Não?

— Não — ela insistiu, sem perceber que sua agitação fazia seus seios subirem e descerem, depressa. — Só não quero que pense que pode olhar para... para mim. . . para o meu corpo, como estava olhando!

Os lábios dele se apertaram.

— Ah, entendo...

— Eu não sou tão ingênua assim! Já vi o modo como os homens olham para as mulheres.

— Acredito!

A expressão de Dominic era séria, mas Ruth desconfiou da docilidade com que ele aceitava suas declarações.

— Eu sei que você acha que sou boba... criança... e engraçada. Mas você não tem o direito de fazer com que eu me sinta uma tola!

— Eu fiz isso? — Ele ergueu os olhos para o céu. — Desculpe...

— Ah, você...

O humor espreitando no fundo dos olhos dele enfureceu-a e, sem pensar, Ruth afastou-se com um safanão, completamente esquecida de que Dominic a segurava com a mão esquerda. Seu gesto súbito sacudiu-lhe o braço, e foi com horror que ela o viu rolar na areia, gemendo e segurando o braço ferido junto ao peito.

— Dominic!

Usou o nome dele sem pensar, ajoelhando-se na areia e tocando-o com mãos nervosas, inseguras. Ele estava com os olhos fechados e, ao que parecia, sofrendo muito. Desesperada, ela correu os olhos em torno de si, antes de voltar a fixá-los nele.

— Oh, Dominic, o que posso fazer? — murmurou, inclinando-se sobre ele, sem ter idéia de como poderia aliviar-lhe a dor.

— Diga alguma coisa, por favor! Qualquer coisa! Quer que eu vá chamar Joseph?

Dominic falou então, mas sua voz era quase inaudível, não passando de um murmúrio rouco na garganta, que a fez inclinar-se ainda mais para ele.

— Não consigo ouvir você! — Ruth protestou, tomando-lhe o rosto entre as mãos. E gritou, surpresa e incrédula, quando ele se moveu de

repente, virando-se depressa e aprisionando-a sob o corpo.

Fitando o rosto dele, Ruth teve vontade de arrancar-lhe os olhos com as unhas, mas estava aliviada demais para tanto. Dominic não estava ferido, ela não o machucara, e isso era tudo que tinha importância.

— Então, você ia embora, me deixando aqui! — ele provocou, mantendo-se acima dela. — Está vendo como pode ser perigoso achar que é a dona da situação?

— Eu não achei nada disso! Só não gostei de você estar caçoando de mim, como agora.

— Eu percebi que não. — Com uma das mãos, ele tirou-lhe os cabelos do rosto. - O que eu deveria ter feito, então? Tomado você a sério?

Numa provocação inconsciente, Ruth passou a língua pelos lábios. Agora, a situação lhe parecia bem menos engraçada, principalmente porque tomara consciência do peso do corpo de Dominic, esmagando seu ventre e aprisionando suas pernas. No entanto, não queria que ele se afastasse. E descobrindo que gostava dos ângulos do corpo masculino, pressionando os seus, moveu-se ligeiramente, para melhor acomodá-lo.

— Isso. . . isso seria tão difícil assim? — replicou afinal, enquanto ele corria os dedos de seu rosto para sua orelha, examinando-a com um ar abertamente sensual.

— Ah, Ruth — Dominic murmurou, traçando as voltas de sua orelha com o indicador e fazendo-a imaginar como o fato de ele tocar um lugar tão sem importância podia perturbá-la tanto. — Você é uma boa menina, não me tente. Estou num estado crítico e não tenho forças para lutar contra você. Lutar contra mim? — Uma expressão confusa surgiu no rosto dela. — Você quer dizer que o seu braço...

Não, eu não estou falando do meu braço. — Para decepção de Ruth, Dominic rolou para longe, sentando-se na areia. Você não tem idade para entender, e eu não sou a pessoa indicada para lhe ensinar.

Ainda deitada, ela suspirou e ergueu uma das pernas, numa provocação inconsciente. - Você está caçoando de mim — acusou, meio triste, enterrando os dedos na areia.

Dominic virou-se para ela, com súbita emoção.

— Não estou caçoando de você, acredite. Você é uma linda criança, mas não sabe com o que está brincando.

— Eu não sou mais criança. Já lhe disse, estou com dezessete anos!

— Está bem, ao pé da letra, você não é uma criança. Mas ainda é inexperiente, o que eu não sou mais... Como seu pai deve ter sido o primeiro a lhe dizer.

— Como é que uma pessoa se torna experiente, então? Dominic riu, incrédulo.

— Meu Deus! — Lançou-lhe um olhar impaciente. — Levante-se, Ruth. Esta conversa já foi longe demais. É melhor voltarmos para o bangalô.

Ruth não se moveu, a não ser para estender a mão e roçar-lhe o quadril, com a ponta dos dedos. Isso chamou a atenção dele para si, como esperava que acontecesse, mas ela estremeceu, sob o olhar profundo e curiosamente zangado que nela se fixou. Dominic a olhava de um modo diferente, do qual todo o humor se fora, substituído por uma impaciência intensa.

— Vamos embora, Ruth!

Mas ela não o obedeceu. Pela primeira vez na vida, sabia o que era estar no controle de uma situação. Além do mais, sentiu que ele usava a zanga para disfarçar alguma outra coisa.

— Eu não quero ir — declarou, enterrando os pés na areia. — E você não pode me obrigar.

— Ruth! — A voz masculina soou rouca e áspera, e quase sem querer ele se apoiou num dos cotovelos, virando-se para ela. — Ruth, isso tem que parar!

— Tem?

Ela prendeu a respiração. Dominic tinha razão: não sabia com o que estava brincando nem o que queria que ele fizesse. Só sabia que havia mais, por trás do súbito afastamento dele, do que ele queria admitir, e estava louca para saber o que era.

Dominic roçou-lhe o ombro com a mão, e Ruth se enrijeceu, ao vê-lo inclinar a cabeça. A respiração masculina misturou-se com a sua, sufocando-a, enchendo sua boca, e seus lábios se entreabriram sem saber por quê, preparados, e ao mesmo tempo tão despreparados, para o toque dos dele. Não aconteceu como ela esperava. Cheia de vergonha, sentiu-o traçar o contorno de sua boca com a língua e se enrijeceu ainda mais. Mas Dominic não parou, intercalando essa exploração com outra mais gentil, em que esfregava os lábios devagar e sensualmente contra os seus, induzindo-a a abaixar a guarda.

Gradualmente, quase contra a vontade, ela começou a gostar daquilo e, timidamente, tentou corresponder, deixando sua própria língua emergir ao encontro da dele.

A intimidade que isso evocou levou-a a se sentir tão fraca, que leve a impressão que seus ossos se dissolviam por completo. Um sentimento estranho, quente e doce, cresceu em seu íntimo, espalhando-se pelo resto de seu corpo, Tremia tanto, que seria impossível ele não notar, e foi numa espécie de transe que ergueu a mão, puxando-o para mais perto de si.

— Deus, não!

Dominic libertou-se abruptamente de suas mãos, levantando-se sem

um olhar para trás. Ruth fitou-o, desconfiada de que ele estava tão abalado quanto ela, pelo que acontecera. E teve certeza disso, quando o viu empurrar para trás os cabelos que lhe caíam na testa, com dedos tão pouco firmes quanto suas pernas.

No entanto, tinha que se levantar e, agarrando a toalha, ela se pôs em pé. Se ele percebeu seu movimento, não deu a menor demonstração.

Sentindo-se responsável pelo que acontecera, Ruth tocou-o de leve, na manga da camisa.

— Você está... zangado comigo? — arriscou-se a perguntar, dando a volta para encará-lo. E quase se encolheu, diante do olhar zangado com que ele a fitou.

— Estou, sim. Estou zangado com você! Agora, faça o favor de voltar para o bangalô e vestir alguma coisa!

Ruth hesitou.

— Está... está tudo bem. Verdade! Eu... eu fiz você fazer o que...

— Vá para casa, Ruth! — Dominic ordenou, empurrando-a para o lado e começando a se afastar.

Infeliz, ela o seguiu com os olhos por algum tempo. Depois, voltou para o bangalô com passos vagarosos, tentando assimilar o que acontecera. Fora seu primeiro beijo, mas não fora o primeiro de Dominic, e não entendia que motivo ele tinha para estar tão zangado, quando ela não estava. Ao contrário, teria gostado que ele continuasse a beijá-la. Fora uma experiência agradável, mesmo fazendo com que se sentisse tão vazia, depois. Talvez esse fosse o problema com ele! Talvez, pelo fato de ser tão mais experiente, Dominic não gostasse mais de beijos.

Ruth suspirou. Era capaz de jurar que Dominic gostara. A respiração dele ficara tão alterada quanto a sua. Mas sentira os punhos dele apertados na areia, ao seu lado, por isso talvez ele tivesse lutado contra ela o tempo todo, como dissera.

Era tudo um enigma. Mas um enigma que gostaria muito de explorar melhor. Se pelo menos tivesse alguém com quem pudesse conversar, a quem pudesse perguntar por que Dominic ficara tão zangado, no fim. Havia Celeste, naturalmente, mas não gostaria de discutir esse assunto com ela. O que só lhe deixava seu pai.

Pensando nele, Ruth teve uma intuição do motivo por que Dominic se portara daquele modo. E reconheceu também a própria culpa em ignorar os desejos do pai e relacionar-se com um homem que ele desprezava, cuja identidade ainda tinha que revelar.

A porta de seu quarto fechou-se, quando ainda estava no banheiro, e deduziu que Dominic tinha voltado. Teria ele intenção de tomar o café da manhã com ela e o pai? Ansiosa, imaginou a situação que isso criaria. Dominic

poderia falar de seu encontro na praia e, mesmo não acreditando que ele chegasse a contar tudo que acontecera, não tinha dúvidas de qual seria a reação de seu pai.

Suspirando, Ruth vestiu uma velha saia e uma camiseta. Tarde demais, percebia a interpretação que seu pai poderia dar ao fato de ter comprado roupas novas, no dia anterior. E a última coisa que queria era deixá-lo desconfiado, principalmente quando qualquer discussão parecia agravar o estado dele.

Celeste, como sempre, estava ocupada no fogão, quando entrou na cozinha, momentos depois. No entanto, levantou os olhos com ar provocador, assim que ouviu seus passos, aumentando ainda mais sua crescente ansiedade.

— Esteve com o sr. Howard, na praia? Ruth gelou. — Ele chegou agora há pouco — a governanta prosseguiu — e quando fui levar-lhe o café ele quase me matou. O que foi que você andou dizendo ao coitado? Parece que alguma coisa não está lhe agradando.

Evitando o olhar de Celeste, Ruth sentou-se à mesa da cozinha, pondo-se a traçar os veios da madeira com a ponta do indicador.

— Como é que você sabe que eu estive na praia? — perguntou afinal, quando viu que a criada não ia continuar com o serviço, enquanto não obtivesse uma resposta. — Não vi você quando voltei. Eu posso ter ido visitar Pai Andreas.

— E como é que você conseguiu esses cabelos molhados? Mergulhando a cabeça na fonte?

— Tomei um banho — Ruth explicou, tentando ganhar tempo. — Onde está papai?

— Na cama. O que é muito bom para você. — Celeste fez uma pausa. — Mas não pense que pode enganar Celeste como está enganando seu pai, que isso não vai acontecer!

Ruth ergueu os olhos, indignada.

— Eu não estou enganando meu pai!

— Não? Então vai contar a ele que marcou um encontro com o sr. Howard?

— Eu não marquei encontro nenhum. Nós... nós nos encontramos por acidente. Como é que eu ia saber que ele estaria de pé, àquela hora da manhã?

Celeste fitou-a com atenção. — E o que aconteceu? O que ele disse para você? Pode me contar. Você sabe que eu não vou contar a ninguém.

— O que você acha que ele me disse? Nós... conversamos, só isso. — Ruth interrompeu-se por um momento, antes de acrescentar: — Não falamos nada que papai não pudesse ter ouvido.

— Verdade? — Com estardalhaço, Celeste puxou uma cadeira e sentou-se em frente a ela. — Então me diga por que o sr. Howard estava com um humor dos diabos, quando voltou!

Seria difícil evitar os olhos da criada, naquela posição, e Ruth fitou-a revoltada.

— Eu já lhe disse a verdade! Nós conversamos. O que mais queria que fizéssemos?

— Ele não colocou as mãos em você?

Sustentar o olhar hostil de Celeste foi a coisa mais difícil que Ruth já fizera, até aquele momento.

— Não. E por que ele haveria de querer fazer uma coisa dessas? — respondeu afinal, vendo a desconfiança sumir do rosto da criada.

Mesmo assim, ela insistiu.

— Tem certeza? Porque é bom que isso não aconteça, mocinha! Uma coisa é conversar com um homem, e outra muito diferente é deixar que ele pense que você é uma mulher à-toa.

— À-toa? Como assim? Não estou entendendo.

— E nem tem motivos para entender, já que isso não vai acontecer.

— Mas eu quero saber. — Ruth segurou a criada pelo braço, quando ela já se preparava para ficar em pé. — Por favor, Celeste, me conte!

— Ah, está bem! À-toa é a mulher que deixa o homem fazer o que quer com ela, fácil demais.

— Fazer o que quer com ela?!

— Você sabe o que um homem e uma mulher fazem juntos, não sabe?

Ruth sentiu o rosto em fogo.

— Acho que sim.

— Você não deixou nenhum homem fazer isso com você, deixou?

— Não.

— E não deixe. Pelo menos, até ter certeza de que ele pretende se casar com você.

— Mas você...

— Nós não estamos falando de mim. — Abruptamente, Celeste se ergueu. — O que eu sou e o que eu faço só dizem respeito a mim.

— Você é uma mulher à-toa, Celeste? — Ruth perguntou, com toda inocência. E soltou um grito de dor, quando a mão calejada da criada atingiu seu rosto.

— Nunca mais diga isso para mim, ouviu?

— Eu não quis... — Ruth começou, apertando o rosto com a mão.

— Não me interessa o que você quis ou deixou de querer. Você já está muito grande, para agir como criança. Seu pai ainda vai ter muito trabalho, se não der um jeito de lhe ensinar o que é certo e o que é errado!

Ruth fungou, com os olhos lacrimejando de dor.

— Desculpe eu ter sido grosseira — disse com dificuldade, empurrando a cadeira para trás. — É melhor eu ir ver papai. Ele já deve estar imaginando por onde ando.

— Isso, vá ver seu pai — Celeste replicou bruscamente. Mas quando Ruth alcançou a porta, amoleceu. — Eu não queria bater em você com tanta força — murmurou, no que era, provavelmente, o mais perto que jamais chegaria de um pedido de desculpas. — E não vá se queixar a seu pai que eu estive batendo em você.

— Eu não vou.

Era doloroso sorrir, mas Ruth conseguiu uma imitação chorosa, antes de sair apressada da cozinha.

CAPÍTULO VII

Antes de ir ver o pai, Ruth entrou no banheiro e passou vários minutos banhando o rosto com água fria. Mesmo assim, o sinal do tapa era visível, e ela estudou sua imagem com ansiedade, desejando que tivesse algum tipo de maquilagem para disfarçar as marcas reveladoras. Mas nunca tivera dinheiro para tais luxos e, mesmo que tivesse, não saberia como usá-los. Por isso, contentou-se em jogar os cabelos para a frente, escondendo o inchaço.

No final, seu pai mal notou sua aparência. À luz que se filtrava pelas venezianas, ele lhe pareceu pálido e abatido, e acabou confessando que estava com uma dor no peito, que nem os analgésicos receitados haviam conseguido liquidar.

— Francis vem esta tarde — ele disse a Ruth, quando ela expressou sua preocupação. Era mesmo um alívio o ferimento de Dominic precisar de tanta atenção. — Vou falar com ele, depois que examinar Howard. Pode ser que haja um tratamento alternativo, para o que eu tenho.

Ruth apertou os lábios. Sabia que deveria lhe dizer que o sobrenome de Dominic era Crown, e não Howard, mas o momento não lhe pareceu dos melhores. Além do mais, que importância isso poderia ter, naquelas circunstâncias? Dominic estava melhorando e logo iria embora. Então, teria tempo de sobra para confessar que seu visitante era um homem bem mais importante do que o pai pensara. Mas não naquele momento, quando a revelação podia despertar nele toda a ansiedade e preocupação que fora aconselhado a evitar.

Ruth dividiu aquela manhã entre o pai e os estudos. Leu para ele um pouco e, quando o viu adormecer, voltou aos estudos, com uma indisfarçável falta de entusiasmo. Era como se a tempestade e a descoberta de Dominic, na praia, constituíssem um ponto de virada em sua vida, a partir do qual nada nem ninguém pareciam os mesmos. Até as conversas com Celeste, que sempre serviram de refúgio nas horas difíceis, foram afetadas pela entrada de Dominic Crown em sua vida, e seu rosto ferido era a prova de um novo e assustador distanciamento. Quando seu pai morresse, não poderia mais depender de Celeste para protegê-la do mundo hostil. Os laços que as uniam tinham sido quebrados, destruídos por um único ato de violência. Em seu lugar ficara uma maturidade crescente, uma nova consciência de que estaria sozinha, dependendo apenas de si mesma, e de algum modo teria que se adaptar a isso.

Ruth almoçou uma refeição solitária na sala de jantar, servida por uma Celeste quieta e submissa. Talvez a governanta lamentasse tanto quanto

ela o que acontecera, até mais, provavelmente, pois Celeste sempre tivera um temperamento volúvel. Mas uma coisa era certa: não poderia esquecer a agressão, embora fosse fazer o possível para perdoá-la.

— O sr. Howard, ele disse que não quer almoçar — Celeste comentou, fingindo despreocupação, enquanto servia a salada de frutas gelada. — Ele também não tomou o café da manhã. O que acha que devo fazer?

Cuidadosamente, escondendo o fato de que a informação a perturbara, Ruth deu um longo suspiro.

— O dr. Francis virá esta tarde. Pergunte a ele. A criada fungou.

— Isso não está direito. Ele comeu bem, ontem. Por que não come, hoje?

— Não sei, Celeste. Não consigo imaginar um motivo para ele recusar sua comida. Por que não pergunta a ele?

— Ele disse que está sem fome. Quem sabe, se você falar com ele?...

— O dr. Francis cuidará disso — replicou Ruth, concentrando-se em colocar uma colherada da salada de frutas na boca. — E não se preocupe, ninguém vai culpar você pela falta de apetite do sr. Howard.

— Você fala como se não se importasse com isso. Está brava comigo?

— Ah, Celeste, por favor... — Ruth não acreditava que pudesse agüentar muito mais, aquele dia. — Eu não estou zangada e me importo com o que acontece nesta casa, mas neste caso não há nada que eu possa fazer. — Respirou fundo. — Agora, posso acabar de comer?

Foi fácil parecer indignada, mas, depois que Celeste saiu, Ruth abandonou o ar firme e abaixou a colher. Para dizer a verdade, seu apetite era praticamente nulo, mas estava decidida a não dar à criada motivos para se queixar dela. Portanto, segurando novamente a colher, atacou o resto da salada de frutas com resolução, só parando ao ver a taça completamente vazia.

O dr. Francis chegou logo depois das três horas. Ruth sumiu, assim que ouviu seu sotaque gaélico, deixando que Celeste o recebesse e o acompanhasse até o quarto de Dominic.

No silêncio que se seguiu, Ruth andou de um lado para outro do escritório, sentindo-se uma intrusa em sua própria casa. Mas sabia que nada impediria os olhos argutos do dr. Francis de detectar o inchaço em seu rosto e tinha medo das explicações que ele exigiria. Era quase certo que o médico não acreditaria na história que inventara, de ter batido o rosto na maçaneta de uma porta. Se seu pai ficasse sabendo e resolvesse descobrir a verdade, só Deus tinha idéia do que Celeste poderia dizer.

Felizmente, o dr. Francis só foi atrás dela depois de ter examinado o professor. Celeste já voltara para a cozinha, e o barulho das xícaras e colheres era audível por toda a casa, enquanto ela preparava o chá. Pensando

em evitar que o médico visse seu rosto inchado, de imediato, Ruth colocou-se num canto escuro da sala de estar.

— Ah, então você está aí — ele comentou distraído, entrando na sala com ar pensativo. — Achei que devia estar fora, quando não foi me receber. O que está fazendo, escondida nesse canto escuro?

— Eu não estou escondida. — Só com muita dificuldade, ela conseguiu manter a voz firme. — O que achou de papai? Ele piorou, não é?

O médico sentou-se junto dela, estudando seu rosto ansioso com preocupação.

— Ruth, você conhece a situação tão bem quanto eu. Não está tentando fingir que as coisas não são como são, está?

— Não, eu não me esqueci do que o senhor disse. Mas qual é o diagnóstico? Dá para o senhor ajudá-lo?

O dr. Francis meneou a cabeça.

— O que eu posso fazer é limitado, minha querida. Seu pai vem sentindo dores há muito tempo. Até agora, os analgésicos têm conseguido tornar essas dores suportáveis. No entanto, à medida que o estado dele for piorando...

— ...o senhor não poderá mais fazer nada, não é? — Ruth completou, com lábios trêmulos.

— Não, sem que ele perca a consciência. Meu bem, você tem que aceitar o fato de que o tempo de seu pai, entre nós, é limitado.

Esquecida do motivo que tivera para se sentar na sombra Ruth inclinou-se para a frente, enterrando o rosto nas mãos. Era o que esperava, naturalmente, mas naquele dia estava sendo bem mais difícil suportar a verdade. Em seu desespero, sentiu a mão do médico em seu ombro, aceitou o lenço que ele colocou entre seus dedos e cedeu, por um instante, à intensa sensação de solidão que as palavras dele pressagiavam.

— Vamos — o dr. Francis disse com bondade, afastando-lhe os cabelos do rosto. — Podia ser pior. Dei a seu pai um remédio que vai afastar a dor por algumas horas, e ele está dormindo. Pode ser que continue sem dor, depois que acordar. Vamos torcer para isso. — Fez uma pequena pausa. — Não quer saber como vai meu outro paciente?

Ruth endireitou o corpo e, ao fazer isso, um raio de sol iluminou seu rosto. Na luz clara e brilhante, os contornos da região ferida tornaram-se mais visíveis que nunca, e o médico aspirou o ar bruscamente, chocado.

— Deus do céu! — Levou a mão à contusão, mas instintivamente Ruth se afastou. — Como foi que isso aconteceu? Quem foi que fez? Não foi Curtis!

— Papai?! — Ruth só não riu porque doeria muito. — Não! De jeito nenhum. Papai não bateria em mim.

— Então, quem foi?

— Foi... foi falta de cuidado, da minha parte. Eu estava ajoelhada no chão... e me virei, sem olhar, e bati o rosto na maçaneta da porta. Fui uma boba, não acha?

O médico estudou sua expressão ansiosa por vários segundos, segundos que se transformaram em minutos, na sua imaginação. Então, quando já achava que não conseguiria mais manter a compostura, ele disse, asperamente:

— Sabe de uma coisa, Ruth? A primeira vez que ouvi essa desculpa foi quando tinha menos de um ano de formado. E quem a deu foi uma moça, uma jovem mãe, que deixara o hospital e fora para casa há três meses, com seu bebê. — Suspirou, lembrando. — O bebê... um menino, se não me engano... era muito chorão. Você sabe como são os bebês, às vezes. Aquele chorava o tempo todo e o marido da moça não podia dormir.

— Por que está me contando isso, doutor? — Ruth perguntou, inquieta, — Que importância tem, se aconteceu o mesmo com outra pessoa? Eu sinto, naturalmente, mas não vejo...

— A moça não bateu o rosto na maçaneta da porta — o dr. Francis interrompeu-a, com aspereza. — Na verdade, foi o marido que fez aquilo. . . bateu nela, porque ela não conseguia manter o bebê quieto. Entendeu por que eu lhe contei este caso?

— O senhor acha que eu também não bati o rosto na porta. — Sem saber como, Ruth conseguiu aparentar calma. — Mas isso é ridículo! Por que eu haveria de mentir?

— Por quê, não é? E pensar que eu defendi aquele rapaz. . .

— Que rapaz? O senhor está falando de... Dominic?

— Dominic? É assim que você o chama? Desde quando estão em termos tão... amigáveis?

Ruth sentiu-se corar.

— Nós não estamos. . . Nós só conversamos, mais nada.

— E ele fez isso? — O médico tocou-lhe o rosto.

— Não! — Ela estava horrorizada. — Eu já lhe disse, eu mesma fiz isso.

Pesadamente, o dr. Francis soltou a respiração.

— É a sua última palavra?

— É. É, sim!

Ruth era teimosa, e a chegada de Celeste, com o chá, foi uma distração bem-vinda. Ela se perguntou se a governanta não teria escutado a conversa mas, fossem quais fossem as conseqüências, estava decidida a não deixar que seu pai se metesse naquele assunto, como certamente aconteceria, se contasse a verdade.

Depois de servir o chá e Celeste sair, Ruth tentou recuperar o domínio da situação.

— Então, como... como está Dominic?

O médico fez um gesto distraído, servindo-se de outro sanduíche de pepino.

— Melhorando. Não tão depressa quanto eu gostaria, mas devagar e sempre. — Fez uma pausa. — Você o encorajou a dar aquele passeio pela praia, hoje de manhã? Porque ele se excedeu.

— Eu.. eu me encontrei com ele. Mas não sabia que ele estava lá.

— Não?

— Não.

— E ele não a tocou?

Ruth ergueu-se, caminhando até a janela com passos bruscos.

— Não — respondeu afinal, pedindo perdão a Deus pela mentira. — Ele não me tocou, e eu... eu lhe agradeceria, se não falasse desse assunto com papai.

Houve silêncio, por um momento, depois a mão grande do médico pousou em um de seus ombros, assustando-a.

— Está bem, eu não vou dizer a Curtis, mas você tem que prometer me contar se... se isso acontecer de novo.

Ela virou-se, abrindo a boca para protestar, mas ele já se afastava, atravessando a sala para pegar a maleta, antes de se dirigir à porta,

— Tome cuidado — aconselhou com gentileza. — Eu volto; amanhã. — E, antes que ela pudesse responder, saiu.

Foi só mais tarde, quando estava sentada com uma xícara de chá frio nas mãos, que Ruth ouviu o dr. Francis deixar o bangalô e percebeu que ele devia ter voltado para dar uma olhada em seu pai. Talvez tivesse sido melhor acompanhá-lo, pelo menos para se assegurar de que ele não mencionaria sua Conversa, mas agora já era tarde. De qualquer modo, duvidava que um médico pudesse fazer algo que aborrecesse seu paciente, e dizer a seu pai que Dominic lhe batera seria um verdadeiro crime.

Resolvendo que não lhe faria nenhum bem ficar sentada ali, pensando, Ruth levou a bandeja de chá para a cozinha e foi ver o pai. Como o dr. Francis dissera, ele estava dormindo, ela deixou-o descansar, indo para a varanda, para aproveitar o resto do dia. O sol começava a desaparecer atrás do bangalô, esticando dedos cor de laranja, por cima do jardim e incendiando o céu, e ela se recostou no gradil de madeira, observando as aves marinhas mergulharem em direção ao ancoradouro. Era naquela hora que os barcos de pesca voltavam, sempre acompanhados por uma escolta emplumada, cujos gritos agudos cortavam, chorosos, o entardecer.

Ruth percebeu que não estava mais só, quase por instinto, não ouvira nada, os pés descalços de Dominic não tinham feito barulho, nas tábuas do chão. Mas ela sentiu a presença dele e, ao virar-se, não se surpreendeu ao vê-lo encostado no batente da porta. De imediato, levou a mão ao rosto, num gesto protetor, jogando os cabelos para a frente, enquanto lhe enfrenava o olhar hostil.

— Naturalmente, você sabe por que estou aqui — Dominic falou com frieza, estreitando os olhos. — Quero saber o que pretendia conseguir, quando disse a Francis que bati no seu rosto. Meu Deus, eu posso ter sentido vontade de fazer isso, mas nós dois sabemos que não fiz!

— Ah, não! — Ruth fitou-o, horrorizada. — Quer dizer que o dr. Francis voltou para falar com você? Honestamente, eu não sabia. Pensei que ele tivesse ido ver papai.

— Pois ele não foi. — Endireitando o corpo, Dominic caminhou para ela. — Mas, já que estou aqui, vou aproveitar para ver o que me acusam de ter feito.

— Não, por favor! — Ruth recuou. — Eu não... O dr. Francis interpretou mal. ..

— Muito mal mesmo — Dominic concordou, aproximando-se dela com a persistência de um felino atrás da caça. — Mas que droga, Ruth, fique quieta! Eu não tenho o direito de ver seu machucado?

Chegando ao canto da varanda, Ruth inclinou a cabeça e colocou a mão na nuca, sobre os cabelos longos e pesados.

— É um machucado à toa — sussurrou, implorando-lhe indulgência.

Mas Dominic estava decidido a fazer o que queria e, empurrando sua mão para o lado, ergueu seu queixo e descobriu seu rosto. Encontrando os dele, seus olhos hesitaram e acabaram por se desviar, concentrando-se nas faces pálidas e na leve rumada de suor que lhe cobria a testa, um sinal inegável de que ele estava se excedendo. Não lhe viu a expressão, enquanto ele examinava seu rosto, nem o viu apertar os lábios numa linha fina, antes de soltar seu queixo.

— Quem fez isso? — ouviu-o perguntar, no mesmo tom indiferente e casual que usaria para perguntar as horas.

— Eu... eu fiz. . .

— Na certa batendo com o rosto numa porta, não é?

— Como soube?

— Eu não sabia. — Uma exclamação impaciente escapou-lhe dos lábios, — Ruth, essa é a desculpa mais velha que existe. — Passou a ponta dos dedos pelo machucado. — Vamos, quero a verdade, agora, Foi o seu pai?

— Papai? - Os olhos dela chisparam. — Papai não bateria em mim. Nunca bateu.

— Talvez devesse — Dominic comentou, de forma velada. Quem bateu em você, Ruth? Se for preciso, eu a obrigarei a me dizer.

— Posso saber como?

— Eu sei ser duro, quando é preciso. — Ele fez uma pausa, dando-lhe tempo de assimilar o que dissera. — Por exemplo, eu poderia pressionar você com a ameaça de contar a seu pai o que aconteceu na praia, hoje de manhã. Algo me diz que ele também não sabe nada disso.

— Você não teria coragem!

— Não? — Dominic passou o polegar pelo queixo dela. — Quer me testar?

— Para quê?

Ele hesitou por um momento, depois deu de ombros, como que vencido pela própria exaustão.

— Está bem. De qualquer maneira, eu acho que sei quem fez isso: só pode ter sido Celeste. Mas eu gostaria de saber por quê.

Ruth suspirou, perturbada pelo tom da derrota na voz masculina.

— Se quer mesmo saber, foi algo que eu disse e que... a ofendeu. — Agora, não acha que é melhor você voltar para a cama... .

— Eu decido quando devo voltar para a cama. Não sou seu pai. Não sou um inválido!

— Então sente-se, pelo menos — ela pediu, desejando que ele se afastasse um pouco. Celeste poderia aparecer a qualquer momento, e a sensibilidade dela para esses assuntos era por demais aguçada.

— Isso acontece sempre? Celeste sempre castiga você assim?

— Não. E eu já lhe disse, foi minha culpa! Por favor... não fale disso a papai. Eu... eu sei que ela não queria me machucar. Só estava zangada. E se papai se aborrecer... .

Dominic comprimiu a boca.

— Está bem, se é o que quer... .

— É o que eu quero, sim. — O alívio de Ruth foi quase palpável, mas ela mudou o peso de um pé para o outro, inquieta. — Agora, não quer seguir o conselho do dr. Francis e ir descansar? Ele... ele não gostou do seu passeio desta manhã, e eu sei que só está pensando... .

— Pare de se preocupar comigo! Eu vou ficar bom. É você; que me preocupa. Tem idéia do quanto seu pai está doente?

— Acho que sim.

— Sabe que ele vai morrer? Ruth recuou, diante da brutalidade da pergunta.

— Sei.

— E o que pretende fazer, depois?

— Como, assim? — Ela deu de ombros. — Esta é a minha casa. Vou

ficar aqui, é claro.

— Sozinha?

— Não há perigo. Os ilhéus são meus amigos.

— Não há perigo! — Bruscamente, Dominic afastou-se dela.

— Não é possível! Você não pode estar pensando em ficar aqui o resto da sua vida.

Ruth apertou o gradil de madeira da varanda. O resto de sua vida! Que frase arrepiante. E era isso mesmo que queria? Uma existência solitária em Índigo, com apenas Celeste por companhia?

— Deve haver outra alternativa — ele continuou, zangado. — Você deve ter parentes... família...

— Eu já lhe disse, não tenho ninguém. E não precisa se preocupar comigo. Sou capaz de cuidar de mim mesma.

— E quanto a essa renda, da qual você e seu pai vivem? Deve vir de algum lugar. Da família de sua mãe, você me contou. O que me diz dela?

Ruth passou as mãos úmidas pelas costuras da saia.

— Foi minha avó que nos deixou essa renda. Mas ela está morta! Agora, não quer voltar para o seu quarto? Por favor... eu tenho trabalho a fazer.

Dominic suspirou, impaciente. Depois, como que levado pelo remorso, perguntou:

— Você está bem, não é? — E ante a surpresa dela: — Estou me referindo ao que aconteceu, hoje de manhã. Eu... Interrompeu-se, irritado. — Eu lhe devo um pedido de desculpas. Não costumo me fazer de tolo, assim. Desculpe.

Ruth respirou fundo, sentindo, apesar de sua inexperiência, como era incoerente o que ele dissera. Intuitivamente, sabia que o que acontecera entre eles não era algo que pudesse ser posto de lado, com um simples pedido de desculpas. Mas o pedido de desculpas fora feito, reduzindo-a à adolescente ignorante que era e destruindo seu tímido avanço em direção à maturidade.

— Não precisa se sentir responsável — declarou afinal, lutando para parecer indiferente. — Não sou uma criança; sabia o que estava fazendo. — Forçou um sorriso. — Sou menos ingênua do que pensa.

— É? — Dominic fez um gesto estudado de descrença. — Está bem, que seja. — Virou-se para a porta, atrás de si. — E, como você mesma disse, não é da minha conta.

Ruth juntou sozinha, aquela noite. Dominic não apareceu e seu pai estava muito fraco para deixar a cama. Celeste serviu-a de cara fechada, aparentemente tão imersa em pensamentos quanto ela. Mas aquela situação podia continuar por muito tempo, e, percebendo isso, Ruth tentou melhorar

seu relacionamento com a criada.

— O dr. Francis receitou um remédio mais forte para papai — comentou, esforçando-se para dar um tom amigável a suas palavras.— Espero que isso o ajude. Ter um hóspede em casa tem sido demais, para ele. — Quando Celeste não disse nada, acrescentou: — Mas isso não tem importância. O sr. Howard logo irá embora. Talvez, então, as coisas voltem ao normal.

O silêncio que se seguiu deixou-a estranhamente deprimida. Não era próprio de Celeste cultivar ressentimentos, e geralmente suas discussões eram logo resolvidas. Aquele mau humor anormal não prenunciava nada de bom, e sua única esperança era que a criada não fosse lhe causar mais problemas.

— O... o sr. Howard jantou? — tentou novamente, quase recuando ao ver o olhar que Celeste lhe lançou.

— O que andou dizendo de mim ao sr. Howard? Que mentiras andou lhe contando?

— Mentiras?

Sem disfarçar a zanga, Celeste apoiou as mãos na mesa e inclinou-se para ela.

— Isso mesmo! Você não vê a hora de me meter em encrenca, não é? Encrenca das feias!

— Não é verdade. . .

— Não é? Vai me dizer que não foi correndo mostrar ao sr. Howard o que eu lhe fiz?

— Eu não... não. . . Celeste, o dr. Francis... notou. Foi ele que contou ao sr. Howard. O... dr. Francis achou que o sr. Howard é que tinha. . . me batido. Celeste ergueu as sobrancelhas, desconfiada.

— Por que ele achou isso?

— Não sei. — Sentindo-se corar, Ruth viu os olhos da criada se estreitarem. — Eu... sinto muito, se o sr. Howard falou com você a esse respeito.

— Ele não falou. Mas eu vi vocês juntos, na varanda. Depois que o doutor foi embora. E eu não sou tola. Tenho olhos.

— Num gesto significativo, Celeste bateu com a mão na testa.

— Eu sei o que está acontecendo.

— Não há nada acontecendo, Celeste! — Ruth levantou-se com energia para pegar o guardanapo que caíra de seu colo, mas principalmente porque, sentada, sentia-se em desvantagem. - Não faço idéia do que você está falando.

— Eu tenho ouvidos, também. Escutei o que o sr. Howard lhe disse. Mas não se preocupe... — Ela endireitou o corpo, erguendo uma das mãos

num gesto conspiratório. — Não vou sair por aí contando histórias. Não, senhora, não...

— Celeste! — Ruth mal pôde esconder sua repulsa, ao saber que a criada estivera, deliberadamente, escutando sua conversa com Dominic. — Você não sabe. . .

— Não há outro jeito de você virar uma mulher, mocinha — Celeste continuou, de forma insinuante. — E acho que o sr. Howard é o homem certo para o trabalho. . .

— Cale-se, Celeste!

Ruth sentiu-se impelida a silenciá-la, sem ligar para o fato de que suas palavras poderiam reacender a animosidade entre elas. Mas, desta vez, Celeste resolveu ser gentil.

— Um dia — disse — você vai se lembrar do que eu falei e me dar razão.

Ruth fitou o rosto zombeteiro da criada, por vários segundos. Depois, incapaz de pensar numa resposta adequada, voltou a se sentar. Com as mãos apertadas no colo, admitiu, em silêncio, que não tinha resposta a dar. Mas o que mais a magoou foi o fato de perceber que ninguém — nem Celeste, seu pai ou mesmo Dominic — se comportava como se a julgasse capaz de pensar por si mesma.

Antes de dormir, Ruth deu uma olhada no pai e viu, aliviada, que ele dormia em paz. As linhas de dor e cansaço tinham diminuído um pouco, com o sono, e ele parecia menos tenso que nos últimos dias. Talvez um remédio mais forte fosse tudo de que precisava. Ainda bem, porque ela nunca tivera tanta necessidade dele quanto agora.

Apesar do ligeiro otimismo que tomou conta dela, com a melhora do pai, Ruth não conseguiu dormir. Sua excitação estava alta demais, para lhe permitir relaxar. Sentia-se quente e inquieta, e sua pele formigava todas as vezes que fechava os olhos e lembranças do dia que passara invadiam sua mente.

O que acontecera eram tantas experiências novas que haviam deixado muitas perguntas não respondidas... Para não falar na inquietude de seu corpo. Não reconhecia nem entendia as sensações que começava a descobrir, e a extrema sensibilidade de sua pele era uma perturbação tangível. A camisola que usava agia como uma lixa, parecendo colocar em chamas cada centímetro de seu corpo que tocava. Na verdade, todo seu ser parecia estar em chamas, e ela imaginou, com súbita ansiedade, se não estava com febre. Mas não, sua testa estava fria. Só seus membros queimavam, com um calor interno que se manifestava todas as vezes que permitia que a lembrança do que Dominic fizera se projetasse em sua mente. Vezes sem contas reviveu aqueles momentos na praia, quando Dominic a beijara.

Sem perceber, umedeceu com a língua os lábios que ele tocara, prendendo a respiração com a súbita lembrança. Sentiu de novo o fluxo de emoção em seu íntimo, a letargia sensual que evocara uma verdadeira dor física na parte inferior de seu ventre, o curioso desejo por uma proximidade que nunca experimentara.

Num ímpeto, meio por medo, meio levada por um sentimento de ansiedade, estudou com os dedos os contornos de seu corpo, através da camisola de algodão. Como de certa forma já esperava, encontrou os seios ingurgitados, com os mamilos duros e salientes, e soube, instintivamente, que era assim que eles tinham ficado, quando Dominic a esmagara sobre a areia aquela manhã, procurando, com o corpo rijo, se acomodar ao seu...

CAPITULO VIII

O professor Jason insistiu em se levantar para o café da manhã, no dia seguinte. Como ele parecia bem melhor, Ruth não se opôs; ao contrário, ficou feliz em vê-lo de pé, mesmo quando ele percebeu a mancha que restava junto ao seu olho.

— Você não está dormindo bem no sofá — o professor observou, interpretando erradamente o que vira, enquanto Celeste, amável demais, servia torradas e café. — Hoje, vou falar com Francis sobre a partida do sr. Howard. Isso não pode continuar.

— Eu estou bem, papai. — Sem encará-lo, Ruth se pôs a passar manteiga na torrada. — É que... a noite foi quente, e eu dormi mal. Não se preocupe comigo, não.

— Mas eu me preocupo. Não gosto dessa mudança em nossa vida. Estou sempre consciente do quanto você fica vulnerável quando estou incapacitado.

Lembrando-se dos pensamentos que a tinham mantido acordada até de madrugada, Ruth sentiu sua sensação de culpa aumentar. Era uma desavergonhada, censurou-se com amargura, desejando que Celeste se apressasse e voltasse logo para a cozinha. Sentia-se má, corrupta, indigna do afeto do pai. Enquanto ele gastava as forças que lhe restavam preocupando-se com seu bem-estar, ela se entregava à licenciosidade, à degradação moral, antecipando com excitação as coisas que ele mais repudiava. E Celeste sabia disso. Ou suspeitava, pelo menos, o que era quase tão ruim.

— Obrigado, Celeste. Não precisamos de mais nada — o professor disse, ganhando a gratidão da filha. Mas depois que a criada deixou a sala, com indisfarçada relutância, voltou ao velho tema: — Vou passar a manhã corrigindo as traduções que você fez, esses dias, mas assim que Francis chegar quero que me avise.

— Está bem, papai.

Com esperança de que ele mudasse de assunto, Ruth mordeu um pedaço de pão, mas seu pai ainda não havia terminado.

— Não vejo razão para Howard não ir embora, amanhã ou depois. Ele pode ser tão bem cuidado no hospital de Kingstown quanto aqui, e isso nos livrará da responsabilidade por seu bem-estar.

Ruth colocou o pão sobre o prato e limpou a boca com o guardanapo. Era sua chance de revelar a verdadeira identidade de Dominic, mas mais uma vez seu pai a fez desistir, empurrando a cadeira para trás e levantando-se.

— Não deixe de me avisar, quando Francis chegar — insistiu, saindo da sala de jantar antes que ela tivesse tempo de engolir o pão que tinha na boca.

Terminando a refeição, Ruth foi obrigada a levar os pratos para a cozinha, onde Celeste a recebeu com um olhar irônico e zombeteiro.

— "Tadinha" dela! Não está conseguindo dormir naquela sua cama dura? Que tal partilhar a do sr. Howard?

— Como você faz com Joseph?

Celeste arregalou os olhos, surpresa com a resposta inesperada.

— Não tem necessidade de você falar comigo nesse tom, mocinha — censurou, dando-lhe as costas.

Mas Ruth não estava com disposição para trocar insultos com ela.

— Já levou o café do sr. Howard?

— Tem um jeito de você descobrir, não tem? — a criada respondeu, mergulhando as mãos na água da pia e fazendo Ruth respirar fundo, para conter a indignação.

Saindo da cozinha, Ruth parou no corredor, tentando ouvir o pai. Mas tudo que escutou foram as galinhas, no quintal, e o barulho das ondas, batendo nos recifes. As portas estavam abertas de par em par e o cheiro da trepadeira florida que crescia em profusão junto à grade da varanda era doce e gostoso. O ar, quente mas refrescante, constituía um convite quase irrecusável para que escapasse dos limites sufocantes do bangalô e ela sentiu vontade de sair, de se afastar bastante da angústia causada pela teia de mentiras que tecera. No entanto, prometera ao pai esperar pela chegada do dr. Francis e, no momento, estava presa.

Virando a cabeça, Ruth olhou para a porta de seu quarto, firmemente fechada, no fim do corredor. Estaria Dominic lá, tão descontente quanto ela com a restrição daquelas quatro paredes? Teria ele consciência da vontade de seu pai, de vê-lo partir? Receberia ele, com alegria, a liberdade que logo lhe seria oferecida?

Mas essa era uma pergunta fútil. Com toda certeza, Dominic ficaria feliz com a chance de voltar a viver sua vida, independente de pessoas que não conhecia nem entendia. Sua família e seus amigos na certa achariam as descrições que ele faria da vida em Índigo bastante divertidas e provavelmente ririam delas depois, penalizados por ele ter sido obrigado a ficar lá, alguns dias. Talvez até houvesse uma garota, que ele divertiria com anedotas sobre a ingenuidade da filha do dono da ilha. Ou talvez — e isso era uma coisa na qual nunca pensara antes — talvez ele fosse casado, com uma esposa para partilhar suas experiências.

No entanto, uma esposa não mereceria saber onde ele estava? Não mereceria receber a informação privilegiada, negada a todos os outros?

— Quer alguma coisa?

À pergunta foi feita num tom frio e calmo, mas mesmo assim lançou Ruth numa espécie de pânico. Ela não percebera a aproximação de ninguém e ser pega parada diante da porta de Dominic colocou-a em evidente desvantagem. Era óbvio que ele estivera fora de novo, sem seu conhecimento, e ela não pôde deixar de imaginar há quanto tempo estaria, recostado no batente da porta, observando-a.

— Você parece pensativa — Dominic continuou, endireitando o corpo, quando ela não respondeu. — O que foi que aconteceu? Seu pai piorou?

— Não. Não! — Ruth entrelaçou os dedos, nas costas. — Como. . . como vai você? Está com uma cara bem melhor, esta manhã.

— E me sinto melhor. Mas. . . você estava à minha procura?

— Não, eu. . . eu. . .

— Não consegue pensar numa desculpa aceitável, não é? — ele sugeriu sem rodeios, passando por ela para abrir a porta do quarto. E, enquanto Ruth ainda tentava achar um jeito de negar isto, continuou: — Por que não diz logo a verdade? Você queria saber onde eu estava. Pois bem, aqui estou eu. Agora, que tal pararmos com esses joguinhos e agirmos como adultos, hein?

Ruth olhou atrás de si, com medo de que seu pai o tivesse ouvido. Mas só o zumbido de uma abelha quebrava o silêncio que caíra entre eles, e ela respirou fundo, aliviada.

— Está bem — admitiu, indo até a soleira da porta. — Eu ia lhe perguntar como está, hoje. Mas já vi que está quase bom.

— Eu não estou quase bom, eu estou bom. E o que acha de me levar para um passeio pela ilha? Como foi que você chamou aquele lugar, onde disse que meu veleiro pode ter ido parar? O Dente da Serpente?

— Dentes da Serpente. Mas isso fica do outro lado da ilha, a pelo menos três quilômetros daqui. — Ela fez uma pausa. — Além do mais, papai me pediu para esperar pelo dr. Francis, pois precisa falar com ele.

— A meu respeito, sem dúvida. No entanto, como o seu amigável doutor só costuma aparecer depois do almoço, podemos ir até lá e voltar, antes que ele chegue.

— Não sei, não. — Ruth corou. — São mais de seis quilômetros, ida e volta. E a pé, com esse calor. . .

— Vocês não têm nenhum meio de transporte?

— Só uma bicicleta — ela confessou, embaraçada. — Aqui não há estradas.

— É mesmo. — Dominic franziu a testa, como se isso só tivesse lhe ocorrido naquele momento. — Está bem. Vocês têm duas bicicletas?

— Só uma. De qualquer modo. . .

— Se pretende me dizer que não posso andar de bicicleta, não se dê ao trabalho — ele a interrompeu, impaciente. Acredite ou não, eu fazia muito exercício, em casa. Tenho uma forma física razoavelmente boa, e pedalar seis quilômetros não vai me matar.

— Pode ser, mas nós não temos duas bicicletas — Ruth retrucou com firmeza, afastando-se da porta dele ao ouvir Celeste cruzar o chão de lajotas da cozinha. — Sinto muito, mas não temos.

Celeste apareceu exatamente quando Ruth alcançava a porta da cozinha e logo notou suas faces coradas e a outra porta aberta, no fundo do corredor.

— Estou vendo que você descobriu sozinha o que queria saber, meu bem — comentou, num tom malicioso. E sorriu abertamente, quando Dominic reapareceu. — Olá, sr. Howard. Gostou da caminhada? Está pronto para o meu presunto com ovos, agora?

— Obrigado, mas só quero ovos, Celeste. — Com ar distraído, ele seguiu Ruth até a cozinha. — Você não sabe de alguém que possa me emprestar uma bicicleta?

Franzindo a testa, a criada olhou para Ruth.

— Bem, Ruth...

— Estou falando de outra bicicleta, além da de Ruth. Para que ela possa me mostrar um pouco da ilha, agora de manhã.

Celeste lançou outro olhar para a garota.

— Que eu saiba, só tem a bicicleta dela na ilha. Ruth deu um suspiro, mas seu alívio foi curto.

— Já andou de motocicleta, sr. Howard? — a governanta continuou. — Porque o meu primo Harold tem uma daquelas Suzuki japonesas.

— Uma Suzuki? — O interesse de Dominic era evidente. — Já andei muito de moto, sim. Você acha que ele me emprestaria?

— Se eu pedir pra ele...

Mas Ruth não poderia deixar aquilo seguir em frente.

— Não creio que o dr. Francis aprove a idéia de o sr. Howard andar de moto, Celeste. Ele pode cair.

— Sua confiança em mim faz maravilhas pelo meu ego — Dominic comentou, com uma careta. — Por que eu haveria de cair? Graças aos seus cuidados, meu braço não está paralisado nem qualquer coisa do tipo. — Flexionou o punho, abrindo e fechando a mão. — Veja! Tudo funciona muito bem.

— Aposto que sim — Celeste interferiu, sorrindo amplamente, enquanto Ruth corava.

— Acho que você deveria pensar melhor, antes de se arriscar a ter uma recaída. Como pode ter certeza de que não perderá o controle da moto?

Isto aqui não é a Inglaterra. Não há estradas aqui, só trilhas. E se você bater num monte de terra?

— O que está havendo aqui? — interrompeu-os a voz impaciente do professor Jason. — Sr. Howard. — Sem o menor entusiasmo, ele cumprimentou o rapaz. — Então, já está em pé de novo. Fico contente em ver. Sem dúvida, logo estará nos deixando.

— Sem dúvida — Dominic concordou polidamente, com ar cauteloso. — Como vai o senhor? Pelo que Ruth disse, entendi que não tem passado bem.

O professor voltou-se para a filha, que o fitava com ansiedade.

— De tempos em tempos, eu sofro de uma pequena indigestão — respondeu, afinal. — Mas estou bem, agora. De qualquer modo, obrigado pelo seu interesse.

— Quer uma xícara de café, papai? — Ruth perguntou, inquieta, transferindo o peso do corpo de um pé para o outro.

— Não, minha querida. Eu só vim ver o que havia de errado. Estava trabalhando, mas o... som de suas vozes...

— Desculpe, papai... — ela começou, sem jeito, mas Dominic passou à sua frente.

— A culpa foi minha, senhor. Eu perguntei a Celeste onde poderia arrumar alguma forma de transporte, para andar pela ilha, e sua filha estava tentando me convencer que seria tolice minha sair de moto por aí.

— Concordo com ela. — O professor apertou os lábios. — O senhor nos deixará amanhã ou depois, sr. Howard. Não pode conter seu... tédio, até estar de volta a Barbados?

— Não é tédio, senhor. Só estou interessado em saber se o veleiro apareceu nas costas da ilha. Quero ver se sobrou alguma coisa que valha a pena salvar.

— Uma nova idéia, sr. Howard? Desculpe, mas não me lembro de te-lo ouvido manifestar algum interesse pelo veleiro, antes.

— Se eu estivesse em condições de partir, logo após minha chegada, teria organizado um grupo de busca. Mas, com o atraso que houve, achei que poderia dar uma olhada, por mim mesmo.

O professor refletiu sobre isso em silêncio, depois deu de ombros.

— Não posso proibi-lo de fazer o que quer, sr. Howard, mas me parece muita irresponsabilidade andar de motocicleta, nas suas condições.

— Sim, senhor.

— Então, o que pretende fazer?

Dominic lançou um olhar pensativo para Ruth, depois fez um gesto casual com as mãos.

— Vou me embora com o dr. Francis, esta tarde — declarou, fazendo

o coração de Ruth se apertar. — Entendo seus sentimentos, professor, e, se alguma operação de salvamento for feita, garanto-lhe que será com o mínimo de transtorno possível. — Fez uma pausa. — Não sei como agradecer ao senhor... à sua filha... e à Celeste, naturalmente... pelo que fizeram por mim. Gostaria de poder retribuir, de alguma forma. Se há alguma coisa que queiram... .

— Não há nada. — O professor foi firme. — Estamos contentes por termos sido úteis. Quanto ao seu barco, não creio que tenha sido carregado para nossas praias. Se ele sobreviveu à tempestade, é mais provável que tenha sido levado para uma região mais a oeste.

Dominic assimilou isto, com uma expressão enigmática. Depois, sorrindo de leve, inclinou a cabeça.

— O senhor deve estar certo, professor — concordou polidamente.

Mas Ruth, encontrando-lhe o olhar enigmático, não achou que ele estivesse sendo sincero. Na sua opinião, seu pai havia se mostrado desnecessariamente pessimista, e Dominic, por razões que só ele conhecia, resolvera não contestar.

— Ótimo. — O professor estava contente por ter convencido o rapaz da futilidade de suas idéias. — Vou aceitar uma xícara de café agora, Ruth. Leve-a ao escritório. — Lançou um olhar significativo para Dominic, antes de continuar: — Quero que reveja suas traduções, minha querida. Você cometeu muitos erros. Precisamos repassar tudo.

Ruth sabia que deveria se sentir aliviada por ter sido salva de uma situação difícil mas, vergonhosamente, não foi isso o que aconteceu. Apesar de tudo, achava suas conversas com Dominic estimulantes, e a excitação que ele despertava nela deixava alerta cada nervo de seu corpo. Saber que ele iria embora aquela tarde era o mesmo que encarar um enorme vazio, que não poderia evitar e no qual não havia futuro. Era inútil fingir que alguma coisa poderia ser a mesma, depois que ele se fosse. De repente, estava consciente de si mesma como nunca estivera e, ele indo embora, levaria uma parte sua, que jamais teria condições de recuperar.

Ruth deixou Dominic diante do prato de ovos que Celeste havia preparado, caminhando para a porta, consciente do olhar dele a segui-la. Sentiu vontade de saber no que ele poderia estar pensando e se acreditara mesmo no que seu pai dissera. Mas provavelmente jamais conheceria a verdade, fosse ela qual fosse.

Seu pai preferiu não mencionar a conversa com Dominic. Talvez achasse que já tinha dito o suficiente ou, então, não quisesse trazer à tona um assunto que era uma fonte óbvia de aborrecimentos. Assim sendo, concentrou-se nos capítulos de Ovídio que ela havia traduzido, mostrando-lhe, intencionalmente ou não, o mal que aquela alteração em suas vidas

causara a seu trabalho.

Dominic juntou-se a eles para o almoço, mas não foi uma refeição agradável. Consciente do antagonismo entre os dois homens, Ruth sentiu-se sem coragem de aumentá-lo ainda mais, revelando a verdadeira identidade do rapaz. Chegara à conclusão de que não haveria vantagem em intensificar o aborrecimento de seu pai e, vendo que Dominic não diria nada, resolveu calar-se também.

Depois do almoço, o cansaço no rosto de seu pai era evidente, e ela sugeriu que ele descansasse um pouco.

— Eu acordo o senhor quando o dr. Francis chegar. Depois de um instante de reflexão, o professor cedeu.

— Está bem, mas não saia de casa enquanto eu estiver deitado. — A intenção dele era óbvia e, como que para torná-la mais firme, ele acrescentou: — Aproveite para corrigir os erros que cometeu em sua tradução. Seu trabalho decaiu muito, com a falta de concentração.

— Está bem. — Ela viu o esgar irônico dos lábios de Dominic, mas ignorou-o. — Agora, vá descansar, papai. O dr. Francis logo estará aqui.

Colocando a louça usada numa bandeja, para levá-la para a cozinha, Ruth se viu, mais uma vez, vítima da atenção de Dominic. Ele continuava sentado à mesa, observando seus gestos, sem dar a menor demonstração de querer juntar os poucos pertences que tinha.

— Então, é adeus — ele comentou afinal, brincando com um talher que não fora usado. — Aposto que você não ficará sentida, de me ver partir. Ruth deixou cair uma colher na bandeja.

— Estou contente por você estar em condições de partir — murmurou, de olhos baixos.

Um som impaciente escapou dos lábios dele.

— Não foi isso que eu quis dizer e você sabe. Eu gostaria... — Interrompeu-se, jogando sobre a mesa o garfo com o qual estivera brincando. Depois, empurrou a cadeira para trás e levantou-se, bloqueando o caminho para a porta da cozinha. — Ruth, você não pode desperdiçar o resto de sua juventude fazendo papel de enfermeira para aquele velho!

Ela enrijeceu, recuando um passo.

— Aquele velho, como você diz, é o meu pai.

— Eu sei. — Dominic suspirou. — Eu também tenho um pai. E uma mãe, por sinal. Mas nem sempre Jake e eu vemos as coisas do mesmo modo, e ele sabe disso.

— Jake?

— Meu pai, James Crown. Esqueceu-se?

— Você o chama pelo nome de batismo?!

— De vez em quando. É assim que todos o chamam. E eu acho que ele

gosta.

— Mas você não o chama de... papai? Dominic fez uma careta.

— Chamo de pai, às vezes. Mas isso não tem importância.. Estamos nos desviando do que quero lhe dizer, que é que... os pais não são donos dos filhos. Eles podem esperar lealdade, naturalmente, e respeito, se o merecem, mas não uma obediência cega!

Ruth chocou-se com essas palavras.

— Eu me importo com o meu pai, sr. Howard... sr. Crown... seja lá qual for o seu nome. Não acho que esteja desperdiçando minha vida. Eu amo meu pai e faria qualquer coisa por ele.

— Eu sei. — Dominic meneou a cabeça. — Só estou tentando lhe dizer que você pode amar alguém, sem se sacrificar por esse amor. Você já se perguntou quem mais se beneficia do fato de morarem aqui? Já pensou no quanto seu pai é egoísta, privando você de uma adolescência normal?

— Não quero mais falar disso. — Tensa, Ruth ergueu a bandeja entre eles como um escudo. — Agora, se me dá licença. ..

Dominic hesitou, mas acabou lhe dando passagem, observando-a sair com as mãos empurradas até o fundo dos bolsos da calça. Ruth passou por ele zangada, ressentida da habilidade que tinha de confundi-la com palavras. Seu pai estava certo em não confiar nele. Dominic tinha poucos escrúpulos e absolutamente nenhum respeito pelos pais.

Então, por que se sentia tão atraída para ele, e de um modo que, sabia por instinto, jamais lhe traria nada, além de sofrimento?

A tarde passou, mas quando Celeste foi levar-lhe uma jarra de suco de lima, deliciosamente gelado, o dr. Francis ainda não havia aparecido.

— Que horas são, Celeste? — Ruth perguntou, tomando um gole do suco e limpando a boca nas costas da mão. — Hum, que delícia! Está tão quente aqui.

Celeste correu os olhos pelo cômodo abafado, com evidente desgosto. — Bem feito por estar trabalhando na última tarde do sr. Howard conosco. Ele vai embora logo. Não dá para você falar com ele de um jeito agradável, pelo menos?

Ruth suspirou.

— Eu lhe perguntei que horas são, Celeste. O dr. Francis não deu sinal de vida? Geralmente ele já chegou a esta hora. Não é?

— São quase cinco horas. E o doutor não deu sinal de vida, não. Parece que não vem, hoje. Seu pai é que não vai gostar disso.

O coração de Ruth se acelerou.

— Cinco horas?! Papai ainda está descansando?

— Está, sim. — Celeste caminhou para a porta, o cheiro forte de seu corpo enchendo o ar da tarde. — Você vai sair, agora? Ou vai continuar

escondida aqui, o resto do dia?

— Eu não estou me escondendo — Ruth protestou, indignada. Depois, vendo que Celeste não acreditava, cedeu: — Está bem. Onde está o sr. Howard? Vou lhe perguntar se quer um pouco de chá. -

— O sr. Howard está bebendo cerveja gelada. Sentado na varanda, que é onde estive a tarde inteira.

Ruth recebeu a notícia com um leve gesto de cabeça e, depois que Celeste saiu, com evidente relutância, deixou aquele cubículo e chegou à sala. Estava mais fresco lá, e mais fresco ainda no corredor, com a brisa soprando pela porta aberta. Ela viu Dominic de imediato, sentado numa das cadeiras de vime, com os pés apoiados no gradil de madeira da varanda e uma lata vazia de cerveja na mão.

— Oi — cumprimentou-o, saindo das sombras.

Com um movimento ágil, ele colocou os pés no chão e se levantou.

— Oi. Terminou de estudar?

— Por ora, terminei. — Atravessando a varanda, ela apoiou as mãos no gradil de madeira. — Está uma tarde linda, não?

— É?

Ele não estava fazendo nada para facilitar seu relacionamento e Ruth lançou-lhe um rápido olhar por cima do ombro.

— O dr. Francis não veio.

— É o que parece.

— Não sei por quê.

— Ele na certa não percebeu o quanto era urgente que viesse — Dominic replicou, bruscamente. — Pelo visto, vocês vão ter que me agüentar até amanhã, Ruth virou-se.

— Eu... nós não nos importamos — murmurou.

Pelo modo como a fitou, Dominic deixou claro que não acreditava, e ela virou-se para olhar o oceano. Tinha que admitir que o pai nunca escondera os próprios sentimentos e não devia ser agradável para uma pessoa estar presa num lugar onde não se sentia querida. Mas seu pai era velho e doente, e ela o desculpou logo, não querendo criticá-lo, mesmo sabendo que recebera seu visitante sem o menor entusiasmo.

— Então — insistiu, tentando agir de forma casual —, o que andou fazendo a tarde inteira?

— Que não andei procurando os destroços do meu veleiro, é certo — Dominic garantiu-lhe, com segura. — Eu saí para uma caminhada, mas não fui longe. Você deveria ter ido comigo. Achei um ninho de pelicano.

— Achou?! — Ruth virou-se de frente para ele, apoiando as coxas no gradil de madeira, — Onde? Na praia? Eu sei que há uma colônia lá. Você deveria vê-los mergulhando, atrás de peixe. — Riu, por um momento

esquecida de com quem falava. — Eles descem como meteoros. — Fez um gesto com a mão, ilustrando. — E submergem quase por inteiro na água.

— Eu sei. — Os olhos castanhos de Dominic se estreitaram, ao pousarem no rosto animado de Ruth, e por um instante ela teve a impressão de estar sendo hipnotizada. Mas ele logo desviou o olhar, movendo os ombros num gesto de indiferença e explicando, de forma lacônica: — Fiquei algum tempo na Flórida, o ano passado. Os pelicanos são comuns, por lá.

Ruth sentiu o distanciamento dele e magoou-se com isso. Era sempre assim, entre eles. Como gostaria de ser mais experiente, mais sofisticada. Ali estava ela, contando-lhe coisas que ele provavelmente podia lhe contar, e muito melhor. O problema era que, embora fosse educada, não tinha experiência, não podendo dizer nada que fosse novo ou original.

Como que consciente de sua confusão, Dominic pediu-lhe licença e entrou. Ruth deduziu que ele fora para o quarto, à procura de solidão, e ali, sozinha, fitando uma cadeira vazia, sentiu-se horrivelmente desajeitada. Comparada à dele, sua vida era sem sentido, e com uma súbita percepção ela entendeu por que o pai era tão contra sua ligação com ele. Seu pai tinha medo que Dominic a influenciasse mas, apesar de seus protestos, era inegável que isso já acontecera.

Padre Andreas chegou logo no início da noite e foi com alívio que Ruth convidou-o para jantar com eles.

— O dr. Francis deveria vir esta tarde — confidenciou ao velho padre, enquanto esperavam por seu pai. — Mas ele não apareceu, e eu sei que papai ficará contente com a sua companhia.

Padre Andreas não acreditou muito nisso, mas o professor o recebeu com um entusiasmo tão maior que o de costume, que ele se sentiu desarmado.

— Você tem que ficar, é claro — o professor reforçou, quando soube do convite de Ruth. — Nosso hóspede gostará de uma companhia diferente, e faz tempo que não tomamos uma garrafa de vinho, juntos.

— Está bem, professor — o padre replicou, sorrindo, sem saber o quanto deixava Ruth feliz por não ter uma repetição do almoço, com apenas o pai, ela e Dominic à mesa.

Dominic apareceu logo depois e, durante o jantar, ele e padre Andreas falaram sobre a pátria dos gregos. Dominic deu a impressão de conhecer Salonica bastante bem e mostrou boa vontade em responder às perguntas do padre, garantindo-lhe que a antiga glória fora totalmente restituída à velha cidade.

— Tantas igrejas bizantinas — padre Andreas exclamou, espalmando as mãos. — Tanta beleza, tanta devastação! A história de Salonica é a história do mundo.

— Salonica se chama Tessalonica, agora — Dominic explicou.
— Para mim, será sempre Salonica — disse o padre.
— Você não progride com o tempo, Andreas — o professor comentou, de forma provocante. — Como a sua religião, está preso a lendas e mitos: vitórias passadas, glórias passadas. Quando vai aceitar que este é o século vinte?

O padre não se ofendeu.

— Pode ser que eu seja um pouco antiquado, mas você também é. Senão, não estaria vivendo aqui, permitindo que seu talento inegável como professor se perca.

O professor franziu a testa, não gostando da mudança na direção da conversa.

— No meu caso, foi uma questão de prioridade e não incapacidade de enfrentar um mundo enlouquecido!

— É verdade. — Pensativo, padre Andreas meneou a cabeça. — O mundo enlouqueceu mesmo, um pouco, em 1940. Mas minha fé nunca vacilou.

— Sua fé? Como é que você pode acreditar em toda essa baboseira, Andreas?

— Papai!

O protesto de Ruth foi instintivo, mas o padre limitou-se a sorrir.

— Seu pai e eu já tivemos essa discussão muitas vezes, minha filha. Infelizmente, ele só acredita no que vê com os olhos. Ele não admite a crença de que o homem não é o ser todo-poderoso que se julga. No entanto, sem esta crença o homem só está meio vivo.

— Outra meia-verdade, Andreas? — o professor inquiriu, com menosprezo. — Um homem inteligente é capaz de distinguir entre o fato e a ficção, é capaz de desenvolver uma mente científica. Nós todos sabemos que viemos do...

— ... mas é para onde vamos que me interessa — o padre replicou, triunfante.

Reconhecendo o início de outro debate teológico, Ruth começou a tirar a mesa. Encontrou a cozinha vazia, quando foi para lá, e colocava a louça usada na pia, quando ouviu passos atrás de si. Virando a cabeça, viu Dominic depositando duas terrinas sobre a mesa, e forçou um sorriso nervoso, quando seus olhares se encontraram.

— Papai está falando de seu assunto favorito — explicou, meio sem jeito. — Mais cedo ou mais tarde, ele e padre Andreas sempre acabam discutindo religião.

Dominic endireitou o corpo, enfiando as mãos no cós da calça jeans. Com o colarinho da camisa desabotoado, expondo sua pele morena e os cabelos de um loiro muito claro cobrindo-lhe a nuca, ele emanava o tipo de

atração sensual que Ruth nunca encontrara até então. O que não a impedia de reagir a essa atração. Ao contrário, ela nunca estivera tão consciente de Dominic quanto aquela noite, e o simples fato de vê-lo deixava-a de joelho mole.

— Onde está Celeste? — Dominic perguntou, guardando a opinião que tinha do professor para si mesmo.

— Não sei. — Terminando de colocar a louça de molho, Ruth secou as mãos. — Quer alguma coisa? Se eu puder ajudar...

— Não creio que possa.

Pensativo, Dominic olhou em torno. De repente, lá de fora veio um grito de excitação. Só podia ser Celeste, e Ruth bateu-o na corrida até a porta, por apenas um fio de cabelo, parando na soleira, incerta. Foi quando ele a atingiu por trás, com toda força, e ela nunca soube dizer o que mais a perturbou, naquele momento: se a visão de Celeste, na garupa da moto do primo, com a saia puxada acima dos joelhos, ou a pressão do corpo musculoso de Dominic, colado às suas costas. Era óbvio que o homem dirigindo a moto tinha percorrido os últimos metros com o motor desligado. Nenhum som chegara até o bangalô, o que teria sido impossível, se a moto estivesse funcionando. Celeste, ao que parecia, não dera a menor importância à vontade do patrão, e agora descia da moto, rindo e expondo um pouco mais de suas coxas gorduchas.

— Pronto, aí está! — disse, dirigindo-se a Dominic, enquanto ele afastava Ruth para o lado e ia se juntar a eles. — Eu não falei que meu primo faria qualquer coisa por mim?

Harold — pois só podia ser ele, Ruth deduziu — sorriu amplamente, mostrando os dentes muito brancos.

— Se quer a máquina emprestada, sr. Howard, pode pegar. Não tem problema.

Dominic lançou um olhar especulativo para Ruth, antes de inclinar a cabeça.

— Duzentos e cinquenta cilindradas. Um motor pequeno, mas poderoso. Deve fazer uns dez anos que não ando numa dessas.

— Você não vai andar nela, vai? — Ruth perguntou, aflita. E depois, dominando o tom de voz, acrescentou: — Está escurecendo. O-onde você poderia ir, numa hora dessas?

Dominic fez uma careta.

— Não sei. Você pode me dizer. — Virou-se para Harold, que descia da moto. — Tem combustível?

— Gasolina? Tem, sim. Eu mesmo enchi o tanque.

— Ótimo.

Dominic hesitou um instante apenas, antes de tomar o guidão e passar

a perna por cima do selim. A cavaleiro na moto, testou o peso e os controles. Era uma máquina leve, fácil de manejar, e ele olhou para os outros três, com ar maroto.

— Está bem, vou tentar. Alguém quer vir comigo? Celeste fitou Ruth, os olhos escuros ligeiramente maliciosos.

— Você vai, benzinho? — perguntou, em tom macio. — Ou vai me deixar ir?

Ruth sentiu a boca seca.

— Meu pai... Padre Andreas. . .

— O que é que eles estão fazendo? Discutindo, como sempre? Droga, ninguém vai sentir a sua falta por meia hora. Deixe isso comigo.

— Talvez seja melhor você ficar — Dominic comentou, sem expressão. — Como você mesma disse, não queremos aborrecer seu pai.

Ruth apertou os punhos, ao lado do corpo.

— Eu... eu nunca andei numa moto, antes — explicou, em sua própria defesa.

— Só há um jeito de aprender, mocinha — provocou Celeste, passando o braço pelo de Harold. — Não é?

— Você vem ou não?

Dominic estava ficando impaciente, e Ruth mexeu-se, inquieta. Não queria que ele fosse, mas não poderia detê-lo, se ele insistisse em desobedecer as instruções de seu pai. Ir junto, no entanto, era algo completamente diferente, algo que — tinha certeza — seu pai proibiria de forma terminante.

Ainda assim, queria ir. Que mal poderia haver num passeio de moto? Como Celeste dissera, seu pai nunca ficaria sabendo. E por mais culpa que isso a fizesse sentir, era a sua última chance de ficar sozinha com Dominic.

— Está bem — cedeu. E deu um passo para a frente, incerta, sem saber ao certo o que fazer.

— Suba atrás de mim — Dominic instruiu, firmando os pés no chão, de cada lado da moto. — Agora, coloque a perna aqui... Certo! E segure-se em mim.

Sem muito sucesso, Ruth tentou manter a saia numa posição respeitável, consciente o tempo todo do corpo de Dominic à sua frente, mas tímida demais para segurar-se nele.

— Vá pela trilha que desce até o cais — Harold sugeriu. — Se quiser, pode ir com o motor desligado até lá e só dar a partida quando não tiver mais medo de ser ouvido.

— Boa idéia — Dominic comentou, lacônico, sem que Ruth lhe visse o rosto. — Depois, o que você sugere? É melhor me dar umas instruções.

— Tem uma trilha que passa acima da Guarder Rock — Celeste disse,

franzindo a testa. E olhando para Ruth. — Você conhece o caminho, mocinha. Pode mostrar a ele.

Ruth concordou, bastante nervosa.

— Nós... nós não vamos demorar. Se papai sentir a minha falta....

— Eu digo a ele que você está tomando banho — declarou a criada. — Divirta-se. É o único jeito.

Ruth não entendeu o que Celeste quis dizer com isso e, enquanto Dominic empurrava a moto para a ladeira que levava à vila, quase desejou que tivesse seguido o que, sabia, era o certo. Comportar-se daquela forma clandestina era totalmente contrário à sua natureza e ela se perguntou o que Dominic estaria pensando, enquanto o impulso que ele dera os fazia descer, cada vez mais depressa, pelo terreno irregular.

Mas seus pensamentos logo foram dispensados pela necessidade de se manter na moto. Com o vento passando por entre seus cabelos, desfraldados atrás de si como uma bandeira de ébano, e a velocidade da moto aumentando a cada segundo, ela se viu obrigada a envolver a cintura de Dominic com os braços e agarrar-se a ele, para não cair. Não tendo experiência em tais coisas, nada sabia do equilíbrio ou da força centrífuga, que a manteriam no assento. E viveu um momento de pânico cego, quando teve certeza de que seria arrancada da garupa da moto, antes de ceder ao desejo de segurar-se com força e aproveitar a sensação exaltante de velocidade.

Dominic diminuiu a marcha ao pé da ladeira, virando-se para fitá-la, à pálida luz da lua.

— Você está bem? — perguntou.

E ela foi forçada a soltá-lo, para lhe dar maior liberdade de movimento, enquanto meneava a cabeça, num gesto afirmativo.

Virando-se de novo para a frente, ele deu a partida, o barulho do potente motor aumentando ainda mais a exaltação de Ruth. Seguiram a trilha que partia do ancoradouro, serpenteando pela encosta do promontório. Com o luar e o farol da moto, não corriam o perigo de saírem do caminho, e ela, decidida, esqueceu-se de suas ansiedades e começou a se divertir. Nunca fizera nada como aquilo, antes. Nunca andara tão depressa nem de um jeito tão excitante. E nunca desobedecera o pai de forma tão resoluta.

CAPÍTULO IX

Abaixo deles, a curva da baía acompanhava seu caminho dourada pelo luar e misteriosamente romântica, nas regiões mais sombrias. Era um horário da noite que Ruth nunca apreciara antes mas, como ela mesma percebeu, ainda tinha muito a aprender.

Dominic parou a moto num barranco gramado, acima de um trecho deserto de areia. Uma ladeira suave levava a uma série de dunas pontilhadas de palmeiras e, mais além, as águas cantantes do Caribe deslizavam em seu movimento contínuo. A linha de espuma que marcava o movimento do oceano tinha um tom prateado, e seu murmúrio baixo e melodioso espalhava-se por toda a praia. De cada lado desse braço de mar, bastiões rochosos erguiam-se por quase um quilômetro.

Empurrando com o pé o suporte de metal da moto, Dominic desmontou com indolente precisão.

— É esta a *Guarder Rock* de que Celeste falou?

— Na verdade, é *Garde du Roc* — Ruth corrigiu, puxando a saia sobre os joelhos, sem sair de onde estava. — E é esta baía, sim.

— Os Dentes da Serpente ficam longe daqui?

— Não muito. Dois quilômetros, talvez.

— Tem certeza? — Ele voltou para junto da moto, apoiando as mãos no tanque de gasolina. — Que acha de irmos até lá?

Ruth passou a língua pelos lábios secos.

— Já faz mais de quinze minutos que saímos.

— Você quer voltar?

Vendo a boca masculina assumir um ar duro, ela se mexeu, inquieta.

— Não... não é melhor?

Dominic deu de ombros, depois concordou, resignado.

— Acho que sim. Ruth mordeu o lábio.

— Se você quiser, podemos descer até a praia, um pouquinho.

— Para quê?

— Para. . . esticar as pernas. Está uma noite tão linda..

— Então, você notou! — Ele não fez o menor esforço para esconder o sarcasmo.

— Claro que notei!

Indignada, Ruth tentou passar a perna por cima da moto, sem se expor como Celeste fizera. Não teve muito sucesso, mas encarou Dominic com orgulho, enquanto ele observava seus esforços inúteis. Desistindo, afinal, de sua luta pela modéstia, permitiu-lhe um vislumbre de suas coxas morenas e bem-feitas.

— E então, o que vamos fazer? — perguntou, de pé diante dele, alta e esbelta como um salgueiro em sua saia desbotada e camisa de algodão.

Com um gesto indiferente, Dominic cedeu.

Ela deixou as sandálias sobre o banco da moto, preferindo andar descalça pela praia. Os pequenos grãos de areia deslizavam por entre seus dedos, frios e ligeiramente ásperos, onde partículas de coral haviam sido reduzidas a um pó fino. Conchas de vários tipos e tamanhos, as cores esmaecidas pelo luar, espalhavam-se por toda parte, enfeitando a praia como um colar de pérolas.

Dominic caminhava a seu lado, sem dizer nada, as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Consciente da presença dele com cada fibra de seu ser, ela quis dizer alguma coisa — qualquer coisa — para quebrar o impasse do momento, mas todas as frases que compôs em sua mente pareceram-lhe tolas e infantis.

Apertando os lábios, frustrada e impotente, lançou-lhe um olhar rápido. O que faria Celeste, numa situação daquelas? A resposta era óbvia, e ela corou. Com toda certeza, Celeste não estaria se sentindo nervosa e embaraçada, se estivesse em seu lugar. Celeste sabia o que queria e ia atrás do que desejava. Mas ela nem sabia ao certo o que queria. Só sabia que seu tempo com Dominic estava acabando, e ele mal parecia ter consciência de sua presença.

Então, com extrema ousadia, estendeu a mão e tocou-lhe o braço, chamando a atenção dele para si. A pele de Dominic era fria e firme, e ela sentiu-o enrijecer os músculos, resistindo a seu toque. Mas não recuou, muito pelo contrário: num gesto impulsivo, passou o braço pelo dele.

Dominic parou e, juntando as sobrancelhas sobre as feições ligeiramente impacientes, removeu seus dedos com firmeza e rapidez.

— Não faça isso, Ruth — disse, num tom frio e imparcial. — Se quer voltar, é só dizer. Eu não lhe pedi para vir aqui.

— Eu não quero voltar! — Seus olhos encontraram-se com os dele, escuros e estreitados. — Só quero que você se lembre de que estou aqui. Parece que estou invisível, pelo conhecimento que você toma de mim.

Um silêncio tenso caiu entre eles. Ruth estava pasma com a própria ousadia e deduziu que Dominic devia estar tão embaraçado quanto ela. Não tinha idéia do que lhe dera, para fazer aquilo, e virou-se abruptamente, sentindo-se a ponto de morrer de vergonha.

— Não é assim — Dominic disse afinal, dando-lhe a impressão de que as palavras eram arrancadas de sua boca. — E claro que eu noto você, Ruth, embora eu duvide que você saiba o que isso realmente significa. — Fez uma pausa. — Eu já lhe disse, antes... você é uma linda garota. Mesmo que quisesse, eu não poderia deixar de notar você. Portanto, pare de sentir pena

de si mesma e vamos voltar.

Ruth girou vagorosamente, com os cabelos sedosos balançando no ar.

— Você acha mesmo que sou bonita?! Mas aquele dia, na praia, você estava tão zangado quando me disse isso.

Dominic empurrou os cabelos para trás, traindo sua agitação.

— Eu não estava zangado. Pelo menos, não estava zangado com você. Talvez estivesse, comigo.

— Por quê?

— Vamos voltar, Ruth. Esse tipo de conversa não vai nos levar a lugar algum.

— Então, por que está ficando zangado, de novo?

— Eu não estou ficando zangado. — Está, sim. Eu sei. Eu. . .

— Você me conhece tão bem, não é? — ele comentou, áspero. — Vamos, Ruth...

— Não fique zangado. Você vai embora amanhã. Não podemos nos despedir como amigos, pelo menos?

— Nós somos amigos. Bom Deus, você salvou minha vida! Se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer por você, algum jeito de retribuir o que fez por mim, eu retribuiria. Mas a sua situação aqui. . . Bem, ela acaba com a possibilidade de qualquer ajuda que eu queira lhe dar.

— Ajuda? — Ruth fitou-o, meio apreensiva.

— Ajuda, sim. A chance de lhe oferecer algo que você não tenha condições de conseguir.

— Você está falando em me comprar alguma coisa?

A voz dele tinha um tom de incredulidade, e Dominic soltou uma exclamação impaciente.

— Você está tomando as coisas muito ao pé da letra.

— O que você poderia me dar, então? Ele hesitou.

— Estudos, talvez. Estudos universitários. Se seu pai deixasse você ir para a Inglaterra...

Ruth recuou.

— Eu tenho estudo — declarou, com voz trêmula. — Você pode me achar inexperiente, mas eu não sou ignorante!

— Eu nunca disse que era. Mas você não vê? Se for para a universidade...

— Você só quer me ver como estudante, É igualzinho a meu pai! Não quer me ver como nada, além de uma criança!

— Eu não sou seu pai! — Dominic replicou, inflamado. — Não penso como seu pai, não ajo como seu pai e, Deus é testemunha, não sinto como seu pai! — Vendo que ela insistia em evitar seu olhar, agarrou-a pelos ombros, machucando-lhe a garganta com os polegares e obrigando-a a erguer o

queixo. — Tenha juízo, Ruth, e não procure encrenca. Acredite em mim, eu só posso ser encrenca para você.

— Encrenca? — Ruth franziu a testa, os olhos azuis fitando-o, incertos, por entre os cílios escuros. — Como, assim?

— Você sabe.

Bruscamente, ele a soltou, intrigando-a pela súbita dureza da boca e o pulsar errático de uma artéria, logo abaixo do queixo. Seus lábios estavam ligeiramente entreabertos, e seu hálito, cheirando a vinho, misturou-se com o dela, numa fusão curiosamente perturbadora. Foi uma reação instintiva que a deixou se sentindo fraca e estranhamente vulnerável.

No entanto, Ruth não fez nada para quebrar o contato agressivo, o abraço tênue que Dominic mantinha quase contra a própria vontade, ao que parecia. Mesmo quando, com uma impaciência controlada, ele desceu as mãos por sua saia, moldando com dedos fortes a carne sob o tecido de algodão, antes de apertá-los com dolorosa intensidade, ela permaneceu imóvel. Então, com a respiração alternada e os olhos prendendo os seus, ele puxou-a para si e inclinou a cabeça.

Não foi como da outra vez, quando ele brincara com seus lábios, sem nenhuma satisfação real. Desta vez, a pressão da boca de Dominic sobre a sua foi um assalto inesperado, e a língua que forçou seus lábios a se abrirem era uma invasora úmida e sensual. Todos os ossos de seu corpo pareceram se derreter, sob a apaixonada possessão, e ela amoleceu de encontro ao corpo másculo, dependendo da ajuda dele para permanecer em pé.

Dominic passou as mãos por sua cintura, apertando-a de encontro a si, e Ruth sentiu-o colar as coxas de músculos endurecidos às suas. Instintivamente, soube o que isso significava, mas qualquer resistência que pudesse ter oferecido foi sufocada pela pressão dos lábios dele em seu pescoço. Ele enterrou as mãos em seus cabelos, puxando-os para os lábios, esmagando-os entre os dedos, acariciando e alisando-os até ela ter a impressão de que os fios sedosos haviam adquirido vida própria.

Mas quando as mãos de Dominic deslizaram para cima, passando por sua cintura e a pele que recobria suas costelas, avançando em seguida para a forma cheia de seus seios, um grito de protesto escapou de seus lábios. Permitir que ele a beijasse e pressionasse o corpo excitado ao seu podia ser errado, mas era desculpável. Aquilo não era. De algum modo, nem sabia quando, ele soltara sua camisa do cós da saia, e os mesmos dedos longos e morenos com que o vira empurrar os cabelos para trás, massagear o braço e levar os talheres à boca, fechavam-se agora em torno de seus seios nus. E, o que era pior, acariciavam-na, apalpando sua carne macia e puxando de leve os mamilos rosados, que se moviam de encontro à camisa que ainda os cobria, em desavergonhada ostentação.

— Por favor... você não deve — implorou, tentando empurrar a mão dele para longe.

— Por que não? — ele replicou com voz rouca, os olhos escuros e implacáveis. — Por que não devo tocar em você? Você sabe que também me quer. Desabotoe sua camisa e me deixe ver.

— Não! — Numa provocação inocente, Ruth passou a língua pelos lábios. — Nós temos que voltar, Dominic. Está ficando tarde. Por favor... você precisa me ouvir!

— Eu estou ouvindo...

Empurrando a camisa para trás, Dominic descobriu um de seus ombros. Com a língua, ele traçou o contorno dos ossos sob sua pele, subindo depois pelo lado do pescoço até prender, entre os dentes, o lóbulo de sua orelha.

Quando Dominic terminou de explorar os recôncavos sob sua orelha, Ruth estava em fogo e, num gesto ansioso, virou o rosto para o dele, procurando o prazer sensual da boca masculina. Percebeu então que sua camisa fora desabotoada, e que os pêlos do peito de Dominic eram ásperos, de encontro a seus seios. No entanto, não era uma sensação desagradável e, pela primeira vez, suas mãos procuraram o corpo dele, tentando sentir-lhe a textura da pele. Ele desabotoara a própria camisa até a cintura, e suas mãos deslizaram sob o tecido macio, indo espalmar-se sobre as costas rijas e musculosas. A tensão nele era evidente, traindo uma emoção que fugia cada vez mais ao controle, e ela foi tomada por uma curiosa satisfação, ao perceber que era a causa disso.

— Ruth — Dominic murmurou, junto à sua boca. — Eu quero você. Quero fazer amor com você. Vai me impedir?

Ruth estremeceu, tão excitada que mal entendeu o que ele dissera.

— Mas você... você está fazendo amor comigo. Um som estrangulado escapou da garganta masculina.

— Não, não estou — ele disse, erguendo-a nos braços e fitando-a com paixão, antes de inclinar-se e esfregar os lábios nos dela. — Mas quero fazer amor com você. Quero ser parte de você. Só que não tenho intenção de seduzir uma virgem. Isso pode ser muito perigoso.

Ruth olhou-o, os lábios entreabertos, as curvas delicadas do corpo moldadas pelas mãos dele.

— Dominic? — implorou, meio confusa, fazendo com que ele fechasse os olhos para se proteger de seu apelo inconsciente.

— Para casa — Dominic articulou afinal, por entre os dentes cerrados, começando a caminhar. — De volta ao juízo. De volta a seu pai.

— Ponha-me no chão — ela pediu, lutando para descer.

— Eu... eu sou muito pesada. Seu braço...

— Meu braço pode agüentar — garantiu ele, com as feições rígidas. E xingou, zangado, ao tropeçar numa raiz exposta.

O impulso resultante da momentânea perda de equilíbrio, acentuado pelo peso de Ruth, foi demais para Dominic, e eles caíram ao chão.

— Droga, sinto muito — ele exclamou, enquanto sons abafados escapavam dos lábios de Ruth. Mas o remorso que sentia transformou-se em zanga, quando descobriu que ela não estava chorando, como pensara a princípio, e sim rindo. — Eu poderia ter quebrado o seu pescoço — disse com aspereza, inclinando-se sobre ela, que estava deitada na areia macia. — Meu Deus, isso seria mesmo uma coisa e tanto para contar a seu pai, não acha?

— Empurrou para trás os cabelos que cobriam o rosto dela.

— Ele nunca me perdoaria por isso, também.

Ruth pegou a mão dele, puxando-a para a boca com uma sensualidade intuitiva.

— Desculpe — sussurrou. — Mas você estava tão certo de que conseguiria. . .

Dominic examinou o corpo descontraído, deitado junto ao seu, e seus olhos escureceram de forma quase imperceptível.

— Ah, eu teria conseguido — garantiu. E, incapaz de se controlar, procurou a ponta de um dos seios ingurgitados e prendeu-o entre os dentes, acariciando-o com a língua. — Você foi feita para a delícia de um homem... mas não a minha. Não a minha!

O corpo de Ruth parecia ter adquirido vontade própria e agitava-se, inquieto, arqueando-se para o de Dominic com todo o entusiasmo intuitivo de sua juventude inexperiente. Suas mãos encontraram-lhe a nuca, agarrando punhados de cabelo e obrigando-o a encostar de novo os lábios nos seus, que logo se entreabriram para permitir que sua língua tocasse a dele, como ele mesmo a ensinara a fazer.

Dominic não teve condições de resistir a tanta sensualidade intuitiva. Ruth sentiu-lhe o excitamento no bater acelerado do coração, no tremor do corpo suspenso acima do seu, no desespero faminto do olhar que ele lhe lançou, enquanto lutava para não perder a cabeça.

O cérebro de Dominic dizia uma coisa, mas os olhos contavam outra história, e a figura esbelta sob o corpo dele exigia que a possuísse. Com mãos não muito firmes, ele desabotoou a saia de Ruth, inclinando-se para beijá-la do estômago ao umbigo. Foi um toque tão gentil, que ela só percebeu o que acontecia, quando o sentiu acariciar a parte interna de suas coxas, enquanto o ar frio da noite roçava sua pele quente.

— Ah, Dominic — sussurrou, no momento em que ele separava suas pernas e inclinava-se para silenciar, com a boca, os protestos que pudesse fazer.

Com uma urgência crescente, Dominic terminou de despir-se, liberando a evidência pulsante de sua virilidade. Parado, acima dela, conheceu um instante de agonia, antes de procurar a satisfação final, mas já era tarde para voltar atrás. Ele a queria tanto que chegava a se assustar e, com um gemido de submissão, cedeu às exigências do próprio corpo.

Ruth, apesar de sua excitação, não estava pronta para a invasão final. Quando Dominic se abaixou sobre ela, entrou em pânico, batendo-lhe no peito com os punhos fechados, num terror cego.

— Não! Não... você não pode! — protestou, virando a cabeça de um lado para outro.

Mas Dominic prendeu seu queixo trêmulo entre os dedos. — Eu preciso — disse em voz rouca, abafando com os lábios novos protestos e suavizando, com o calor desse contato, o choque momentâneo de sua entrada.

A dor — e houve dor, para começar — trouxe lágrimas aos olhos de Ruth, mas Dominic capturou-as com a língua, acalmando seus medos infantis. — Relaxe — ele instruiu, acariciando seus cílios trêmulos. E cautelosa, cheia de incredulidade, ela se permitiu tomar conhecimento da intimidade que partilhavam. Celeste não mentira. Tudo que dissera era verdade, e não se tratava da coisa sórdida e furtiva, que tão tolamente imaginara. Era uma sensação maravilhosa de pertencer e partilhar, de ser um ente completo pela primeira vez na vida. Como gostaria que aquele momento durasse para sempre!

Quando Dominic começou a se mover dentro dela, Ruth quase protestou. Não queria que ele se movesse, não queria que a deixasse, só queria prolongar aqueles momentos de intimidade, que talvez nunca mais partilhassem. No entanto, quase que de imediato percebeu que ele não se afastava dela e que os movimentos que fazia despertavam uma resposta que levava o sangue a correr como fogo líquido por suas veias.

Dominic a estava excitando, e um calor delicioso começou a se espalhar por seu corpo, envolvendo-a numa onda de emoção tão forte, que a fez querer mover-se com ele, arquear-se de encontro a ele, buscando uma aproximação maior ainda. Uma espécie de selvageria assolou-a, e o gemido baixo de prazer que ouviu veio de sua própria garganta. Incapaz de pensar em qualquer coisa que não fosse Dominic, passou-lhe os braços pelo pescoço, arranhando-lhe as costas com as unhas, mexendo e virando-se debaixo dele, encorajando-o a continuar e continuar, até uma emoção atordoante explodir em seu íntimo. Perdida num mar de sensações, vislumbrou as feições suadas de Dominic, um momento antes de ele enterrar o rosto em seus cabelos. Então, um langor delicioso espalhou-se por todo seu ser, substituindo as emoções frenéticas de minutos atrás. Sentiu os punhos apertados se

descontraírem, no sensual "depois" que se seguiu, e foi nesse instante que percebeu exatamente o que fizera.

Nada poderia protegê-la da sensação de frio que a invadiu. Com uma objetividade que nunca pensara, ter, Ruth se viu como o pai a veria e horrorizou-se. Mulher à-toa, desavergonhada, depravada! Era todas essas coisas e muito mais, e nunca poderia negar que quisera o amor de Dominic e a satisfação apaixonada que a possessão dele lhe proporcionara.

O corpo de Dominic pesava sobre o seu, e debatendo-se, aflita, ela tentou se livrar dele. Não foi fácil. Dominic não queria soltá-la e protestou preguiçosamente, quando procurou empurrá-lo para longe de si. No fim, praticamente em pânico, foi obrigada a manifestar sua frustração, e seus pedidos acabaram por obter algum efeito.

— Por favor... me solte. Eu... nós... eu tenho que voltar. Papai já deve estar aflito para saber onde estamos.

Depois de um momento de hesitação, Dominic rolou para o lado, espalmando as mãos num gesto que dizia que ela era livre para fazer o que quisesse. Mas ele não se moveu de onde estava.

Ruth levantou-se depressa, evitando olhar para a nudez dele. Mas, durante todo o tempo em que se vestia, esteve consciente da figura alta e musculosa estirada na areia, ao seu lado, quase não acreditando que haviam partilhado, segundos atrás, uma proximidade que, em sua inocência, sempre achara que só poderia ser encontrada no casamento.

Não, isso não era bem verdade. Nunca acreditara que duas pessoas pudessem partilhar tais sensações. Por um momento, relembrou, em cada detalhe, o modo como Dominic a fizera sentir-se. Jamais pensara que tais sentimentos pudessem existir. E, de repente, com um súbito pressentimento, percebeu que talvez só ele pudesse fazê-la sentir-se daquele modo.

Virou-se, então, enfrentando o olhar indolente de Dominic com olhos preocupados. Se era verdade que só ele podia lhe dar tanto prazer, não seria também verdade que só ela podia agradá-lo? Passando a língua pelos lábios, procurou as palavras certas para se expressar.

— Dominic...

Mas, antes que pudesse continuar, ele se levantou abruptamente e começou a colocar o jeans, dando-lhe as costas enquanto fechava o zíper e depois inclinando-se para pegar a camisa antes de virar-se para ela.

— Eu sei — disse, afinal, abotoando a camisa com dedos impacientes.
— Temos que voltar. Acho que faz pouco mais de uma hora que saímos. Talvez Celeste tenha dado um jeito de cercar seu pai.

— Cercar?!

— Vamos. — Enfiando os pés nos sapatos de lona, ele desceu a manga

da camisa sobre o braço ferido. — Dá para você se arrumar sozinha? Vou dar a partida na moto.

— Não. . . é que. . . espere! — Ruth segurou-o pela manga, abaixando os olhos quando ele a fitou. — Dominic, eu. . . eu só queria que você soubesse que. . . que foi bom.

— Acho melhor não falarmos nisso, Ruth. Ela ergueu a cabeça.

— Por que não?

— Por que não? Porque isso nunca deveria ter acontecido!

— Mas aconteceu.

Meio impaciente, meio zangado, Dominic passou a mão pelos cabelos que lhe cobriam a nuca.

— Droga, eu sei que aconteceu!

— Dominic, eu só quero que você saiba que o que aconteceu significa muito para mim...

— Ruth! — ele exclamou num tom violento, obviamente perturbado pela inocente tentativa dela de reconfortá-lo. — Ruth, aconteceu e foi bom. Mas está acabado, e, quanto mais cedo nos esquecermos disso, melhor.

— Esquecermos?! Esquecermos o que aconteceu? Como pode dizer isso, Dominic? Foi a coisa mais linda que já me aconteceu ... e você me diz para esquecer?

— Ah, Ruth, o que posso lhe dizer? Você era inocente e eu me aproveitei de você. Belo modo de lhe agradecer por ter salvo minha vida! — Sua voz soou amarga. — Eu teria lhe servido melhor morto,

— Não! isso não é verdade!

— É, sim — Dominic replicou, com selvageria. — Você não entende, Ruth! O que aconteceu. eu nunca quis que acontecesse. Eu sabia que poderia acontecer. Sabia que havia o perigo, principalmente depois que você me mostrou, aquele dia, na praia, o quanto era capaz de corresponder. Mas achei que teria mais força de vontade, mais juízo! Em vez disso, deixei os sentidos dominarem minha mente, e perdi a cabeça por completo.

— Mas você queria fazer amor comigo. Você mesmo disse.

— Eu sei que disse. E era verdade. Você tem sido uma tentação constante. Mesmo agora... — os olhos dele escureceram, — Ruth, vamos parar com isso. Volte para a moto. Preciso pensar.

Mas, Dominic, por que não podemos falar sobre isso?! Eu... nós temos que falar sobre isso, não temos? A-aconteceu. Fez uma ligeira pausa. — Estava destinado a acontecer. Dominic fitou-a, depois meneou a cabeça.

— Duvido — disse. — Duvido muito, mesmo!

— Então. . . então você preferia que não tivesse acontecido?

— Sim.. . e não. — Ele suspirou. — Ruth, você deve saber como me sinto. Tente entender. Não quero magoar você, mas...

— Me magoar?

Sem saber como, Ruth conseguiu esconder o choque que essas palavras lhe causaram. Sempre soubera que o que tinham feito era errado. Logo depois, sentira na boca o gosto amargo da própria traição. No entanto, lutara para abafar a dolorosa desconfiança de que tudo estava perdido. Revivendo aqueles momentos, chegara a justificá-los, temporariamente, pelo menos. Mas agora as palavras de Dominic traziam-lhe de volta a assustadora consciência de sua própria vulnerabilidade.

— Ruth, se houvesse um jeito de eu lhe mostrar...

— Não se preocupe. — Sua voz saiu abafada, alquebrada, estrangulada pelo esforço que fazia para dominar seus sentimentos. Mas, quando ele estendeu a mão para tocá-la, recuou. — Não sou tão imatura. Não pense que espero que... que se case comigo ou qualquer coisa do tipo. Na verdade, não tenho vontade de me casar com ninguém.

— Ruth...

Dominic pronunciou seu nome mais como um gemido, mas ela o ignorou, continuando num tom cada vez mais forte:

— Falando com sinceridade, eu deveria lhe ser grata. Até... até esta noite, eu era uma ingênua. Sei que era. Celeste... Celeste está sempre me dizendo isso,...

— Celeste!

Ele repetiu o nome da criada com uma entonação selvagem mas, mais uma vez, Ruth não permitiu que a detivesse.

— Ela. . . ela me disse que eu aprenderia, um dia, e eu. . .

— Pare com isso! — Dominic quase gritou, agarrando-a pelos braços e aproximando o rosto do dela, — Você não é como Celeste! Nunca pense que é. — Solto a respiração, frustrado. — Você é uma moça linda e corajosa, Ruth. Qualquer homem teria orgulho de pedi-la em casamento. Infelizmente — e o rosto dele crispou-se numa expressão feia —, não tenho direito a esse privilégio. Você vê, já assumi o compromisso de me casar com outra pessoa.

CAPÍTULO X

Dominic acordou com a cabeça latejando e um gosto amargo na boca. Foi difícil enxergar o relógio sobre a mesinha-de-cabeceira, mas aos poucos os ponteiros se tornaram visíveis e ele gemeu ao ver como era tarde. Já podia ouvir as censuras cheias de desprezo do pai martelando em seus ouvidos, e rolou de costas, fechando os olhos novamente, para protegê-los dos raios de sol, que passavam pelas fendas da veneziana.

No entanto, era bobagem continuar deitado e, desanimado, jogou as cobertas longe e passou os pés para o chão. Mas o latejar em sua cabeça aumentou, quando tentou se levantar, o que o levou a se arrastar até os pés da cama, para examinar, com olhos vermelhos, sua imagem abatida.

"Estou péssimo", pensou com desgosto, notando as rugas deixadas pela insônia, nas maçãs do rosto. Este parecia mais magro e, com a barba de um dia por fazer, estava com um ar decididamente decadente. "Resultado da quantidade de álcool que venho consumindo ultimamente", decidiu com amargura. E, estendendo a mão para o roupão de seda cor de vinho jogado displicentemente aos pés da cama, começou a vesti-lo.

Inesperadas batidas na porta fizeram com que erguesse a cabeça e gritasse, certo de que seria a mãe:

— Entre!

Mas o rosto que apareceu timidamente foi o de Ginny, a secretária de sua mãe, que se pôs a rir por trás da mão, enquanto ele lutava para cobrir o corpo nu.

Ginny era uma garota bonita, gorduchinha, de vinte e poucos anos, um tanto imatura, na opinião de Dominic, mas de quem a sra. Crown gostava muito. Ela não fazia segredo da atração que sentia pelo filho da patroa e ele desconfiava que não encontraria problemas se desejasse tornar mais íntimo seu relacionamento. Mas a verdade era que não tinha interesse pela moça, embora se divertisse com as tentativas que ela fazia para chamar sua atenção.

— Bom dia, sr. Dominic — Ginny disse, quando ele terminou de amarrar o cinto do roupão. — A sra. Crown me pediu para lhe dizer quê quer falar com o senhor, antes que saia para o escritório. \

— É, mesmo?

Dominic inclinou a cabeça, certo de que a mãe jamais pensara em mandar Ginny a seu quarto. Mas Ginny, como sempre, resolvera provocá-lo, e por isso continuava ali, embora já lhe tivesse dado o recado.

— São mais de onze horas. O senhor está atrasado de novo. Quer que eu vá buscar alguma coisa para comer?

— Não, obrigado. Vou tomar café com a minha mãe. E não estou com fome.

— Mas deveria comer alguma coisa. Li, em algum lugar, que o café da manhã é a refeição mais importante do dia. Forra o estômago, é o que dizem. Não quer mesmo umas torradas com geléia?

— Obrigado, Ginny, mas só quero me vestir. Se me der licença....

— Toda, sr. Dominic. — Seus olhos flertaram com os dele. - É tão bom ter o senhor em casa, de novo. Teve sorte em ir parar naquela ilha, não teve? Não sei o que sua mãe faria, se alguma coisa tivesse lhe acontecido.

— Mas nada aconteceu. Obrigado pelo recado, Ginny.

— Seu braço está completamente bom, não é? A sra. Harrington disse que a cicatriz vai ficar para sempre, mas acho que isso não é nada, comparado com o que poderia ter acontecido.

— Ginny...

— Nunca vi uma cicatriz desse tipo. Posso ver?

— Agora, não — Dominic replicou. E, cruzando o quarto com passos decididos, abriu a porta, não dando à moça outra alternativa a não ser sair. Meia hora depois, limpo e barbeado, num terno cinza-prateado, com uma camisa de seda e colete combinando, Dominic apresentou-se na sala de estar da mãe. A sala ficava no andar térreo da espaçosa casa em estilo georgiano que seus pais possuíam na Curzon Terrace e, como o resto dos cômodos, era urna prova do bom gosto de Isobel Crown em matéria de decoração. Armários altos, de ébano, ladeavam uma elegante lareira, sofás, estofados com delicados tecidos de tapeçaria, formavam *composé* com os desenhos de painéis de seda, pendentes das paredes, enquanto cortinas de seda rosa cobriam as janelas altas, agitando-se perigosamente perto do vaso de rosa-chá, que constituíam uma festa de cores, sobre a superfície polida do piano. Isobel estava sentada à escrivaninha, um móvel de estilo francês que surpreendentemente não parecia deslocado entre as peças mais pesadas, e ditava a correspondência para Ginny. Como presidente de um sem-número de associações de caridade, além de organizadora de vários tipos de festas, tinha uma vida bastante ocupada mas, como Dominic sabia, gostava de ser o centro de tanta atividade. No momento, dedicava-se a organizar um baile em prol das famílias sem casa, o que não a impediu de receber o filho com cordialidade, mandando Ginny atrás de uns refrescos.

Ginny preferia ter ficado, mas sabia o risco que correria, se desobedecesse as ordens da patroa. Assim que a porta se fechou atrás dela, Isobel permitiu-se um momento de impaciência.

— Há dias em que essa garota é dura de agüentar! — exclamou, levantando-se da cadeira. — Você não anda a encorajá-la, não é, Dominic? A sra. Harrington me disse que a viu saindo do seu quarto, meia hora atrás.

— Saindo do meu quarto não é bem o termo. Ela estava parada junto à porta, me dando o seu recado.

— Eu não esperava que ela o encontrasse na cama. Eu nem sabia ao certo se você ainda estava em casa. A que horas você voltou, ontem à noite?

— Tarde — Dominic respondeu, jogando-se numa poltrona e fitando a mãe, com ar desanimado. — Era sobre isso que você queria me falar? Se era, descanse. Volto para o apartamento, hoje.

— Ah, Dominic! — Isobel olhou para ele, desapontada. — Você tem mesmo que ir? Eu tinha esperança de que você ficasse para jantar, esta noite. Convidei os Marsden e, como Bárbara ainda está fora, estava contando com você para completar a mesa.

Dominic limpou uma poeira do sapato, depois ergueu os olhos para ela.

— Você sabe, e eu também sei, que o fato de os Marsden virem jantar é puramente incidental. O que você quer é juntar papai e eu. É isso que está tramando. Mas vou lhe dizer uma coisa: se foi por isso que me trouxe até aqui, está perdendo seu tempo.

— Seja sensato, Dominic!

— Eu estou sendo. As minhas objeções são contra o fato de ser tratado como um idiota, mais nada!

— James não trata você assim!

— Mas tenta. Olhe, toda a minha vida eu tenho feito o que ele quer. Em casa, na escola, na universidade... Droga, eu até deixei que ele escolhesse o curso que eu deveria fazer!

— Você quis fazer Economia — Isobel disse, quase implorando, mas Dominic não a ouviu.

— Também concordei em me casar com a garota que ele escolhesse...

— Mas você ama Bárbara!

— Bárbara e eu nos damos bem, eu sei — Dominic replicou com aspereza, erguendo-se abruptamente. — Mas não faria diferença se nós não nos déssemos. Seu marido só está interessado em alcançar os próprios fins, mãe, e eu me cansei de fazer as vontades dele.

— Não diga "seu marido" desse modo, Dominic. James é seu pai. Meu Deus, isso já não está mais do que evidente? Vocês são tão iguais, que estão sempre se chocando. — Ela suspirou. — Adie sua ida para amanhã, meu filho. Você sabe o quanto me preocupo com você.

— Não há motivos para isso. Kingston não lhe disse que estou totalmente recuperado?

— Está, mesmo? — Isobel fitou-o, ansiosa. — Eu sei que seu braço cicatrizou, mas você está tão magro! Não tem comido o suficiente e... e...

— ...bebo demais? — Dominic terminou por ela, momentaneamente arrependido de preocupá-la tanto. Mas viver na mesma casa que o pai,

durante as últimas seis semanas, fora um erro, e mal podia esperar para voltar a ser dono de sua própria vida. Passando o braço pelos ombros da mãe, deu-lhe um rápido abraço e sugeriu, com gentileza: — Vamos fazer o seguinte: eu janto com vocês... mas vou para o apartamento depois.

— Aqui é o seu lar.

— Não, não é o meu lar — corrigiu-a, com firmeza. — E então? É só isso? Porque é melhor eu ir, antes que James libere mais adrenalina em sua corrente sanguínea.

Mas, antes que ele se afastasse, Isobel segurou-o pelo braço.

— Não, não é só isso — murmurou, olhando-o meio em dúvida, muito atraente numa camisa bem-cortada e saia de pregas. — Na verdade... eu queria lhe falar de mais uma coisa.

— Do quê?

Dominic estreitou os olhos, os cílios longos, de pontas douradas, mascarando-lhe a expressão, enquanto a mãe fingia ajeitar-lhe a gravata.

— Diga-me, querido, por que pediu a Tim Connor para investigar os antecedentes daquela garota? Eu estava conversando com a esposa dele, ontem à noite, e ela deixou escapar...

— Que garota?

Dominic usou um tom deliberadamente áspero, e Isobel ergueu os ombros, mim gesto de espanto.

— Você sabe. Só há uma garota que se encaixa nessa descrição. Ruth, não é esse o nome dela? Ruth Jason?

Ele se afastou alguns passos. Deveria ter visto que Tim Connor não era capaz de guardar segredo de nada, quando se tratava de Márcia. O sujeito era completamente dominado pela esposa, e ele sabia que Márcia ficara intrigada ao vê-lo saindo do escritório do marido, três dias atrás.

— Fiquei curioso, só isso — explicou à mãe, enfiando as mãos nos bolsos da calça. — Uma garota como aquela, com o pai às portas da morte. . . Fiquei imaginando se não teria nenhum parente.

— Mas você não me falou que ela não tinha? Pensei. . .

— O pai disse que ela não tinha. Mas eu queria ter certeza. Isobel suspirou.

— Por quê? Que diferença isso pode fazer? Não há nada que você possa fazer por ela. Sou grata pelo modo como ela e o pai tomaram conta de você, é claro, mas não consigo evitar uma pontinha de ressentimento, quando me lembro que eles não quiseram nos informar do seu paradeiro. . .

— Mãe, eles fizeram o que eu pedi.

— No início, não. Você não me disse que estava inconsciente?

— Eles não sabiam quem eu era. O professor Jason deve ter pensado que eu era um vagabundo de praia, no mínimo. De qualquer maneira, eles não

são culpados das minhas esquisitices.

— Quando penso no quanto me preocupei, até Trevor telefonar. . . — Isobel estremeceu. — Eu sei que já discutimos isso antes, mas como você pôde pegar o barco e sair, com um tempo daqueles? Devia estar bêbado!

— Pode ser.

— Mas você me disse que não tinha bebido uma gota! Um sorriso resignado surgiu nos lábios de Dominic.

— Você disse que eu devia estar bêbado — lembrou-a, e ela deixou escapar um gesto de frustração.

— Ainda assim, foi muita irresponsabilidade.— Concordo.

— Então, por que saiu com o barco?

— Já lhe disse... estava entediado.

— Mas Bárbara estava lá!

— E o que tem isso? — Dominic respirou fundo. — Posso ir agora?

— Se precisa. . . Onde está aquela garota, com os refrescos? Ela nunca está por perto, quando preciso dela.

Nesse exato momento, ouviu-se uma batida na porta e Dominic foi abri-la, desconfiado de que Ginny já estava ali há bastante tempo, escutando a conversa. Ela entrou carregando uma bandeja, com o rosto bastante corado, e ele teve vontade de revelar-lhe suas suspeitas, só para ver como reagiria.

Mas um olhar para o relógio de pulso mostrou-lhe que já era quase meio-dia e, depois de despedir-se da mãe, ele saiu, respirando mais livremente ao descer a escada que levava à calçada.

Era uma linda manhã, com o brilho quente do sol mais do que compensando a geada da noite anterior. As árvores do parque do outro lado da rua estavam todas com brotos novos e, apesar do vento cortante que soprava, a temperatura estava gostosa, na parte não sombreada da calçada. O escritório de seu pai, em Holborn, ficava a uns quinze minutos de caminhada. Mas, apesar de geralmente cobrir essa distância a pé, aquela manhã Dominic foi até o final do quarteirão e fez sinal para um táxi. Quanto mais cedo aparecesse nos escritórios da Crown Chemicals Corporation, melhor, embora pouco estivesse se importando com seu atraso. Passara as últimas três noites trabalhando até depois das onze e merecia um descanso. James Crown era um patrão exigente, para quem o filho merecia pouca, se é que alguma, indulgência. No entanto, no pudesse, Dominic teria preferido evitar a inevitável confrontação com o pai, pois sabia o quanto ele ficava tenso, com suas discussões. Se pelo menos seu pai aceitasse que tinha idéias e vida — próprias... Mas não era esse o caso, e sua atual familiaridade só servia para aumentar ainda mais a discórdia, irritando os dois.

Ainda assim, não era o pai que ocupava os pensamentos, de Dominic,

enquanto o táxi abria caminho pelo trânsito difícil de West End. O aborrecimento pela incompetência de Tim Connor estava em primeiro lugar, em sua mente, seguido pela irritação contra si mesmo, por ter pedido o inquérito. Sempre soubera que não tinha o direito de pedir a Connor para investigar a vida de Ruth, o que tornara duplamente irritante ter que explicar seus motivos.

No entanto, nada poderia alterar o fato de que se sentia de certa forma responsável em relação a ela. Mas era uma responsabilidade que não queria assumir. Desde que voltara da ilha, fizera o possível para se esquecer do que acontecera entre eles. Mas, por mais justificativas que inventasse para si mesmo, não pudera tirar da cabeça a expressão no rosto de Ruth, enquanto ele tentava fingir indiferença.

A lembrança daquela noite na praia ainda o atormentava, embora já estivesse em Londres há mais de seis semanas. No fundo, sabia que, apesar do modo como se portara, Ruth não podia ser responsabilizada pelo que ele fizera. Honestamente, a culpa era toda sua. Ruth era uma inocente, e ele sempre soubera disso. Até mesmo brincara com ela, por causa dessa inocência. Não tinha o direito de violar a confiança que ela depositara nele, deixando-a depois para encarar as conseqüências.

Mexendo-se, inquieto, no banco, Dominic ergueu um dos pés e pousou-o na barra do banquinho sobressalente, em frente a ele. Como sempre, seus pensamentos deixaram-no com um gosto desagradável na boca. Tinha trinta e dois anos de idade e, em toda a sua vida, sempre encontrara prazer na companhia do sexo oposto. Agora, no entanto, achava-se numa posição desvantajosa, e, não estava gostando disso.

O táxi diminuiu a velocidade até parar, na Charing Cross Road, penetrando em seguida numa fila interminável de carros, e Dominic recostou-se no banco, de mau humor, consciente de que teria sido melhor fazer o caminho a pé, afinal. Mas agora já era tarde, e, não querendo juntar-se à massa humana nas calçadas, ele se resignou ao atraso... e entregou-se a mais reflexões.

Estava sendo tolo em se envolver ainda mais. Ruth não gostaria de receber ajuda da sua parte. Ao contrário, o incidente na praia terminara com ela fazendo-lhe jurar segredo do que acontecera. O rosto ansioso convulsionado pela ansiedade, ela chegara a ameaçá-lo com violência física, se ele se atrevesse a dizer uma palavra sobre o que acontecera ao professor ou a Celeste. Naturalmente, não levava a moça a sério, considerando-a mesmo uma cautela desnecessária. Só agora, olhando para trás, questionava a própria sinceridade e a boa vontade com que aceitara aquela solução fácil.

No entanto, o que poderia ter feito? Que vantagem poderia ler havido

em admitir sua culpa ao velho senhor? Talvez o tivesse matado. Com toda certeza, destruiria a confiança que o professor tinha em Ruth, transformando o relacionamento de ambos numa farsa. Nada que ele, Dominic, pudesse fazer, teria compensado tal perda; então, por que se atormentar tanto? Não houvera suspeitas. Ao contrário, sua volta ao bangalô passara despercebida. O professor Jason e padre Andreas ainda estavam entretidos em sua discussão sobre as relações entre as religiões, uma extensão de seu assunto original, e como Celeste e o primo não se achavam em nenhum lugar por perto, o perigo de serem descobertos fora totalmente afastado.

Dominic suspirou, enquanto o táxi começava a se mover de novo. Não era como se não tivesse oferecido nada a Ruth. Na manhã seguinte, um pouco antes da chegada do médico, tentara falar com ela, explicar-lhe que se houvesse alguma coisa - se ela precisasse de qualquer coisa — deveria entrar em contato com ele através do Banco Internacional de Kingston. Mas ela se recusara a ouvi-lo. Não queria nada dele, dissera com desprezo, e a lembrança de não poder se comunicar com ela fez Dominic apertar os lábios, impaciente. Ruth se mostrara remota, desdenhosa, capaz de um distanciamento muito além da idade que tinha... e ao mesmo tempo pateticamente nobre, em seu *shorí* e camisa desbotada.

E desejável também, ele se lembrou, com um involuntário despertar dos sentidos. Ainda se lembrava bem da tentação inocente presente nos olhos dela; do nariz, pequeno e no entanto delicioso; da boca, macia e tão vulnerável. Era capaz de sentir o corpo esbelto e receptivo sob o seu, a elevação dos seios, a doçura das coxas femininas. Seu ato de amor fora tudo que ele havia imaginado e muito mais, e ele se perguntou, com um repentino aperto no coração, se não teria pensado em trazê-la para a Inglaterra, caso as coisas fossem diferentes.

Afinal de contas, ele fora o primeiro a possuí-la, e não podia negar que fora bom, muito bom o que fizeram juntos...

Mas Dominic logo afastou da cabeça esses pensamentos, achando que agia como um tolo. Devia estar louco para chegar a pensar em tal coisa, censurou-se, com desgosto. Fosse ela o que fosse, tinha dezessete anos, e ele, quinze a mais; ela era tímida e inexperiente, e ele, um cínico; ela era ingênua e imatura, e ele já estava gasto pelo convívio com o sucesso. Não tinham nada em comum. Ela o deixaria louco de tédio e ele provavelmente a amedrontaria. Teria sido uma união desastrosa e era pura perda de tempo considerar suas possíveis conseqüências.

De qualquer modo, Dominic estava com os nervos à flor da pele quando desceu do táxi, e sem nenhuma disposição para corresponder ao sorriso provocante da recepcionista que ocupava uma escrivaninha, no hall

de entrada do Edifício Crown. Com uma leve saudação de cabeça, ele cruzou o chão de mármore em direção aos elevadores, pressionando o botão de chamada com impaciência.

Seu escritório ficava no décimo quarto andar e sua secretária, Andréa Bell, correu para ele, assim que saiu do elevador.

— Ainda bem que o senhor chegou, sr. Crown — ela exclamou, com um certo alívio. — Faz uma hora que seu pai está telefonando, à sua procura. Disse que o espera, lá em cima.

Dominic adotou um ar resignado.

— Sabe o que ele quer, Andréa?

— Não, senhor. Ele não disse. Só pediu para o senhor subir, assim que chegasse.

— Está bem, pode dizer que já vou indo. Ah, outra coisa: ligue para Tim Connor e peça-lhe para se encontrar comigo no Alexander, à uma hora, para um drinque.

— Pois não, sr. Crown.

Andréa anotou sua ordem num caderninho e, com um sorriso desanimado, Dominic voltou para o elevador e apertou o botão de cobertura, dois andares acima.

A suíte de escritórios de James Crown incorporava a sala de reuniões da organização Crown Chemical, além de um apartamento, que ele usava para si mesmo e para receber seus sócios, e um enorme computador, onde estavam arquivados todos os dados sobre a corporação e seus empregados. Às vezes, Dominic achava que seu pai era meio parecido com o computador: Jake também analisava cuidadosamente cada idéia, antes de colocá-la em ação.

Seu pai o esperava no espaçoso escritório que pertencia ao presidente da corporação. Era uma sala austera, com paredes recobertas por lambris de madeira e móveis de mogno. Um local que intimidaria os que ali chegassem sob pressão, mas que nem por isso deixava de ser lindo, em sua elegante simplicidade.

Quando a Crown Chemical Corporation se mudara de seus escritórios menores, em Deansgate, para aquelas acomodações mais espaçosas, em Malta Square, James fizera decorar as salas de acordo com as próprias idéias. Entrando no escritório naquele momento, em resposta à chamada do pai, Dominic foi obrigado a reconhecer que ele tinha bom gosto.

— Bom-dia — James correspondeu ao cumprimento do filho, olhando significativamente para o relógio de bolso. Os ponteiros estavam a um centímetro da posição de meio-dia e o sarcasmo do gesto não passou despercebido a Dominic.

— Dormi demais — ele explicou, antes que uma palavra de censura

pudesse ser dita. — Sinto estar atrasado, mas você me deve esse tempo.

— É mesmo? — James Crown apertou os lábios. — Porque você resolveu passar suas noites na Daly Tanners, devo deixar passar em branco duas horas e meia de atraso, não é?

Dominic suspirou.

— Se são essas duas horas e meia que o preocupam, pode deduzi-las das cinco horas extras que trabalhei, ontem à noite — disse, enfiando os polegares nos bolsos do colete. Seu pai, que estivera conduzindo uma entrevista da poltrona de couro de espaldar alto, atrás da escrivaninha, levantou-se.

— Eu considero as horas extras que você tem feito ultimamente uma pequena compensação pelas seis semanas em que não pôs os pés aqui. E, antes que me diga que não foi por sua culpa, quero que se lembre de que, se não fosse a sua irresponsabilidade, não teria quase se matado, em primeiro lugar.

Dominic reconheceu a verdade dessas palavras, mas não estava com disposição para admitir nada em voz alta.

— Talvez, se você me desse um pouco mais de responsabilidade por aqui, não haveria esse conflito entre nós. Você não quer um filho, Jake. Quer um robô, um brinquedo, um aparelho mecânico que possa fazer andar por aí, segundo a sua vontade. Fez uma pausa, percebendo que o que diria em seguida aumentaria ainda mais o abismo entre eles. — Talvez fosse melhor, para nós dois, se eu deixasse a Crown. Você não precisa de mim. Qualquer contador poderia realizar meu trabalho, e eu acho...

— Você não é apenas um contador! — James interrompeu-se, zangado. — E que sentido haveria em você deixar a Crown, se ela vai ser sua, quando eu me aposentar?

— Quando você se aposentar? Quando você for carregado para fora daqui, dentro de um caixão, isso sim!

— Não, necessariamente.

James voltou a se sentar, e Dominic, sensível a todas as nuances na voz do pai, sentiu um frio súbito. Seria sua imaginação ou o rosto de Jake estava mesmo com um leve tom acinzentado? Estava tão acostumado a olhar para aquelas feições, tão semelhantes às suas em formato e cor, que raramente as examinava com objetividade. James Crown continuava tão ativo quanto antes, mas, olhando bem, Dominic notou que os ombros largos apresentavam uma ligeira curvatura, e que os cabelos, antes apenas grisalhos, estavam mais brancos. Estaria imaginando coisas ou seu pai andava doente? De certo modo, essa era uma possibilidade que nunca lhe passara pela cabeça.

Indo até a escrivaninha, ele apoiou as palmas das mãos sobre o tampo

polido e examinou o pai com atenção.

— Diga-me — falou afinal, sem o menor traço da indiferença anterior na voz e nos modos —, qual é exatamente o significado desse comentário?

Uma hora depois, Dominic entrou no bar superlotado do Hotel Alexander, em Tavistock Gate. O hotel ficava perto do escritório de Tim Connor e estava cheio de jovens executivos e suas secretárias, agrupados em torno do bar, comendo batatas fritas e bebendo cerveja. Era um lugar da moda, e Dominic sabia que Tim sempre aparecia ali na hora do almoço, para um sanduíche e duas ou três doses de gim com tônica. Era uma das poucas ocasiões em que ele se via livre das garras constrangedoras da mulher, e Dominic podia ter certeza de encontrá-lo sozinho.

Tim estava sentado no canto de sempre, estudando as palavras cruzadas do *Times* e mastigando um sanduíche de presunto e queijo. Ergueu a cabeça, meio irritado, quando Dominic parou diante dele mas, ao ver quem era, dobrou depressa o jornal e deu-lhe lugar no banco acolchoado. Dominic colocou sobre a mesa os dois gins com tônica que pegara ao passar pelo bar, depois sacudiu os dedos, para livrá-los da umidade deixada pelos copos gelados.

— Como vai, Tim? — perguntou com urbanidade.

— Não posso me queixar, Dominic — Tim respondeu muito à vontade, estendendo a mão para um dos copos que Dominic trouxera. — Eu ia lhe telefonar hoje, mas você passou à minha frente.

Sem entusiasmo, Dominic estudou o rosto do outro. Embora fosse apenas dez anos mais velho que ele, Connor tinha os olhos inchados e as veiazinhas rompidas de um homem de muito mais idade, além das marcas deixadas pelo excesso de boa comida e drinques fortes.

"Talvez comer seja um ato de compensação, para ele", Dominic refletiu. Mas logo em seguida levantou o próprio copo, afastando esse assunto da cabeça.

— Como vai Jake? — Connor indagou, observando as formalidades. — Márcia conversou com a sua mãe ontem, no leilão de caridade. Ela me contou que Isobel acha que ele trabalha demais.

— Trabalha, mesmo. Mas o que é que você tem para me dizer?

Connor mostrou-se ligeiramente desconcertado, mas logo recuperou a fachada de bom humor.

— Pensei que você é que quisesse falar comigo, meu velho — protestou, tomando outro gole de seu drinque. — A idade antes da beleza, como dizem.

— Não, você primeiro — Dominic insistiu sem expressão, comprimindo a boca.

Não mais tão à vontade, Connor cedeu.

— Aquele assunto que você me pediu para investigar, sobre a srta. Jason. . .

Dominic concordou com um gesto impaciente de cabeça e ele continuou:

— Você tinha razão, ela tem parentes. Bem, uma parenta, pelo menos, Uma tia, uma mulher chamada Davina Pascal, já ouviu falar nela?

— Deveria?

— Depende. . . Ela é rica o bastante para que falem dela. Mas seu pai era Henry Pascal, um famoso colecionador de arte, na época dele.

— O nome não me diz nada.

— Bem, faz muitos anos que o velho morreu. E a esposa dele morreu antes, ainda.

— Quer dizer que essa mulher. . . Davina. . . é filha desse homem?

— Certo. — Connor estava começando a se divertir. — É uma história bem interessante, por sinal. Como eu disse, Henry Pascal era um colecionador de arte, mas não tinha dinheiro para sustentar seu hobby. Então, encontrou para si uma herdeira rica, a filha de um proprietário de moinhos do Yorkshire, e ela financiou seu negócio.

— Entendo. Quer dizer que a mãe de Ruth... da srta. Jason. . . era filha dele, também.

— Certíssimo. — Connor abriu a cigarreira. — Ele só tinha essas filhas, nenhum filho. Davina herdou tudo.

Dominic fitou-o, pensativo.

— E você sabe por que a mãe da srta. Jason foi ignorada? Por acaso ela era a filha mais nova?

— Não, Na verdade, Helen era a mais velha. — Connor ofereceu um cigarro a Dominic e, quando ele recusou, tirou um para si. — Acho que foi o problema de sempre: Helen casou-se com um homem do qual o pai não gostava, por isso ele cortou-a do testamento.

Um ar cético surgiu no rosto de Dominic.

— E você ficou sabendo disso tudo através de uns documentos.

— Não! Para ser franco, isso era do conhecimento de todos, em 1944. O pai da sua srta. Jason era um contestador, recusando-se a se apresentar quando convocado pelo Serviço Militar, e você sabe como esse tipo de gente era admirado. O velho Henry quase teve um ataque, quando a filha saiu de casa para se casar com o tal sujeito.

Dominic levou a mão à nuca, massageando-a enquanto analisava o que acabara de ouvir. Não era de admirar que Jason tivesse resolvido manter Ruth longe dos outros membros da família, Ele na certa não queria que um deles influenciasse sua filha, mesmo não sendo contrário a viver do dinheiro que a sogra deixara para ela.

— Acho que isso esclarece a situação, não é? — Connor disse, expelindo a fumaça do cigarro e criando uma nuvem azulada em torno deles. — Pobre menina rica, hein? Você vai contar à srta. Pascal que ela tem uma sobrinha?

Acredito que ela já sabe — Dominic replicou distraído, lembrando-se de que Ruth nascera na Inglaterra. E depois prosseguiu, com uma certa aspereza: — Na verdade, eu não tenho nada a ver com isso. O outro concordou.

— É. Mas pode ser que o filho adotivo de Davina não goste muito da história.

— Filho adotivo? Mas você disse... srta. Pascal!

— É verdade. — Connor estava adorando a importância de suas palavras. — Mas há um filho adotivo. Vi nos jornais. Um garoto qualquer, cujos pais morreram quando ele não passava de um bebê. Davina adotou-o. Creio que ela achou que não tinha motivos para não aproveitar as delícias da maternidade, mesmo não querendo se casar.

Dominic meneou a cabeça. Não esperava uma coisa daquelas. Pedira a investigação levado pela vontade de se certificar de que Ruth não ficaria desprotegida, se — quando — o professor Jason morresse. Nunca imaginara que pudesse haver outras razões por trás das que o pai lhe dera para viverem na ilha, e a notícia, em vez de tranquilizá-lo, acabara por fazer exatamente o oposto.

— Algo mais que eu possa fazer por você? — Connor perguntou, triunfante em seu sucesso.

Lembrando-se do motivo que o levava a marcar aquele encontro, Dominic concordou.

— Há, sim: você pode parar de discutir meus assuntos com sua esposa.

— Mas eu nunca fiz isso! — Muito vermelho, Connor tentou se defender. — Se Márcia disse alguma coisa...

— Márcia disse muita coisa — Dominic replicou, terminando seu drinque e se levantando. — E não vai fazer nenhum bem à sua reputação, Tim, se ficarem sabendo por aí que você não respeita a confiança de um cliente. — Apertou os lábios, num gesto quase de simpatia, ao ver a cara arrasada do outro. — Mais uma coisa: é melhor você se esquecer de que já lhe fiz alguma pergunta sobre Ruth Jason. Depois de mandar a conta, é claro.

CAPÍTULO XI

Dominic deixou o escritório antes que de costume, aquela tarde, tomando um táxi para seu apartamento, na Tressilian Square. Ele ocupava a cobertura de um bloco imenso, o que em parte justificava o aluguel fenomenal que pagava. Por seu gosto, teria preferido uma casa na cidade, como a de seus pais, mas isto lhe parecera uma despesa desnecessária, já que estava sempre freqüentando a casa de Curzon Terrace. Além disso, no verão gostava de ir de carro até Marlin Spike, a espaçosa residência de campo que seu pai comprara trinta anos atrás e onde passara a maior parte de sua infância. Sua velha babá, a srta. Bainbridge, ainda vivia lá, agora efetivamente como governanta. Mas, como não houvera mais crianças desde a morte de seu irmão caçula, sua mãe preferia a vida mais ativa da cidade.

O apartamento era fresco e mais silencioso que a casa de Curzon Terrace. A sala espaçosa, com assoalho em dois níveis e as paredes forradas de seda, contrastava deliciosamente com a casa de sua mãe, apesar da elegância que lá existia. Tinha uma sala agressivamente moderna, com janelas de vidro fume, totalmente acarpetada e sofás de couro macio, do tipo que dava para Dominic se esticar em cima, sem sobrar pés ou cabeça. Havia um sistema de som estéreo, televisão e equipamento de vídeo, além de muito espaço para receber os amigos ou simplesmente ficar à vontade.

Um homem entrou na sala, vindo dos quartos, enquanto Dominic observava a vista, em pé diante de uma das grandes janelas. Era um homem de aspecto ordeiro, baixo e gordo, com uma careca avançada e um bigode pequeno. Sentindo sua presença, Dominic virou-se, cumprimentando-o com um sorriso, sem manifestar surpresa.

— Não pensei que fosse encontrá-lo aqui, Shannon. — Dando um passo para a frente, Dominic desfez o nó da gravata. — Já pegou minhas coisas? Achei que você poderia encontrar alguma resistência por parte de minha mãe.

— A sra. Crown disse que havia tentado convencer o senhor a ficar mais um pouco — Shannon respondeu polidamente, pegando a gravata e fitando o patrão com evidente satisfação.

— É bom ter o senhor de volta. Não é a mesma coisa cozinhar só para mim.

— Obrigado, Shannon. Também acho bom estar de volta. Só que não vou poder comer aqui ainda esta noite. Minha mãe insistiu para que eu completasse o número de pessoas à mesa durante o jantar e eu não quis recusar, tendo em vista as circunstâncias.

— Eu entendo, senhor. — Shannon ajudou-o a tirar o casaco.

— Devo preparar um banho de imersão ou prefere o chuveiro?

— No momento, nenhum dos dois. Quero falar com Hector Greenslade ao telefone e ainda tenho algum trabalho a fazer. Mais tarde, tomo um banho de chuveiro. Agora, pode me preparar um drinque, Shannon. Estou precisando de um.

O criado hesitou.

— Vai ligar para o sr. Greenslade, senhor? Não é ele o especialista que seu pai consultou no ano passado?

Dominic concordou, jogando-se num dos sofás e fitando Shannon com ar resignado.

— É.

— Não há nada de errado com o senhor, há? Não surgiram complicações com a sua recuperação, não é?

— Por Deus, não! — Dominic observou o homenzinho colocar uma pedra de gelo num copo e depois cobri-la com uma dose de uísque, aceitando a bebida com prazer. — Hoje fiquei sabendo que meu pai foi avisado, no ano passado, que tinha um problema de coração. Infelizmente, ele preferiu não contar a ninguém.

— Quer dizer que o sr. Crown está doente?!

— E ficará muito pior, se não diminuir o ritmo de trabalho. Na semana passada ele sentiu um pouco de dor e marcou outra consulta com Greenslade. Esta manhã, chegaram os resultados dos exames que fez.

— E...

— E ele foi aconselhado a tirar umas férias, umas férias bem longas.

— Ele foi aconselhado a se aposentar, então?

— No fim, é isso mesmo — Dominic concordou, tomando um gole de uísque e contemplando o copo, com ar pensativo.

— Ele convocou a diretoria para uma reunião extraordinária, amanhã, e me pediu para comparecer.

Shannon meneou a cabeça.

— Posso imaginar por quê.

— Eu também. — Dominic fitou-o. — E a questão é: será que eu quero?

— Se o senhor quer?! — Dos lábios do criado escapou uma exclamação de incredulidade. — Homem, como pode fazer tal pergunta? Principalmente depois de passar todos esses anos à sombra, esperando uma oportunidade para assumir o poder?

— Talvez eu fosse mais ambicioso, naquela época. Agora a coisa me parece de uma responsabilidade assombrosa.

A campainha do telefone interrompeu a conversa e Dominic levantou o fone do gancho, despedindo o criado com um gesto de mão.

— Alô? — disse impaciente, sem disposição para diplomacia.

— Isso é jeito de dar as boas-vindas a alguém que volta para casa? — uma voz feminina brincou.

— Bárbara! — Dominic sentou-se mais para a frente, com as pernas separadas e a mão solta entre elas, segurando o copo.

— Quando foi que chegou? Seu pai me disse que você só voltaria depois do fim de semana.

— Era o que eu pensava, mas Jane já está bem, o bebê melhor ainda e ela arranhou uma ótima babá. Além disso, eu queria ver você, querido. Essas duas semanas pareciam não ter fim! Você também sentiu falta de mim?

Dominic recostou-se nas almofadas, com uma terrível sensação de culpa. Honestamente, tivera pouco tempo para sentir falta da noiva e, relembando o assunto de sua conversa com Tim Connor, na hora do almoço, ele se sentiu pior ainda. Bárbara era tão tolerante, sempre pronta a agradar, o tipo certo da garota para se tornar a sra. Dominic Crown. O problema era que ele simplesmente não lhe dava o devido valor.

Naquele momento, no entanto, encontrou as palavras certas para responder a ela.

— Claro que senti falta de você. Quando poderemos nos ver? Faz tanto tempo...

— Que tal esta noite? — Bárbara sugeriu ofegante, mostrando que as palavras dele tinham surtido o efeito desejado.

— Papai vai a um jantar de negócios. Por que não vem para cá? Teremos a casa inteira para nós.

— Esta noite não dá. — Com um suspiro, Dominic explicou a situação. — Teremos que deixar para amanhã à noite, é uma pena, mas você deveria ter me avisado da sua chegada.

— Não dá para você passar aqui, depois do jantar? Papai vai chegar tarde, e nós ficamos tão pouco tempo juntos, depois que voltamos de Barbados. Quero ver você, Dom. Quero estar com você. Não dá mesmo para você sair mais cedo da casa da sua mãe?

Ele mordiscou o lábio inferior, distraído.

— Está bem — disse, afinal. — Vou tentar. Mas não posso prometer nada. Você sabe como esses jantares de mamãe são... parecem não ter fim.

— Faça o possível — Bárbara pediu. E desligou, depois de mais umas declarações de saudade, deixando Dominic com a sensação de ser realmente desprezível.

No fim, Dominic só pôde despedir-se dos convidados dos pais às quinze para as dez, sentando-se ao volante de seu Porsche cinza-prateado com evidente alívio. Resolvera ir de carro a Curzon Terrace para ter liberdade de movimentos depois, mas agora, em vez de seguir no caminho da

casa de Bárbara, em Kensington, entrou na Park Lane e seguiu para o norte, rumo a Regents Park.

Depois de sua conversa com Hector Greenslade, aquela tarde, procurara deliberadamente o endereço de Davina Pascal, na lista telefônica. O nome dela não era comum, e a designação sob a qual o achou — Pascal, srta. Davina — era inconfundível. O endereço dado era 2, Wellington Mews, e uma consulta a um mapa mostrara que o local estava no meio de um emaranhado de ruas e praças, entre Gloucester Place e Edgware Road.

Não foi fácil achá-lo à noite, apesar da iluminação das ruas. Provavelmente teria sido mais fácil se tivesse ido a pé. Casualmente, no entanto, acabou saindo numa praça pequena, onde ia dar a Wellington Mews, uma ruazinha estreita e sem saída, em cuja entrada havia um arco de pedra. Era com certeza, um local privado e, depois de estacionar o carro e dar uma olhada, ele se sentiu, ainda que com relutância, impressionado.

Parecia haver apenas uma casa dando para a pequena rua, apesar do número. Uma casa alta e estreita, flanqueada de ambos os lados por construções que se assemelhavam a estábulos e garagens. À pálida luz vinda de um par de postes antigos, ele viu jardineiras cheias de gerânios sob as janelas de venezianas ornamentadas e achou-se diante de uma porta pesada, com um vitral na parte superior, acima dos degraus de entrada, pintados de branco.

Uma das janelas superiores estava iluminada e Dominic ficou imaginando quem poderia estar em casa. Que reação provocaria ele, se tocasse a campainha e se apresentasse, informando a srta. Pascal da doença do cunhado e lembrando-a de que tinha uma sobrinha? Como receberia ela as notícias sobre a filha da irmã? Na certa uma mulher que preferira adotar uma criança a permanecer sem filhos receberia bem uma filha postiça.

No entanto, Dominic sabia que não poderia se intrometer. Se Ruth entrasse em contato com ele e lhe pedisse ajuda, depois da morte do pai, aí, sim, poderia lhe explicar que não ficara sem família.

Com um suspiro, meio de frustração, meio de impaciência consigo mesmo, por estar se envolvendo novamente, ele voltou para o Porsche, acomodando-se atrás do volante e dando a partida. Ruth jamais entraria em contato com ele. Ele era a última pessoa, sobre a face da Terra, para quem ela se voltaria. E, se o próprio pai preferira mantê-la na ignorância dos fatos, não era seu o direito de interferir.

Ainda assim, dirigindo de volta a Kensington, Dominic percebeu que precisaria de mais que uma auto justificação para tirar Ruth da cabeça. Gostasse ou não, não conseguia esquecê-la, e sua esperança era de que o tempo, e os acontecimentos tivessem condições de fazer o que a força de vontade não tinha.

A casa de Bárbara era uma residência vitoriana, perto do Holland Park. O pai dela, Gerald Symonds, era um político que, apesar de ter seu eleitorado localizado num distrito industrial a noroeste do país, achava mais fácil manter sua base na capital. Além disso, ele tinha ali muitos interesses econômicos que exigiam sua atenção e gostava da vida social de Westminster.

Os pais de Bárbara eram divorciados. A mãe, que não sabia das aspirações políticas do marido, ao se casar com ele, achara a vida de esposa de um político difícil demais, para o seu gosto. Ela era uma mulher quieta, que se satisfazia com o lar e a família, e portanto preferira permanecer no campo, enquanto o marido cuidava da própria vida, na capital. Naturalmente, isso não dera certo, e ao descobrir que o marido arrumara uma amante, a sra. Symonds pedira o divórcio.

Bárbara estava na escola, na época, e o escândalo não a afetara. Mais tarde, quando ela e a irmã mais nova, Jane, voltaram para casa, tinham sentimentos contraditórios. Por fim, Bárbara decidira morar com o pai, enquanto Jane, já envolvida com um jovem fazendeiro, optara pela vida rural, como a mãe.

Bárbara abriu a porta da casa antes que Dominic terminasse de estacionar o Porsche, junto à calçada. Parou na soleira, emoldurada pela luz que vinha do hall, atrás de si, e Dominic pensou, como fizera muitas vezes no passado, que garota atraente ela era. Com os cabelos curtos e cacheados formando uma auréola dourada em torno do rosto pontudo, Bárbara era pequena e viva, com uma leve tendência à gordura. Mas com as roupas certas, das butikues certas, mostrava-se tão elegante quanto garotas bem mais altas. No momento, usava um caftã solto, que apenas sugeria os contornos de sua figura, mas a luz que a emoldurava delineava também, de forma bastante clara, suas curvas voluptuosas.

— Dominic! — ela exclamou, enquanto ele descia do carro e trancava a porta. — Oh, Dominic, você veio! Eu estava começando a achar que você não viria mais.

Dominic deu a volta no Porsche e aproximou-se com passos indolentes, guardando as chaves no bolso do casaco de veludo.

— Acha que eu teria coragem de desapontá-la? — brincou, inclinando-se para beijar os lábios que lhe eram oferecidos com indisfarçado entusiasmo.

— Dom! Oh, querido, faz tanto tempo. Não sei como pude concordar em ficar com Jane.

— Porque ela precisava de você. E como vai ela, por falar nisso? E sua mãe? O Distrito dos Lagos é lindo nessa época do ano, não é?

— É, sim. — Fechando a porta atrás deles, Bárbara passou o braço

pelo de Dominic. — Mas Kensington é melhor. Não concorda comigo?

Ela o conduziu a uma saleta de teto alto, virando-se para encará-lo. Seus lábios ligeiramente entreabertos e os olhos semi-cerrados eram um convite declarado, e Dominic não seria humano se não estendesse as mãos para segurá-la.

— Querido, querido! — Bárbara sussurrou, puxando as mãos dele para os seios e deixando-o sentir seus mamilos rígidos, sob a seda fina do cafetã. — Já pensou que não faz amor comigo

há mais de seis semanas? A última vez foi antes de você sair com o veleiro, naquela loucura.

— Você sabe por quê — ele murmurou evasivamente, acariciando-lhe o pescoço com os lábios. — Meu braço...

— Eu sei, eu sei. E não o culpo por isso. Só gostaria que aquilo nunca tivesse acontecido.

— Eu também — Dominic respondeu, desejando que ela não tivesse tocado naquele assunto. Com um gesto deliberado, afastou-se um pouco, forçando um sorriso. — Dá para me arranjar um drinque, meu bem? Minha mãe vigia o que eu bebo com olhos de águia e eu ando morrendo de sede.

Bárbara suspirou, desapontada, mas fez o que ele pediu, pegando uma garrafa de uísque, que estava sobre uma mesinha lateral e derramando uma dose generosa num copo. Enquanto isso, Dominic procurou o conforto de um sofá de couro, desabotoando o casaco e esticando as longas pernas diante de si.

— Papai vai levar horas para voltar. — Entregando-lhe o drinque, Bárbara sentou-se ao lado dele. — Você pode passar a noite aqui, se quiser. A sra. Lawrence arruma uma cama para você.

Dominic tomou um gole de uísque, depois meneou a cabeça.

— Se bem conheço a sra. Lawrence, ela já está dormindo a sono solto, a esta hora. Além disso, Shannon jamais me perdoaria se eu não estivesse em casa para o café da manhã. Voltei hoje para o apartamento. Ele não ficou muito contente ao saber que eu ia jantar fora e eu não gostaria de desapontá-lo de novo.

— Mas pode me desapontar, não é?

Bárbara se pôs a tamborilar com as longas unhas no sofá de couro e Dominic abafou um suspiro.

— Meu anjo, o problema não é só onde eu vou dormir. Você sabe tão bem quanto eu que seu pai não gostaria que eu passasse a noite aqui. Além disso — e com uma súbita dor na consciência, ele percebeu que estava inventando desculpas — eu não seria uma companhia agradável, esta noite.

— Não?

— Não. — Com estudada atenção, Dominic examinou o conteúdo de

seu copo, — Bárbara, parece que papai vai se aposentar, afinal. Ele quer que eu tome o lugar dele... temporariamente, pelo menos.

— Oh, Dominic! — A irritação de Bárbara desapareceu, substituída por uma onda de entusiasmo. — Por que não me disse logo? Ah, é tão excitante! Você vai ser o cabeça da corporação! Nem acredito!

Enlaçou-o pelo pescoço, cobrindo-lhe o rosto de beijos, sem ligar para o copo que ele tinha nas mãos. Seu prazer com a notícia foi tão exuberante, que Dominic teve que afastá-la de si, comentando sem expressão:

— Você não me perguntou por que meu pai está renunciando à presidência. É impossível que não saiba que ele não faria isso, sem uma boa razão.

— Mas.. . mas eu pensei... pensei que ele tivesse decidido que já era hora. .. Ele não está doente, está?

Livrando-se das mãos dela, Dominic levantou-se.

— Doente, doente, não. Mas não é mais um homem sadio e os médicos conseguiram convencê-lo de que se mataria em menos de um ano, se continuasse como até agora.

— Oh! Sinto muito, Dom. Eu não fazia idéia. — Ela pressionou os lábios, olhando-o ansiosa. — E eu, que estava achando você louco por não pular de alegria.

— Humm. — Dominic tomou outro gole de uísque. Pular de alegria? — Pensativo, deu alguns passos até a lareira. — E se eu lhe dissesse que não estou inteiramente convencido de ser o homem certo para o cargo? Que, para ser franco, a responsabilidade disso, me apavora?

Com um gesto de impaciência, Bárbara moveu-se para a beirada do sofá.

— Não diga isso, Dominic. Você sabe que é o único homem para este cargo. Seu pai fez aquela companhia. Construiu-a do nada. Quando seu avô morreu, deixou só uma cadeia de farmácias pequenas, que obtinham suas mercadorias de firmas maiores. Se Jake Crown não tivesse tido visão para perceber que os medicamentos iam ser um grande negócio, não teria criado seus próprios laboratórios e a Crown Chemicals não teria nascido.

— Eu sei disso.

— Você conhece a organização de dentro para fora e de fora para dentro. Trabalhou nos laboratórios, fez estágio nas fábricas, estudou Economia e Administração de Empresas. Foi por sua causa que a Crown começou a produzir alimentos saudáveis. Pelo amor de Deus, Dominic, você não pode dar as costas a tudo isso agora. A Crown precisa de você e você precisa dela.

— Tanto quanto preciso de um buraco na cabeça! Bárbara levantou-se, indo se pôr diante dele, pequena e decidida.

— É um desafio, você não vê? E eu posso ajudá-lo. Como tenho ajudado papai.

Subitamente, uma imagem de Ruth como sua esposa passou pela mente de Dominic. Ela não era como Bárbara. Provavelmente, era mais parecida com a mãe de Bárbara. A idéia de ser esposa do presidente de uma grande corporação na certa a assustaria. Ela era uma criança, no que se referia a tais assuntos.

"Mas é isso mesmo que ela é", pensou com amargura. "Uma criança!" E ele não passava de um cafajeste desprezível, por tê-la violado como fizera.

— O que foi, Dominic? No que está pensando?

A voz ligeiramente amuada de Bárbara chegou-lhe aos ouvidos, como se viesse de uma longa distância.

— Desculpe. Você disse alguma coisa?

— Eu lhe perguntei no que estava pensando. Dominic, você não falou a sério agora há pouco, falou?

— Sobre o quê? — De repente, ele se viu com a mente completamente em branco. Levou alguns segundos para se recuperar. — Ah, você fala da corporação. — Meneou a cabeça. — Creio que não. Como poderia? Afinal, Jake detém cinquenta e um por cento das ações.

— Então você terá o controle de tudo! Ah, Dominic, não vejo a hora de contar a papai.

— É bom saber que você ficou contente. Pode me arrumar outro drinque? Depois, é melhor eu ir embora.

Ele saiu antes da meia-noite, para decepção de Bárbara, que o segurou pelas lapelas do casaco, enquanto se despediam com um beijo.

— Amanhã à noite — ela o fez prometer, pressionando o corpo ao dele. — Não vai se livrar de mim com tanta facilidade, amanhã. Jantaremos no seu apartamento, e eu não recusarei um convite para ficar para o café da manhã.

No fim, Dominic acabou jantando sozinho na noite seguinte, num hotel em Berna. Ele tinha um encontro marcado com os banqueiros suíços de seu pai, para o outro dia, e, durante a semana que se seguiu, visitou todas as divisões européias da Crown Chemicals. Era necessário, seu pai dissera, fazer sentir sua presença, e realmente, no fim daquela semana, ele se sentiu bem mais capacitado a dirigir a corporação. Por mais completas que fossem, as telecomunicações jamais poderiam tomar o lugar de uma visita pessoal e ele foi obrigado a reconhecer que Jake sabia do que estava falando.

A atividade intensa daquela primeira semana acabou com qualquer chance que Dominic pudesse ter de encontrar-se com Bárbara e seu contato limitou-se a chamadas telefônicas. Ela se disse desapontada e ele não

duvidou. Mas Bárbara era também ambiciosa e não deixara de ver a posição que ocuparia, quando se casassem. Valia a pena suportar a separação, sabendo que, em setembro, tomaria o lugar da mãe dele, e não foi sem uma dose de cinismo que Dominic imaginou qual teria sido a reação dela, se por acaso tivesse se recusado a ocupar o cargo que o pai lhe passara.

Bárbara gostava dele. Ou, pelo menos, era o que dizia. Mas será que gostaria, do mesmo modo, de um humilde economista? Essa era uma coisa que nunca saberia. E, decidindo que tanta introspecção só poderia lhe fazer mal, Dominic tirou esse assunto da cabeça.

Ele chegou de Colônia, no fim daquela primeira semana, sentindo-se exausto. Tantas horas examinando fichários e dossiês, ouvindo vários chefes de departamento delinear seus planos para o ano seguinte, fazendo refeições apressadas e bebendo demais, tudo isso combinado com muito tempo de espera nos aeroportos tinham-lhe tirado, todo o entusiasmo com que começara. O que queria era dormir pelo menos quarenta e oito horas, antes de enfrentar outra folha de balanço. Assim, dizendo a Shannon que não atenderia nenhum telefonema, Dominic caiu na cama sem nem tomar um banho.

Por volta do meio-dia, aproximadamente quinze horas depois, Shannon arriscou-se a entrar no quarto, trazendo o café da manhã. Encontrou o patrão ainda morto para o mundo mas, quando puxou as cortinas, deixando a luz do dia entrar, Dominic se mexeu. Com um gemido, ele rolou de costas, logo estreitando os olhos para fixar o criado com impaciência.

— Eu disse... que não estava para ninguém. E feche essas cortinas! Não quero saber que horas são.

Shannon colocou a bandeja sobre a mesinha-de-cabeceira e agüentou firme, nem um pouco abalado por aquele *show* de mau humor. Era raro Dominic acordar bem, e ele não se ofendeu com mais aquela cena.

— Certo, mas já é meio-dia, senhor — informou com ar animado, entrelaçando as mãos no peito. — E eu lhe desejaria bom-dia, se o relógio não tivesse dado as horas.

— E daí? — Dominic fez uma careta, ao ver a bandeja. — Pode levar isso daqui. Não estou com fome, só cansado. Vá embora e me deixe em paz.

— Eu também gostaria de fazer isso, senhor, mas é que seu pai está ligando desde as dez, e eu lhe prometi que o senhor estaria em pé, ao meio-dia.

— Prometeu, é? — Dominic fitou-o, exasperado. — E quem lhe deu permissão para prometer isso a meu pai?

— O dia está lindo, senhor. — Um sorriso radiante iluminou o rosto do irlandês. — Não sente vontade de já estar de pé e por aí?

— Por aí, no meu escritório, não é? Oh, está bem, me dê o café. Acho

que vou ter que me levantar, mesmo.

Shannon fez um gesto de aprovação e inclinou-se sobre a bandeja, enquanto Dominic se recostava nos travesseiros. Com certo espanto, verificou que já eram meio-dia e quinze. Desde criança, não dormia tanto. Havia um exemplar do *The Times* sobre a bandeja, ao lado do bule de café e, enquanto Shannon acrescentava açúcar à porção de líquido preto e aromático com que enchera uma xícara, Dominic deu uma olhada em algumas páginas. Os títulos das reportagens não despertaram seu interesse. A atual linha de ação de uma das maiores corporações industriais havia aparecido nos jornais do continente também mas, como não afetava diretamente a Crown, não lhe deu importância. Mostrou-se mais interessado pelo preço das ações, na Bolsa de Valores, e pela situação política na América do Sul, para onde tinha esperança de levar a Crown.

Para seu alívio, a última revolta na América Central acabara sem derramamento de sangue, e ele estava a ponto de colocar o jornal de lado e pegar a xícara que Shannon lhe estendia, quando uma foto, numa das páginas internas, chamou sua atenção. Provavelmente não a teria notado, se o nome Pascal não estivesse em evidência, e mesmo assim olhou-a por vários segundos, sem realmente acreditar no que via.

— Seu café, senhor.

Shannon demonstrou uma ligeira impaciência e Dominic fitou-o quase com agressividade.

— Está bem — exclamou, derramando metade do café no pires, ao pegar a xícara. — Por acaso eu lhe pedi para ficar esperando?

Shannon suspirou e, retomando a xícara, correu para o banheiro, para reparar o dano. Dominic, temporariamente sem platéia, resmungou sua impaciência. Então, pondo de lado qualquer pretensão à indiferença, leu o que diziam as linhas embaixo da foto, com olhos apertados e hostis.

Não era uma foto muito boa. Sem os dizeres embaixo e a presença do nome Pascal, não seria de admirar que Dominic não lhe destinasse um segundo olhar. Com toda certeza, ele jamais teria reconhecido Ruth, sem ajuda. No que parecia uma elegante camisa e casaco — a foto era muito pequena, não mostrando mais que a cabeça e os ombros dela —, com os cabelos cortados ou presos de algum jeito, Ruth estava muito diferente do modo como se lembrava dela. Parecia insegura, também, ou talvez a câmera a tivesse pego num momento assim, e Dominic foi assolado por uma mistura de sentimentos. Havia espanto, é claro, e incredulidade, mas também havia ansiedade e uma outra emoção, bem mais difícil de identificar.

— Aqui está, senhor.

Shannon tinha voltado com o pires limpo e, depois de encher novamente a xícara, oferecia-a a seu recalcitrante patrão. Desta vez,

Dominic pegou-a de cara fechada, mas sem agressividade, e o criado inclinou a cabeça com evidente alívio.

— Não vai se esquecer das horas, não é, senhor? — Shannon arriscou-se a perguntar, encarando com uma certa censura ao aparente interesse de Dominic pelo jornal.

— O que é? — Distráído, o rapaz ergueu os olhos.

— Seu pai, senhor. Não se esqueceu...

— Ah, não! Não me esqueci. — Na verdade, ele tinha esquecido, mas não quis dar ao criado a satisfação de saber disso. — Daqui a pouco, eu me levanto. Se meu pai telefonar de novo, pode trazer o telefone para cá.

— Sim, senhor. — Shannon deu um passo para a porta, depois parou, decidido a se assegurar de que Dominic estava bem, fossem quais fossem as conseqüências que tivesse que encarar. — Não há... más notícias no jornal, há, senhor? Não pude deixar de notar...

Dominic recostou-se nos travesseiros, resignado. — Não — disse, após alguns segundos. — Não são bem más notícias. É só algo que eu não esperava encontrar.

— Não tem nada a ver com a foto da srta. Pascal e a sobrinha, na página cinco, não é?

O espanto de Dominic logo se transformou em irritação...

— Posso saber exatamente o que está querendo dizer? — Quase jogando a xícara meio cheia sobre a bandeja, ele se inclinou para a frente. — O que sabe da srta. Pascal?

O criado não se apertou.

— Não é um nome comum, senhor. E eu o encontrei no livro de notas, ao lado do telefone, a semana passada. O senhor me desculpe, mas eu passei os olhos pelo jornal, agora há pouco, e quando vi o nome da moça...

— ...somou dois mais dois. Está bem, como você já deve ter descoberto, Davina Pascal é tia de Ruth Jason.

— Parece que o pai dela morreu. Sorte ela ter parentes como essa,

— É.

Mas Dominic não estava tão certo disso. Ver a foto de Ruth daquele modo, ler que o pai dela morreria e a tia a trouxera de volta para a Inglaterra, deu uma nova perspectiva a tudo que acontecera entre eles. Sem saber por quê, ele foi tomado por um curioso ressentimento contra Ruth e a tia e, embora repetisse para si mesmo que era aquilo que sempre quisera para ela, não conseguiu se convencer de todo.

— Parece que o pai da moça morreu logo depois que o senhor voltou para casa — Shannon comentou, pegando o jornal que o patrão pusera de lado e tornando a abri-lo na página cinco. — Pobre garota! Londres deve lhe parecer um lugar assustador.

Empurrando as cobertas para longe, Dominic se levantou.

— Ela vai sobreviver — declarou energicamente, - o que lhe valeu um olhar de censura do criado.

— Pensei que o senhor devesse a vida a ela. Seria delicado fazer-lhe uma visita em Wellington Mews, não acha?

Já na porta do banheiro, Dominic hesitou, meio divertido, apesar de tudo.

— Mas você não perde uma, hein, seu velho danado! Sem dúvida conseguiu o endereço no bloco de anotações, também, não é?

— Não, senhor. Eu procurei ria lista telefônica. Não fica longe daqui. É só atravessar o parque e. ..

— Eu sei onde fica — Dominic replicou, batendo a porta do banheiro antes que o irlandês pudesse dizer mais alguma coisa.

No entanto, mais tarde, naquele dia, encerrada a primeira entrevista com seu pai, Dominic se viu pensando no que Shannon dissera. Era verdade que Ruth e o pai tinham lhe salvado a vida, reconheceu impaciente, perfurando um mata-borrão com uma espátula. Pelo menos isso devia a ela. E, apesar do modo insensível como a tratara, havia um laço entre eles. Mesmo que Ruth não quisesse mais vê-lo, deveria lhe fazer uma visita, nem que fosse só por educação. Se ela precisasse, poderia lhe oferecer ajuda... para encontrar um lugar para morar ou um emprego. Sem dúvida, a tia já devia ter providenciado tudo isso, mas ele tinha obrigação de ver se ela estava bem.

Com uma exclamação abafada, Dominic levantou-se da escrivaninha e caminhou até a janela. Como poderia fazer aquilo? E se Ruth não tivesse falado dele para a tia? Ela não tinha motivos para tocar em seu nome e sua própria família fizera o possível para esconder a história dos jornais. Como poderia ele ir atrás dela, na casa da tia, sem dar explicações? Principalmente quando era pouco provável que Ruth o recebesse de braços abertos.

Suspirando pesadamente, Dominic voltou-se para olhar seu escritório. Não era o que ocupara antes, mas também não era o do presidente. Seu pai ainda ocupava esse escritório. Jake não estava pronto a ceder toda a responsabilidade, e eles tinham combinado que haveria um período de seis meses, durante os quais Dominic deveria assumir, aos poucos, o papel de presidente da corporação. Em consequência, ele recebera um escritório no andar de cobertura e a colaboração da secretária do pai, a sra. Cooke, que estava com a Crown há tanto tempo quanto o próprio Jake.

Uma coisa que Dominic tinha aprendido, durante aqueles primeiros dias de comando, era que seu pai sempre evitara delegar poderes. Em todos os aspectos do negócio, Jake mantivera o seu dedo em tudo na organização,

não dando a nenhum de seus executivos o direito de resolver nada que ele mesmo pudesse resolver. Dominic desconfiava que este não era o melhor meio de dirigir a firma. Se ele estivesse à frente de um negócio pequeno, com tempo para supervisionar todos os departamentos, talvez desse certo; mas numa corporação como a Crown seria loucura querer absorver todos os aspectos da organização. Era fisicamente impossível e fora a luta para conseguir isso que acabara por destruir a saúde de seu pai.

Voltando para junto da escrivaninha, Dominic pressionou o botão de chamada, ligado à mesa de sua secretária.

— Quer vir até aqui por um momento, sra. Cooke? — pediu, soltando o botão para reassumir sua posição atrás da escrivaninha.

Quando Adelaide Cooke entrou, mais uma vez ele imaginou se ela realmente era casada. Apesar do título de senhora, nunca a ouvira mencionar o marido. Além disso; ela nunca se queixara das horas extraordinárias de trabalho, que seu pai muitas vezes exigia. Alta e magra, com óculos de aro de tartaruga e cabelos grisalhos, presos na nuca, a sra. Cooke emanava competência e eficiência, além de uma dedicação total ao dever que Dominic muitas vezes achava irritante.

— Sim, sr. Dominic? — ela disse, segurando com firmeza, entre as mãos, o bloco de anotações e o lápis.

Ele era sempre chamado de sr. Dominic, para não ser confundido com o pai, mas naquele momento também isso provocou nele uma incrível irritação, que fez o possível para esconder.

Vou sair, sra. Cooke. Não há nada precisando da minha atenção com urgência, há?

A sra. Cooke mostrou-se ligeiramente escandalizada. Afinal, eram só quatro e meia. O sr. Crown raramente saía antes das seis, e o sr. Dominic só chegara ao escritório bem depois da uma.

Ela consultou o bloco de anotações, antes de erguer a cabeça.

— Houve um telefonema — declarou, franzindo a testa. — Quando o senhor estava no escritório do presidente. Foi... da srta. Symonds. Eu expliquei que o senhor estava em reunião e ela disse que ligaria depois.

Dominic apertou os lábios.

— A senhora não me disse nada, sra. Cooke.

— Não. — A secretária fitou-o meio desconcertada. — Era uma chamada pessoal e não julguei que fosse urgente. Como a srta. Symonds disse que ligaria depois. ..

— No futuro, quero que deixe sobre a minha escrivaninha uma lista das pessoas que ligarem para mim, quando eu estiver em reunião. Sejam chamadas pessoais ou não, sra. Cooke. Eu decidirei o que é importante.

— Sim, senhor.

Vendo a secretária inclinar a cabeça, Dominic teve um instante de arrependimento. Não era culpa dela, afinal. Seu pai não receberia bem aquele tipo de informação, principalmente não tendo nada a ver com a corporação.

— Está bem — murmurou, de fôrma bem mais agradável. — Há mais alguma coisa?

A sra. Cooke meneou a cabeça. E depois:

— Devo dizer ao sr. Crown que o senhor está de saída? Pode ser que ele queira falar com o senhor...

— Pode ser, mas não pretendo lhe dar a oportunidade. Diga-lhe para telefonar para mim mais tarde, se houver alguma coisa urgente. — Massageou a nuca, num gesto cansado. — Duvido que eu saia, esta noite.

— E a srta. Symonds?

— Bárbara? — Dominic abaixou a mão. — Se ela ligar de novo, diga-lhe que eu telefonarei a ela esta noite. Agora, o que eu preciso é de um drinque... e forte!

A sra. Cooke não lhe pareceu tão chocada quanto ele esperava. Na verdade, ela até se permitiu um leve sorriso, demonstrando que tinha senso de humor, afinal.

— Até amanhã, então, sr. Dominic — disse polidamente. E ele deixou o escritório sentindo-se bem menos irritado.

CAPÍTULO XII

Bárbara telefonou de novo quando Dominic estava debaixo do chuveiro e Shannon entrou no banheiro, acenando com a extensão.

— Quer que eu ligue aqui? — perguntou, quando conseguiu atrair a atenção do patrão.

Dominic concordou com ar resignado, antes de prender uma toalha em torno dos quadris e sair do boxe.

— Querido, você se importaria de mudar o que combinamos?

— Bárbara exclamou, quando ouviu-o atender. — Papai me surpreendeu com este jantar, na última hora. Uma dessas horríveis reuniões políticas, que ele não teve jeito de evitar. Não dá para você vir jantar aqui esta noite, em vez de eu ir ao seu apartamento, como tínhamos combinado? Eu sei que estou lhe pedindo em cima da hora, mas é que eu quero ver você e, ao mesmo tempo, não posso deixar papai na mão.

Dominic recostou-se na parede, ergueu um dos pés e apoiou-o nos ladrilhos, atrás de si.

— Não estou com a menor disposição para assistir a uma das conferências políticas de seu pai, Bárbara — disse afinal com firmeza. E acrescentou, ao escutá-la protestar: — Querida, estou que não posso nem pensar em jantares desse tipo. Só nós dois... seria diferente. Passei a última semana indo de reunião em reunião e, francamente, estou exausto. Desculpe, mas é isso mesmo.

— Ah, Dominic! — Bárbara não disfarçou o aborrecimento.

— Virão umas pessoas com quem eu gostaria que você se encontrasse. ... amigos de papai. Pessoas que podem ajudar você, ajudar a Crown!

Dominic sentiu um súbito nó na boca do estômago, Uma sensação que já tivera inúmeras vezes antes, quando seu pai tentava coagi-lo a fazer algo da vontade dele. Era um sentimento incontrolável, uma contração dolorosa dos músculos do estômago, que produzia uma resposta totalmente negativa. Quer dizer que estou convidado para este jantar? — perguntou, com aparente cordialidade.

— Claro que está. Quando papai sugeriu que eu o convidasse, só pude concordar. — Ela fez uma pausa e, quando ele não disse nada, continuou: — Você vem, não é, querido? Por mim? Prometo que não vai se arrepender.

— Pensei que você tivesse dito que esse jantar era uma coisa de última hora.

— E é. Mas é claro que papai quer que você venha. Eu lhe disse que você deveria voltar ontem e quando ele soube que tínhamos planejado jantar no seu apartamento. . .

— ...decidiu tirar proveito da situação.
— Não... não foi bem assim — Bárbara confessou, com relutância. — Mas, naturalmente, há pessoas com quem ele gostaria que você travasse conhecimento. Afinal, como cabeça da. . .

— Não, Bárbara.
O tom de Dominic foi definitivo, mas ela não o aceitou.
— Você.. . não pode estar falando sério!!
— Estou cansado, Bárbara. Além disso, não tenho a menor intenção de passar esta ou qualquer outra noite de minha vida impulsionando a carreira de seu pai.

— Que coisa horrível de dizer, Dominic!!
— Mas relevante, não acha? Até agora, Gerald e eu não passamos de meros conhecidos.

— Papai e seu pai sempre. . .
— Eu não sou meu pai — Dominic replicou, asperamente. Então, percebendo o quanto fora grosseiro, prosseguiu: — Olhe, Bárbara, não quero discutir por causa disso. Se você mudar de idéia e resolver jantar comigo, tudo bem. Mas, quanto a eu ir ao jantar de seu pai, esqueça.

Bárbara ficou em silêncio por alguns momentos, e ele chegou a pensar que ela tivesse desligado. Depois, o som inconfundível de soluços alcançou-o e a contração muscular em seu interior atingiu uma dureza de pedra.

— Pelo amor de Deus, Bárbara! — resmungou, apertando o punho e afastando-se da parede. — Isso não pode ser tão importante, para você!
— Eu... eu telefono para você... amanhã, Dominic — ela fungou.
Mas não desligou, e os lábios dele se apertaram.

— Está bem — disse afinal, quase num rugido de desgosto pela própria fraqueza. — Está bem, eu vou! — E recolocou-o fone no gancho, antes que se sentisse tentado a mudar de idéia novamente.

Shannon entrou no quarto quando ele se vestia para sair, encarando seu terno de veludo negro com alguma surpresa.

— Resolveu não jantar em casa esta noite, senhor? — perguntou, tirando uma poeirinha da manga do patrão. — E a costeleta de carneiro, que estou assando há uma hora? Sem falar no prato de salmão defumado, que está esfriando no freezer!

Dominic suspirou pesadamente, encarando o ofendido homenzinho.

— Eu tenho que sair. Sei que lhe disse que jantaria em casa. .. mas acabo de descobrir que não vai ser possível.
Shannon franziu a testa.

— Então, vai jantar com a srta. Pascal e a sobrinha? Quer dizer que seguiu meu conselho e falou com a moça?

— Não. — Dominic não conseguiu evitar uma certa brusquidão. — Vou

jantar com os Symonds. Sinto que você tenha tido tanto trabalho desnecessário, mas é essa a verdade.

O irlandês virou-se e deixou o quarto em silêncio, e Dominic não pôde culpá-lo por isso. Shannon estava decepcionado e com razão, mas ele também estava. Além disso, tinha consciência de que fora manipulado. Seu pai haveria de se divertir muito se ficasse sabendo que o filho se deixara persuadir pelas lágrimas de uma mulher, mesmo desconfiando que essas lágrimas tinham surgido de propósito para impressioná-lo.

Dando as costas ao espelho, Dominic pegou a carteira que estava sobre a cama e, nesse momento, a imagem de Ruth, como a vira pela última vez, surgiu diante de seus olhos. Não foi a foto em branco e preto que viu, mas a mulher em carne e osso que ela era, em pé na varanda, observando-o descer ao ancoradouro, na companhia do dr. Francis.

Se ela tivesse chorado, teria voltado? Se ela tivesse falado com ele, se tivesse lhe pedido para voltar, teria se deixado convencer?

Dominic foi para a sala, onde Shannon já havia acendido as lâmpadas. O brilho quente de suas luzes cor de âmbar contrastava vivamente com a escuridão fria como cristal, além das janelas. As luzes de Londres tinham um brilho gelado e ele se perguntou como Ruth estaria reagindo ao frescor da primavera britânica.

O telefone bege, sobre a mesinha polida, como que zombava de sua introspecção. Havia um jeito de descobrir, disse-lhe uma voz interior, com menosprezo. Era só erguer o fone do gancho e discar o número da tia dela. A própria Ruth poderia atender.

E, assim que a ouvisse falar, saberia como estava se sentindo. A voz dela era muito expressiva.

Lançou um olhar para o relógio de pulso. Ainda tinha meia hora, antes de sair para a casa dos Symonds. Tempo mais que suficiente para ligar para uma amiga e perguntar-lhe como ia. Só que Ruth não era uma amiga, pensou com violência. Para ela, ele era um inimigo; e, para ele, ela era a manifestação de sua própria bestialidade.

Dominic atirou-se no sofá, ao lado do telefone, olhando as linhas simples do aparelho com desgosto.

Em nome de Deus, por que estava se atormentando daquele modo? Ela não estava mais em perigo. Não se achava sozinha ou abandonada. Tinha uma tia e um primo adotivo. Então, por que estava se atormentando com responsabilidades que não eram — e não podiam — ser suas?

Levantou-se novamente, indo se servir de uma dose de uísque. A bebida forte agiu como um calmante, e ele se serviu de outra dose antes de voltar a se sentar no sofá, olhando o interior do copo como se todos os segredos do mundo pudessem estar contidos ali.

Ainda estava na mesma posição, quando o telefone tocou, e por um momento chegou a imaginar se não teria induzido Ruth a ligar para ele, por meio de telepatia. Uma idéia que foi logo abandonada, ao ouvir o pai. Quando sua conversa acabou, sentia-se mais desalentado do que nunca. Jake desejava que fosse para os Estados Unidos no dia seguinte, participar de uma conferência de industriais ocidentais, em Nova York, e a possibilidade de que outra semana se passasse, antes que voltasse a Londres, encheu-o de impaciência. Não estava com disposição para arrumar as malas e partir, novamente, e quase dissera ao pai para mandar outro em seu lugar. Também não acreditava que Bárbara fosse gostar da idéia, e foi com uma aguda sensação de depressão que tornou a se recostar no sofá.

Finalmente, ao terminar o drinque, sentou-se mais para a frente, com os ombros caídos, as pernas separadas, as mãos soltas entre elas, segurando molemente o copo. Aquilo não era bom. Estava permitindo que Ruth ocupasse muito lugar em seus pensamentos. Como sempre, quando se lembrava de alguma coisa, estava exagerando de forma incrível a própria responsabilidade em relação a ela e só havia um meio de se curar disso. Colocando o copo de lado, levantou o fone do gancho e, após um segundo de hesitação, discou o número da casa, em Wellington Mews. Podia ser que não houvesse ninguém em casa, consolou-se, enquanto a campainha tocava do outro lado. Não poderia se culpar por não entrar em contato com ela, se não houvesse ninguém lá e, quando voltasse de Nova York, talvez já tivesse conseguido se livrar daquela melancolia.

— Residência da srta. Pascal.

O indiferente tom feminino era muito preciso para ser da própria Davina Pascal e Dominic respirou fundo, antes de perguntar com aspereza:

— A srta. Jason está? Eu gostaria de falar com ela. Houve um momento de silêncio, depois a voz continuou:

— Quem devo dizer que está chamando, senhor? Os dentes de Dominic se apertaram.

— Sou. . . um amigo dela. Por favor, peca-lhe para vir ao telefone.

Houve outro silêncio, mais longo desta vez, e ele levou os dedos aos músculos tensos da nuca. Pelo amor de Deus, o que estaria acontecendo?

Quando a voz de Ruth entrou na linha, sua reação foi maior do que esperava. Era uma voz tão deliciosa, macia e um pouquinho rouca, que revelava a ansiedade de sua dona por estar sendo chamada ao telefone.

— Ruth? — Seu tom foi mais áspero do que gostaria. Uma conseqüência da espera, com toda a certeza. — Ruth, como vai você? Li sobre seu pai, no jornal. Sinto muito.

— Dom. . . Sr. Crown! — ela exclamou, reconhecendo sua voz sem esforço. É depois, com mais frieza: — O que quer?

— O que eu quero? — Dominic respirou fundo, impaciente. — O que acha que eu posso querer? Quero saber como você vai. Se é feliz. O que pensa de Londres.

— Eu vou bem, obrigada. Foi gentileza sua telefonar. ..

Ele percebeu que ela ia desligar e, de repente, tornou-se imperativo que a impedisse.

— Ruth! Ruth. . . espere! Ruth, por favor. . . fale comigo! Houve outro daqueles silêncios enervantes, quando Dominic quase achou que Ruth já tinha desligado. Então, ela disse num tom frio e baixo:

— Não temos nada a dizer um ao outro, sr. Crown. Eu... eu não sei por que se deu ao trabalho de me telefonar. Estou muito bem. Tia Davina é ótima e Martin e eu já somos bons amigos.

— Martin?

Dominic não pôde impedir-se de repetir automaticamente o nome, e Ruth explicou:

— Meu primo Martin. Meu primo adotivo, pelo menos. Ele é filho adotivo de tia Davina.

— Eu sei, eu sei. — Dominic estava irritado, agora. Não queria ouvir falar de Martin Pascal ou seja lá que nome o sujeito tivesse. Queria saber de Ruth, e a distância entre eles nunca lhe parecera maior. — Então, há quanto tempo você está na Inglaterra? Estive fora... — Não parou para explicar, continuando apressado: — Vi seu retrato no *The Times*, esta manhã. Eu. . . eu nem sabia que seu pai tinha morrido.

— E por que deveria? — Ela foi fria e distante. — Para dizer a verdade, estou na Inglaterra há pouco mais de duas semanas. Papai morreu alguns dias depois. . . depois. ..

— Que eu vim embora? — Dominic perguntou abruptamente, obtendo em resposta um mero som afirmativo. — E o que aconteceu, em seguida? Você descobriu que tinha uma tia?

— É uma longa história. Mas não tem importância, agora. Agora, o importante é que... eu estou aqui... e... e me sinto feliz. Isso é tudo que você precisa saber.

— Ruth! — O nome dela saiu estrangulado. — Ruth, não podemos pelo menos conversar civilizadamente? Pelo amor de Deus! — ele exclamou, com violência. E depois prosseguiu, exaltado: — Eu quero ver você, Ruth. Não quer se encontrar comigo para. . . para o café da manhã, amanhã? Eu ia dizer para o almoço, mas nesse horário já estarei a caminho de Nova York.

— Você não pode estar falando sério!

Ruth mostrou-se tão chocada, que Dominic quase se arrependeu do convite impulsivo. Mas tinha que descobrir se ela estava bem feliz, e não poderia fazê-lo por meio de um telefone.

— Estou, sim, Ruth, você não acha que me deve...

— Eu não lhe devo nada, sr. Crown!

E desta vez não houve dúvida de que a ligação fora interrompida.

Dominic recolocou o fone no gancho com uma impaciência controlada, permanecendo onde estava, a olhar o aparelho por vários minutos. Amargura, ressentimento, zanga — sentiu todas essas emoções, além de um desejo quase insano de entrar no carro, ir a Wellington Mews e forçar a entrada na casa da tia dela.

— A que horas pretende sair, senhor?

Dominic, que não notara a entrada do criado, olhou-o de cara fechada.

— O quê?

— Eu perguntei a que horas...

— Não sei! — Levantando-se do sofá, ele se pôs a andar de um lado para outro. Em certo ponto, lançou um olhar para o relógio. — Eu deveria ter saído há cinco minutos. Isso responde à sua pergunta?

— Claro. E foi só uma pergunta — Shannon murmurou, caminhando para a porta.

Mas Dominic o deteve, dizendo de forma desagradável:

— Eu telefonei para a srta. Jason, como você sugeriu. Espero que esteja satisfeito, agora!

— A... a moça não estava em casa?

— Ah, estava, sim. O único problema é que não queria falar comigo.

— Não! — Shannon não disfarçou a surpresa. — Bem, talvez tenha sido melhor assim.

— Melhor, por quê?

Dominic fitou-o com ar zangado, e o homenzinho mexeu-se, pouco à vontade.

— Não creio que a srta. Symonds aprove a idéia de o senhor se aproximar de outra pessoa do sexo oposto.

— Não, é? — O sarcasmo de Dominic foi a revelação externa de uma frustração cada vez maior. — Só que é um pouco tarde para me dizer isso.

— Por quê? O senhor mesmo disse que a moça não quis falar com o senhor. Não houve dano.

— Não houve?

Sem se dar ao trabalho de explicar suas palavras, Dominic deixou o apartamento. Ao volante do Porsche, sentiu sua tensão aumentar. A última coisa de que precisava, no momento, era uma dose das idéias políticas de Gerald Symonds. O homem podia ter sido útil a seu pai, no passado, mas ele não tinha o menor desejo de se envolver com partidos políticos.

Sem pensar nas conseqüências do que estava a ponto de fazer, Dominic entrou na Marylebone Road. Wellington Mews foi mais fácil de

achar, agora que sabia o caminho. Estacionando o Porsche do lado de fora da entrada estreita, ele caminhou os últimos metros até a porta. A aldrava era de latão, muito polida, e o som que fez ecoou pela rua sem saída durante muito tempo depois de tê-la soltado. Foi um som agourento, que por um instante abalou a decisão que o trouxera até ali.

"Mas o que vim fazer aqui?", perguntou-se com impaciência, enrijecendo-se ao ver a porta se abrir.

Uma mulher idosa apareceu e ele deduziu que devia ser a mesma pessoa com quem falara, um pouco antes. Colocando-se debaixo da luz vinda dos postes antigos, forçou um sorriso e disse, em resposta ao olhar interrogativo da velha:

— Meu nome é Crown, Dominic Crown. Eu gostaria de falar com a srta. Pascal.

— A srta. Pascal não está em casa esta noite, senhor. Se quiser deixar um recado...

Intimamente, ele se xingou. Então, tomando uma decisão, pediu:

— A srta. Jason... creio que ela está em casa. Posso falar com ela?

A governanta — pois ela não podia ser outra coisa — olhou-o, em dúvida.

— Não sei ao certo se a srta. Jason está esperando visitas, senhor. Pode ser que ela já tenha ido para a cama.

— Às sete e meia? Não é um pouco cedo?

Uma expressão de incerteza surgiu no rosto da criada.

— A srta. Jason conhece o senhor?

— Conhece.

— Então talvez seja melhor o senhor entrar, enquanto verifico se ela pode recebê-lo.

Dominic hesitou apenas uma fração de segundo, antes de entrar.

O hall era quente e aconchegante, iluminado por um lustre de cristal, com lambris de madeira envelhecidos pelo tempo e um tapete em tons de amarelo e marrom, ostentando a estamparia delicada de uma era que já se fora. Obviamente, Davina Pascal era uma mulher de bom gosto, e Dominic olhou em torno de si com franca aprovação, enquanto a criada subia a escada em caracol.

Ele havia se aproximado da velha fotografia de um velho Ford modelo T e a examinava em detalhes, quando ouviu passos apressados na escada. Virou-se, meio surpreso com a agilidade de movimentos da velha criada e sentiu um frio na boca do estômago ao dar com a garota que havia parado nervosamente na curva da escada. Com os cabelos presos na nuca e um vestido de lã, simples mas obviamente caro, cuja gola lhe emoldurava o queixo pequeno e decidido, ela lhe pareceu muito mais velha e infinitamente sofisticada. Sem aviso, uma tristeza repentina pela adolescente ingênua que

ela já fora invadiu-o. Até os olhos dela mostravam mais experiência, e a opinião que tinha de si mesmo atingiu outro nível, mais baixo do que nunca.

— O que você pretende, vindo até aqui? — ouviu-a exclamar, baixinho. — Não tem o direito de estar nesta casa! Por favor... vá embora!

— Ruth... — Dominic cruzou o hall e parou junto à escada, tomado por um sentimento de frustração. — Ruth, pelo amor de Deus, eu queria ver você, falar com você. É impossível que não saiba. . . Eu tinha que verificar se você está bem.

— Como pode ver, estou ótima. — Ruth lançou um olhar ansioso para a escada, atrás de si. — Agora, quer ir embora? Tia Davina deve voltar a qualquer momento, e eu não quero que ela o encontre aqui.

— Por que não? Ah, entendo! Ainda não lhe contou a meu respeito. Mas não se preocupe, ela vai acabar descobrindo, mais cedo ou mais tarde...

— Não!

A resposta de Ruth foi instintiva, e Dominic comprimiu os lábios.

— Não?

— Não há motivos para tia Davina ficar sabendo. Ela... eu... isso já passou. Não quero nem pensar a respeito.

Dominic sentiu sua paciência diminuir ainda mais e esforçou-se para se controlar.

— Pelo menos desça e fale comigo — insistiu, num tom inexpressivo.

— Prometo não embaracá-la se sua tia aparecer. Posso dizer que vim vender entradas para uma dos bailes de caridade que minha mãe costuma organizar.

— Respirou, fundo. — Não me obrigue a ir até aí buscá-la.

— Você não se atreveria!

— Você sabe que sim — Dominic replicou polidamente. Com um gesto de impotência, Ruth cedeu.

— É melhor você subir. A sala de estar fica no primeiro andar. Se quiser me seguir...

Dominic assim o fez, com os olhos irresistivelmente atraídos para as pernas longas e esbeltas à sua frente, agora envoltas em meias de seda pura. Seguindo-a, ele ia sentindo o perfume que ela usava e o leve traço de perspiração que exudava, como se o frio exterior que apresentava escondesse um conflito interior.

Eles cruzaram um espaçoso patamar, passando pela idosa governanta, que aparentemente estivera à espera de instruções. Ruth dispensou-a, então; e, enquanto a criada descia pesadamente a escada, levou-o a uma saleta de estar, decorada com muito bom gosto. Parou junto à entrada, para permitir a ele que caminhasse até o centro do cômodo, evidentemente pretendendo deixar a porta dupla aberta. Mas Dominic apossou-se das maçanetas e fechou-a deliberadamente, antes que ela tivesse tempo de

falar.

Ruth deu uns passos para frente, indo parar diante da lareira. O fogo estava aceso, e sua luz quente iluminava os cantos escuros do teto moldado em gesso, mas ela não notou esse detalhe. Obviamente, estava pouco à vontade, até mesmo nervosa, e Dominic não poderia negar que também se sentia tenso.

— Então — ele disse, aproximando-se dela — você é, afinal, uma jovem dama ociosa. Fico contente. Pensei muito a seu respeito, desde que voltei para casa.

— É mesmo? — Ruth falou num tom cético, que fez os lábios de Dominic se crisparem.

— É — ele insistiu, parando a poucos passos dela e enfiando as mãos nos bolsos do casaco. — Acredite ou não, eu estava preocupado com você. E senti ficar sabendo da morte de seu pai. Quer falar a esse respeito?

— Com você, não quero falar de nada! — Ruth replicou secamente, de cabeça alta.

A exasperação tomou conta de Dominic.

— Por que não? Você gostava de conversar comigo. — Suspirou, olhando para a ponta dos sapatos polidos. — Sobre o que aconteceu, Ruth. ..

— Por favor! Não acha que isso é perda de tempo? O que passou, passou. A culpa de tudo foi minha. Eu. . . eu não o culpo pelo que aconteceu.

— Ruth! O sangue subiu ao rosto de Dominic. — Ruth, você tem que me deixar reparar o. . .

— Como? — Pela primeira vez, desde que tinham entrado na saleta, ela o fitou nos olhos.

— Não sei. . . Há alguma coisa de que você precise? Um lugar para viver, que seja seu. Dinheiro. . .

Ruth corou.

— Obrigada, mas, como pode ver, tenho tudo o que preciso — respondeu com frieza. — Tia Davina cuidou de tudo e Martin me dá tudo que peço.

— Martin? — O queixo de Dominic endureceu. — Ah, o seu primo.

— Meu primo adotivo. Eu acho. .. Ou melhor, eu sei que tia Davina tem esperanças de que nós.— Você não pode estar falando sério! Só o conhece há duas semanas! Pelo amor de Deus, Ruth, não se deixe levar a um relacionamento para o qual não está pronta, nem preparada!

— Para dizer a verdade, conheço Martin e tia Davina há bem mais que duas semanas. Eles chegaram às ilhas logo depois que papai morreu. Foram eles que me ajudaram a. . . a lidar com tudo.

Dominic estreitou os olhos.

— Você me disse que não tinha parentes.

— Era o que eu acreditava. Papai sempre me disse isso. Fiquei tão surpresa quanto os outros.

— Então seu pai acabou por lhe dizer, antes de morrer?

— Não. Na realidade, quem me disse foi a própria tia Davina. Quando. . . quando papai morreu, a renda que estava no nome dele teve que ser transferida para o meu. Assim que tia Davina soube que eu estava. . . sozinha, foi para a ilha.

— Entendo.

Dominic não pôde evitar a impressão de que a atitude de Davina Pascal fora bem pouco característica. Durante anos ela soubera da existência da sobrinha, sem nunca procurar um contato; no entanto, aparecera de imediato, assim que soubera da morte do cunhado. Naturalmente, ele podia estar cometendo uma injustiça com sua desconfiança. Davina devia ter conhecido Curtis Jason, antes que ele deixasse a Inglaterra, e na certa sabia que era pouco provável que ele aprovasse o relacionamento da filha com os parentes maternos. Ainda assim, se tinha algum afeto pela sobrinha, ela poderia ter lhe escrito de tempos em tempos, e não simplesmente permitir que a garota crescesse ignorando a família a que tinha direito.

— Como você vê, tudo acabou muito bem — Ruth continuou, numa voz um pouquinho insegura, apesar de seus esforços. — Não precisa mais se preocupar por minha causa. — Interrompeu-se, fugindo ao olhar dele. Depois, prosseguiu com relutância: — E o seu... seu braço? Parece que está bom agora. Não. . . não notei nenhuma dificuldade em seus movimentos.

— Não. — Dominic moveu o braço livremente. — Ele está novo em folha. Graças a você e ao seu pai. .. e ao dr. Francis, é claro.

— Isso é ótimo.

— Ótimo — ele repetiu com secura, respirando fundo. Houve um silêncio depois disso, um silêncio cheio de expectativa, durante o qual Dominic ouviu o som irregular da respiração de Ruth. Ela fazia força para aparentar calma e indiferença, mas ele percebeu como era duro para ela manter essa fachada. E se perguntou no que estaria ela pensando, se realmente achava sua presença tão desagradável quanto dizia. . . e por que estava ele se fazendo essas perguntas, quando Bárbara esperava, com impaciência, sua chegada a Farleigh Terrace.

A lembrança da noiva deu-lhe uma súbita consciência das horas, já estava atrasado para o jantar, e sem uma desculpa adequada. Além disso, era óbvio que desperdiçava seu tempo, ficando ali. Já fizera o que viera fazer. Conseguira se assegurar de que Ruth estava bem e feliz. Não precisava mais se sentir responsável por ela. Mas se sentia!

— Ruth. . . — começou, sem saber ao certo o que ia dizer. Mas ela o

interrompeu.

— É melhor você ir. Eu... foi... foi muita gentileza sua ter vindo.

Dominic sentiu, os músculos do estômago se contraírem, numa súbita onda de frustração.

— Ruth... — Tirou as mãos dos bolsos, segurando-a pelos pulsos. — Ruth, o meu telefone está na lista. Quero que prometa me ligar, se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa!

Ruth tentou se livrar das mãos dele. Quando não conseguiu, não lutou, limitando-se a olhá-lo nos olhos e dizer com clareza:

— A sua noiva não acharia ruim, se eu ligasse?

As emoções de Dominic se agitaram. Ele não poderia evitá-lo. Ruth era tão orgulhosa, tão corajosa, infinitamente desejável, de todos os modos. Percebeu que se esquecera do quanto os olhos dela podiam ser lúcidos, de como era delicada a curva da face, quão macia e vulnerável era a boca. E, enquanto a olhava, a lembrança de Bárbara desapareceu de sua mente, deixando-o a imaginar como pudera viver quase oito semanas sem ela. Seu olhar reconheceu o momento em que ela tomou consciência de seu exame intenso, procurando a inegável evidência da excitação feminina. Sob o fino tecido de lã, os mamilos rijos projetavam-se em detalhes sensuais, e sentiu o corpo latejar, numa reação instantânea.

Sentindo o perigo da situação, Ruth tentou libertar-se novamente, mas Dominic não deixou. Contra a vontade, ela se viu impelida para ele, que se apossou de sua boca com ardor e urgência. Apertou os lábios com força, para se proteger do ataque voraz, mas a zanga aumentou a determinação masculina.

"Ela não é tão indiferente a mim quanto quer que eu acredite", Dominic disse a si mesmo com firmeza, embora Ruth continuasse a resistir a suas exigências.

Afinal, ergueu a cabeça para fitá-la no rosto e a viu com as feições contorcidas pela indignação, os olhos brilhantes de lágrimas não derramadas. Ela estava decidida a não lhe dar essa satisfação, e ele foi invadido por um desapontamento completamente desproporcional à situação. Ela não disse nada — talvez por não poder —, mas o que sentia nunca estivera mais claro. O que ele viu nos olhos dela gelou-lhe o sangue e foi com um gesto impaciente que a soltou, enterrando os dedos nos cabelos espessos.

— Acho melhor você ir, agora — Ruth disse afinal, levando a mão aos cabelos já não tão bem presos. — Não temos mais nada a nos dizer. Tudo já foi dito.

— Ah, Ruth! — Dominic exclamou, num tom exaltado. — Está bem, eu vou. Mas pelo menos me diga que não vai deixar de me ligar, se precisar de

mim.

Ruth abaixou a cabeça, perguntando de repente:

— Você vai contar à sua noiva o que houve entre nós. . . como contou a papai?

— O quê?!

Ela repetiu o que dissera, acrescentando com dificuldade:

— Você jurou que não lhe contaria nada, mas contou.

— Eu contei? Mas o que foi que eu contei?

— De nós. Sobre o que aconteceu — explicou chorosa, quase vencida pela emoção. — Se. . . se você não tivesse lhe contado, ele ainda poderia estar vivo. O dr. Francis disse. . .

— Espere aí! — Dominic sentiu a adrenalina correndo em suas veias.

— O que me acusa de ter dito a seu pai? Que fiz amor com você? Que a levei à praia e a seduzi? — Crispou os lábios. — Eu não contei nada. Você sabe que não. Meu Deus, belo cafajeste você me julga!

— Você... não contou? — Ruth fitou-o. — Mas tem que ter contado. De que outro modo ele descobriria?

— Não sei. — Ele introduziu a mão sob o casaco, passando-a sobre as pregas da camisa de seda. Então, meneou a cabeça.

— Achou mesmo que eu faria uma coisa dessas? Deus do céu, qual teria sido a vantagem?

— Eu.. . eu não sei. Mas o que queria que eu pensasse? Ele sabia. De algum modo, descobriu. E ninguém mais poderia ter lhe contado.

— Que tal Celeste? Ela não a tratava com luvas de pelica, não é mesmo? Talvez quisesse provocar confusão. Talvez ainda estivesse zangada com você, pelo modo como a tratou,

— Celeste não sabia. . .

— Você não lhe disse, isso sim — Dominic corrigiu, com cinismo. — Ah, Ruth, você podia ser ingênua, mas Celeste não. Achou que ela não ia perceber o que acontecera?

— Era assim tão óbvio?

O rosto de Ruth queimava e Dominic sentiu uma vontade quase irresistível de lhe dar consolo. Mas conseguiu dominar-se, desta vez. Não tinha o direito de exigir nada dela, já que não pretendia romper seu noivado. Se bem que nada os impedia de serem amigos.

Estendeu a mão, acariciando-lhe o rosto com o nó dos dedos. Foi tomado por uma irritação momentânea, quando ela se afastou com um gesto brusco, mas não se deixou vencer.

— Você acredita em mim, não é? — perguntou, mantendo a voz gentil, e viu-a passar as costas da mão pela face molhada.

— Isso importa?

— Claro que importa — replicou por entredentes, a paciência de novo abalada. — Ruth, eu sinto muito. . . por tudo. Não dá para. . . começarmos de novo?

— Como, assim?

— Nós já fomos amigos. Gostaria que fôssemos, de novo.

— Ah, não! — Um traço de histeria surgiu na voz dela.

— Dominic, você não pode estar falando sério! ~- Por que não?

— Nós nunca poderemos ser amigos! Você vai se casar. .. com a sua noiva, e eu. . . eu provavelmente me casarei com Martin. — Ruth respirou fundo. — Fim da explicação.

A irritação de Dominic pegou fogo.

— Acho melhor você pensar um pouco mais, antes de decidir que quer se casar com alguém. Por mais que diga que sim, não pode ter certeza de que Pascal, ou seja lá qual for o nome dele, é o homem certo para você. Dê mais tempo a si mesma. Saia e conheça outras pessoas. Não se prenda de novo!

— Conheci muita gente, depois que saí da ilha. Tia Davina levou-me a Nova York, antes de irmos para Londres. Encontrei muita gente lá, velhas e novas. — Ruth fez uma pausa, antes de acrescentar, na opinião de Dominic deliberadamente:

— Não gostei de ninguém tanto quanto de Martin. Dominic sentiu a zanga crescer dentro de si. Era ridículo.

Não tinha motivos para se importar com o que ela faria da própria vida. Ainda assim, havia se envolvido.

— Quero que pense muito, antes de concordar com qualquer coisa — falou asperamente. — Não permita que a gratidão que sente por sua tia a impeça de enxergar os fatos da vida. Você ainda é muito ingênua, embora pense o contrário. Portanto, conserve sua independência. Divirta-se um pouco!

— Como você faz — Ruth sugeriu, olhando-o por entre os cílios. Dominic sentiu os cabelos levantarem-se na nuca. Não conseguiu evitar. Ela era de enfurecer qualquer um. Ao mesmo tempo, uma onda de desejo assolou-o, e ele percebeu que ainda a queria.

Tomado por uma sensação de impotência, deu-lhe as costas abruptamente, caminhando para a porta, ansioso para se afastar do que o tentava. Mas Ruth foi atrás dele, movendo-se com uma graça incomparável nas sandálias de salto alto, que aprendera a usar e que complementavam tão bem a curva esbelta de seus tornozelos. Alcançou-o quando ele chegava à porta, tocando-lhe a manga do casaco.

— Dominic. . .

Ele parou, consciente da proximidade dela com todos os nervos de seu ser. Então, forçou-se a encará-la, com o rosto totalmente inexpressivo.

— O que é?

— Estou muito grata por ter vindo. E. . . e por me tranquilizar a respeito de papai. Eu acredito em você, se é que isso significa alguma coisa. Dominic sentiu o sangue latejando em seus ouvidos e soube que precisava sair dali, antes que fizesse alguma coisa da qual, com toda certeza, acabaria por se arrepender. Despedindo-se com uma breve inclinação de cabeça, escancarou a porta e desceu a escada, sem nem olhar para trás.

Ao volante do Porsche, a pulsação se acalmou e o sangue refluíu de suas têmporas. A lembrança do jantar de Bárbara, agora na certa em seu segundo prato, ajudou-o a moderar-se ainda mais, e ele introduziu a chave na ignição. Precisava com urgência de um drinque, mas isso teria que esperar. Tinha que pensar numa boa explicação para seu atraso, embora estivesse quase certo de que Bárbara não o perdoaria, dissesse ele o que dissesse.

CAPÍTULO XIII

Ruth acordou com o barulho da carroça de leite dando a volta em Wellington Grove. Ainda não se acostumara com os sons habituais das manhãs londrinas e, invariavelmente, acordava muito antes que o resto da casa.

Até sua cama era uma fonte de aborrecimento, de vez em quando. Acostumara-se a dormir num colchão muito mais duro, com um mínimo de cobertas. Os lençóis de linho e os cobertores de lã, que a governanta da tia lhe dera, pareciam-lhe pesados e constrangedores. No entanto, sem eles não conseguia agüentar a queda de temperatura das manhãs.

O clima da Inglaterra ainda era frio para ela, embora não o achasse tão desagradável quanto o pai a levava a crer. Não chovia todos os dias, como sempre pensara, e tia Davina lhe dissera que era raro terem muita neve, mesmo no auge do inverno. No momento, estavam na primavera, e as flores dos parques eram deliciosas, bem como os patos dos lagos e as criancinhas que apareciam para alimentá-los, acompanhadas de suas mães. Também gostava dos velhos edifícios e das lojas, embora a quantidade de gente que lá encontrava ainda a assustasse um pouco. Como estava aprendendo a dirigir, logo estaria em condições de passear fora de Londres e ver mais do país onde nascera, uma idéia que muito a atraía.

Era estranho ter vivido tantos anos sem saber da existência de tia Davina. Agora, parecia-lhe que sempre a conhecera, e o afeto que a tia vinha lhe demonstrando a enchia de ternura o gratidão.

Gratidão!

Num gesto de incerteza, apertou os lábios. Gostaria de não ter pensado naquela palavra, pois as imagens que evocava faziam sua pele se arrepiar. Por que viera Dominic vê-la? Por que tivera que aparecer, justamente quando conseguira se convencer de que nunca mais o veria? Por que ele tivera que vir e destruir a frágil redoma de indiferença que construía em torno de si mesma?

Um pequeno soluço escapou-lhe dos lábios e ela se virou para enterrar o rosto no travesseiro. Há semanas vinha se enganando. Desde que tia Davina chegara, como uma fada madrinha, para resolver todos os seus problemas, vinha se esforçando para esquecer o que acontecera com ela. A morte súbita de seu pai, a horrível cerimônia do funeral, seu sofrimento subsequente, tudo servira para manter longe de sua cabeça os outros pensamentos. Uma espécie de letargia tomara conta dela, e ela nada fizera contra. Se o dr. Francis desconfiara de alguma coisa, nada dissera. Segundo ele, a morte de seu pai fora uma bênção, pois nada lhe restava, a não ser dor

e agonia mental. E ela se agarrara a esse veredicto, tentando viver com ele. Mas o reaparecimento de Dominic a despertara, tornando-a de novo consciente da própria fraqueza. Embora ainda pudesse chegar a lamentar o que ocorrera entre eles, jamais poderia esquecer-se, e seu maior medo vinha do fato de saber que, nas mesmas circunstâncias, tudo poderia acontecer de novo.

Ela correu a mão pelo lençol, à procura do lenço que trouxera para a cama, na noite anterior. Colocara-o debaixo do travesseiro, antes de chorar até dormir, e foi com ele, ainda úmido, que esfregou o rosto.

Por que era tão vulnerável quando se tratava de Dominic? Por que não conseguia condená-lo, completamente, pelo que fizera? Ele não tinha escrúpulos. Estava pronto a ter um caso com ela e ainda manter a fachada de respeitabilidade, perante a noiva. No entanto, como era duro resistir-lhe, quando ele a beijava como a beijara, na noite anterior. Se conseguira ter sucesso, fora em grande parte graças à falta de persistência dele, pois tinha consciência de que teria sucumbido irremediavelmente, se ele tivesse continuado aquele ataque a suas emoções.

Era humilhante e ela só pudera dar graças a Deus por tia Davina não estar presente para testemunhar seu desespero, depois que Dominic se fora. Isso teria sido o máximo da degradação e provavelmente nem Martin a perdoaria.

Pensando em Martin, empurrou as cobertas para longe e, decidida, saiu da cama. Não havia sentido em continuar deitada, lamentando o que poderia ter sido. Nada acontecera. Não cedera a Dominic. E o importante, agora, era se assegurar de que nunca aconteceria de novo.

O quarto girou, quando ela se afastou da cama, e uma sensação de náusea assolou-a. Lembrou-se, então, de que não comera quase nada no jantar da noite anterior, um fato que a sra. Radcliffe encarara com franca desaprovação. Obviamente, agora estava com fome e, embora a idéia de comida não lhe fosse muito agradável, caminhou decidida para o banheiro, a fim de lavar o rosto e escovar os dentes.

Vestindo calça de veludo e camisa de seda, ela admirou por um instante sua figura esbelta, ao passar pelo enorme espelho de corpo inteiro. Ter um espelho daqueles fora uma alegria inesperada; e, embora raramente passasse mais que alguns minutos diante dele, ser capaz de se ver de todos os ângulos era sempre uma novidade.

Como a tia preferia, prendeu os cabelos na nuca. Se tivesse concordado, Davina a teria levado para cortar os cabelos, ainda em Nova York. Mas ela hesitara, e a tia acabara por ceder, insistindo, no entanto, para que os conservasse sempre presos. Evidentemente, dissera que sim, mas não conseguira gostar da severidade que o novo penteado dava a seu

rosto e, na cama e na privacidade de seu quarto, deixava-os sempre soltos. Eram pouco mais de sete e meia, quando desceu a escada que levava a seu quarto, no segundo andar. A casa de Wellington Mews ocupava uma grande área, estendendo-se por cima das casas de carruagens e estábulos, agora fora de uso. Tia Davina mantinha um Daimler para a própria comodidade e Martin tinha um Lamborghini, mas fora isso as garagens estavam vazias.

Logo ao chegar, Ruth achara tanto espaço constrangedor. Acostumada ao bangalô, onde todos os cômodos serviam a um propósito, sentira-se perturbada com a idéia de tantos locais vazios, entristecendo-se com o fato de a biblioteca e a sala de música serem tão pouco freqüentadas, passando a maior parte do dia envoltas em silêncio, por trás das janelas fechadas. Mas a verdade era que tudo lhe parecera estranho, no início, inclusive a idéia de ter parentes que nunca vira.

Tia Davina nunca tocara nos motivos que seu pai tivera, para perder contato com a família da esposa. No começo, ela tentara explicar que a distância havia separado as duas famílias, mas quando Ruth percebera que mulher rica era a tia, não pudera deixar de imaginar por que nunca se dera ao trabalho de tomar um avião e ir visitá-los. Em sua opinião, isso tivera muita coisa a ver com a atitude de seu pai, que sempre negara a existência de outros parentes, mas ela nada dissera, por não querer dar a impressão de estar criticando o pai.

Sua maior surpresa, no entanto, fora descobrir que tinha uma herança própria. A renda da qual viviam na ilha, deixada por sua avó, não era modesta como sempre pensara. Ao contrário, era uma soma considerável, que, devido à parcimônia de seu pai, acabara se acumulando no banco, e com juros. Em consequência, se tia Davina não tivesse resolvido lhe oferecer um lar, poderia ter vivido muito bem, sozinha.

A ilha também era sua. Não devia valer muito, mas, em todo caso, não tinha vontade de vendê-la. Só o fato de saber que estava lá fazia com que se sentisse mais segura, e ela prometera a padre Andreas que ele nunca mais precisaria temer pelo próprio lar. Em troca, ele prometera cuidar do túmulo de seu pai, uma pequena laje à sombra da igreja à qual o professor se opusera com tanta teimosia, durante a vida.

Ao entrar na copa, Ruth encontrou a velha governanta pondo a mesa para o café da manhã. A sra. Radcliffe estava com tia Davina há anos e, na verdade, já não tinha mais idade para continuar como governanta. Mas sua tia gostava da velhinha e ela mesma fizera amizade com a criada. A sra. Radcliffe estava longe de ser como Celeste, mas podia-se conversar com ela.

Como sempre, a velha criada recebeu-a com um sorriso.

— A senhorita é mesmo um pássaro madrugador — comentou, endireitando o corpo, com uma das mãos apoiada na base da espinha. —

Quando vai aprender a dormir até o meio-dia, como o sr. Martin?

— Nunca, eu acho — respondeu Ruth, com uma careta. — Não tem jeito. O leiteiro sempre me acorda. Além disso — passou a mão pelo estômago —, eu me sinto completamente vazia.

— Não é de admirar. A senhorita come como um passarinho, também. Já é tempo que comece a gostar do bom e velho café da manhã inglês: presunto com ovos, salsichas com bacon, umas fatias de torrada com geléia e...

— Ah, não!

Ruth havia empalidecido diante da idéia de tanta comida e a governanta fitou-a, ansiosa.

— Não está se sentindo bem, esta manhã? — Dando a volta à mesa, ela se aproximou da garota. — Agora que a olhei melhor, vejo que está bem abatida. Vamos até a cozinha, que eu lhe preparo uma boa xícara de chá quente.

Ruth hesitou, mas, como a náusea havia diminuído, acabou aceitando.

— Acho que devo estar com muita fome — comentou, seguindo a criada escada abaixo. — Mas só vou querer torrada com geléia.

Ruth já estava bem melhor, quando Davina apareceu, pronta a lidar com a correspondência, pois sempre tomava café na cama. Desde que chegara a Londres, há duas semanas. Ruth adotara o costume de ajudar a tia com as cartas, escrevendo as respostas em pedaços de papéis e deixando-as prontas para serem datilografadas, mais tarde. Por enquanto, a própria Davina as datilografava, mas ela estava pensando em sugerir que também aprendesse a datilografar, para poder retribuir assim um pouco do tempo e da paciência que a tia lhe dedicava.

Aquela manhã, no entanto, a tia levantou subitamente os olhos de um convite que examinava, sujeitando-a a um olhar agudo. Quando queria, Davina era capaz de olhar de um jeito muito penetrante, pois tinha olhos de um azul mais pálido que os seus e, por isso mesmo, aptos a gelar qualquer um. Esse olhar frio, combinado com malares salientes, nariz proeminente e uma postura altiva, davam-lhe uma aparência incrivelmente majestosa, que Ruth, até conhecê-la, só associava com pessoas da realeza.

— A sra. Radcliffe me disse que você recebeu urna visita, ontem à noite.

Ruth sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Em sua pressa de acabar com a náusea que a acometera, esquecera-se por completo de pedir à governanta que não mencionasse a visita de Dominic e agora ali estava, enfrentando um desafio inesperado.

— Eu... recebi, sim — admitiu, afinal. E vendo a tia inclinar a cabeça, à espera de uma explicação, continuou: — Era... era uma pessoa vendendo

entradas para... para um baile de caridade.

Os olhos pálidos de Davina se estreitaram, emitindo um olhar acusador.

— Uma pessoa vendendo entradas para um baile de caridade?! Mas quem podia ser?

Ruth gemeu intimamente.

— Acho. . . acho que ele disse que se chamava Crown. Como por milagre, o rosto de Davina se iluminou.

— Crown? Você disse Crown? Mas é claro! A sra. James Crown é conhecida por seus trabalhos de caridade. Na certa foi um colaborador voluntário que veio vender as entradas. Você comprou alguma?

— Eu? — Ruth exclamou, mais aliviada. Obviamente, a sra. Radcliffe não mencionara o nome de Dominic. — Não. Eu... eu não pensei que a senhora pudesse se interessar.

— É sempre bom apoiar causas de valor. Mas você não podia saber disso. — Davina fez uma ligeira pausa, antes de acrescentar: — A sra. Radcliffe não agiu muito bem, deixando-o entrar. Afinal, nunca se sabe quem está entrando em nossa casa, hoje em dia.

Ruth forçou um leve sorriso, mas ainda estava muito abalada e sua esperança era que a tia não notasse.

— Bem, chega disso — Davina declarou, pondo de lado o convite que tinha nas mãos e pegando outro. — Eles provavelmente ainda voltarão a me procurar. — Franziu a testa. — Agora, deixe-me ver.. . Está com o bloco de anotações pronto? Ótimo. Podemos começar?

Martin surgiu quando uma das criadas, que vinham diariamente ajudar a sra. Radcliffe, chegou com o cafezinho do meio da manhã. Ele entrou bocejando abertamente e dirigiu-lhes um sorriso exagerado, quando Davina olhou significativamente para o relógio.

— Eu sei que já é tarde — desculpou-se, beijando a mãe no rosto, antes de fazer o mesmo com Ruth. — Mas só vou me encontrar com Jarvis à uma hora e precisava de uma boa noite de descanso, antes de ir para a pista. Davina fez uma careta, e até Ruth ficou em dúvida sobre o que ele dissesse, mas Martin ignorou-as, servindo-se de uma xícara de café e indo se acomodar no sofá. Sentado lá, bebericando o líquido escuro, ele tinha um ar decididamente infantil, e Ruth pôde ver por que tia Davina achava tão difícil negar-lhe qualquer coisa. Um pouco acima da altura média, magro e atraente, os cabelos crespos e alourados, e um sorriso maroto, Martin era a pessoa mais fácil de conviver que ela já conhecera. E isso, combinado a uma personalidade divertida, tornava-o uma pessoa extremamente agradável. Que ele também tinha uma inclinação para a preguiça era geralmente ignorado.

No início, Ruth ficara espantada com o fato de Martin não ter uma ocupação regular. Seu pai sempre insistira em manter-se ocupado, mesmo quando a doença passara a dificultar-lhe a concentração, mas, quando ela tocara nesse assunto com o primo adotivo, ele rira.

— Ruthie — dissera, usando o apelido que lhe dera e que ela, particularmente, detestava —, que sentido poderia haver em arranjar um emprego, privando assim um pobre coitado desse privilégio? Eu não preciso trabalhar. Não preciso de dinheiro. Por que desperdiçar meu tempo e minhas energias num escritório aborrecido, quando posso me divertir de um jeito bem mais satisfatório, ao ar livre?

E era verdade que Martin passava muito tempo ao ar livre. Um entusiasmado golfista e iatista, ele jogava tênis e *squash*, gostava de nadar e esquiar, sendo também membro fundador de um clube de *hang-gliding*, um esporte que, como explicara a Ruth, consistia em ficar preso, por meio de uma série de correias, a um aparelho semelhante a um pára-quedas. Ela achara a idéia bastante tola, mas Martin obviamente gostava disso, tendo até se oferecido para ensiná-la, caso se interessasse.

No momento, no entanto, os interesses dele achavam-se voltados para uma direção totalmente diferente. Um amigo, com ligações no mundo das competições automobilísticas, envolvera-o em corridas de carro, e naquela tarde ele deveria estrear na pista, como piloto de provas. Ruth sabia que tia Davina não aprovava essa nova idéia, considerando-a por demais perigosa. Mas ela também sabia que era pouco provável que Martin se colocasse em situações de real perigo. Ele não era do tipo que se arrisca desnecessariamente. A vida lhe era muito boa, assim como estava.

— Espero que você saiba que não terei um momento de paz, enquanto você não estiver em casa de novo — tia Davina disse de repente, abandonando a correspondência para se servir de mais uma xícara de café. — Por que não leva Ruth junto? Ela pode me ligar, se alguma coisa acontecer. Não dá para confiar naquele tal de Jarvis; ele é incapaz de fazer uma coisa certa. Péssima influência!

— Ora, mamãe!

Martin engoliu o resto do café, equilibrando a xícara, de modo precário, no braço do sofá. Enquanto isso, Ruth tentou melhorar a situação.

— Eu vou com ele, tia Davina. Estou mesmo com vontade. Por que a senhora não vem, também?

— Ah, não! — Davina estremeceu, de forma bem convincente. — Não consigo pensar numa coisa mais aborrecida do que ficar observando um bando de carros barulhentos correndo um atrás do outro, numa pista. — Fez uma pausa, olhando com ar pensativo as cartas que ainda tinha na mão. —

Talvez seja melhor eu ligar para a sra. Crown, a respeito das tais entradas.
— E, enquanto Ruth sentia a boca ficar completamente seca, continuou: — Não quero que ela pense que me recusei a comprar algumas.

— Que entradas?

Martin estava curioso, e a mãe falou-lhe do visitante inesperado de Ruth.

— Naturalmente, é possível que eles tornem a me procurar, mas eu não gostaria de ofender a sra. Crown.

— Hum... — fez Martin, pensativo. — Eu não acharia ruim conhecer os Crown. Sabe que eles patrocinam eventos automobilísticos? É tudo publicidade, eu creio. Eles fazem produtos para carros e manutenção de carros. Jarvis me disse que ouviu falar de um aferidor para radiadores que.

— Francamente, Martin, não estou interessada em produtos relacionados corria essas competições automobilísticas — interrompeu-o a mãe, irritada.

— E duvido que a sra. Crown se preocupe com assuntos desse tipo. Desde que seu filho mais novo morreu, ela se tornou famosa pela ajuda que presta aos desamparados, e é nesta capacidade que estamos falando dela.

Enquanto Martin e tia Davina discutiam sobre os relevantes méritos da mãe de Dominic, Ruth sentiu-se momentaneamente livre da tensão que vinha experimentando. As palavras de tia Davina sobre o irmão mais novo de Dominic haviam-na emocionado, e ela teve vontade de saber do que ele morrera e quando. Era estranho, mas pelo fato de Dominic estar envolvido pareceu-lhe importante que soubesse. No entanto, jamais poderia perguntar à tia sem levantar suspeitas desnecessárias.

— Talvez seja melhor eu ir até a casa dela — tia Davina disse de repente, chamando a atenção de Ruth. — Sempre achei o telefone um aparelho tão impessoal!

— Eu vou! — As palavras escaparam dos lábios de Ruth, antes que ela pudesse se controlar e tanto a tia quanto o primo voltaram-se para fitá-la, surpresos. — Deixe que eu vá. Afinal, fui eu que mandei o... o homem embora. E... e a senhora tem tanta coisa a fazer, tia Davina.

— Ei, ótima idéia! — Martin apoiou, entusiasmado. — Eu levo você. — Sorriu, com ar maroto. — Pode ser que eu me encontre com o marido dela.

— Não seja bobo, Martin! Vai ser uma sorte se Ruth conseguir falar com a secretária dela. — Davina franziu a testa, antes de acrescentar de modo quase irrelevante: — De qualquer maneira, o marido dela se aposentou, se não me engano. Ouvi falar alguma coisa de um ataque cardíaco e do filho assumindo a direção dos negócios.

Ruth inclinou a cabeça, torcendo para que a cor viva de suas faces fosse atribuída ao café que acabava de tomar. Seria mesmo verdade que Dominic tomara o lugar do pai? Provavelmente sim, a menos que houvesse

outro filho, e ela não se lembrava de ter ouvido o sr. Templar falar nisso.

— Está certo, Ruth. — Tia Davina falava com ela, e foi com esforço que Ruth levantou a cabeça. — Magnus pode levar você à casa dos Crown, no Daimler. Peça desculpas pelo transtorno e explique que eu não estava, ontem à noite.

Ruth sentiu-se ainda pior, se é que isso era possível. O que dizia mesmo aquele ditado, sobre tramas e enganos? Agora, teria que ir à casa de Dominic e inventar uma história sobre alguém vendendo entradas. Só Deus sabia o que poderia resultar disso!

Ela se consolou com a idéia de que era melhor ser a pessoa que iria do que deixar outro se envolver. Além disso, sempre havia a possibilidade de que realmente estivesse sendo planejada uma festa de caridade, como Dominic tinha sugerido, e ela pudesse comprar algumas entradas. Em último caso, pouparia tia Davina de um grande embaraço, dando a si mesma um pouco mais de tempo para encontrar uma solução.

— Acho que você deve ir agora mesmo — tia Davina decidiu. — Antes do almoço. — Examinou a roupa da sobrinha com um olhar avaliador. — Mas, antes, troque de roupa. Uma saia será mais adequado.

— Francamente, mamãe! — Martin levantou-se, olhando a prima adotiva com aprovação. — Ruth me parece ótima, do jeito que está. Como a senhora mesma disse, é pouco provável que ela passe da secretária da sra. Crown. Não há sentido em fazê-la se vestir melhor.

Ruth ficou em dúvida. Também gostava de si mesma em calças compridas, e o modelo que usava, de veludo cor de vinho, com uma blusa de seda combinando, era extremamente feminino. Havia também um blazer que completava o conjunto, e ela sugeriu que poderia colocá-lo agora, ganhando a relutante aprovação da tia.

— Faça isso. Afinal, se Martin acha que você está bem assim. . . Mas não se esqueça, se a sra. Crown convidar você para entrar, não fique parada com as mãos nos bolsos, como está fazendo agora.

Ruth tirou depressa as mãos dos bolsos, enquanto Martin lhe dirigia um olhar de simpatia, por trás da mãe. Tia Davina nunca conseguia levar a melhor com ele, como fazia com todo mundo, e Ruth lamentou não ter um pouco da petulância exibida pelo primo adotivo.

Quando Magnus estacionou o carro diante da casa dos Crown, em Curzon Terrace, Ruth estava com os joelhos completamente bambos. Apesar das recomendações da tia, ainda não planejava o que ia dizer, e sua garganta estava tão seca que tinha dificuldade em respirar.

E se eles a mandassem embora? E se imaginassem que estava tentando entrar na casa, sob falsas pretensões? E se a sra. Crown telefonasse para tia Davina, querendo uma explicação do que estava

acontecendo?

Assim que Magnus desligou o velho Daimler, Ruth abriu a porta e desceu sozinha, sem esperar que ele a ajudasse. Era uma manhã levemente ensolarada, e as árvores plantadas a intervalos, ao longo da calçada, estavam todas floridas, mas ela nem as viu. Seu objetivo era a residência alta, elegante, pintada de creme, com um pequeno lance de degraus conduzindo a uma porta sombreada.

Vendo que não ganharia nada em não agir de imediato, a não ser despertar a curiosidade de Magnus, Ruth subiu a escada. Mas, quando ergueu a mão para tocar a campainha, a porta abriu-se e ela recuou, confusa. Pensou por um momento que sua aproximação tinha sido vista e seus lábios se moveram para formar as palavras que havia ensaiado, enquanto subia os degraus. Mas não chegou a dizê-las. A visão do homem que vinha saindo da casa, seguido de perto por uma mulher alguns anos mais velha, fez sua língua grudar-se ao céu da boca, gelando-a da cabeça aos pés.

Dominic reconheceu-a de imediato, Ruth percebeu, mas a expressão de seus olhos felinos logo foi encoberta. Mortificada com a situação, ela imaginou, presa de uma humilhação nauseante, se ele não estaria achando que viera até ali para confrontá-lo. Não pensara que pudesse vê-lo. Ele não lhe dissera ao telefone, na noite anterior, que ia viajar? É verdade que estava com uma pasta na mão, mas o terno cinza-escuro que usava não denotava, necessariamente, sua intenção de viajar. Ele poderia estar a caminho do escritório ou — e aqui ela estremeceu — de um encontro com a noiva. Parecia frio, controlado e sofisticado, enquanto ela se sentia quente, pegajosa e embaraçada. No entanto, mesmo assim, não foi capaz de abafar a reação instintiva que tinha, sempre que o via; uma consciência perturbadora da masculinidade que o caracterizava, intensificada pela lembrança do que haviam partilhado.

"Apesar de estar me olhando como se não me conhecesse, este homem possuiu meu corpo!", pensou, com incredulidade.

— Posso ajudar...

Enquanto falava, a mulher deu um passo para a frente, e Ruth percebeu que poucos segundos tinham transcorrido desde que Dominic abrira a porta, embora estivesse com a impressão de que um século se passara. Além disso, sentia-se presa de um curioso senso de desorientação, como se não estivesse em pé no alto daqueles degraus, mas flutuando alguns centímetros acima deles. Dominic também não a fitava mais daquele modo zombeteiro, mostrando, em vez disso, uma certa preocupação pelo seu bem-estar. Como que vinda de muito longe, ouviu sua própria voz, mas não dizia as coisas que queria. Em vez de explicar por que estava ali, procurava agarrar o gradil da escada, enquanto balbuciava:

— A-acho que. . . que não es-estou me sentindo muito bem...

Voltando a si, Ruth se viu deitada num sofá, numa atraente saleta pintada de verde e ouro. Próximo, havia uma janela aberta, e a brisa que por ela entrava era gostosa e refrescante, restaurando suas forças e dispersando a sensação de tontura que havia precedido sua perda de consciência. Alguém tirara seu blazer, mas ela parecia estar sozinha no local e, sentindo lágrimas de dor e vergonha subirem aos olhos, ela expeliu devagarinho o ar dos pulmões.

Como pudera ser tão estúpida? Imagine, desmaiar na porta da sra. Crown! Que coisa humilhante. Queria morrer de vergonha. O que estaria ela pensando? O que estaria Dominic pensando? E o que diria tia Davina, quando descobrisse?

Com um soluço de desespero, Ruth tentou se sentar, mas-, foi empurrada de volta para as almofadas com uma firmeza não de todo indelicada.

— Fique onde está — Dominic ordenou-lhe asperamente, dando a volta no sofá e parando diante dela. — Sinto ter chocado você, saindo daquele modo, mas como é que eu ia saber que estava ali?

Ruth recostou-se nas almofadas, porque era mais fácil obedecer, mas moveu a cabeça com ansiedade, de um lado para outro.

— Você não entende. Tia Davina me mandou até aqui. Para. .. para comprar as entradas que eu disse que você estava vendendo.

Dominic sentou-se na beirada do sofá e ela aproximou-se o mais que pôde do encosto, para evitar qualquer contato com os quadris dele.

— Que história é essa? — ele exclamou, estreitando os olhos. Sentindo-se mais desamparada do que nunca, Ruth repetiu o que dissera.

— Você.. . você vê, a sra. Radcliffe contou a tia Davina que alguém. .. alguém tinha ido falar comigo, e eu. .. eu não consegui pensar em outra desculpa.

O rosto de Dominic ensombreceu e com um gesto quase involuntário ele jogou para trás as mechas de cabelo que lhe caíam sobre a testa.

— Por que não lhe contou a verdade? — quis saber, num tom baixo e perturbador, fazendo Ruth sentir um aperto na base do estômago, em resposta à sua gentileza.

— Vo-você sabe por quê. Eu lhe disse. Não há necessidade de tia Davina ficar sabendo a seu... seu respeito. ..

— Então, agora você está se afundando cada vez mais em mentiras, para esconder sua primeira mentira?

Ela suspirou.

— Não. . . não necessariamente. Já. .. já que você está aqui, poderia

me vender algumas entradas, se. .. se realmente as tem. Eu disse que eram para um baile, mas não é preciso que sejam. Posso. . . posso fingir que cometi um engano. Como sua mãe não sabe de nada a respeito.

— Acontece que ela sabe.

— Sabe?! Então você lhe contou que eu estou aqui?

— Eu não tive que lhe contar nada.- Ela viu sozinha — replicou Dominic, impassível e aparentemente incapaz de resistir à vontade de ajeitar também os cabelos que caíam pela nuca de Ruth. — Ela falou com você. Não ouviu?

— Quer dizer. . . que aquela mulher atrás de você. . . era a sua mãe?!

— Exato.

— Mas... mas ela não tem idade suficiente!!

— Garanto que ela vai ficar contente em saber disso — ele comentou, com um sorriso sem humor. — Mas é ela a pessoa que, aparentemente, você veio ver.

— Oh, céus!

Ruth ergueu o braço para encobrir os olhos, lutando desesperadamente para enfrentar o novo rumo dos acontecimentos. Dominic tinha razão; deveria ter dito a verdade à tia. Mas ainda era muito sensível àquele episódio em sua vida e não quisera expor a própria vulnerabilidade. Fora mais fácil não dizer nada e tentar esquecer, procurando, com isso, apagar a evidência de sua "paixonite" infantil.

— Pare com isso!

A voz de Dominic soou mais grave e, quando ela descobriu os olhos para fitá-lo, percebeu a emoção no olhar dele. Mas isso não a tranqüilizou. Estava por demais consciente do poder que ele exercia sobre ela e levantou a mão num gesto de protesto. O que não o impediu de movimentar deliberadamente os dedos que tinha em sua nuca para seguir o colarinho aberto de sua camisa.

— O que vou fazer a seu respeito? — Dominic perguntou em tom exaltado, explorando com seu toque sensual, até encontrar o mamilo pulsante de um dos seios de Ruth. Suas mãos eram frias e possessivas sobre a pele feminina, mas também aflitas ao afastarem a blusa de seda e exporem os seios enrijecidos pela excitação.

Ruth, ainda fraca e abalada, achou incrivelmente difícil juntar de novo as duas partes da blusa.

— Sua... sua mãe — murmurou com dificuldade, vendo a boca de Dominic assumir uma curva irônica. — Onde. .. onde ela está? Eu... eu preciso falar com ela.

— Ela foi buscar um copo de água para você. — Sem expressão, ele seguia a luta de seus dedos trêmulos, tentando abotoar de novo a blusa. —

Acredite ou não, ela ficou preocupada com você. Achou-a muito meiga. Ruth terminou de abotoar a blusa e endireitou-se sobre as almofadas, tentando se recompor.

Céus, a sra. Crown podia entrar a qualquer momento, e ela devia estar um horror! Uma rápida passada de mão assegurou-lhe que os cabelos ainda se achavam presos, mas seu rosto devia estar corado, e a evidência do comportamento ultrajante de Dominic estava lá, em seus olhos, para quem quisesse ver.

— Eu... eu pensei que você tivesse que ir a Nova York — comentou, procurando em torno pelo blazer. Tia Davina ficaria chocadíssima se pudesse vê-la, e seis semanas de obediência total à tia não poderiam ser descartadas assim, sem mais nem menos.

— E tenho. Estava a caminho do aeroporto quando você resolveu cair aos meus pés. — Crispou os lábios. — Por que está usando os cabelos assim? Não gosto desse penteado.

Ruth ignorou o comentário, concentrando a atenção na primeira frase dele.

— Então você deve ter perdido o vôo!

Dominic inclinou a cabeça laconicamente, como se isso não tivesse importância.

— Mas isso é horrível! — ela insistiu, tentando não pensar no calor da coxa dele encostada na sua perna, nem nos dedos longos, apoiados a poucos centímetros de sua mão. — Imagine. . . o que sua mãe deve estar pensando! Dominic deu de ombros e, nesse momento, Ruth ouviu a porta se abrindo atrás deles. Adivinhou que logo descobriria o que a mãe dele estava pensando, não se surpreendendo ao vê-lo se levantar do sofá, Com um sorriso levemente irônico para a mãe.

Isobel Crown deu a volta para encará-la e Ruth corou de novo envergonhada de sua posição. No entanto, a mãe de Dominic não parecia aborrecida, pois lhe entregou o copo de água com um sorriso caloroso.

— Está melhor? — ela perguntou, sentando-se no lugar onde o filho estivera. — Desculpe eu ter custado a reconhecê-la, mas é que Dominic não tinha me contado que você estava em Londres.

— Dominic... — Ruth repetiu, virando o rosto para fitá-lo. — Eu... eu acho que não estou entendendo. . .

— Ao contrário do que você fez, eu contei a verdade — Dominic comentou com indolência, retribuindo o olhar assustado de Ruth com um de atrevida zombaria. — E por que não? Minha mãe conhecia você de nome. O que ela não sabia é que Davina Pascal é sua tia.

Ruth apertou os lábios para impedi-los de tremer, enquanto Isobel Crown balançava a cabeça, cheia de simpatia.

— Não deve deixar que meu filho a aborreça, meu bem. Naturalmente, sabíamos da sua existência e do que você e seu pai fizeram por Dominic. Não imagina o quanto lhe somos gratos.

Sem saber o que dizer, Ruth olhou de novo para Dominic, pedindo ajuda. O que teria ele contado à mãe? Como explicara sua presença ali? E, agora que Isobel Crown sabia quem era ela, não iria contar a verdade a tia Davina?

— Eu disse a minha mãe que acho que sua tia não está sabendo do nosso. .. conhecimento. Também contei que fui visitar você ontem à noite, para me assegurar do seu. . . bem-estar,

Ruth passou a língua pelos lábios.

— É?

— É — a mãe dele confirmou. — E fico contente em saber que você decidiu contar tudo a sua tia, afinal.

Diante do olhar ansioso que Ruth ergueu para ele, Dominic tornou a interferir.

— Ela não contou. Muito pelo contrário. O que ela disse à tia foi que estive lá vendendo entradas para um de seus bailes de caridade.

Isobel Crown não disfarçou a surpresa, e Ruth sentiu-se pior ainda.

— Sinto muito — murmurou, embaraçada. — Não era minha intenção... envolver vocês nisso. E. . . e minha tia não está pensando que Dominic... o sr. Crown foi pessoalmente bater à nossa porta...

— Pelo amor de Deus, não comece a me chamar de sr. Crown! — Dominic trocou um olhar impaciente com a mãe.

— Ela mentiu — disse, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

— Quando se viu apertada, falou a primeira coisa que lhe veio à cabeça. No fundo, a culpa é minha. Eu não deveria ter ido lá.

Isobel Crown examinou os dois, com uma expressão levemente reprovadora.

— Com isso, eu concordo — afirmou secamente. E virando-se para Ruth: — Por que resolveu esconder a verdade de sua tia, minha querida? Dominic é um rapaz respeitável. Ninguém teria dito nada, eu lhe garanto, Principalmente quando vocês tinham seu pai por companhia.

— Acho que agora não interessa por que ela mentiu ou deixou de mentir — replicou Dominic, com aspereza. — O problema é se você vai respeitar a confiança dela ou não. Qual vai ser?

Nessa altura, além de envergonhada, Ruth começou a se sentir também culpada. Afinal, era por sua causa que Dominic estava falando daquele modo com a mãe.

— Desculpe ter envolvido a senhora nisso, sra. Crown — começou, infeliz, sendo logo interrompida por Isobel.

— Não, meu bem. Dominic tem razão. Não é da minha conta por que você resolveu manter a verdade em segredo.

— Ela sorriu. — Quantos anos você tem? Há quanto tempo não vinha à Inglaterra?

— Não me lembro há quanto tempo deixamos a Inglaterra, mas. .. mas papai nunca voltou. E... e eu estou com dezessete anos,

— Mãe!

Passando os dedos agitados pelos cabelos muito claros, Dominic não disfarçou a irritação. Sua mãe lhe lançou um olhar benigno.

— Não é hora de você sair para o aeroporto, querido? — sugeriu, consultando o relógio de pulso.

Vendo a surpresa de Ruth, ele explicou:

— Há outro vôo, agora. Venha comigo até o aeroporto, para me desejar boa viagem.

— Não creio que seja uma boa idéia, Dominic — Isobel interveio. — Você não convidou Bárbara para ir até lá? Não acho...

— Ruth sabe de Bárbara, mamãe — Dominic interrompeu-a, com sarcasmo. — E não, eu não convidei Bárbara para ir ao aeroporto. Como a senhora não deve ter se esquecido, nossa despedida de ontem à noite não foi das mais amorosas.

— Ah, esses jovens! — Isobel fitou Ruth com uma expressão dramática. — Sempre brigando e fazendo as pazes.

De forma bastante perceptível, os lábios de Dominic se apertaram.

— É melhor eu ir, mesmo. Prometi a Jake participar dessa reunião em Newport, hoje à noite, e lá estarei. — Fez uma pausa. — A senhora providencia para que Ruth chegue em casa sã e salva, não é? E com uma boa explicação?

— Pode confiar em mim, meu filho. E cuide-se, está bem?

— Por um instante, as feições de Isobel expressaram angústia.

— Você é tudo que tenho.

Dominic apertou-lhe o ombro de leve, inclinando-se para beijá-la no rosto, enquanto Ruth desviava o olhar para não presenciar a intimidade de sua despedida. Mas forçou um sorriso, ao vê-lo caminhar para a porta, desejando, com uma estranha sensação de perda, que ele a tivesse beijado também.

CAPÍTULO XIV

Havia um carro estacionado diante da casa de sua tia, quando Ruth voltou de sua aula com o instrutor da auto-escola. Era um carro esporte cinza, de linhas aerodinâmicas, que ela achou que só podia pertencer a um dos amigos de Martin. Não conseguia se lembrar de nenhuma amiga da tia que dirigisse um veículo daquele tipo e passou por ele cheia de admiração, ao se aproximar da porta. Depois que tirasse a carta de motorista, talvez tia Davina lhe permitisse comprar um carro. Se bem que, provavelmente, não seria nada tão elegante quanto aquele Porsche prateado.

Entrando em casa, ela recolocou a chave na bolsa e começou a subir a escada, tirando o casaco. Tia Davina devia estar descansando, pois era o que sempre fazia, à tarde. Martin voltara à pista, de corrida aquela manhã e não era provável que já estivesse em casa. Fazia uma semana que ele se dedicava aos carros de corrida, e seu entusiasmo era tanto que chegava a cansar. Ela sabia que a tia esperava que a rotina servisse para diminuir a devoção do filho a esse esporte, mas até o momento não havia sinais disso.

Ruth não se impressionara ao acompanhá-lo à pista de corrida, aquele primeiro dia, mas era obrigada a reconhecer que tinha outras coisas em mente. Sua ida à casa de Dominic fora exaustiva, e seus nervos não se achavam em condições de responder favoravelmente ao barulho ininterrupto e à confusão nos boxes. Além disso, ainda se sentia francamente aérea e Martin, aborrecido, vira-se forçado a levá-la para casa, bem mais cedo do que esperava. Ele não a convidara mais para ir junto, e ela não podia culpá-lo por isso. De qualquer maneira, não tinha vontade de repetir a experiência e, toda noite, acalmava sua consciência ouvindo-o polidamente descrever as experiências do dia e mostrando-se simpática, quando nem tudo correria bem.

Deixando descuidadamente o casaco de seu conjunto de veludo pendurado no corrimão, Ruth entrou sem hesitar na saleta da tia, parando, confusa, ao vê-la sentada no sofá, servindo chá a um visitante. A visão da tia foi uma surpresa, mas a identidade do visitante sobrepujou tudo, e foi com muita dificuldade que ela conseguiu impedir o nome dele de escapar de seus lábios. Há uma semana vinha lutando para tirá-lo da cabeça, e agora ali estava ele de novo, abalando suas emoções e arrasando suas defesas.

Toda a força abandonou seu corpo e ela mal ouviu a apresentação formal, feita pela tia.

— Naturalmente, você conhece o sr. Crown, não é, Ruth? Encontrou-o a semana passada, na casa da mãe dele. E agora ele teve a gentileza de vir até aqui, verificar se você está melhor.

Ruth agarrou-se à maçaneta da porta, ciente de que Dominic se levantara e esperava que ela se juntasse a eles, para se sentar de novo. Mas não saiu do lugar. O atrevimento dele, aparecendo ali, não deveria espantá-la, principalmente depois do que a sra. Crown lhe dissera. No entanto, mesmo assim, era difícil acreditar que ele pudesse fazer isso com ela. Será que não se importava com o que tia Davina pudesse pensar? Com o que a noiva pudesse pensar? E por que resolvera persegui-la, quando havia tantas outras garotas em Londres?

— Ruth!

Tia Davina mostrou uma certa impaciência e Ruth lutou para se recompor.

— Desculpe, tia Davina. Eu... eu pensei que a senhora estivesse descansando. — Respirou fundo. — Boa tarde, sr. Crown. Foi. . . foi muita gentileza sua aparecer.

Dominic comprimiu os lábios, diante da cerimônia de saudação, mas retribuiu o cumprimento e, enquanto ela fechava a porta e ia se sentar junto à tia, reassumiu sua antiga posição.

— Eu estava justamente pedindo ao sr. Crown para agradecer à mãe dele por ter tomado conta de você, Ruth — tia Davina comentou, de forma agradável. Ela tivera que ser informada do que acontecera; Magnus fora muito inquisitivo, para ser enganado. — Mas o senhor sabe como são essas mocinhas, sr. Crown. Sempre pensando em sua imagem. Se bem que Ruth não tem motivos para se preocupar com isso.

— Tia Davina!

Ruth ficou embaraçada com a franqueza da tia, mas sentiu-se pior ainda quando Dominic replicou:

— Estava me dizendo que sua sobrinha foi criada no Caribe, srta. Pascal, Creio que é por isso que tem a pele tão morena.

O fato de Dominic discuti-la como se ela não estivesse presente, horrorizou Ruth, mas tia Davina não se perturbou.

— Realmente, sr. Crown. Meu cunhado tinha uma ilha naquela região, mas morreu recentemente, por isso meu filho e eu convidamos Ruth para vir morar conosco.

— Então a srta. Jason não deve conhecer muitos jovens, aqui em Londres. — Ele se interrompeu por um momento, pensativo. Depois, sorriu, — Talvez eu possa apresentar algumas pessoas a ela.

Ruth espantou-se ainda mais com esta nova prova de arrogância e até tia Davina abalou-se um pouco.

— Muito obrigada, sr. Crown, mas meu filho e seus amigos têm feito o possível para Ruth se adaptar a Londres. Não é, minha querida?

— O quê?! Ah, sim! — Ruth corou. — É verdade, Martin tem sido

maravilhoso.

Os lábios de tia Davina, que tinham se apertado um pouco, relaxaram.

— Como vê, sr. Crown, não há necessidade de o senhor se preocupar. Se bem que foi muita gentileza sua. . .

— Acho que podemos chegar a um meio-termo, srta. Pascal

— Dominic insistiu, e Ruth percebeu que a tia não o manejaria com a mesma facilidade com que manejava outras pessoas.

— Minha noiva e eu vamos dar uma festa para uns amigos, no sábado à noite. Talvez sua sobrinha. . . e o seu filho.. . queiram se juntar a nós. Vai ser uma reunião informal. Só uma desculpa para beber vinho e ouvir música.

— Não sei. . .

Davina estava numa situação difícil, Ruth percebeu. Obviamente, ela teria preferido recusar o convite, mas o fato de saber a que família Dominic pertencia e o quanto a mãe dele poderia ser-lhe útil, como associada, levou-a a hesitar,

— Preciso falar com meu filho — ela disse, afinal. Ruth apertou, os punhos.

— E comigo — acrescentou, com uma rudeza que fez a tia fitá-la, cheia de censura.

— Seria uma boa oportunidade para você e Martin fazerem novos amigos — Davina continuou, mostrando a Ruth que Martin daria pulos de alegria com isso. — Eu lhe darei uma resposta depois, sr. Crown. Se quiser deixar o número do seu telefone...

— Pois não. — Dominic tirou a carteira e entregou-lhe um retângulo de papel pergaminho. — Meu cartão — disse. E dirigiu um sorriso a Ruth, que sentiu as próprias fraquezas se dissolverem ante a força da personalidade masculina. — Preciso ir, agora.

Percebendo que ele se levantava, Davina lembrou-se de que era uma mulher educada e ergueu os olhos do cartão.

— Vou chamar a sra. Radcliffe para acompanhar o senhor até a porta.

— Não é preciso; a srta. Jason me acompanhará — Dominic declarou, ignorando a expressão horrorizada de Ruth. — Vou ficar à espera do seu telefonema, srta. Pascal. Até outro dia.

Davina não teve outra escolha, a não ser aceitar a situação, e Ruth não poderia negar-se a acompanhá-lo, sem ser extremamente rude. Com um sorriso nervoso para a tia, ela deixou a saleta à frente dele e desceu a escada correndo, como se tivesse o próprio demônio nos calcanhares. Abriu a porta da rua, recuando um passo para dar-lhe passagem mas, em vez de fazer o que ela esperava, Dominic segurou-a pelo braço e obrigou-a a acompanhá-lo até a calçada. Só a soltou quando chegaram ao Porsche, e ela esfregou o braço, indignada, antes de lançar um olhar ansioso para as

janelas do primeiro andar.

— Não se preocupe, sua tia não vai se arriscar a ser pega nos espiando. Além disso, o que poderia ver? Eu fui muito discreto.

— Discreto?! — Ruth permitiu que toda sua emoção reprimida se manifestasse nessa palavra. — Meu Deus, você não tem a menor idéia do que isso significa! E não sei como teve o atrevimento de vir até aqui, quando. . . quando já tinha vindo uma vez. Poderia ser reconhecido pela sra. Radcliffe!

— Sua governanta é uma mulher idosa e estava escuro quando eu vim, da outra vez. Ela jamais me reconheceria. E, mesmo que achasse que me conhecia, eu poderia negar.

— Não duvido — Ruth exclamou, com amargura. — Mas por que fez isso? Por que veio até aqui?

Dominic virou-se para o carro, dando as costas à casa.

— Vim ver você, é claro. Para que mais eu viria? Não podia adivinhar que você estava fora, aprendendo a dirigir.

— Mas você disse a sua mãe. . .

— Eu sei o que eu disse a minha mãe. No entanto, depois eu descobri que tinha que ver você. — Ele fez um gesto displicente, fitando-a de esguelha. — Sentiu saudade de mim?

O sangue subiu ao rosto de Ruth.

— Saudade de você?! De. . . de que jeito? Eu mal o conheço!

— Você me conhece — Dominic insistiu com voz rouca, os olhos presos à boca feminina. — Ah, Ruth, venha comigo, agora. Vamos dar um passeio. Preciso conversar com você.

— Não! — Ela recuou um passo. — Você. . . você não tem o direito...

— Não me venha com sermões sobre direitos! — A violência dele foi assustadora; — Eu sei o que é direito e o que não é e nesse exato momento acho que estou ficando louco!

— Dominic! — Mais uma vez Ruth olhou para trás, apreensiva, com medo de que a sra. Radcliffe tivesse vindo ver por que a porta estava aberta e ouvido as palavras dele. — Isso é loucura, Dominic!

— É, não é? — Ele apertou com força a moldura da porta do carro, — E eu lhe garanto uma coisa: gosto disso tanto quanto você.

— Você sabe que eu não posso vê-lo, Dominic.

— Por que não?

Dominic não olhava para ela, mas para um ponto qualquer na parede dos estábulos em frente, e Ruth desejou que não estivesse tão consciente de outros olhos a observá-los.

— Você sabe que sua mãe não aprovaria — alegou, afinal, e ele virou-se para fitá-la, o rosto contorcido pela zanga.

— Mas que diabo tem minha mãe a ver com isso? Sou maior de vinte e

um anos. Não tenho que prestar contas a ninguém, a não ser a mim mesmo!

— Foi o que ela me disse.

— Como, assim? Ruth hesitou.

— Ela. . . ela me disse que sempre houve garotas na sua vida...

— Disse, é?

— ...e que você tem uma certa tendência para agir de forma precipitada de vez em quando.

— É mesmo?

— É. — Ruth engoliu em seco, antes de continuar. — Mas... mas que você ama a sua noiva... se não me engano, sua mãe disse que o nome dela é Bárbara Symonds. .. e que eu não deveria ver mais do que realmente existe no. . . no seu interesse.

— Mas que droga! E você acreditou em tudo, não foi? —

Dominic estava uma fera. — E se eu lhe disser que esse relatório das minhas atividades foi muito exagerado? Ela apertou os lábios.

— Eu não tenho nada a ver com isso — insistiu. Dominic soltou então uma palavra que até Ruth entendeu que não era polida. Uma palavra curta, uma exclamação pequena e sucinta, mas tão brutalmente pronunciada que ela apertou os dentes, à espera de outra obscenidade. Mas nada veio. Sem tornar a abrir a boca, ele puxou a porta do carro com um safanão, acomodou-se atrás do volante e, enquanto ela recuava uns passos, insegura, deu a partida e saiu, cantando os pneus.

Foi incrivelmente difícil virar-se, então, e entrar em casa. Ruth subiu a escada com as pernas ainda bambas, detestando o que tia Davina diria e sentindo-se cansada demais para discutir com ela, depois da cena exaustiva com Dominic.

Tia Davina, no entanto, achava-se num estado de espírito curiosamente pensativo. Seus olhos, quando se encontraram com os de Ruth, através da sala, exibiam uma expressão vagamente preocupada e sua voz tinha um tom especialmente afetuoso, ao lhe oferecer uma xícara de chá.

— Teve uma boa aula, querida? — Davina perguntou, passando à sobrinha os biscoitinhos feitos pela sra. Radcliffe. — Com aquele homem aparecendo por aqui e tudo o mais, nem tive tempo de falar com você. — Deu um tapinha conciliador na mão da garota. — Sabe, eu já estava subindo quando ele chegou e não tive outra alternativa a não ser lhe oferecer uma xícara de chá.

Ruth engoliu com uma certa dificuldade o biscoitinho que tinha na boca, antes de replicar:

— Sinto muito que a senhora tenha sido perturbada. Eu. . . eu nunca imaginei...

— Eu sei que não. E não a culpo de nada, Ruth. Não foi sua falta.

Obviamente, a mãe dele quis saber a seu respeito e mandou-o vir aqui.

— E...

Ruth escondeu o rosto atrás da xícara de chá, enquanto a tia continuava:

— Para ser franca, ele me cansou. Conversar com esse rapaz é exaustivo, não achou? É evidente que ele está acostumado a ter todas suas vontades satisfeitas. Mal de ser filho único, com toda certeza.

Ruth abaixou a xícara.

— Pensei ter ouvido a senhora dizer que ele tinha um irmão — arriscou-se com cautela. — Mas que morreu.

— É verdade, eu disse. — A tia lançou-lhe um rápido olhar. — Os Crown falaram dele com você?

— Deus do céu, não! Eu. . . nós. . . nós não falamos de nada pessoal.

— É claro que não. Que bobagem, a minha. — Davina sorriu.

— Agora, precisamos pensar num jeito de livrar você dessa festa que ele vai dar.

Ruth inclinou a cabeça.

— É.

— Você não quer ir, quer?

— Não! Eu. . . eu só estava pensando no que Martin vai falar — murmurou evasivamente, escolhendo, por instinto, o caminho certo para desviar a atenção de si mesma.

— Eu entendo o que você quer dizer — a tia admitiu, com um suspiro. — Martin vai encarar esse convite como uma chance de entrar para o círculo dos Crown. Precisamos achar um meio de evitar isso. — Ela fez uma pausa, depois acrescentou, pensativa: — Talvez seja uma boa idéia você e Martin passarem o fim de semana fora. Desde que voltamos para casa, vocês quase não ficaram sozinhos e eu sei que ele gostaria de tê-la só para si, por algum tempo.

Ruth corou;

— Tia Davina...

— Não, não, eu insisto. Os jovens precisam de algum tempo sozinhos. E você e Martin. . . Bem, você conhece minhas esperanças a esse respeito. Com a ponta da língua, Ruth umedeceu os lábios repentinamente secos.

— Tia Davina, eu não tenho certeza. ..

— Do quê?

— Não sei... Pelo menos, não sei ao certo. A senhora sabe que gosto muito de Martin, mas não sei se estou pronta para. . .

— Um compromisso sério? Mas ninguém disse que você está, Ruth. — Tia Davina assumiu um ar ligeiramente ofendido.

— Deus sabe que eu não quero que tome nenhuma decisão apressada.

Você ainda nem teve tempo de se adaptar aos nossos costumes... Eu sei disso. Mas Ruth... — Ela se interrompeu abruptamente, logo continuando, num tom mais gentil: — Eu só quero que você saiba que não há no mundo duas pessoas mais queridas, para mim, do que você e Martin.

Ruth sentiu-se desprezível. Tia Davina lhe mostrara tanta bondade, indo à ilha quando seu mundo parecia ter-se desintegrado, assumindo o controle de tudo e oferecendo-lhe um lar com a família que nunca soubera que tinha. Como poderia desapontá-la agora, simplesmente porque um homem que deveria odiar e desprezar exigia dela coisas que não tinha o direito de exigir? O que havia de errado com ela, para permitir que ele a controlasse tanto? Ele não tinha integridade, decência ou respeito. Nem por ela, nem pela noiva. Seria mais fácil se casasse com Martin. Assim, estaria se colocando fora do alcance dele, de uma vez por todas.

Ruth e Martin foram a uma festa numa discoteca, aquela noite. Como ele não mencionou a visita de Dominic, ela também se calou, adivinhando corretamente que a tia nada lhe dissera a respeito. Seria mais fácil se também conseguisse tirar Dominic da cabeça mas, quando voltaram para casa, ainda encarava com relutância a idéia de enfrentar o inevitável isolamento de seu próprio quarto.

— Vamos tomar uma xícara de café — sugeriu, enquanto Martin se jogava no sofá da saleta da mãe adotiva. — Eu preparo. Enquanto isso, vá pondo um disco.

— Está bem — ele concordou bem-humorado, levantando-se preguiçosamente, enquanto ela descia para a cozinha.

Quando voltou com o café, Ruth descobriu que Martin escolhera um disco de *blues*, de ritmo bem lento. Tirando a bandeja de suas mãos e colocando-a de lado, ele abraçou-a, animado. Com as mãos dela enlaçando-lhe o pescoço, e as dele na cintura dela, eles se moveram sensualmente ao ritmo da música, adorando o espaço que tinham à disposição, depois da massa humana que haviam suportado na festa.

— Hum, você cheira gostoso — Martin murmurou, encostando a boca à orelha de Ruth. — O que é? Um que eu lhe dei? Deve ser. Eu só compro perfumes que me excitam.

Ela inclinou a cabeça para trás, olhando-o meio de lado.

— Eu excito você, Martin? — perguntou, inconscientemente, tentando acabar com as dúvidas daquela tarde.

Martin tomou-lhe o rosto entre as mãos, aproximando os lábios dos seus.

— Você sabe que sim — disse com voz rouca.

Mas não havia paixão verdadeira no beijo que ele deu, e Ruth percebeu que Martin simplesmente não era capaz de emoções fortes... a

respeito de nada.

— Você sabe que é muito meiga — ele murmurou, beijando-a de novo, enquanto ela tentava encontrar nessas carícias um pouco da excitação que sempre sentia, quando Dominic a tocava. — Conheci muitas garotas, mas nenhuma tão meiga quanto você. Acho que me apaixonei mesmo por você. Ruth afastou-se para fitá-lo, mordendo os lábios que ele acabava de acariciar.

— É mesmo, Martin? Como... como sabe? Como alguém pode saber que está amando outra pessoa?

— Ei, você não deveria estar me fazendo esta pergunta. — Num gesto brincalhão, Martin bateu-lhe de leve na ponta do nariz. — Você sabe quando ama alguém. Não tem que perguntar nada. Você pensa muito nessa pessoa. Geralmente, a maior parte do tempo. Quer tomar conta dela, partilhar sua vida com ela. E quer estar na companhia dela mais do que qualquer outra pessoa.

— É assim que você se sente a meu respeito?! Martin riu baixinho.

— Não acredita?

— Para dizer a verdade, acho que não há ninguém com quem você se importe tanto.

Ele assumiu um ar ofendido.

— Não sei como você pode pensar uma coisa dessas! Ruth disfarçou a vontade de rir. Martin era mesmo incorrigível! Não conseguia encarar nada com seriedade, por muito tempo, e ela duvidava que fosse capaz de ter sentimentos realmente fortes por alguém. Acreditava que ele a amasse, mas ao modo dele. Exatamente como ela se importava com ele. Ambos se divertiam, juntos, e riam bastante. Mas seria isso o suficiente?

— Você ficou muito séria, de repente — Martin comentou, indo servir-se de uma xícara de café. — Mamãe andou conversando com você?

— Tia Davina? — Ruth deu-lhe as costas. — Não. Por quê?

— Ela sugeriu que passemos este fim de semana na Suíça. Surpresa, Ruth tornou a encará-lo.

— Por quê?

— Para esquiar, eu acho. Não é para isso que todo mundo vai à Suíça?

— Mas já não está meio fora de época?

— Há lugares onde se pode esquiar o ano inteiro, na Suíça. É só uma questão de subir o bastante.

Ela hesitou.

— Você quer ir?

— Não me importo. E você?

Ruth parou para refletir. Se ir significava ficar longe da influência de Dominic, deveria "estar ansiosa para partir. Só que não estava.

No entanto, isso não tinha nada a ver com sua decisão.

— Claro... claro que quero — respondeu, mantendo um tom despreocupado com esforço. — Nunca vi neve, antes.

— Está bem. — Martin sorriu. — Vou preparar tudo. Se sairmos na sexta-feira de manhã, passaremos lá dois dias e três noites. Preciso estar de volta na segunda, para um treino.

Ruth tentou aparentar entusiasmo.

— Mal posso esperar! E tia Davina vai ficar tão contente!

— É verdade — ele admitiu.

E ela foi para a cama, decidida a não pensar mais no convite de Dominic,

CAPÍTULO XV

Na quinta-feira à tarde choveu, e Ruth, que tinha marcado outra aula na auto-escola, encarou o aguaceiro com desânimo. Não gostava de Londres, com aquele tempo. Não gostava da aparência triste dos edifícios, do cheiro sufocante de gasolina e óleo diesel, e principalmente da sensação de claustrofobia que lhe dava o céu baixo e escuro.

Como tinha algumas compras a fazer para tia Davina, combinara de encontrar o instrutor na própria auto-escola e já estava com a cabeça e os pés ensopados, quando desceu apressada a Bond Street. Não quisera pegar uma sombrinha, pois sempre tinha medo de atingir os olhos de alguém com as pontas das varetas de metal, e o capuz de seu casaco impermeável recusava-se a permanecer no lugar.

Estava atrasada e tão concentrada em atingir logo seu objetivo, que, quando uma pessoa se colocou de repente em seu caminho, praticamente a atropelou. Pedindo desculpas, agarrou melhor a bolsa que quase fora ao chão, só então percebendo que o homem que a salvara de se estírar na calçada ainda não a soltara. Ergueu os olhos, ansiosa, com medo de estar sendo abordada, e encarou, incrédula, seu salvador.

— Dominic! — O nome dele soou rouco, saindo de seus lábios. — O que está fazendo aqui, Dominic?

Ele assumiu uma expressão irônica.

— Você acredita em coincidências? — perguntou. E quando ela continuou a fitá-lo, sem se manifestar, acrescentou com aspereza: — O que acha? Eu estava esperando por você, é claro.

— Por mim?

Ruth tentou absorver essa declaração, mas ela não fazia sentido. Como pudera Dominic saber onde estaria, aquela tarde? E como descobrira que auto-escola freqüentava?

Gotas de chuva brilhavam nos cílios e nos cabelos muito claros de Dominic, e ela percebeu, de repente, de que ele não estava de capa. Ele levantara a gola do casaco para se proteger das gotas que lhe escorriam pela nuca, mas estava com os ombros, escuros de umidade. Além disso, não parecia bem. Tinha olheiras enormes em torno dos olhos e as faces haviam se encovado, dando-lhe ao rosto um aspecto deveras abatido. Não dava para acreditar que só dois dias tinham se passado, desde que o vira pela última vez. O que acontecera com ele? Olhando em torno de si, incerta, Ruth murmurou:

— Não podemos conversar agora, tenho uma aula marcada. E já estou com dez minutos de atraso. — Suspirou, preocupada, apesar de tudo. —

Você não tem uma capa? Está ficando ensopado.

— Não pensei que você fosse se atrasar. Meu, carro está logo depois da esquina. Esqueça a aula. Venha comigo!

— Dominic! Eu não posso fazer isso.

— Por que não? Ninguém precisa ficar sabendo. Você pode lhes dizer que estava doente ou qualquer coisa assim. — Ele fez uma pausa, depois insistiu: — Ruth, por favor! Não me mande embora de novo.

Ela inclinou a cabeça. Não sabia o que fazer. Sabia o que deveria fazer, mas era difícil resistir ao pedido dele. Como poderia ignorá-lo e entrar no escritório atrás de si? Como fazer isso, sabendo que ele havia esperado, na chuva, para vê-la? Não lhe devia nada, reconheceu, infeliz. No entanto, quando ele a deixara, dois dias atrás, sofrerá o mesmo drama de consciência por que estava passando naquele instante.

— Dominic — começou, devagar, e viu-o semicerrar as pálpebras, para encobrir os olhos. — Dominic. . . não temos nada a nos dizer.

— Não? Bem, se essa é sua decisão final.. .

— Oh, Dominic! — O bom senso guerreava com as emoções que a presença dele sempre evocava, e, quando ele se virou, ela o agarrou pela manga. — Está bem — cedeu, arrependendo-se disso mal terminou de falar. — Está bem. . . Vou faltar à aula.

Dominic não disse nada em resposta. Nem "ótimo" ou "obrigado" ou qualquer das outras coisas que Ruth poderia ter imaginado. Segurando-a com firmeza pelo braço, ele a conduziu até a esquina, onde o elegante carro esporte cinza os esperava. Acomodou-a no banco, antes de dar a volta e sentar-se ao volante, ao mesmo tempo tirando o casaco e jogando-o no banco de trás. Então, ajeitando-se melhor, pegou da mão dela a sacola de compras e colocou-a junto a seu casaco.

Quando ele deu a partida. Ruth consultou o relógio de ouro que a tia lhe dera.

— Eu. . . eu só tenho quarenta e cinco minutos — começou, meio em dúvida. E virou o rosto para os edifícios que passavam, quando Dominic não respondeu.

Não sabia para onde ele a estava levando. Com a chuva, era impossível ler os nomes das ruas. Só podia olhar para as placas de sinalização por que passavam, mas depois de alguns minutos percebeu que se dirigiam à periferia da cidade.

— Você. . . você disse que queria falar comigo — lembrou-o afinal, quando já estavam em movimento há quinze minutos.

Dominic lançou-lhe um rápido olhar.

— Eu sei.

— Então, por que não conversamos? Vou ter que voltar logo.

— Não.

A negação foi feita num tom baixo e sem ênfase, mas nem por isso deixava de ser uma negação, e Ruth fitou-o.

— Sim, Dominic.

— Acha mesmo que vou levá-la de volta para a sua tia, sem nos dar algum tempo sozinhos, agora que a tenho comigo?

— ele exclamou, num tom agoniado que a fez estremecer.

— Não esperei meia hora, na chuva, para passar uns míseros quarenta minutos com você — prosseguiu, diminuindo a marcha devido a um sinaleiro..— Eu preciso de você, Ruth, e você sabe disso. Agora, relaxe e aproveite o passeio. Quero lhe mostrar um lugar.

Ruth procurou a maçaneta da porta, quando o Porsche se deteve, mas o carro estava trancado, e não pôde abri-la.

— Não seja melodramática, Ruth. — Dominic lhe disse, acelerando o carro, quando as luzes verdes se acenderam. — Pular do carro não vai resolver nada. Nós dois sabemos disso, portanto pare de lutar contra mim!

— Isso eu nunca vou deixar de fazer — ela declarou, infantilmente. — Eu deveria ter visto que não poderia confiar em você! Deveria ter visto que não tem um traço de integridade!

— Oh, pelo amor de Deus! — Rangendo os breques, Dominic virou o carro, deixando-o derrapar em direção ao acostamento e depois fazendo-o parar abruptamente. — Está bem

— declarou, enterrando os dedos nos cabelos úmidos. — Sou um sem-vergonha e um cafajeste. O que mais quer me dizer?

— Não quero dizer nada — Ruth murmurou por entre os lábios trêmulos, enquanto ele tirava a gravata e desabotoava os primeiros botões da camisa. — Eu... só quero que você me leve de volta para... a casa da minha tia. Ou... ou então que me deixe tomar um ônibus ou qualquer outra coisa.

— Um ônibus! — Dominic suspirou, apoiando os cotovelos no volante e segurando a cabeça entre as mãos. — Ruth, eu levo você de volta, se é isso que realmente quer. E também peço desculpas à sua tia, se achar melhor.

Ela apertou os lábios.

— Você não deveria ter feito isso, Dominic. . .

— Não consegui pensar em nenhum outro jeito de ver você sozinha.

— Mas como foi que soube... como descobriu onde eu estou aprendendo a dirigir?

— Ah, foi fácil! — Ele se virou para fitá-la. — Perguntei à sua tia.

— À tia Davina?!

— É. Por que não? Quando ela me contou que você estava numa aula de direção, foi lógico perguntar-lhe com quem.

— Na terça-feira? Entendo...

— Quanto ao horário. . . Mande alguém perguntar.
— Quem?
— Minha secretária.
— Ah!
— A sra. Cooke. Ela costumava ser secretária de meu pai, mas agora é minha.

Ruth tocou o lábio superior com a ponta da língua.

— Minha. . . minha tia leu que seu pai se aposentou.
— É verdade. Pelo menos, ele está tentando.
— E.. . e você assumiu o lugar dele?
— Nominalmente. Por um período de teste.
— Está gostando? — Ela estava realmente interessada.
— Não sei — Dominic disse após um instante de silêncio, com um gesto de indiferença. — É uma grande responsabilidade.
— É por isso que. . . — Ruth deteve-se, embaraçada. Depois, vendo que teria que acabar o que começara a dizer, prosseguiu:
— Você parece... cansado. Pensei... imaginei...
— ... se eu não estaria perdendo sono, por causa da companhia? — Ele torceu os lábios, caçoando de si mesmo. — Ah, não! Eu não perco o sono por causa da Crown Chemicals.

— Calou-se por um instante. — Só por sua causa.
— Por minha causa?! Não é possível! Eu... eu não acredito!
Dominic endireitou o corpo, levando a mão à chave do carro.
— Vou levar você de volta.

Ruth fitou-o, sem saber o que dizer.

— Espere! — conseguiu articular, afinal, quando o Porsche já estava em movimento e pronto para entrar no tráfego. — Dominic. . . Dominic, para onde você ia me levar?

— Isso importa? Ela não pôde agüentar a frieza e a distância que ele assumira. Segurando-o pelo braço, impediu que engatasse a marcha.

— Pode. . . pode ser que sim. Dominic, por favor, eu. . . eu gostaria tanto de saber! Não. . . não fique zangado comigo.

Os olhos dele ensombreceram, sem que tivesse tempo de impedi-la de ver essa mudança de expressão, mas a voz continuou fria, ao responder de forma grave:

— Eu ia levá-la a Marlin Spike. Agora, quer soltar meu braço?

— Então me leve. — E, quando ele lhe lançou um olhar desconfiado, ela acrescentou: — Eu telefono para tia Davina. Digo a ela que vou ficar na cidade, para fazer algumas compras. Verdade! Eu gosto de ver lugares novos. Marlin Spike é uma cidadezinha ou uma vila?

— Marlin Spike é o lugar onde fui criado, É uma casa. . . a minha casa.

Ainda quer ir?

Ruth hesitou. Uma casa! Um lugar onde estariam completamente sozinhos. Suas pernas tremeram como gelatina.

— Que-queró, sim. Fica. . . fica longe?

— Não muito. — Dominic estudou com cuidado a velocidade de um vagaroso caminhão, antes de sair à frente dele. — E então? Continuamos... ou fazemos meia volta no próximo retorno?

— Continuamos — Ruth respondeu, em voz rouca. E recostou-se no banco, tomada por uma súbita exaustão.

Ela havia desejado ver mais da Inglaterra e estava vendo. Com os extensos subúrbios de Londres cedendo lugar a acres e mais acres de campos e bosques, tendo apenas vilas para quebrar o cenário, sua tensão começou a diminuir. Não sabia que o campo ficava tão perto da cidade. Muitas das vilas estavam estendendo seus limites depressa, para acomodar os que vinham dos distritos urbanos, mas ainda assim retinham sua beleza e caráter. Havia luz e espaço e, quando o sol abriu caminho por entre as nuvens, para lançar seu brilho momo sobre tudo, passou a haver cor, também. Era como se o dia estivesse tentando mostrar-lhe que tomara a decisão certa e seu estado de espírito foi melhorando cada vez mais, à medida que o calor do sol aumentava.

Ruth teria gostado de tirar o casaco, mas ele ainda estava úmido e agarrado a seu corpo, e os cabelos caíam-lhe, pesados, sobre as orelhas. Por isso, contentou-se em tirar os sapatos de salto alto e mexer os dedos do pé, deliciada com sua nova liberdade.

Marlin Spike ficava nos arredores de Great Missenden. Era uma casa de tijolos cinza, em meio a um parque, com uma entrada forrada de cascalho, que levava a um pátio semicircular. Bem maior do que Ruth esperava, tinha a fachada coberta de hera, mas estava longe de ser intimidante, pois suas longas janelas davam idéia de uma amigável intimidade.

— Eu nasci aqui — comentou Dominic, inclinando-se sobre o volante por um momento, antes de descer. — Quer ver onde?

— Se você quiser me mostrar — Ruth respondeu com lábios trêmulos, observando-lhe o rosto estranhamente provocador.

— Eu quero.

Dominic saiu do carro e deu a volta, enquanto Ruth tentava encontrar os sapatos.

— Venha. — Abrindo a porta para ajudá-la a descer, ele percebeu a situação. — Eu carrego você — acrescentou, levantando-a sem esforço e atravessando o pátio de cascalho com ela nos braços.

A porta da casa abriu-se quando eles se aproximavam, e uma mulher

grisalha apareceu no alto dos degraus. Era pequena, gorducha e de seios avantajados, com rugas que denunciavam sua idade, mas suas faces eram rosadas, os olhos ainda tinham brilho e os lábios abriram-se num sorriso de boas-vindas, quando viu quem estava lá.

— Dominic! — exclamou, enquanto ele subia os degraus e colocava Ruth em pé sob o pórtico, antes de inclinar-se e cumprimentá-la com um abraço. — Por que não me disse que vinha? — Suas mãos frágeis e enrugadas agitaram-se sobre os ombros dele, largos e musculosos. — Agora, o que vou lhe dar de comer?

Dominic lançou um olhar risonho para Ruth, depois sorriu para a velha senhora.

— Não viemos aqui para comer, Bridie. Eu só queria mostrar a casa a Ruth. Agora, deixe-me ajudá-la a tirar o casaco, para poder apresentá-la a você.

Enquanto Dominic afastava o casaco de seus ombros, Ruth desabotoou-o, consciente ao extremo das mãos dele sobre o tecido fino de sua camisa. Estava com um conjunto formado por uma camisa de seda âmbar e uma saia envelope, e podia sentir o calor vibrante da pele masculina através das roupas.

Dominic apresentou a senhora como srta. Bainbridge, explicando que ela fora sua babá, muitos anos atrás. Explicou também que Ruth era a moça que, como pai, tomara conta dele quando seu veleiro naufragara. Se a srta. Bainbridge achou estranho que Ruth estivesse agora vivendo na Inglaterra e continuado seu relacionamento com o antigo paciente, nada disse.

Eles entraram na casa por um hall espaçoso e ensolarado, onde ia dar uma escada longa e reta. As paredes em si eram cobertas por carvalho de cor clara, e o chão, também de madeira polida, brilhava com a patina do tempo. Obviamente, a srta. Bainbridge encarava seus atuais deveres de governanta com seriedade, pois não havia uma partícula de poeira em lugar algum, nem mesmo nas frestas das janelas ou nos vãos de cada lado da escada. Sem dúvida, o dela era um trabalho feito com amor e, quando Dominic a cumprimentou por isso, ela se limitou a balançar a cabeça, com ar modesto.

Havia portas à direita e à esquerda, e Dominic abriu uma delas, revelando uma sala de recepção, com pé-direito alto, de aspecto lúgubre agora, com as cortinas fechadas e capas de pano cobrindo os móveis.

— A sala de recepções — ele comentou num tom meio zombeteiro, puxando uma das capas.

Ruth prendeu a respiração, ao ver o belíssimo sofá de veludo rosa-escuro, que havia por baixo.

— Acho que você deveria ir se trocar primeiro, Dominic — a srta.

Bainbridge comentou da porta, notando os sinais de umidade nos ombros e na barra da calça dele. — Seu quarto está pronto, como de hábito, e eu não vou levar muito tempo para arrumar uma cama para a srta. Jason...

— Ah, não — Ruth protestou automaticamente, enquanto Dominic afastava-se do sofá para colocar as mãos nos ombros da velha senhora.

— Nós não vamos ficar, Bridie. Eu lhe disse, só vim trazer Ruth para conhecer a casa. Vamos embora antes do jantar.

O rosto rosado da srta. Bainbridge perdeu um pouco da animação.

— Não dá para vocês jantarem, pelo menos? Tenho algumas bistecas, no freezer, e um pouco da minha sopa de lentilha.

Dominic lançou um olhar pensativo para Ruth, antes de recusar, em tom inexpressivo:

— Sinto, Bridie, mas a srta. Jason não pode ficar. Outro dia, talvez.

A srta. Bainbridge suspirou, mas teve que aceitar, e Ruth sentiu um aperto no coração. Não haveria jamais outro dia, percebeu com tristeza, imaginando por que esse fato a deprimia tanto.

— Posso fazer um chá, então?

O desejo de agradar da velha senhora era enternecedor e Ruth fitou Dominic com ansiedade.

— Vocês não vão recusar uma xícara de chá, não é? — ela continuou.

— Não, depois de terem vindo até aqui.

Dominic sorriu.

— Não, não vamos recusar uma xícara de chá. Lembrando-lhe de novo que não tinham muito tempo, a srta. Bainbridge saiu apressada em direção à cozinha, deixando-os a sós.

— Esta sala é linda — Ruth comentou, quando Dominic abriu as pesadas cortinas de veludo. Ela mesma descobriu outro móvel. — Ah... um piano!

— Você toca?

Com uma certa tristeza, ela meneou a cabeça.

— Não tínhamos instrumentos musicais, na ilha. Papai não gostava tanto assim de música. Eu gostava, mas... — Interrompeu-se, com medo que ele achasse que estava se queixando.

— Eu... E você? Toca?

— De vez em quando — Dominic respondeu distraído, acariciando-lhe o ombro com a ponta do indicador. E depois:

— Venha! Vou lhe mostrar o resto da casa, enquanto Bridie prepara o chá.

Os outros cômodos do andar térreo, como a sala de recepção, também tinham os móveis cobertos, mas mesmo sem retirar todas as capas Ruth sentiu que a casa tinha um significado especial para Dominic. Não era

como a casa dele, em Londres, que à primeira vista lhe parecera elegante, mas formal, nem como a casa de tia Davina, que era tratada mais como um hotel. Marlin Spike tinha calor e atmosfera, e não foi difícil deduzir que ele fora feliz, ali.

No andar de cima havia oito quartos, vários com banheiro conjugado. O quarto principal, que segundo Dominic ninguém usava naqueles dias, era espaçoso e elegante, e fora lá, na enorme cama de quatro colunas, que ele nascera.

— É, foi sobre este colchão que eu vi a luz do dia pela primeira vez — ele comentou, jogando-se sobre a colcha azul e dourada. — Para James e Isobel Crown, um filho, Dominic Howard, pesando três quilos e novecentos gramas.

Ruth sorriu, enterrando os dedos do pé no tapete espesso e macio, cor de creme.

— Aposto que você deu um trabalhão!

Seus olhares se entrecortaram, e Dominic, sério de repente, levantou-se da cama.

Ela teria reconhecido o quarto dele, mesmo sem a ausência das capas sobre os móveis. Era sério e masculino, até mesmo austero; o único toque de luxo eram as grandes proporções da cama.

— Entre — Dominic convidou, quando a viu parar na porta. — É melhor eu fazer logo o que Bridie sugeriu e me trocar. Mas não quero que ela fique chocada, se Vier atrás de nós.

— Vou esperar lá embaixo — Ruth disse meio em dúvida, olhando atrás de si, antes de reconhecer o ar impaciente no rosto masculino. — Está bem, eu fico — cedeu, fechando a porta, enquanto ele se afastava abruptamente em direção ao quarto de vestir.

Ouvindo o barulho de uma porta deslizar ao ser aberta, no cômodo ao lado, Ruth aproximou-se automaticamente do espelho que havia sobre uma cômoda. A imagem que viu refletida horrorizou-a. A chuva tinha lavado a maquiagem leve que aplicara no rosto, e seus cabelos pendiam de um lado da cabeça. Vários fios haviam escapado dos grampos e agora encaracolavam-se, úmidos, em torno de suas orelhas, enquanto uma verdadeira mecha escorria por sua nuca.

Impaciente, ela terminou de tirar os grampos, deixando os cabelos caírem sobre os ombros. Então, com dedos aflitos, pegou a escova de Dominic e se pôs a penteá-los. Secariam bem mais depressa soltos, disse a si mesmo com firmeza, ignorando que, na realidade, queria agradar Dominic.

Talvez tenha sido o fato de estar pensando nele que a fez virar a cabeça em direção ao quarto de vestir. Ou talvez tenha sido apenas a vontade de ver, mais uma vez, o corpo dele. De qualquer modo, a verdade é

que ela virou a cabeça, e Dominic, nu até a cintura e usando apenas uma brevíssima sunga, ergueu os olhos da calça que se preparava para pôr.

Ruth recolocou bruscamente a escova sobre a cômoda, umedecendo com a língua os lábios secos.

— Oh, Dominic! — sussurrou, incapaz de se controlar. Largando a calça, ele cobriu o espaço que os separava.

— Ruth — gemeu, segurando-a pela nuca.

Com um murmúrio de submissão, ela se inclinou para ele, permitindo que seu corpo se colasse ao dele, em toda extensão. Seus lábios se separaram, antecipando a possessão da boca masculina, abrindo-se ainda mais ao serem tocados, permitindo a invasão sensual da língua de Dominic. Era uma criança, inexperiente e ignorante, quando ele a beijara na ilha; agora era uma mulher e sabia exatamente o que queria dele.

— Ruth — ele repetiu num tom pouco firme, abrindo-lhe a blusa e expondo os seios túrgidos a seu olhar ardente. — Oh, Ruth — exclamou, capturando um deles com uma selvageria deliciosa. — Não me detenha agora, Ruth. Pelo amor de Deus!

— Não vou — ela respondeu, percebendo que dizia a verdade. Acontecesse o que acontecesse, viesse o que viesse, teria aquilo para lembrar. E nem Bárbara, com certeza, negaria seu direito a essa lembrança. Sua camisa deslizou para o chão, logo seguida pela saia. Estava bem junto dele, consciente do quanto o excitava, desejando, precisando e querendo agradá-lo. Suas mãos procuraram o cós da sunga, delicias com essa intimidade, e com um murmúrio de satisfação Dominic tomou-a nos braços e levou-a para a cama. Puxando as cobertas, depositou-a sobre o lençol marrom-escuro, removendo o resto de suas roupas sem vergonha ou embaraço, antes de deitar-se a seu lado e cobrir-lhe a boca de novo.

Só uma vez ela protestou, e isso foi quando se lembrou da srta. Bainbridge.

— Ela não vai nos perturbar — Dominic garantiu-lhe com voz rouca, os lábios deslizando por seu estômago e continuando a descer, cada vez mais ousados. — Hum, você é linda, Ruth! Linda, quente, capaz de corresponder. . . Oh, querida, relaxe. Isso! Relaxe e me deixe...

Ruth tinha a impressão de que todo seu corpo estava - em chamas. A boca de Dominic achava-se em toda parte, explorando os lugares mais secretos, alisando-a e acariciando-a, despertando em seu íntimo uma incrível força sexual. Seus dedos curvaram-se contra o peito dele, sobre os pêlos ásperos do tórax, abrindo passagem em direção aos ombros, agarrando, apertando, trazendo-o mais para perto. Seus lábios tocaram-lhe o queixo, descendo pelo pescoço até fazê-lo gemer baixinho e procurar sua boca de novo, exigindo e explorando, numa ardorosa intimidade.

Os beijos dele foram se tornando mais profundos, mais apaixonados, acabando com qualquer resistência que ainda pudesse restar. Ele bebeu de seus lábios, drogado por seu gosto, conseguindo uma resposta instintiva de sua sensualidade inconsciente. Ela mexeu-se debaixo dele, arqueando-se em direção às mãos possessivas, permitindo uma exploração completa de seu corpo. Aprendeu a lhe dar prazer, como ele lhe dava, e as exclamações baixas de satisfação que escaparam dos lábios dele foram a prova de seu sucesso. Não ligou para o fato de as cortinas estarem abertas ou o sol estar começando sua descida em direção ao oeste. Esqueceu-se de tudo fora daquele quarto, consciente apenas do homem a seu lado.

Queria que ele a possuísse. Queria senti-lo dentro de si, amando-a, possuindo-a, tocando a verdadeira essência de seu ser. E quando o desejo, dele sobrepujou tudo, levando-o a procurar a satisfação final, foi quase um alívio enroscar-se nele.

— Deus do céu, Ruth! — Dominic murmurou, afundando os dedos em seus cabelos e puxando seu rosto para o dele. — Você é a coisa mais importante da minha vida. Em nome de tudo que é sagrado neste mundo, como pude pensar que não era?

Ruth silenciou, com a boca, o gemido de angústia de Dominic. Não queria ouvir aquilo. Não queria ser lembrada de todas as outras mulheres com quem ele fizera amor nem da mulher que, eventualmente, levaria o nome dele. Era bastante que soubesse que ele estava com ela naquele momento, uma parte dela, partilhando com ela a relação mais íntima que duas pessoas podem ter. Amava-o desesperadamente — ah, sim, naqueles instantes de sensibilidade exacerbada podia admitir a verdade —, mas nem ele, nem ninguém mais deveria saber disso.

A possessão apaixonada do corpo masculino consumiu tudo e em seu íntimo um sentimento atordoante começou a crescer.

Com a língua, Dominic explorou o contorno de seus lábios e ela se viu impotente, presa de um êxtase febril, que destruiu suas limitações humanas e transportou-a ao pináculo da emoção. Se lhe fosse possível pensar com coerência, teria visto que seu conhecimento maior gerara uma satisfação mais profunda, mas foi num quase delírio que enlaçou-o pelo pescoço, cobrindo-lhe o rosto suado de beijos.

Seu abandono selvagem explodiu num desabrochar pulsante de doçura, deixando-os fracos e agarrados um ao outro. E Dominic enterrou o rosto nos seios de Ruth, até o trêmulo "depois" da satisfação total findar, suspirando contente ao senti-la passar os dedos por seus cabelos úmidos.

— Eu te amo — sussurrou, virando os lábios para o pescoço dela e dando-lhe uma noção exata do quanto estava vulnerável, naquele momento.

Sem dúvida, a experiência que acabavam de viver os deixara num leve

estado de intoxicação, mas ela soube, instintivamente, que quando aquela embriaguez dos sentidos o abandonasse, ele lamentaria a confissão feita de forma tão descuidada. No entanto, não disse nada, sentindo-se surpreendentemente madura, em sua recém-descoberta filosofia. A dor viria mais tarde; por enquanto, não permitiria que ela se intrometesse nos minutos preciosos que ainda lhe restavam com ele.

— Ruth? — Segurando-a pelo queixo, Dominic virou seu rosto para o dele. — Ruth, não vá embora esta noite. Fique comigo!

Sua respiração acelerou-se, apesar da deliciosa letargia em que se achava. Ficar com ele, passar a noite ali, dormirem juntos! Não poderia imaginar uma coisa que desejasse mais, mas não tinha o direito de fazer isso com tia Davina. Era simplesmente impossível.

— Não posso. Eu tenho que voltar, Dominic. Você sabe disso.

— Por quê?

Ela se ajeitou melhor para poder fitá-lo, completamente à vontade com ele, agora.

— Você sabe por quê. Tia Davina. . .

— Para o inferno com tia Davina — Dominic resmungou zangado, acariciando-lhe os seios com um gesto possessivo. — Preciso de você, Ruth. Muito mais do que tia Davina.

— E me teve — Ruth frisou, submetendo-se com prazer ao beijo que seu comentário provocou. — Eu gostaria de ficar, Dominic. Você sabe que sim. Não havia sentido em negar uma coisa que é tão evidente. Mas não posso. Devo muito a tia Davina, para tratá-la com tanta desconsideração.

Dominic suspirou. — Está bem, então vamos chegar a um meio-termo: fique para jantar.

— Como? O que vou dizer à minha tia?

— Eu penso em alguma coisa — ele prometeu, com as pálpebras pesadas. — Hum, venha cá. Você é irresistível. Deus, eu quero você de novo!

— Dominic — Ruth exclamou, num meio protesto. Mas, quando os lábios dele se apossaram dos seus, não teve mais forças para resistir.

Se a srta. Bainbridge achou que eles tinham passado mais tempo que o esperado explorando a casa, nada disse, limitando-se a cumprimentar Ruth pela beleza de seus longos cabelos.

— Eu também tinha cabelos compridos, quando era jovem — confessou, enquanto tomavam chá, juntos.

Ruth, extremamente consciente do olhar de indolente satisfação com que Dominic a fitava, abaixou a cabeça.

— Antes que eu me esqueça — ele declarou —, decidimos ficar para o jantar, Bridie. Se você não tiver nada contra, é claro.

— Céus, não! Estou tão contente! É raro eu ter visitas. — A

governanta hesitou um instante, depois prosseguiu, com ar de quem lamenta: — Você já não vem tanto para cá, Dominic.

— Não.

A resposta foi dada num tom breve, e Ruth perguntou-se se ele não estaria arrependido de tê-la trazido. No entanto, quando seus olhares se encontraram, só viu uma emoção terna no dele.

Quando o chá terminou, Dominic levou-a. para ver os jardins. Estava uma noite quente, deliciosa, depois da chuva, e eles deixaram os casacos para trás. Dominic parecia jovem e descontraído, numa calça de veludo bege e suéter marrom-escuro. As linhas de seriedade e cansaço que lhe vincavam o rosto, aquela tarde, haviam desaparecido, e Ruth usou esse fato para acalmar sua consciência pesada.

De mãos dadas, eles atravessaram o estábulo vazio, a caminho do bosque mais além, e Ruth não conteve uma exclamação deliciada ao ver as touceiras de jacintos e violetas que cresciam no meio da grama. Nunca vira flores tão simples e belas, e ajoelhou-se para enterrar o rosto em suas pétalas cheirosas.

— Você gosta do campo, não é? — Dominic comentou, puxando-a para junto de si.

Enlaçando-o pelo pescoço, ela assentiu.

— Eu gosto daqui. Adorei sua casa, Dominic. Gostei de tudo, em Marlin Spike, principalmente da calma e do silêncio. É tão sossegado!

— E de mim? — ele perguntou de imediato, esfregando a língua nos lábios dela.

Mas Ruth evitou uma resposta, afastando-se dele e correndo para o meio das árvores.

Ambos estavam mortos de fome ao voltarem para a casa e um ar de saúde iluminava o rosto de Ruth. Ela nunca estivera tão bonita, um fato que não passou despercebido a Dominic.

— Preciso telefonar para tia Davina. Eu. . . eu já deveria ter feito isso. Mas sou tão covarde!

— Deixe que eu telefono. Explico como a encontrei e onde você está.

— Ah, não! Eu... eu mesma tenho que fazer isso. De onde... de onde posso telefonar?

— Daqui — Dominic levou-a à biblioteca, onde um telefone creme repousava sobre a escrivaninha. — Lá está — ele indicou, saindo e fechando a porta atrás de si.

Tia Davina declarou que estava começando a ficar preocupada com Ruth.

— Eu não tinha certeza absoluta da hora de sua aula, mas deduzi que você tinha algumas compras a fazer, para a viagem de amanhã. . .

A viagem!

A primeira reação de Ruth foi de espanto e incredulidade. Esquecera-se completamente da viagem à Suíça, no excitamento de estar com Dominic. Mas agora tudo lhe voltava à lembrança com detalhes, e ela chocou-se com a própria negligência.

— Oh, tia Davina — começou, logo parando embaraçada, ao perceber que a tia ainda estava falando.

— Martin está com você? — tia Davina indagou, irritada. E quando Ruth negou, apressada, continuou com azedume: — Vocês, jovens, não têm a menor consideração por ninguém. São completamente indiferentes aos sentimentos dos pais!

— Tia Davina, eu. . .

Mas a tia não lhe deu atenção, continuando a criticar a arrogância da juventude de, hoje em dia e só então ela percebeu que Martin é que havia provocado aquele sermão.

— Eu sei que ele está na pista — declarou tia Davina, com aspereza. — Tentei ligar para lá, mas ninguém atendeu, e não tenho o número daquele tal de Jarvis.

— Não... não está na lista telefônica? — Ruth arriscou-se a perguntar, mas a tia aparentemente já havia pensado nisso.

— Sabe quantos Jarvis existem em Londres? — ela respondeu, num tom mais alto e agudo. — Onde ele pode estar? Será que não dá nem para telefonar para casa?

Ruth não fazia idéia do que dizer mas, enquanto pensava desesperadamente num jeito de tranquilizar a tia, ouviu o barulho de uma porta batendo, do outro lado da linha.

— Espere um pouco.. .

Tia Davina largou o fone com ruído e Ruth escutou-a sair da saleta e ir até o patamar da escada. Houve uma troca de palavras em voz alta, depois a tia voltou ao telefone, respirando pesadamente.

— Ele está em casa — declarou, com evidente alívio. — Graças a Deus! — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Volte para casa assim que puder, minha querida. Eu não vou estar, pois tenho que comparecer àquela recepção na galeria, mas Martin tomará conta de você. Não é, querido?

Para espanto da sobrinha, Davina desligou então, sem nem lhe perguntar onde estava. Ruth ficou sem saber se devia se sentir aliviada ou desapontada. Estivera à espera de acusações e recriminações, e em vez disso recebera apenas a certeza do quanto era dispensável.

Ligeiramente confusa, deixou a biblioteca, encontrando Dominic na sala de recepções, em pé junto à janela, com um copo contendo um líquido cor de âmbar na mão. Adivinhou que era uísque e lamentou não ter coragem

de pedir uma dose. Estava precisando de algo que a ajudasse a restaurar seu senso de equilíbrio.

Ruth esperava que Dominic lhe perguntasse o que a tia dissera, mas não foi o que aconteceu. Percebendo sua presença, ele virou-se e, erguendo o copo, perguntou-lhe se gostaria de um drinque.

— Quero sim, obrigada — ela aceitou, mordendo o lábio inferior. Será que ninguém se comportava de forma previsível? Dominic não se importava mais com o que lhe acontecia?

Aproximando-se de um armário, Dominic indicou polidamente o que ele continha.

— Temos uísque, gim e conhaque. E licores de frutas, se você preferir.

— Prefiro uísque. Com... com soda.

Ele fitou-a, meio em dúvida, depois cedeu. Mas Ruth notou que colocou apenas uma pequena dose de uísque em seu copo, terminando de enchê-lo com o líquido efervescente e incolor. Ainda assim, ficou uma bebida forte para uma pessoa completamente desacostumada ao álcool, mas ela tomou-a com decisão, ignorando o olhar especulativo fixo em seu rosto.

Desde que resolvera chamar a tia, a atmosfera entre eles esfriara bastante, e ela agora arrependia-se de ter concordado em ficar para o jantar. Era óbvio que Dominic também estava arrependido de tê-la trazido e lamentava as inevitáveis conotações que sua visita lhe traria. Mas, depois de casado com Bárbara, ele sem dúvida ocuparia o quarto principal, quando viesse a Marlin Spike, de modo que nenhuma lembrança incômoda do que haviam partilhado o perseguiria.

— E então? — Dominic perguntou, quando ela já quase se esquecera do telefonema para a tia. — Falou com sua tia?

Concordou apressada, apertando o copo com força.

— E o que foi que disse a ela? Que tinha encontrado um amigo de seu pai, depois da aula? Ou que o carro da auto-escola havia furado um pneu e por isso estava atrasada? Ela não achou estranho um atraso tão grande? Ou você conseguiu pensar numa desculpa mais convincente?

Ruth estava muito corada, quando ele parou de falar, e foi com lábios trêmulos que explicou:

— Para dizer a verdade, não tive que lhe dizer nada. Mar-Martin se atrasou e ela estava preocupada com ele. Ela... ela nem perguntou onde eu estava. Para tia Davina, Martin tem precedência em tudo.

Pondo o copo de lado, Dominic aproximou-se dela.

— Então ela nem quis saber com quem você estava?

— Acho... acho que ela vai querer saber, depois. No momento, ela estava mais preocupada com o paradeiro de Martin. Mas ele chegou, quando

estávamos conversando. Provavelmente estava na pista. Não sei se você sabe, mas ele corre no circuito amador..Tia... tia Davina não mencionou...

— Seu primo não me interessa — Dominic retrucou com segurança, agarrando-a pelos ombros. E quando ela o fitou, ansiosa, puxou-a para junto de si. — Mas que droga, Ruth! Você já deveria saber como me sinto. — Meneou a cabeça. — é com você que eu me importo. E fico louco da vida vendo o egoísmo de Davina Pascal!

Ruth sentiu a frieza em seu íntimo diminuir.

— Pensei... pensei que você fosse ficar aliviado — começou, interrompendo-se ao ver a zanga no rosto dele.

— Eu não fiquei aliviado. Estou contente por você não ter tido que mentir... mas a atitude dessa mulher é inconsistente, para dizer o de menos. Não dá para acreditar que seja a mesma pessoa que foi correndo a Índigo buscar você, assim que soube da morte de seu pai.

— Não tem importância...

— Para mim, tem. — Acariciou-lhe a nuca, e ela aconchegou-se a ele.

— Pensei que estivesse arrependido de ter me trazido.

— Arrependido? — Abraçou-a com mais força. — Meu Deus, você não imagina como eu gostaria de conservá-la aqui, como Rapunzel em sua torre. E a única chave seria minha!

Ruth ergueu a cabeça, admirada.

— Você está com ciúme! O rosto dele endureceu.

— Estou. Sinto um ciúme doentio de qualquer pessoa que se aproxima de você.

— Dominic!

— Não sabia? Pois deveria. Não consigo ficar longe de você. E aquela mulher... a sua tia... não confio nela.

— Por que não?!

— Mania de perseguição, eu imagino — Dominic retrucou com aspereza. — Oh, Deus, não quero que ninguém, tome conta de você, além de mim!

Sua boca procurou a dela, quente e apaixonada, incrivelmente doce. E Ruth correspondeu com ardor, maravilhada demais para resistir, só se afastando dele ao ouvir uma tosse discreta atrás de si.

— O... o jantar está pronto — a srta. Bainbridge anunciou, não sem um certo embaraço.

E Ruth caminhou depressa para ela, evitando o olhar enigmático de Dominic.

CAPÍTULO XVI

— A srta. Symonds está de novo na linha, sr Dominic — a sra. Cooke informou-o, com um olhar de simpatia, entrando no escritório de Dominic em resposta a seu chamado. — Completo a ligação ou quer que eu fale com ela? Eu já expliquei que o senhor está ocupadíssimo com os novos contratos, mas ela não acreditou em mim.

Dominic suspirou, empurrando uma pilha de fichados para o lado, antes de arrancar a gravata do pescoço. Tirara o casaco mais de duas horas atrás e agora desabotoava o colarinho da camisa, com ar resignado.

— Está bem, complete a ligação. Um intervalo de quinze minutos não me fará mal. Ainda temos café? Uma bebida revigorante ajudaria.

A sra. Cooke sorriu.

— Vou mandar Jennifer fazer um novo. E quanto ao sr. Granville? Vai ter tempo de vê-lo, hoje, ou devo lhe pedir para voltar na segunda?

— Granville... Granville... — Dominic massageou os músculos da nuca.

— Ah, sim, Granville! Tinha me esquecido dele. Faz tempo que está esperando?

— Meia hora. Ele disse que não se importa. Eu expliquei que o senhor estava ocupado, mas ele insistiu em esperar.

Pensativo, Dominic meneou a cabeça. Então, quase de imediato, exclamou:

— A senhora vai recebê-lo, sra. Cooke! Sabe tão bem quanto eu por que ele está aqui.

— Eu? Ah, eu não poderia! E... e é o senhor que ele quer ver!

— Correção, é o meu pai que ele quer ver. Mas não pode e eu tenho certeza que a senhora pode tomar conta das discussões preliminares.

— Acho que seu pai não vai gostar disso, sr. Dominic. Ele sempre atendeu os clientes pessoalmente.

— Eu sei. — Dominic recostou-se na cadeira, — E a senhora esteve presente na maioria das vezes, sra. Cooke. Portanto, com a sua experiência e as informações que tem, saberá muito bem atendê-lo.

A secretária era a imagem da insegurança e um sorriso iluminou o rosto duro de Dominic.

— Relaxe, sra. Cooke! Não é o fim do mundo. Não estou lhe pedindo para jogar fora os milhões dos Crown. Só quero que receba Granville, descubra o que ele quer e lhe diga que o verei na próxima semana.

A sra. Cooke meneou a cabeça, sem nada dizer, e ele suspirou, impaciente.

— Se é um aumento de salário que quer. . .

— Essa. . . essa idéia nunca me passou pela cabeça! — ela exclamou,

indignada.

Dominic acreditou, mas não estava com disposição para diplomacia.

— Relaxe — repetiu, pondo-se em pé. — Eu não lhe teria pedido para fazer isso, se não confiasse na senhora. — Crispou os lábios. — Pode ser que passemos pelo nosso batismo de fogo juntos, sra. Cooke. Pense nisso, quando estiver conversando com Henry Granville.

A sra. Cooke deixou-o, ainda em estado de choque, mas recuperando-se rapidamente. Dominic confiava nela. Nas três semanas que tinham se passado, desde que assumira o comando da Crown, a sra. Cooke provara seu valor uma dúzia de vezes, mostrando por que Jake Crown confiava tanto em seu julgamento.

Mas Dominic sabia que, infelizmente, do ponto de vista de seu pai, ela era apenas uma mulher, e, apesar de sempre ter gostado da companhia do sexo oposto, Jake Crown deplorava sua promoção nos negócios. A idéia de dar à sra. Cooke o tipo de responsabilidade que ela merecia nunca lhe passara pela cabeça, e numa coisa Dominic era obrigado a reconhecer que a secretária tinha razão: Jake não aprovaria sua atitude.

Ouvindo o clique característico da passagem de uma ligação externa para seu escritório, Dominic voltou a sentar-se e levantou o fone do gancho.

— Bárbara? — perguntou, preparando-se. — Como vai?

— Eu estou bem. E você? — ouviu-a responder de forma breve, confirmando suas suspeitas. — Onde esteve a noite passada? Shannon não lhe disse que eu telefonei?

— Disse, sim. — Dominic sorriu para a jovem datilógrafa, que acabava de chegar com seu café. — Mas já era tarde quando eu cheguei em casa, por isso não liguei para você.

— Poderia ter ligado esta manhã — ela insistiu, e ele foi obrigado a lhe dar razão. — Onde é que você estava? Papai trouxe o secretário de Comércio para jantar e queria que você conversasse com ele:

— Então foi ótimo eu não estar. Anthony Barras e eu não nos suportamos!

— Deixe de tolice, Dominic! — Bárbara não escondeu a impaciência. — Eu sei que está dizendo isso porque ele costumava maltratar os garotos mais novos, na escola. Mas, pelo amor de Deus, faz catorze anos que você deixou Winchester!

— Sei bem quanto tempo se passou — disse Dominic num tom polido, colocando várias colheres de açúcar na xícara de café. — Mas não tenho intenção de humilhar os Crown, procurando o apoio dele.

— Seu pai sempre entendeu que não se deve misturar negócios com simpatias e antipatias pessoais. — Era evidente a dificuldade de Bárbara em se controlar. — Tony pode lhe ser útil. Ele entende seus problemas. . .

— E eu entendo os dele. Ele é um auxiliar no Ministério, com um nome ainda por fazer, e no mínimo pensa que vai conseguir isso à custa da Crown Chemicals!

— Que idéia ridícula. Dominic!

— É mesmo?

— Claro que é! Tony é um homem charmoso, sincero e inteligente. Um homem que provavelmente chegará ao sucesso.

— Não duvido. — Dominic já estava aborrecido com a conversa. — Mesmo assim, não pretendo servir de trampolim para ele.

Uma exclamação irritada escapou dos lábios de Bárbara.

— Você não tem jeito! Aqui estou eu, fazendo o que posso para melhorar sua posição junto a seu pai, e você colabora arrasando com meus esforços!

Dominic recolocou a colher sobre o pires, sentindo uma relutante pontada de ingratidão. Era verdade. Bárbara só estava tentando ajudar. Mas então, por que se ressentia tanto com os esforços dela?

— Olhe, Bárbara — explicou com calma —, eu tenho que dirigir a Crown ao meu modo. Não é ao seu modo ou ao modo de Jake, mas ao meu modo. Não nego que pode não ser o melhor modo, mas será o melhor que puder fazer.

Bárbara fungou.

— Mas a questão não é só dirigir a Crown, Dominic. É claro que ser o presidente de uma companhia grande como a sua é importante, mas é preciso pensar no futuro, também.

— No futuro? Como, assim?

Ela hesitou, depois prosseguiu, com cuidado:

— Todos sabem que o mundo está entrando em recessão. O petróleo está acabando. Produtos farmacêuticos dependem do petróleo, não é? Mais cedo ou mais tarde, a Crown será incorporada por um conglomerado ainda maior do que ela. Não seria sensato ter uma segunda opção de vida? Se você ganhar influência nos círculos governamentais, se mostrar interesse pela política .

— Como seu pai, por exemplo?

A voz de Dominic tinha endurecido bastante, e Bárbara apressou-se em acalmá-lo.

— Como papai, não. O distrito eleitoral de papai é pequeno, pouco importante. Você pode escolher outro lugar, mais perto de Londres. . .

— Você deve estar louca! — Dominic estava zangado, agora. — Meu Deus, eu nem concordo com as idéias políticas de seu pai, quanto mais com o resto!

— Mas Dominic, você tem que fazer isso! Na sua posição. . .

- Na minha posição coisa nenhuma! Meu Deus, é inacreditável!
- Tony acha. . .
- Eu pouco me importo com o que Tony diz ou deixa de dizer! Tony!

Aquele maldito hipócrita!

O silêncio caiu entre eles, depois disso, e Dominic passou a mão pelos cabelos, com violência. Tivera um dia dos piores, e agora aquilo!

- Dominic?

O tom submisso da voz dela pedia uma resposta e, expelindo o ar dos pulmões, ele disse:

- O que é?

— Desculpe — Bárbara murmurou, deixando evidente que não queria desligar, sem tentar fazer as pazes. — Não foi para falar disso que eu liguei. Mas é que fico tão aborrecida quando você se mostra indiferente a pessoas. . .

— Pensei que você não tivesse ligado para falar disso — ele interrompeu-a, asperamente. — De qualquer modo, foi bom você ter ligado. Precisamos conversar. Está livre para jantar comigo, esta noite?

— Acho que sim.. — A voz dela mostrou o quanto estava ressentida com o tom dele, — Ao contrário do que você faz, eu não desapareço sem dizer para onde vou.

Dominic fitou a xícara.

— Eu estava em casa, ontem à noite. Em Marlin Spíke. Jantei com a srta. Bainbridge.

— Você o quê?! — A zanga de Bárbara voltou. — Você foi daqui até lá, para jantar com aquela velha?!

— Aquela velha, como você diz, foi a minha babá. E Marlin Spike não fica longe. Uns cinquenta quilômetros, mais ou menos.

— Cinquenta quilômetros? Oitenta, isso sim! Não entendo por que você gosta de ir até lá. É muito longe da cidade. Seu pai deveria vendê-la e comprar uma vila no sul da França ou num lugar semelhante.

— Se ele a vender, eu compro. Gosto de lá. E não a considero longe da cidade. Na verdade, acaba de me ocorrer que, se eu desistir do apartamento, posso morar lá e vir trabalhar aqui, todos os dias.

— Você deve estar brincando! — Bárbara ainda estava muito irritada, para deixar passar em branco esta informação. — Imagine, morar em Marlin Spike! Que tipo de vida social você acha que teríamos, vivendo lá?

Dominic deu de ombros. Depois, lembrando-se de que ela não podia vê-lo, disse:

— Uma vida social é assim tão importante para você, Bárbara? Pensei que essa fosse a última de suas preocupações.

- Pois pensou errado — Bárbara contradisse, com veemência. — Oh,

esta conversa não vai nos levar a lugar algum! Eu queria falar a respeito da festa, mas você insiste em ser desagradável. Ligue para mim, esta noite. Talvez seu estado de espírito melhore, daqui até lá.

— Não conte com isso.

Dominic esperou que ela desligasse, antes de recolocar o fone no gancho. Seu café já havia esfriado, mas bebeu-o mesmo assim. E ainda estava sentado, refletindo sobre a conversa com a noiva, quando a sra. Cooke entrou, muito corada e envolta por um ar inegável de autoconfiança. Pondo seus problemas de lado, Dominic recebeu-a com um sorriso indolente.

— A senhora parece contente consigo mesma. Quer dizer que a coisa não foi tão ruim quanto esperava,

— Na verdade, não. Se bem que no princípio ele protestou.

— Ela riu, um pouco nervosa. — Disse que preferia falar com o martelo, não com a bigorna.

Dominic sorriu.

— Henry sempre teve um jeito de falar interessante. Espero que o tenha colocado na linha.

— Ah, coloquei, sim. Expliquei que o senhor estava ocupadíssimo e que, se ele não falasse comigo, provavelmente só o veria na última data do presente contrato.

— Muito bem! Isso merece um drinque. . . e não estou falando de café. Qual é sua bebida?

— Ah, eu não seria capaz de beber nas horas de trabalho, sr. Dominic — a sra. Cooke protestou com veemência, mas ele não lhe deu ouvidos.

— Tome — disse, entregando-lhe um copo de uísque e soda.

— Se vai ser minha assistente pessoal, precisa se acostumar a beber com os clientes. Não posso ter minha representante caindo pelos cantos, depois de uma ou duas doses de gim. — Ergueu o copo. — Ao sucesso!

— Ao sucesso — ela repetiu meio em dúvida, experimentando o drinque com um certo receio. — Eu. . . eu não sei o que seu pai diria.

— Eu sei — Dominic declarou. E depois: — Gostou?

— É bem. . . agradável.

Ele não conteve o riso diante do espetáculo surpreendente da sempre séria e cerimoniosa sra. Cooke saboreando um uísque duplo, no meio de uma tarde de trabalho.

Mas quando ela se foi, para continuar com os deveres habituais, Dominic procurou a cadeira junto à sua escrivaninha, com os olhos estreitados. A chamada de Bárbara lembrara-o do convite que fizera a Ruth e ao primo, e foi com o pulso acelerado que pressionou o botão de uma linha externa e discou para a casa dos Pascal. Até a simples idéia de ouvir novamente a voz dela encheu-o de ansiedade, e ele esperou, impaciente, pela

eternidade que se passou, antes da ligação ser feita. Não tinha noção do que Davina Pascal poderia ter dito a Ruth aquela manhã, sobre a saída inesperada do dia anterior, e seu estômago se contraiu ao perceber a crise de consciência que teria que enfrentar.

Por insistência dela, ele a levava para casa bastante cedo, passando o resto da noite no clube, embebedando-se até quase um completo estupor. A idéia de voltar para o apartamento e lá ficar, imaginando o que ela estaria fazendo e com quem, parecera-lhe horrível demais, e ele sabia que a situação atual não podia continuar.

Foi a própria Davina Pascal que acabou atendendo ao telefone. Dominic teria preferido uma advogada mais favorável, mas escondeu seu aborrecimento, dizendo cortesmente:

— Aqui é Dominic Crown, srta. Pascal. Posso falar com a srta. Jason?

— Ah, sr. Crown! — Davina foi absolutamente doce. — Eu. estava mesmo para ligar para o senhor. Está ligando a respeito da festa, não é? Deve achar que sou muito indelicada, por não ter entrado em contato com o senhor antes, mas é que com uma coisa e outra...

— De jeito nenhum. Eu sei o quanto a senhora deve ser ocupada. Minha mãe....

— Ah, sim, sua mãe! Uma mulher encantadora. E tão generosa! Nós todos deveríamos tê-la como exemplo,

— É verdade. — O tom de Dominic tornou-se mais seco. — Srta. Pascal, se eu puder falar com a srta. Jason. ..

— Ah, mas não pode.

— Não posso? — Incrédulo, Dominic sentiu os músculos do estômago se contraírem. — Srta. Pascal, eu...

— Ela não está aqui. Era sobre isso. que eu pretendia ligar para o senhor. Nenhum deles está. Nem Ruth, nem Martin. Eles foram passar uns dias fora. . .

— Passar uns dias fora? — A incredulidade de Dominic aumentou. Ruth não lhe dissera nada a respeito.

— É. — A satisfação de Davina era indisfarçável. — Foram esquiar. Era o que eu queria lhe dizer. Deveria ter ligado mais cedo, para preveni-lo de que eles não poderão comparecer à sua festa.

Dominic respirou fundo. Teria gostado de dizer a Davina Pascal o que ela podia fazer com a maldita festa. Por que Ruth não lhe contara que ia viajar? Por que escondera isso dele, de propósito?

— Alô? Alô, sr. Crown? Ainda está aí?

Pelo prazer na voz de Davina, ele percebeu que ela arrumara aquilo, deliberadamente. "A vagabunda mercenária", pensou com selvageria, lutando para controlar a zanga.

— Estou, sim — afirmou com secura. — Obrigado pela informação. Sinto tê-la incomodado.

— Não foi incômodo nenhum. Dê minhas lembranças à sua mãe, por favor. E agradeça à sua noiva pelo convite. Foi muita gentileza sua mas, como pode ver, Martin e Ruth têm uma vida social bastante agitada.

Dominic fez mais um comentário qualquer, antes de pôr fim à ligação, mas, assim que recolocou o fone no gancho, apertou com força os dois lados do pescoço. Permaneceu assim por vários momentos, sentindo o sangue fugir da cabeça, depois deixou os braços caírem sobre a escrivaninha, tomado pela depressão.

Por que ela fizera aquilo? perguntou-se de novo, fitando o ar com o olhar vazio. Por que não lhe contara o que havia planejado com o primo? Por que o deixara descobrir daquele modo tão humilhante? Por Deus, ela tivera tempo mais que suficiente para lhe contar, no dia anterior. Que tipo de jogo egoísta estava fazendo? E que tipo de homem pensava que ele era? Recostou-se na cadeira, fechando os olhos contra as imagens que vieram atormentá-lo. Onde estava ela, naquele momento? E fazendo o quê? O que realmente pensava de Martin Pascal? E que diabos ia ele fazer a respeito disso tudo?

Empurrando a cadeira para trás, Dominic levantou-se abruptamente, pegando o casaco e vestindo-o com descuido. Então, pressionou o botão do intercomunicador e fitou a sra. Cooke de cara fechada, quando ela entrou.

— Vou sair. Já agüentei muito, por hoje. Anote todos os telefonemas que eu receber, por favor. Virei até aqui amanhã cedo, se houver algo urgente.

— Aconteceu alguma coisa, sr. Dominic? — A sra. Cooke hesitou. — Desculpe, mas o senhor não me parece muito bem. Tem trabalhado demais.

— Engano seu, sra. Cooke. Eu não tenho trabalhado o bastante. — Ele ajustou o colarinho, recolocando a gravata no lugar. — Até segunda, então.

— Quer que eu venha, amanhã cedo? Eu não me importo. Não tenho mesmo nada a fazer.

Dominic parou, momentaneamente penalizado.

— Não tem? Pensei que... talvez o sr. Cooke...

— Não há sr. Cooke. Já houve, mas ele me deixou quinze anos atrás.

— Sinto muito.

— Pois eu, não. E estou contente por ter lhe contado. Seu pai.. . Bem, ele nunca me perguntou.

— Ele jamais perguntaria. Para ele, a única coisa que interessava era que a senhora fizesse seu trabalho o melhor possível.

— Eu sei disso. — Ela sorriu com timidez, antes de continuar, impulsivamente: — Mas fiquei contente com o seu interesse. Eu. .. nós... Se

não for muita presunção da minha parte, sr. Dominic, gostaria de lhe dizer que tenho certeza de que vai alcançar um grande sucesso, em seu trabalho.

— Bem que eu gostaria de acreditar nisso — ele replicou laconicamente, mas com as feições duras suavizadas. — Acho que o uísque lhe subiu à cabeça, sra. Cooke.

Mas seria difícil negar o leve otimismo que o invadiu, enquanto se dirigia aos elevadores.

O porteiro arranhou-lhe um táxi, e Dominic deu ao motorista o endereço de seus pais, em Curzon Terrace. Depois, recostou-se no banco, esperando com impaciência chegar a seu destino. Estava com calor e irritado, e teria preferido ir direto ao apartamento, tomar um banho. Mas também queria falar com o pai e aquela era uma hora tão boa quanto qualquer outra.

Encontrou a mãe na saleta que ela reservava para seu próprio uso, dedilhando algumas músicas ao piano.

— Seu pai não está — Isobel disse, quase se desculpando ao ver a frustração que lhe causou. — Foi jogar golfe com Alan Harmer. Não é nada urgente, é? Não gosto de chamá-lo no clube. . . Você sabe o quanto ele fica agitado, quando recebe telefonemas inesperados.

Dominic praguejou baixinho, depois jogou-se numa poltrona, com ar resignado.

— A que horas ele ficou de voltar? Eu nem sabia que o velho gostava de golfe.

Isobel ergueu as sobrancelhas num gesto de censura, mas nada comentou a respeito daquela falta de respeito do filho, limitando-se a dizer:

— Você deveria ter avisado que vinha. Sei que ele teria preferido conversar com você a mostrar a Alan Harmer a habilidade que tem.

Duvido. Mas acho que posso esperar. Se você tiver uma bebida gelada para matar a minha sede. Cerveja?

Se não houver nada mais forte.

Sacudindo a cabeça com firmeza, Isobel tocou a campainha, chamando Ginny.

Ginny mostrou uma forte inclinação para se demorar, mas Isobel dispensou-a de forma irrefutável, antes de se sentar perto do filho. Então, quando ele já tinha tomado metade da cerveja, recostou-se na poltrona, cruzou os braços e perguntou sem rodeios:

— Por que você levou aquela garota a Marlin Spike? Devia ter visto que, mais cedo ou mais tarde, ficaríamos sabendo.

Dominic viu-se em franca desvantagem. Aquilo era a última coisa que esperava que a mãe lhe perguntasse e levou algum tempo bebendo o resto da cerveja, enquanto se recuperava.

— Só por curiosidade, como foi que você descobriu? — respondeu afinal, decepcionado com Bridie por tê-lo traído.

Mas Isobel logo lhe devolveu a confiança na velha babá.

— Através de Bárbara. Ela me telefonou, meia hora atrás. Disse que tinha acabado de falar com você,

— Mas Bárbara não...

— ...sabia? É verdade. Mas, quando ela me disse que você estivera em Marlin Spike, telefonei para Bridie, me desculpando pela sua falta de consideração em aparecer daquele modo.

Dominic inclinou a cabeça.

— E foi aí que ela lhe contou.

— Exato. Você sabe como Bridie é. Ela acha que o sol nasce por sua causa e... Bem, mas isso não vem ao caso. Basta dizer que, acidentalmente, ela acabou mencionando que fizera jantar para três. Como é natural, eu insisti em saber quem o tinha acompanhado.

— É claro — ele concordou com sarcasmo, o que lhe valeu um olhar irritado da mãe.

— Você sabe o que está fazendo, levando essa garota lá? Tem idéia de como Bárbara reagiria, se ficasse sabendo?

— Posso imaginar.

— Pode? Pode mesmo? — A voz de Isobel elevou-se um pouco, mas ela logo se controlou. — Não sei o que deu em você, meu filho. Desde aquela viagem a Barbados, desde que conheceu aquela garota...

— Não. — Dominic não ia admitir aquilo, e seus olhos felinos tinham um brilho duro, ao se encontrarem com os dela. — Não é desde que conheci Ruth, mamãe. A coisa vem de antes, muito antes.

— Mas... Não entendo você, Dominic. Eu... nós... seu pai e eu... nós sempre fizemos tudo por você. Desde que Michael morreu...

— Eu sei, mãe, eu sei. — Ele apoiou a cabeça no encosto da poltrona, sentindo novamente aquela horrível frustração crônica, cer em seu íntimo. — Eu sei que a intenção de você é boa...

— Uma boa intenção? Uma boa intenção?! — A voz de Isobel tornou a se elevar. — É isso que tudo que fizemos significa para você?

— Não, é claro que não. — Gemendo intimamente, Dominic ergueu a cabeça para fitá-la. — Mas tente ser um pouco mais razoável. Eu sei que vocês querem o melhor para mim. Eu sei que vocês canalizaram todas as suas emoções na minha direção, depois da morte de Michael. Mas vocês não entendem?! Eu não posso ser responsabilizado por todas as suas ambições que não foram realizadas, tanto em relação a ele quanto a mim!

Os lábios de Isobel começaram a tremer.

— Você está sendo cruel, Dominic!

— Mas é verdade! Mãe, preste atenção. Ela meneou a cabeça, procurando um lenço e, novamente derrotado, Dominic voltou a se recostar na poltrona. Era sempre assim, refletiu, desanimado. A morte de Michael era um peso em seus ombros.

— Essa garota — Isobel disse, afinal, quando viu que ele não tentava continuar a conversa. — Como foi que acabou por levá-la a Marlin Spike? A tia dela sabe do seu relacionamento?

— Não! — Dominic foi enfático. Depois, respondendo à outra pergunta, explicou: — Eu sabia que ela teria uma aula na auto-escola, ontem. Esperei-a do lado de fora.

— Você... combinou de se encontrar com ela?

— Não. Foi tudo idéia minha. — Ele fez uma pausa, antes de acrescentar, com amargura: — Ela nem queria ir.

— Quer dizer que você a forçou?! .

— Não foi bem isso. Eu a... persuadi.

— Mas o que ela significa para você? Sente-se atraído por ela? Vocês tem um... um relacionamento físico?

— Não creio que isso seja da sua conta, mamãe. — O tom irrefutável de Dominic fez o sangue subir ao rosto de Isobel. — Quanto ao que ela significa para mim, talvez fosse melhor você perguntar o que eu significo para ela.

— Como, assim?

— Ela foi para a Suíça esta manhã, com o filho adotivo da tia. E não me disse que ia.

Uma leve expressão de alívio cobriu as feições de Isobel.

— Então... então você acha que ela tem um envolvimento com esse... esse primo? — perguntou, recuando assustada ao ouvir o som estrangulado que escapou dos lábios do filho.

— Se ela tiver, eu mato aquele sujeito! — ele respondeu com violência.

E Isobel cruzou as mãos sobre o colo, num gesto de espantada incredulidade.

CAPÍTULO XVII

Martin logo se entediou com os esforços de Ruth na rampa para principiantes e mostrou que estava ficando inquieto, pelo modo como socava as palmas das mãos e batia os pés no chão. Acima deles, o desafio das rampas da geleira Grensberg era uma tentação constante, e ela percebeu que ele invejava os esquiadores experientes, que tomavam o teleférico para o passo.

— Você não precisa ficar comigo o tempo todo — disse-lhe, durante o jantar daquele primeiro dia. — Estou pensando em freqüentar as aulas de herr Ferrier. Vá se divertir. Eu sei que está morrendo de vontade de experimentar seus esquis.

Martin sorriu, segurando-lhe a mão por cima da mesa.

— Sou tão transparente assim? Não posso negar que as rampas mais altas me atraem.

— Então, vá em frente. — Ela retribuiu o sorriso, sem tirar a mão da dele. — Estou com vontade de ver como me saio nos patins e o melhor seria fazermos o que cada um quer.

— Não sei por quê, mas acho que minha mãe não aprovaria. Esse fim de semana foi planejado para ficarmos juntos.

— Vamos ter todas as noites para isso — Ruth alegou, tomando um gole de vinho e pensando que, obviamente, Martin sentia-se atraído pela idéia de fazer algo mais excitante.

Em conseqüência, ela passou a manhã de sábado na companhia de uma multidão de outros futuros esquiadores, aprendendo as regras rudimentares do esporte. À tarde, depois de um almoço solitário numa das casas de massas locais, saiu para ver as lojas. A riqueza e variedade dos produtos à venda espantou-a, e ela passou muito tempo admirando um suéter de lã creme, com desenhos em azul, amarelo e verde, e imaginando o quanto ficaria bonito em Dominic.

Tentara muito não pensar nele. Tinha decidido que, uma vez fora da Inglaterra, tiraria Dominic Crown da cabeça. Mas aquela manhã, depois de uma noite insone, virando e revirando na confortável cama do hotel, sentira-se tão mal e infeliz, que acabara por perceber que estava se enganando, ao imaginar que a distância conseguiria o que a proximidade não conseguira.

Voltando ao hotel por volta das cinco, Ruth colocou um maiô e foi nadar. Ela e Martin tinham usado a piscina na noite anterior, mas ainda se sentia um pouco nervosa ao agir sozinha. No entanto, uma de suas metas era provar a si mesma que podia ser independente e percorreu duas ou três vezes a piscina a nado, de um lado ao outro, antes de sair e sentar-se na

beirada.

— É a srta. Jason, não é?

Ela ergueu os olhos, surpresa com a pergunta amigável, mas relaxou ao reconhecer *herr* Ferrier. Obviamente, o jovem instrutor de esqui estava a ponto de mergulhar na piscina e ela o cumprimentou, sorrindo polidamente.

— Já vai embora? — ele perguntou, meio desapontado. — Que pena! Eu teria gostado da sua companhia.

Ruth sabia que *herr* Ferrier era austríaco, mas falava um ótimo inglês, e um pouco de atenção sorridente era o que ela precisava.

— Eu também — respondeu, soltando os cabelos sobre os ombros. — Mas fica para outra vez. Agora, tenho que ir me trocar.

— Mais tarde. . . — *herr* Ferrier disse, fazendo com que ela se voltasse para fitá-lo, quando já ia se afastando. — Encontre-se comigo para um drinque, mais tarde. No saguão de *après-ski*. Podemos comer um *fondue*, também.

— Não sei. . .

Herr Ferrier franziu a testa. Ele era musculoso, tinha ombros largos e boa aparência. Um tipo atlético, acostumado a ter sucesso com as garotas que selecionava. Ruth deduziu com perspicácia. Mas ela não se ofendeu com a insistência dele.

— Eu estarei lá em. . . meia hora. Não me desaponte, por favor.

Ruth sorriu.

— A pessoa com quem eu vim pode ter outros planos.

— Traga-a com você. — Obviamente, ele achava que era outra garota.

— É meu primo. Posso mesmo trazê-lo?

Com a cortesia rápida de sua raça, o austríaco fez-lhe uma leve *mesura*, respondendo com galanteria:

— O prazer será todo meu.

Bem mais animada, Ruth colocou o roupão atalhado e voltou para o quarto.

No fim, a noite foi gostosa. Muitos jovens tinham combinado de se encontrar no saguão e, como todos pareciam conhecer o jovem austríaco, Ruth e Martin foram absorvidos pelo grupo deles. O jantar foi uma refeição informal, tomada ao estilo *buffet*, com todos partilhando um único prato de *fondue*. Sentada em almofadões, mergulhando pedaços de pão no cozido de queijo, colocado ao centro da mesa, e intercalando-o com copos de vinho branco gelado, Ruth conseguiu relaxar pela primeira vez, desde que Dominic a levara para casa, na quinta-feira à noite.

— Você está se divertindo, não é?

Muito corada pelo fogo que crepitava alegremente na enorme lareira e lhe dava um ar de saúde e vitalidade, Ruth virou-se para a pessoa que

falara, percebendo então que Martin fora conversar com o grupo com que estivera esquiando aquela tarde e que o austríaco tomara o lugar dele.

Herr Ferrier fitava-a com atenção, os olhos azuis muito brilhantes à luz do fogo, os cabelos loiros realçados por um bronzeado sadio.

Era estranho, ela refletiu de forma inconsequente, o quanto dois loiros podiam ser diferentes. Os cabelos de *herr Ferrier* eram de um loiro dourado, não prateado, e os olhos eram de um azul nórdico, não cor de âmbar. Mas a maior diferença estava na pele: a dele era clara, de um bronzeado dourado, enquanto a de *Dominic* era mais escura, acobreada.

No entanto, apesar da beleza clássica do austríaco, era *Dominic* que ela preferia, considerando o corpo dele, rijo e esbelto, bem mais perturbador que os músculos avantajados de *herr Ferrier*.

— Você está se divertindo, não é? — ele tornou a perguntar, quando ela não respondeu.

— Claro que sim. A noite está deliciosa e devo-lhe agradecer por ter me convidado, *herr Ferrier*.

— Meu nome é *Johann*. E o seu, eu sei, é *Ruth*. Acho que podemos deixar de lado a formalidade. Eu gostaria muito que usasse meu nome de batismo.

— Está bem... *Johann*. — *Ruth* sorriu. — Não estou mesmo acostumada com formalidades. Mas, me conte, você mora aqui?

— Em *Grensberg*? Não, eu moro em *Innsbruck*. Meu pai tem uma tipografia, lá. Mas eu gosto de esqui e minha família já desistiu de tentar me mudar,

— Mas um dia você vai voltar, não é? Para o negócio da sua família.. .

— Pode ser. — Ele deu de ombros. — Quando eu for velho e não puder mais esqui pela geleira. — Fez uma pausa.

— E você? O que faz? Mora em *Londres*?

— Moro em *Londres*, sim. E não faço nada. Por enquanto, pelo menos. Mas... mas espero fazer logo.

— Ah, entendo! Você acaba de sair da escola, não é? — *Johann* deduziu, e ela achou melhor deixá-lo pensar assim.

— É bom ser jovem e ter toda a vida pela frente. — Ele olhou para *Martin*. — O sr. *Pascal*, seu primo, é seu amigo, não é?

— Meu amigo? Claro, *Martin* e eu somos amigos. Por que pergunta?

— Ah, você não entendeu o que eu disse! A meu modo, eu lhe perguntei se ele também é seu amante. — *Johann* acariciou-a com os olhos. — Mas estou convencido que não é.

Ruth ficou contente pelo calor do fogo disfarçar seu rubor, recebendo *Martin* com alívio, quando ele voltou para junto dela. A presença dele impediu outras intimidades e, quando ele bocejou disfarçadamente,

dizendo que estava pronto para a cama, ela o acompanhou sem discutir.

Enquanto subiam para o quarto, no entanto, Martin tinha suas próprias preocupações.

— Você viu aquela loira alta, de abrigo vermelho e branco? — perguntou entusiasmado. — Aquela com enormes brincos de argola? Esquiei com ela e o irmão, esta tarde. Ela é incrível!

— É?

— Uma atleta incrível! Com dom para esqui. Você deve ir vê-la, amanhã. Pode subir e descer pelo teleférico... Eu tomo conta de você.

— Não, obrigada. — Ruth meneou a cabeça. Já experimentara o modo de Martin tomar conta dela, na pista de corridas de Londres. Tomar conta de alguém, segundo ele, não era mais que levar essa pessoa para onde ele queria ir e depois deixá-la entregue à própria sorte, por horas a fio. E ela não estava com a menor vontade de passar duas ou três horas congelando nas pistas mais altas, sem nada a separá-la do vale a não ser uma imensidão branca e vazia, entremeada de árvores aqui e ali.

— Eu já lhe disse, quero experimentar o ringue de patinação. Você vai com... com...

— ...Val e David.

— Isso, você vai com Val e David. E não se preocupe comigo.

— Acho que o *herr* sei-lá-o-nome gostou de você — Martin comentou, de repente. — Tome cuidado com ele. Não confio nesses esportistas profissionais.

— Nem eu — Ruth retrucou com malícia, virando-se para fitá-lo. O que lhe valeu um tapa brincalhão no traseiro, antes que conseguisse se fechar em seu quarto.

O domingo foi bem semelhante ao sábado, a não ser pelo fato de que Ruth dormiu até mais tarde e acordou se sentindo muito mal. Certa de que a altitude não lhe fazia bem, ela abriu caminho até o *coffee-shop*, recusando tudo, menos leite e flocos de trigo.

Depois do café da manhã, já bem melhor, pegou as luvas e o *parka*, a roupa de esqui, e foi para o ringue de patinação, onde uma pequena multidão já se achava reunida. Vários dos patinadores do hotel estavam dando uma demonstração, mas, depois que eles terminaram e a assistência aplaudiu, o gelo foi liberado para os amadores e Ruth resolveu alugar um par de patins.

— Posso lhe fazer companhia?

Era Johann Ferrier de novo, o rosto sorridente cheio de confiança. Ela desconfiou que ele devia ter esperado que se juntasse à classe de esquiagem, decidindo sair à sua procura quando não a vira chegar.

— Só vou tentar patinar — explicou com relutância. — Nunca calcei um par de patins, antes. Você vai se aborrecer.

— Deixe que eu mesmo julgue isso. — Ele segurou-a pelo braço. — Venha. Tenho um par de patins que posso lhe emprestar. Não há necessidade de você ficar na fila.

Ruth submeteu-se às instruções dele, calculando que nada de ruim poderia lhe acontecer, no ringue de patinação. Mais tarde, pretendia voltar diretamente para o hotel, e *herr* Ferrier que achasse outra pessoa para submeter a seu charme.

Sentiu um pouco de medo, sobre o gelo. Seus pés insistiam em ir para onde não deviam, e ela se agarrou com desespero às grades que cercavam o ringue, sem dar ouvidos aos pedidos de Johann, para que confiasse nele.

— Você nunca vai aprender a patinar dependurada nessa grade! — ele exclamou com impaciência. — Tem que deixar seu corpo ir para onde seus pés o levarem. Precisa aprender a se-equilibrar sobre os pés. Veja. . . é fácil!

— Para você, pode ser. — Ela olhou em torno, muito infeliz. — Não adianta, não consigo manter o equilíbrio.

— Você nunca teve... como é que vocês dizem?... patins de roda, quando era garotinha?

— Patins de roda? — Ruth repetiu sem entender, ao que Johann ergueu os olhos para o céu, evidentemente exasperado.

— Onde é que você andou vivendo? — ele perguntou, meio divertido, meio irritado. — Numa ilha deserta?

Ela sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Interpretando erroneamente sua reação, Johann pediu-lhe desculpas, de imediato.

— Desculpe. Eu não deveria ter dito isso. Mas é que você é tão... como se diz mesmo?... tímida!

Tímida! Ruth apertou os dentes. Seria isso que realmente era: tímida? Respirou fundo. Se alguém que só a conhecia há vinte e quatro horas a julgava tímida, como poderia esperar que tia Davina, que a conhecia bem melhor, a considerasse capaz de ser independente?

— O que quer que eu faça? — murmurou, tirando cautelosamente uma das mãos da grade e colocando-a sobre a manga de Johann.

— Ah, assim é melhor! — Tomando-lhe a mão, ele a puxou para junto de si. — Agora... venha para mim... Isso.

E segundos depois ela estava deslizando sobre o gelo e para os braços dele.

Não foi uma sensação desagradável e, excitada pelo próprio sucesso, Ruth não protestou demais contra o modo de Johann segurá-la. Ao contrário, apoiando-se nele, descobriu que podia se mover com firmeza sobre o gelo, deslizando suavemente sobre a superfície lisa do ringue, em vez de continuar agarrada às grades, como uma garotinha de escola.

— É gostoso, não é? — Johann sussurrou, de encontro a seus cabelos.

Ela teve que admitir que era. Comparado a suas tentativas infantis de esquiarmos e a sua teimosia anterior, no rinkem, aquilo era exaltante. E em dois tempos seu equilíbrio melhorou, bastando-lhe segurar a mão dele, para não cair.

— Obrigada — disse ofegante, quando davam a volta ao rinkem pela milésima vez. Estava começando a apreciar o tempo que ele lhe devotava, e Johann patinou para mais perto, tocando-lhe a face com o dedo enluvado.

— Pode me agradecer esta noite. Vai haver música e dança no hotel e estou me reservando o direito à sua companhia.

Ruth não protestou. Afinal, ela e Martin iam embora no dia seguinte; seria bom relaxar e se soltar, por algumas horas. Pensaria no futuro quando estivesse de volta a Londres.

O acidente aconteceu quando deixavam o rinkem. Johann ia na frente, puxando-a atrás de si, quando dois patinadores, vindo depressa demais, colidiram com eles. O impacto fez a mão de Johann soltar-se da de Ruth, e ela se viu escorregando para trás, as mãos agarrando o ar, enquanto tentava desesperadamente recuperar o equilíbrio.

Mas não conseguiu, caindo pesadamente sobre o gelo, torcendo o punho e batendo a cabeça, ao mesmo tempo em que continuava a deslizar para trás, levada pelo impulso criado pela brusca colisão.

Johann foi o primeiro a alcançá-la, xingando baixinho, enquanto se ajoelhava a seu lado e tomava-lhe as mãos.

— Ruth, *liebling* — murmurou, aflito, — *Ách, die Jdioten, sie haben kein Verstand!*

— Eu estou bem. — Ruth sentou-se vacilante, esfregando a cabeça. — Foi só um susto. — Olhou-o, com tristeza. — E depois de tudo que você fez! Ajudando-a a se erguer, Johann balançou a cabeça, impaciente.

— *Idioten!* — repetiu, fitando zangado os dois garotos que haviam causado o acidente e que, agora, esperavam ansiosos à frente do grupo cada vez maior de curiosos. — São tão irresponsáveis! Poderiam ter feito você perder a consciência.

— Mas não fizeram.

No entanto, Ruth sentia-se bastante tonta e permitiu-lhe tirar seus patins, antes de cruzarem novamente o gelo. Suas costas doíam, sua cabeça começava a doer, e tudo que ela queria era deitar-se por algum tempo. Por isso, acompanhou Johann sem protestos quando ele a levou para o hotel, aconselhando-a a descansar o resto da tarde.

— Vejo você à noite — ele prometeu, despedindo-se ao pé da escada. E Ruth conseguiu sorrir-lhe, antes de começar sua dolorosa subida.

Ela perdeu o almoço, pois se sentia muito dolorida para descer novamente. No fim da tarde, Martin chegou e foi à sua procura.

— O que aconteceu? — exclamou, examinando-lhe o rosto pálido com ansiedade. E antes que ela respondesse: — Já chamou um médico?

— Um médico?! Francamente, Martin, chamar um médico, depois de uma simples queda no gelo!

— Por que não? Você pode ter se machucado muito. Pode ter deslocado um disco vertebral ou qualquer coisa assim.

— Você é de um otimismo, não? Minhas costas estão doloridas, só isso. E minha cabeça dói. Mas não preciso de um médico!

— Não sei, não... — Ele fitou-a, pensativo. — Não sei que minha mãe insistiria em chamar um.

— Sua mãe não está aqui.

— Mas eu estou. E incumbido de tomar conta de você — Martin respondeu com severidade, na certa imaginando qual seria a reação da mãe, se ficasse sabendo que Ruth sofrera um acidente no ringue de patinação, enquanto ele se divertia nas rampas mais íngremes.

— Oh, está bem! — Ruth cedeu. Na verdade, ficaria contente em tomar algo para se livrar da dor de cabeça, pois não queria estragar sua última noite ali. — Chame o médico. Cubra todas as possibilidades.

Martin recebeu esse sarcasmo com uma careta, mas estava aliviado por poder pedir ajuda profissional. Meia hora mais tarde, o dr. Kaufmann apresentou-se a Ruth.

— Fiquei sabendo que sofreu um acidente no ringue de patinação, *fraulein* — comentou, aproximando-se da cama onde ela estava. — é melhor eu fazer um exame completo. Aquele seu namorado está muito preocupado com a sua saúde.

Ruth não se deu ao trabalho de explicar que Martin não era seu namorado, e sim seu primo. O que o dr. Kaufmann pensava não era importante, decidiu, lutando para tirar o suéter. Como Johann, ele poderia formar a própria opinião.

Minutos depois, ela começou a desejar que Martin nunca tivesse dado início àquilo. Compreendia o desejo do médico de examiná-la bem, mas mesmo assim ressentiu-se ao sentir as mãos dele sobre seu corpo, explorando e apalpando, dando-lhe uma horrível sensação de desconforto, apesar da extrema profissionalidade de cada gesto.

No entanto, quando o médico endireitou-se e lhe disse para se vestir novamente, com o rosto muito solene, um leve pânico nasceu em seu íntimo. Será que ia precisar de tratamento hospitalar? A dor em sua coluna era só muscular. Ou não? E por que ele estava olhando para ela daquele modo, como se a culpasse de alguma coisa?

— Está. . . está tudo bem, doutor? — perguntou afinal, incapaz de agüentar o suspense.

— Teve sorte desta vez, *fraulein*. — Recolocando o estetoscópio na maleta, o médico fechou-a com um ruído seco. — Mas acho melhor não correr mais riscos desnecessários.

Ruth respirou fundo, aliviada.

— Eu sei. É que eu nunca tinha patinado, antes, e quando aqueles garotos bateram em mim. . . — Sacudiu a cabeça. — Eu perdi o equilíbrio.

— Bem, eu a aconselho a ter um pouco mais de cuidado, daqui para a frente. Nas suas condições, as moças costumam cuidar mais de si mesmas. Mas eu acredito que, como em tudo, vocês se revoltam contra as limitações impostas por seu próprio sexo.

Polidamente, ele caminhou para a porta, mas Ruth não poderia deixá-lo ir assim. Não entendera o que ele dissera, mas de repente um pensamento lhe ocorreu e ela levou a mão à garganta, apavorada,

— Há... há. alguma coisa errada comigo, doutor?

O dr. Kaufmann ergueu as sobrancelhas escuras, um pouquinho impaciente.

— Não, não há nada errado. Será uma gravidez perfeitamente normal, desde que. . .

— Uma... o quê?!

Ruth sentou-se abruptamente, fitando-o, sem acreditar. Entendera bem o que ele dissera, mas a realidade era tão espantosa que precisou de alguns momentos para se recuperar do choque.

— Não sabia, srta. Jason? — O dr. Kaufmann franziu a testa. — Ah, impossível! Tinha que saber.

Ruth negou, com a mão, e ele voltou para junto dela.

— Não sabia? Mas como? Deve ter perdido pelo menos dois... como vocês dizem?... períodos.

Fitou-o, boquiaberta. Tinha mesmo? Tinha? Não conseguia pensar. Na ilha, nunca tivera que pensar a respeito, aceitando naturalmente o ligeiro desconforto, quando vinha, e esquecendo-o por completo, nas outras ocasiões. Nunca se preocupara com sua regularidade ou marcara sua data, no calendário. Vivendo com o pai, nunca tivera ninguém com quem discutir isso, a não ser Celeste, que não costumava dar muita atenção ao funcionamento de seu corpo.

Mas naquele momento, sentada no quarto daquele hotel alpino, foi forçada a reconhecer que não se lembrava de ter passado por um daqueles períodos, desde que fora morar com tia Davina. E a inevitável conclusão a que chegou deixou-a mole da cabeça aos pés.

Dominic. Ia ter um filho de Dominic!

E, logo atrás desse pensamento, veio outro: não poderia jamais contar-lhe!

— E, então, *fraulein* estou certo ou não? — O dr. Kaufmann estudava sua expressão ansiosa. — E desconfio que aquele rapaz, lá fora, é o responsável.

— Oh, não... não... isto é... — Ruth levou a mão trêmula à cabeça. — Eu... eu prefiro, não falar nisso.

— Está bem, se é o que quer. Mas quero deixar bem claro a necessidade- de... como vamos dizer?... dominar a sua impulsividade natural. Outra queda como a desta manhã e não posso garantir que não perca seu bebê.

— Não. Não, eu entendo. — Era praticamente impossível pensar com coerência. — Não, é claro que não vou fazer nenhuma tolice.

— Ótimo. — O médico permitiu-se um leve sorriso. — E não se preocupe. A senhorita é uma moça perfeitamente sadia, e ter um bebê é a coisa mais natural do mundo.

— Obrigada, doutor. — Ruth deslizou para fora da cama, descobrindo que, a não ser por uma certa rigidez nas pernas e braços, sentia-se bem melhor.

— *Nichts* — respondeu o médico. E, abrindo a porta, saiu para o corredor, onde Martin esperava. — Sua namorada está em ótimas condições, *herr* Pascal — garantiu, caminhando para a escada.

Martin sorriu, quando Ruth apareceu na porta e recostou-se no batente.

— Tudo bem? — quis saber. E quando ela fez que sim: — Ótimo! Eu já estava ficando apavorado com a idéia de ter que contar a mamãe como tudo aconteceu.

Tia Davina!

Ruth engoliu em seco.

O que diria tia Davina, quando descobrisse o que acontecera? Porque ela teria que saber, e não era difícil imaginar a batalha que se seguiria. A tia ficaria furiosa e com razão. Uma coisa, no entanto, estava decidida: não contaria nada a Dominic. Ele ia se casar com a noiva. Estava tudo marcado para setembro, a sra. Crown lhe dissera, comentando em seguida que Bárbara daria uma esposa maravilhosa. E a última coisa que desejava era que Dominic se sentisse na obrigação de se casar com ela, quando todo o futuro dele estava na dependência de uma escolha certa.

Ruth jantou em seu quarto, aquela noite, apesar dos pedidos de Martin, para que o acompanhasse. Sentindo que não seria capaz de agüentar os olhos de Johann fixos em si, ela usou como desculpa o fato de ainda estar meio atordoada. Martin não protestou muito, sem dúvida por ter combinado encontrar-se com Val e David, de novo. Ele falara com entusiasmo do dia que haviam passado juntos e Ruth não pôde deixar de sentir um certo alívio por

ele não estar lá, para explorar sua ainda vulnerável incredulidade.

Sua imagem, no espelho, era reconfortante, no entanto. Sem o testemunho do médico, jamais teria adivinhado que havia outra vida crescendo no interior de seu corpo. Se bem que, pensando melhor, isso explicava muitas coisas, inclusive o enjôo ocasional pela manhã, a fome que a assolava nas horas mais estranhas do dia e o desmaio que tivera quando fora à casa da sra. Crown, atrás das tais entradas para o baile de caridade.

Pensar na sra. Crown fez com que se lembrasse de Dominic e a fria realidade substituiu a sensação maravilhosa de momentos atrás. Por mais miraculosa que pudesse lhe parecer a idéia de ter um filho de Dominic, precisava encarar os fatos. Estava grávida, não era casada e havia pouquíssima probabilidade que viesse a ser,, reconheceu com o coração apertado. Era jovem e sadia, e tinha o dinheiro que o pai lhe deixara, além da renda proveniente das propriedades da avó, mas sabia que jamais poderia ter seu filho na Inglaterra, sem que Dominic viesse a descobrir.

Eles voltaram para a Inglaterra, na manhã seguinte.

Johann Ferrier estava no *hall*, quando deixaram o hotel, e fitou-a com olhos acusadores.

— Você não se juntou a nós ontem à noite, como tinha prometido — censurou-a, enquanto Martin organizava a colocação das malas no táxi. — Está zangada, porque deixei que caísse.

— Não, de jeito nenhum! — Ruth meneou a cabeça, apertando as mãos enluvadas. — Só achei que. . . seria mais fácil assim. Eu. . . nós. . . estamos nos separando como amigos.

— Entendo. — Johann desviou o olhar para Martin. — Felicidades — murmurou, antes de lhe dar as costas.

E ela entrou no táxi, desejando que as coisas pudessem ser tão fáceis quanto ele imaginava.

A oportunidade de falar com tia Davina chegou mais cedo do que ela esperava.

Sua volta e a de Martin foi recebida com muito entusiasmo pela tia, embora uma boa parte dessa efusividade se transformasse em impaciência, quando ela descobriu que Martin pretendia passar aquela tarde na pista de corridas. Tinha muitas, coisas que queria que ele fizesse, declarou, sem especificar, e Ruth deixou-os discutindo, quando subiu para trocar de roupas.

Durante o almoço, no entanto, tia Davina mostrou-se muito falante, perguntando da viagem e insistindo em ouvir todos os detalhes, apesar da evidente má vontade de Martin. No entanto, às três e meia ele conseguiu escapar, deixando a mãe e Ruth sentadas diante de xícaras de café, na saleta de estar, ambas lamentando sua partida, se bem que por diferentes

razões.

Ruth estivera pensando no melhor modo de dizer à tia o que queria. Não seria fácil abordar o assunto, principalmente porque não tinha intenção de revelar a identidade do pai de seu filho. Agora, abençoava a relutância que a fizera manter a identidade de Dominic em segredo. Se soubesse disso, a tia jamais teria condições de fazer uma conexão entre eles.

— Tia Davina...

— Ruth...

Ambas falaram ao mesmo tempo, e Ruth cedeu, de forma automática,

— Diga, por favor. O que eu quero lhe dizer pode esperar.

A tia hesitou por um momento, depois continuou:

— Muito bem, mas não é importante. Eu só ia mencionar que Dominic Crown telefonou, enquanto você estava fora,

Ruth teve a impressão de que alguém lhe dera um murro na boca do estômago, mas conseguiu esconder os piores efeitos de sua reação, perguntando da forma mais casual possível:

— É? E o que ele queria?

— Falar da festa, naturalmente. — Os olhos de Davina assumiram uma expressão desnecessariamente atenta. — Eu expliquei que você e Martin estavam fora mas acho que no princípio ele não acreditou.

Ruth fez um gesto involuntário.

— Não sei por quê.

— Eu também não.

— Ele... ele na certa pensou que deveríamos ter... lhe telefonado.

— Talvez. — A Tia inclinou a cabeça. — Mas o mais provável É que ele tenha achado que você deveria ter lhe contado.

— Eu? A voz de Ruth saiu meio fina, mas ela logo a controlou, —Eu? Mas quando?

— Quando jantou com ele, na quinta-feira à noite. — Davina observou friamente. — Foi com Dominic Crown que você passou aquela tarde, não foi? Você o tem visto com regularidade, desde que chegou à Inglaterra, não tem?

Ruth estava perplexa. Aquilo era a última coisa que esperava, e seu cérebro trabalhava a todo vapor, enquanto tentava assimilar o possível significado de tudo.

— Vamos! — A tia mostrou-se impaciente. — Eu sei tudo sobre ele ter ido parar na praia, em índigo, meio morto. A mãe dele me contou. Tivemos uma ótima conversa, esta manhã.

— É? — Ruth não podia crer que aquilo estivesse acontecendo.

— Sem dúvida. Uma conversa que explicou muitas coisas, inclusive aquela história ridícula que você inventou, sobre ele ter vindo vender

entradas para um baile de caridade!

— A... a sra. Crown lhe falou disso, também?

— É por que não deveria? Ela está tão envergonhada com essa história quanto eu.

Ruth não duvidou. A mãe de Dominic lhe mostrara, claramente, a quem achava que ele devia ser leal.

— Você deve estar imaginando por que me dei ao trabalho de fazer essa investigação, mas a verdade. Ruth, é que eu estava preocupada com você.

— Comigo?

— É. Tinha que haver uma razão para você relutar tanto em admitir seu afeto por Martin. Você disse que precisava de mais tempo, e eu entendo isso, mas não estou disposta a ficar de lado e deixar que Dominic Crown arruine sua vida.

Ruth inclinou a cabeça.

— Tia Davina, eu...

— Não diga nada. Eu sei que vai defender esse sujeito e... e talvez eu possa entender o motivo. Dominic Crown esteve sob seus cuidados por algum tempo e é natural que tenha desenvolvido uma paixão infantil por ele. Deus sabe que isso já aconteceu com outras, na mesma situação. Ele... Bem, eu suponho que ele seja um homem atraente, para quem gosta da combinação de cabelos claros e pele morena. Eu, pessoalmente, prefiro um tipo mais convencional, mas isso... — Davina fez uma pausa. — De qualquer modo, nós duas sabemos que, em relação a você, ele constitui uma péssima influência. E eu detestaria ver um *debut* promissor estragado por insinuações de uma relação ilícita com Dominic Crown. Não é justo para você, além de não ser justo para com a noiva dele.

— Eu sei, tia Davina. E eu... eu não tenho mesmo intenção de Ver Dominic de novo...

— Fico contente em saber.

— ... mas, infelizmente, há uma complicação no que se refere ao meu... *debut*, como a senhora diz.

— Que tipo de complicação? Ruth respirou fundo.

— Vou ter um bebê.

— Não!

Davina olhou-a como se não acreditasse nos próprios ouvidos. Suas pupilas se dilataram, o rosto perdeu a cor e por um horrível momento Ruth achou que ela ia desmaiar. Foram precisos vários minutos e uma grande força de vontade para absorver a chocante informação mas, aos poucos, o olhar esgazeado de Davina, que tanto assustara Ruth, foi cedendo lugar a outro, de intensa concentração.

— Sinto muito. — Uma frase inadequada, mas Ruth não conseguiu pensar em algo melhor para dizer.

Depois de mais alguns momentos, Davina expressou, em palavras, o que lhe ocupava a mente.

— Mais... mais alguém sabe disso?

— Se está se referindo a Dominic. . . não. Eu mesma só fiquei sabendo ontem.

— Ontem?!

Diante de novo olhar horrorizado da tia, Ruth apressou-se a explicar:

— Eu caí, num rinque de patinação. Quando o médico me examinou, depois, achou que eu já devia saber.

— E Martin?

— Ele não sabe. Só eu.

— Então, além desse médico, só você e eu sabemos? Ruth fez que sim.

— Graças a Deus!

Davina agradeceu aos céus com tanto fervor, que Ruth acabou achando que ela estivera apavorada com o escândalo que poderia haver, caso sua gravidez viesse a público.

— Você não pode contar a Dominic Crown, Ruth!

— Não tenho intenção — Ruth respondeu, tensa.

Com um gesto de aprovação, Davina levantou-se e caminhou até a janela. Estava, obviamente, tentando assimilar o que isso poderia significar para sua posição social, e Ruth suspirou, aliviada.

Não fora tão ruim quanto esperava, e a tia acabaria por superar o problema, embora ainda estivesse num leve estado de choque.

— O casamento terá que ser adiantado!

A espantosa declaração fez Ruth virar-se com um gesto brusco, enquanto Davina continuava:

— É claro! Essa é a solução. Resolveremos todos os nossos problemas de uma só vez.

Ruth engoliu em seco.

— Que casamento? O de. . . Bárbara e Dominic?

— Como?! Não, é claro que não! — Davina voltou para junto da sobrinha, fitando-a com um olhar penetrante. — Você está com. . . quantos?. . . dois meses de gravidez?

— Mais ou menos. — Ela ainda não fizera o cálculo exato.

— Então, se você e Martin se casarem logo, ninguém vai desconfiar.

— Eu e Martin?! Não posso mais me casar com Martin, tia Davina. A senhora não entendeu? Vou ter um filho de Dominic Crown!

— Eu sei, não sou burra. — Davina suspirou, frustrada. — Você é que

não está ouvindo o que digo, Ruth. Se você e Martin se casarem. . . a semana que vem, digamos. . . todos acharão que o filho é dele.

— Menos Martin.

— Ele também, a menos que você lhe diga o contrário — Davina afirmou, fazendo a sobrinha corar, horrorizada. — Minha cara, Martin está longe de ser um ás na matemática. Se você lhe disser que é um bebê de sete meses, ele acreditará.

— Eu não poderia fazer isso com ele!

— Por que não? Você quer um pai para o seu filho, não é? Não quer que ele seja tachado de ilegítimo, quer?

— Não, mas. . .

— Não tem mas nem meio mas. Pense no que eu lhe disse. Verá que tenho razão. Agora, tudo que temos a fazer é convencer Martin de que uma confirmação precoce do seu relacionamento seria. . . aconselhável. — Davina franziu a testa, prendendo o lábio inferior entre os dentes. — Pode até ser que eu consiga tirar vantagem do interesse de Dominic Crown por você. — Apertou os olhos, pensativa. — Se eu fizer com que ele se sinta enciumado.. .

— Pare, tia Davina! Não pode fazer isso. Não deixarei que faça! — Ruth levantou-se da cadeira, mas tremia tanto que mal se equilibrava em pé. — Se o meu bebê tem que ser ilegítimo, então será.. Não vou permitir que faça Martin de bobo, por minha causa. Davina encarou-a, zangada.

— Então, é assim que você me paga?

— Não. — Ruth meneou a cabeça. — Eu sei que não posso ficar aqui... já pensei a esse respeito. Vou voltar para a ilha. Quero ter meu filho lá.

— E depois que a criança nascer, o que vai fazer?

A tia olhou-a com indisfarçado desgosto e Ruth imaginou o que fizera, para deixá-la tão zangada. Porque era evidente que Davina sabia que seria errado enganar Martin daquele modo. Talvez a intenção dela fosse boa, mas como podia uma mãe dizer que amava o filho e em seguida sugerir que o fizessem de bobo, com tanta facilidade?

De repente, Ruth percebeu como conhecia pouco a tia e o primo. Era praticamente como se aquelas semanas de convivência tivessem sido apagadas, deixando em seu lugar um vazio estranho e curioso.

— Não sei — respondeu, afinal. — Pode. . . pode ser que eu volte para a Inglaterra. A senhora criou um filho sozinha, tia Davina. Posso fazer o mesmo.

A tia parecia estar tendo uma batalha em seu íntimo, mas no fim acabou dizendo:

— Está bem. Já que você insiste em não ver qual seria a atitude mais prática, eu lavo as minhas mãos. Eu criei Martin sozinha, é verdade, mas meu

pai ainda estava vivo. Eu tinha em quem me apoiar. Mas em quem você vai se apoiar, Ruth, quando seu corpo ficar pesado e todos os movimentos se tornarem cansativos? Quando suas pernas começarem a doer e seus tornozelos incharem com o calor? Quando as dores começarem, e não tiver ninguém para cuidar de você e lhe dar uma palavra de encorajamento? O que pretende fazer então, Ruth? O que pretende fazer, quando tiver a impressão de que seu corpo está sendo despedaçado?!

Ruth deu-lhe as costas. Como a tia queria, aquelas palavras a tinham assustado, mas ainda se agarrava a suas próprias crenças. Não forçaria Martin a ser pai do filho de outro homem e não forçaria seu filho a crescer numa família formada à base de mentiras. Gostava de Martin. Talvez pudesse até chegar a amá-lo, com o tempo. Mas não o usaria, como tia Davina queria que fizesse.

CAPÍTULO XVIII

A casa em Wellington Mews parecia deserta, quando Dominic tocou a campainha, e ele esperou, impaciente, que alguém viesse abrir a porta. Havia telefonado, antes, mas só encontrara a governanta em casa, e ela lhe dissera que a patroa deveria estar de volta às quatro. E agora eram exatamente quatro horas da tarde.

A porta permaneceu obstinadamente fechada, e Dominic desceu os degraus e examinou as janelas, antes de subi-los de novo. Todas as venezianas estavam descidas, no andar superior, e nenhum movimento brusco traiu a presença de uma pessoa. Se havia alguém em casa, estava dormindo ou se escondendo, e sua zanga ferveu, quando ele notou o tempo que estava desperdiçando.

Apertou a campainha de novo, ouvindo seus acordes se espalharem pela casa e mantendo o dedo sobre o botão. Seria impossível alguém não ouvir, decidiu, irritado, com vontade de tentar as janelas. Mas, afinal, a porta se abriu.

— Ah, sr. Crown! — Era a governanta, bastante corada. — Posso... posso ajudá-lo em alguma coisa? A srta. Pascal ainda não voltou.

— Não? — A expressão de Dominic endureceu. — Pensei que a senhora tivesse dito que ela estaria de volta às quatro. Mas não tem importância, eu espero.

— O senhor não pode! — A exclamação impulsiva da sra. Radcliffe foi seguida por um gesto teatral da mão. — Não. . . não vai adiantar. A srta. Pascal... não... não volta hoje. Ela... ela foi embora...

— Foi, coisa nenhuma! — Recusando-se a aceitar mais desculpas, Dominic passou pela governanta e entrou no *hall*. — Onde está a srta. Jason? E não me diga que ela foi embora, também.

— Ela foi.

A voz veio de um ponto acima dele, espalhando-se pelo ambiente como um som solto. Então, Dominic ergueu os olhos e viu Davina Pascal descendo a escada, em sua direção.

— Mas que homem insistente o senhor é, sr. Crown! Amolando a sra. Radcliffe com telefonemas, entrando em minha casa sem ser convidado. . .

— Onde está Ruth? — Dominic perguntou, sem rodeios. — Quero vê-la. Quero falar com ela. Se não me disser onde ela está, vou dificultar um bocado sua vida!

— Verdade? — Davina acabou de descer a escada, dispensando a governanta com um estalar de dedos. — Pois eu o aconselho a não fazer ameaças vãs, sr. Crown. Eu também tenho amigos em altas posições.

Ele controlou a raiva com dificuldade, enfiando as mãos nos bolsos da calça e fitando-a com pensativa malevolência.

— Eu só quero ver Ruth — declarou, sem piscar os olhos felinos. — Vai me dizer onde ela está, de boa vontade, ou vou ter que forçá-la?

— Duvido que possa me forçar a fazer alguma coisa, sr. Crown. Quanto ao paradeiro de Ruth, isso é problema dela. Se ela quisesse que o senhor soubesse onde está, na certa teria lhe dito. — Davina fez uma pausa. — Ruth não é um brinquedo para sua diversão, sr. Crown. Se quer um conselho, é melhor se dedicar menos à minha sobrinha e mais à sua noiva...

— Vai me dizer onde ela está?

A interrupção foi decididamente grosseira e Davina ergueu os ombros, num gesto de indiferença e pouco-caso.

— Eu não sei onde ela está.

— Como, não sabe?! É claro que sabe! — Dominic deu a impressão de que ia arrancar a resposta que queria à força, mas depois se dominou. — Onde está seu filho? Ela está com ele? Pretendo encontrá-la, srta. Pascal, por isso é melhor aceitar esse fato agora e nos poupar uma série de aborrecimentos.

— Não faço idéia do que pode estar falando.

As narinas de Davina fremiram, e Dominic xingou, com violência.

— Está bem, srta. Pascal. Que tal começarmos com seus motivos para trazer Ruth de volta a Londres? Acha que eles ficariam bonitos, na coluna de fofocas da imprensa popular?

O rosto de Davina endureceu.

— Meus motivos para trazer Ruth de volta à Inglaterra suportariam qualquer investigação. Ela é minha sobrinha, sr. Crown, e eu tenho um forte senso de família.

— Ah, é? Principalmente no que diz respeito a seu filho adotivo, não, srta. Pascal? — Ele fez uma pausa, depois continuou, com crueldade: — Que pena ele não ser mesmo seu filho, srta. Pascal! Se fosse, nós não estaríamos tendo esta conversa, agora.

— Não sei a que está se referindo, sr. Crown. Por favor, vá embora. Se insistir em ficar, terei que chamar a polícia e pedir que o ponham para fora à força!

Dominic deu de ombros.

— É um direito seu, naturalmente. No entanto, antes que faça isso, deixe-me lembrá-la de que todos os testamentos estão abertos ao público. Até mesmo o de seu pai srta. Pascal.

Davina fitou-o, empalidecendo sob a luz cor de âmbar do brilhante lustre. Parecia, de repente, velha e preocupada, e Dominic sentiu uma pontinha de pena nascer em seu íntimo, apesar do que ela fizera.

— Acha que está sendo muito esperto, não é, sr. Crown? — Davina disse, afinal.

— Na verdade, não. — Em sã consciência, ele sentia a responsabilidade pelo que ia fazer pesar em seus ombros. — Eu só quero encontrar Ruth. Onde está seu filho? Talvez ele me diga, para proteger a senhora.

— Martin. . . Martin não sabe de nada. Ele... ele está fora, participando de um rally. Ruth não está com ele.

— Não?

— Não. — Davina encarou-o de frente. — Martin não está. . . ele não faz parte disso. O senhor tem que acreditar em mim,

— Ruth? Onde está ela? — Dominic repetiu, num tom cansado. E a resposta que obteve foi uma surpresa total. — Mas não pode ser! — protestou.

Recuperando um pouco do autoritarismo, Davina insistiu, com evidente satisfação:

— Mas está. Ela saiu de Londres há dois dias. Nós dois fomos desprezados, sr. Crown. Parece que ela não se sentia feliz aqui na Inglaterra, por isso voltou para a ilha.. .

Ruth acomodou os braços no gradil da lancha, apoiando o queixo nas mãos. Fora outro lindo dia, e já podia sentir a paz e a tranquilidade das ilhas tomando conta de si. O barulho e a agitação de Londres estavam longe de St. Vincent e Índigo, e ali, pelo menos, não viveria com o medo constante de um encontro inesperado com Dominic. Não podia nem ler sobre as atividades dele, nos jornais, ou ver-lhe as fotos, numa das revistas de sociedade que a tia costumava assinar. Não precisava ouvir nada a respeito dele: nem do poder, nem da influência, nem do sucesso que vinha obtendo como homem de negócios. E, o mais importante, não seria reduzida a pedaços, lendo sobre o casamento dele.

Fazia quase uma semana que deixara Heathrow, numa tarde úmida e triste de abril. Seu vôo saía com atraso, o aeroporto não poderia estar mais cheio, e ela subira a bordo do espaçoso jato com uma sensação quase de indiferença. No entanto, fora duro sair da Inglaterra, sabendo que cortava com isso os frágeis laços que a ligavam a Dominic, certa de que ele já estaria casado, se algum dia se encontrassem de novo.

Muitas vezes, durante os últimos dias, sentira-se tentada a ligar para o número que ele deixara com tia Davina. Chegara até mesmo a refletir com seriedade sobre o direito que ele tinha de saber que esperava um filho dele. Mas a conclusão a que chegava era sempre a mesma: ele nunca pensara na possibilidade de engravidá-la, perdendo, por isso, o direito de saber.

Virando a cabeça, ela viu Joseph, recostado atrás do timão, com a

indolência de costume. Apesar do que o dr. Francis lhe contara, aquela manhã, não encontrou forças em seu coração para condenar o empregado, dedicando-se a relembrar outra ocasião em que ele a levara a St. Vincent. Não lhe passara pela cabeça, ao visitar o banco e descobrir a verdade sobre Dominic, que Joseph exerceria um papel tão significativa em sua vida. No entanto, apesar do que acontecera, a exemplo de Celeste, ele ainda era parte integrante de sua existência e, como tal, merecedor do seu respeito.

Fitando de novo a água muito azul, Ruth vislumbrou os minúsculos atóis, que conhecia desde criança. Depósitos de coral batidos pelo sol, eles se erguiam entre as ondas como castelos diminutos, montando suas defesas e guardando seus segredos mais íntimos. Como ela estava fazendo.

Celeste sabia, é claro. Adivinhara de imediato. No instante em que a vira subindo em direção ao bangalô, a criada saltara da cadeira, na varanda, e correria para abraçá-la, enchendo-a de alegria por ter lhe permitido ficar ali.

— Benzinho, eu sabia que você ia voltar! — Celeste declarou, com os olhos cheios de lágrimas. — Ninguém mais é capaz de tomar conta de você como eu. Não era isso que seu pai sempre dizia?

Naturalmente, seu pai nunca dissera isso. Mas ele também não sabia que tia Davina desceria dos céus em seu helicóptero, agitando a areia da praia, fazendo todos os caranguejos fugirem à procura de abrigo. Se tivesse adivinhado, talvez ele tivesse mostrado mais simpatia pela criada.

No entanto, apesar de tudo, fora bom sentir-se querida, novamente. E Celeste fizera o que podia para que se sentisse em casa. Nem mesmo perguntara a respeito do pai do bebê, embora essa descrição não devesse ser mais que temporária.

O dr. Francis não escondera as reservas que tinha, em relação à capacidade de Celeste, durante a consulta que lhe dera, aquela manhã. Mas ele manifestara tantas reservas, que ela mal se lembrava de todas.

A primeira fora contra seu isolamento, na ilha. Se algo saísse errado, ele dissera, se ela tivesse um aborto, por exemplo, estaria a duas horas de qualquer tipo de ajuda profissional. Celeste podia saber muitas coisas, mas ele não lhe confiaria o parto de um bebê. Além disso, achava que os métodos de enfermagem da criada deixavam muito a desejar.

Ruth sabia que ele havia se referido à irresponsabilidade de Celeste, dando a Dominic a chance de se autodestruir. Se ele tivesse caído da moto, o dr. Francis dissera, arrumando outra infecção no braço, com toda certeza o teria perdido.

Ruth sentira-se chocada, mas não pudera negar a verdade presente nessas palavras. E também não podia negar que se surpreendera com o fato de o médico saber daquele episódio. Era algo que não esperava ouvir e

descobrir depois como ele chegara a receber tal informação deixara-a pasma. Mas só agora percebia que isso acabara com qualquer suspeita que ainda pudesse ter, em relação a Dominic, fazendo com que se arrependesse um pouco do modo como o tratara.

No entanto, pensar em Dominic não contribuía para sua paz de espírito e, decidida, ela tentou focalizar a mente em outra coisa. A sugestão do dr. Francis, para que passasse as últimas semanas da gravidez com ele e a esposa, tinha que ser levada em consideração, e do modo como queria aquele bebê era quase certo que aceitaria. Sem dúvida, a sra. Francis cuidaria dela o melhor possível, e, se ainda hesitava, era devido ao fato de serem praticamente estranhas. Aliás, estranhos demais tinham tomado parte em sua vida, ultimamente, tentando controlar seu futuro. Ainda lhe sobrava muito tempo para fazer planos; cuidaria de tudo, quando estivesse mais apta a tomar decisões. . .

Celeste estava à sua espera, enquanto percorria, desanimada, o caminho de volta ao bangalô. O dia fora longo, e estava cansada, por isso submeteu-se aos cuidados da criada, aceitando com gratidão uma xícara de chá.

— E então? — Celeste perguntou, ansiosa. — O que foi que o dr. Francis disse? Não há motivo para você não ter um bebê sadio, há?

— Nenhum, Celeste. — Ruth fez uma pequena pausa, depois comentou: — Ah, como é bom estar em casa. A temperatura em St. Vincent estava perto dos quarenta graus.

— Deve haver uma tempestade a caminho. Mas não tem importância. Você e eu estamos tão protegidas aqui quanto duas pulgas num cobertor. Ruth sorriu da comparação da outra, mas falar em tempestade levou seus pensamentos de volta a Dominic. Parecia incrível que só três meses tivessem se passado, desde que o encontrara na praia. Tanta coisa havia acontecido, naquele intervalo, tornando o resto de sua vida tão monótono e sem graça! Mas esse tipo de especulação era vagamente inútil, ela decidiu, terminando o chá e levantando-se da cadeira em que estava. O que precisava era de um bom banho e depois um jantar tranquilo na companhia de Celeste, ouvindo as últimas novidades sobre os vários membros da família da criada.

Ainda era cedo, quando foi para a cama. Como Celeste profetizara, relâmpagos iluminavam o horizonte, e de tempos em tempos o ribombar de um trovão fazia vibrarem os vidros de cosméticos, em sua penteadeira. Mas não choveu; foi apenas uma tempestade de raios.

No entanto, o calor e seus pensamentos impediram que dormisse e, deitada de costas, cansada e desanimada, ela se perguntou se aquele seria o padrão de tudo, dali em diante. Até o momento, estar na ilha, longe dos problemas que criara para si mesma, em Londres, fora o bastante. Comera

bem e dormira bem, anestesiando-se contra um colapso mental. Agora, no entanto, perturbada pela lembrança do que o dr. Francis dissera e a atmosfera criada pela tempestade, sentia a deprimente consciência de sua insegurança a abater-se sobre ela.

Oh, Dominic!, chamou em silêncio, dentro da noite, enterrando o rosto no travesseiro para abafar os soluços de angústia. Devia ter dormido por algum tempo, pois acordou com o coração batendo depressa, prova de que alguma coisa — ou alguém — a perturbara. No entanto, o bangalô continuava tão silencioso quanto antes. Talvez fosse um dos visitantes noturnos de Celeste, tropeçando nos próprios pés, refletiu em dúvida, sentindo a tensão voltar ao ouvir um palavrão abafado.

O som viera da varanda e, deslizando para fora da cama, ela pegou o roupão de algodão liso, que fazia conjunto com a camisola estampada no mesmo tom. Nunca aparecera um intruso no bangalô e, se alguém estava andando lá fora, Celeste na certa o ouviria.

Abrindo a porta do quarto, saiu para o corredor, descalça e em silêncio. Havia pouca luz, pois as nuvens baixas escondiam a lua, lançando sombras nos cantos escuros. Arrepiada, ela se lembrou de que o pai morrera no bangalô. Mas logo o palavrão abafado que ouvira veio-lhe à mente, afastando a possibilidade de algo sobrenatural.

No entanto, quando viu a sombra sob a porta movendo-se com firmeza em sua direção, quase perdeu a coragem. Alguém estava lá, na varanda. Alguém que já deveria saber, nessa altura dos acontecimentos, que estava no lugar errado. Levou a mão à boca, enquanto um grito nascia em sua garganta, mas não chegou a soltá-lo. A batida na madeira acabou com sua suspeita de estar diante de um intruso mal-intencionado, e aos tropeços ela avançou, abrindo a porta de par em par.

— Joseph! — exclamou, com os joelhos moles. — O que foi que... Meu Deus! Dominic. .!

Estava tão perto de desmaiar, agora, quanto estivera aquela manhã, na casa dos Crown. Vendo Joseph daquele modo, deduzira de imediato que algo estava errado. Seu pai fora chamado muitas vezes, para atender uma criança febril ou administrar os primeiros socorros a um marinheiro ferido, e a primeira coisa que lhe ocorrera, ao ver Joseph, fora algo desse tipo. Só quando seus olhos se desviaram para o segundo homem, atrás dele, é que havia percebido seu engano, agarrando-se ao batente da porta com desespero, num esforço para suportar o choque.

— Oi, Ruth — Dominic a cumprimentou, adiantando-se um passo. — Desculpe se eu a perturbei, mas...

— O sr. Howard está aqui, ele veio de Kingston, com o seu primo Wesley — Joseph interrompeu-o depressa, lançando um olhar indignado por

cima do ombro. — Ele disse que você ia gostar de ver ele, mas eu não sei, não. Se quiser que eu leve ele embora, para voltar ama. . .

— Experimente — Dominic sugeriu, num tom por demais agradável.

O que fez Ruth recuperar rapidamente a iniciativa. A última coisa que queria era uma briga ali, em sua varanda. E conhecia Dominic o bastante para saber que, quando ele queria uma coisa, não se detinha até consegui-la. Além disso, embora a chegada dele tivesse feito seu pulso disparar e sua cabeça latejar, não poderia ignorá-lo,

— Está tudo bem, Joseph — murmurou, lutando para esconder a perturbação. — O sr. Dominic pode entrar. E. . . e obrigada por se preocupar comigo, Joseph.

— Tem certeza de que não quer que eu espere aqui fora, até ele sair? — Joseph sugeriu, esperançoso.

Mas Ruth negou, com a cabeça. Fosse qual fosse o motivo que trouxera Dominic até ali, era pouco provável que ele se inibisse com a presença do criado. Ao contrário do que aconteceria com ela! E se Dominic estivesse sabendo do bebê, se ele tivesse vindo para cumprir uma obrigação, a última coisa que desejava era que Celeste ouvisse sua recusa. Além do mais, se houvesse uma discussão, seria melhor que fosse em particular.

— Tenho. . . tenho certeza de que o sr. Howard será capaz de achar o caminho de volta ao ancoradouro, Joseph — garantiu.

E Dominic inclinou polidamente a cabeça.

— Obrigado pela companhia, meu velho — agradeceu com secura, avançando com propósito, enquanto Ruth recuava.

À luz reveladora da sala, ela o encarou corajosamente, as mãos apertadas com força. Com os olhos fitos num ponto próximo ao nó da gravata azul que ele usava, dirigiu-lhe a palavra cheia de tensão, consciente de que aquela poderia ser a conversa mais importante de toda a sua vida.

— Como foi que me achou?

— Sua tia me disse. — Deu um passo para ela. — Ruth, você não faz idéia. . .

Ruth recuou um passo, involuntariamente, depois controlou-se.

— O que. . . o que mais tia Davina lhe disse?

— O que mais? — Dominic deixou escapar uma som impaciente, enquanto pensava na resposta. — O que acha que ela me disse? Só que você não estava feliz na Inglaterra e queria voltar para a ilha. O que mais ela poderia ter me dito?

— O que mais? — Ruth repetiu, mole de alívio. É claro que tia Davina não contaria a verdade a Dominic. Não quando ainda tinha esperanças de vê-la mudar de idéia, em relação a Martin.

— Eu tinha que ver você, Ruth!

Dominic adiantou-se outro passo, respirando com urgência, mas agora ela sabia onde estava.

— Você sabe que a ilha inteira vai estar falando de nós, amanhã de manhã, não é? Se não pensa em si mesmo, deveria ter pensado um pouco em mim!

— Em você?! — Ele fitou-a, sem entender.

— Claro. Eu... eu... este é o meu lar. Eu vivo aqui. O que acha que eles vão pensar de mim, se começo a receber visitas às... às. . . — olhou ansiosa, para o relógio — . . . à meia-noite?

Um ar cínico tomou conta do rosto de Dominic.

— Isso é tudo que você tem a me dizer, Ruth? Eu viajo... nem sei ao certo... sete mil quilômetros, e você só sabe se preocupar com a sua reputação!

Ela inclinou a cabeça.

— Pode. . . pode não ser importante para você. . .

— É claro que é importante — ele interpôs, impaciente. — Você não me deixou dúvidas sobre a importância que dá a reputações. Mas espero que o que tenho a lhe dizer altere sua opinião da minha!

Sentindo que aquilo não podia continuar, Ruth censurou, num tom bem menos defensivo:

— Dominic. . . Dominic, você não deveria estar aqui. Está perdendo seu tempo. . .

— Estou? Estou? — Dominic avançou, enquanto ela recuava, até encostar no armário. — Ruth, eu te amo! E acho que você também me ama. Tenho certeza de que não seria capaz de me dizer, com toda honestidade, que não signifique nada para você!

— Eu. . . eu. . . admito que passamos. . . algumas horas agradáveis, juntos...

— Horas agradáveis?! — ele repetiu com violência, apoiando as mãos no armário e prendendo-a entre os braços. — Horas agradáveis? Não acredito em você, Ruth! Elas foram muito mais que. . . horas agradáveis!

O olhar nervoso de Ruth ergueu-se, então, e a visão do rosto magro e abatido, à sua frente, quase a pôs a perder. Não sabia o que ele andara fazendo, desde que o vira pela última vez, mas, fosse o que fosse, deixara-o com o rosto encovado e os olhos rodeados por olheiras e injetados de sangue, intensamente brilhantes.

— Você não entende, Dominic! Eu.. . . eu não posso continuar como antes. Eu. . . eu sei que você pensa que gosta de mim, mas o seu modo de amar e o meu diferem, e. . . Bem, será melhor se nós. . . nós nos esquecermos um do outro.

— Você é capaz de me esquecer, Ruth? — Dominic perguntou com

ferocidade, aproximando o rosto do dela. — É capaz de esquecer isso. . . ou isso. . .

E de repente ele a estava beijando, um beijo atrás do outro, beijos que mudaram rapidamente de uma saudação zangada a uma carícia violenta, beijos que a fizeram colar-se a ele, destruindo toda e qualquer esperança que ainda tinha de resistir-lhe. Dominic era tão mais forte, tão mais decidido, e por um instante ela se rendeu aos lábios dele, possessivos e perturbadores.

— Ruth...! Oh, Ruth! Quando eu descobri que tinha me deixado, quase fiquei louco!

Foram essas palavras que trouxeram Ruth de volta à realidade. Por um momento, a sensação deliciosa dos lábios dele, sobre os seus, agira como um tóxico, impedindo-a de pensar e cegando-a para a irresponsabilidade do que estava fazendo. Nada mudara, percebeu, desesperada. Antes de sair da Inglaterra, já sabia que Dominic a desejava. Mas ele ia se casar com Bárbara, e ela continuava grávida!

Apelando para todas as suas forças e tirando vantagem da fraqueza em que ele se achava, obviamente induzida pela sensualidade, ela se libertou, fugindo para o outro lado do sofá.

— Não adianta — declarou ofegante, abraçando o corpo. — Não vou ser sua amante, Dominic, não importa o que sinta!

— Minha amante?! — Dominic virou-se, recostando-se no armário, com as feições exigindo um cansaço extremo. — Minha amante — repetiu, massageando as têmporas. — Deus do céu, Ruth! Acha mesmo que vou desistir de você, agora?

Ela apertou os lábios trêmulos.

— Como assim?

— Não sabe mesmo? Eu não vim atrás de uma amante, vim atrás de uma esposa.

— Uma esposa?! Dominic, não brinque comigo. . .

— Brincar com você? Meu Deus! A última coisa que estou é com disposição para brincadeiras. — Desabotoou a gravata, respirando pesadamente. — Você não está prestando atenção ao que digo, Ruth. Eu quero que seja minha esposa.

Ruth deu-lhe as costas abruptamente, levando a mão aos cabelos, ajeitando, distraída, a gola do roupão.

Era verdade o que ele dizia? Estava mesmo falando a sério? Não era sua imaginação pregando-lhe peças, levada pela necessidade desesperada que tinha de acreditar nele? Ele dissera, realmente, que queria casar-se com ela?

— Eu. . . eu descobri, hoje, como foi que papai ficou sabendo de nós

— disse, de repente, sentindo a necessidade de manter a cabeça fria, embora sua cabeça estivesse latejando. Foi... foi Joseph. Joseph contou a papai. Não creio que tenha sido de propósito, mas ele contou,

— Ruth!

— Foi no dia seguinte. No dia em que você foi embora. - Passou a língua pelos lábios secos. — Joseph tem um fraco por Celeste. É verdade que ele é casado e tem vários filhos, mas Celeste... Bem ele sempre gostou dela,

— Ruth olhe para mim...

— Você se lembra de Harold, não é? O rapaz que lhe emprestou a moto. O primo de Celeste! Ao que parece, ele passou a noite com ela, e Joseph ficou furioso. Foi se queixar a papai, imagine! — Ela abafou uma risada meio histérica.

— É, ele foi se queixar e contou que Harold tinha nos emprestado a moto, provavelmente para dar mais peso à sua história. De qualquer modo, como você pode imaginar, papai ficou muito chocado e falou com o dr. Francis. Foi o dr. Francis que me contou tudo.

— Sinto muito.

A voz de Dominic soou desanimada, mas Ruth tinha que continuar,

— Tudo bem. O importante é que ele não ficou sabendo o que realmente aconteceu. Quando... quando ele me censurou, eu pensei... pensei que você tivesse lhe dito, mas não era verdade, e ele não sabia... Pelo menos, não sabia de tudo.

— Que bom — Dominic exclamou, com sinceridade. — Talvez você possa se esquecer disso, agora.

— É.

Ruth inclinou a cabeça, mas logo sentiu-o às suas costas, passando os braços por sua cintura, puxando-a de encontro a si.

— Ruth — ele disse, esfregando os lábios em sua nuca.

— Seu pai não precisava ter se preocupado. Você me enfeitiçou, desde o primeiro momento em que a vi.

— Eu não... eu não posso... — Ela estava achando difícil falar, com as mãos dele deslizando por seu tórax e envolvendo seus seios. — Dominic... não é verdade.

— É, sim. Você não sabe, mas eu já descobrira a existência de tia Davina muito antes de ver o retrato de vocês, no jornal. Na verdade, eu mandei investigarem a história de sua família, para ter certeza de que você não ficaria sozinha, se alguma coisa acontecesse a seu pai.

— Mas... mas isso não é a mesma coisa...

— Não é? Oh! amor; você não entende que eu estava tão cheio de remorso por deixar você aqui; que não conseguia pensar em mais ninguém?

Ela meneou a cabeça.

— Mas se eu não tivesse ido para Londres. . .

— . . .eu teria vindo para cá, mais cedo ou mais tarde.

— E Bárbara? — Ruth murmurou, virando-se para encará-lo. —

Dominic...

— Bárbara e eu já estávamos com problemas, antes de irmos para Barbados. Por que acha que eu saí com o barco, naquela tempestade? Por que acha que eu não queria que soubessem quem eu era? — Dominic fez uma pausa, depois prosseguiu:

— Ruth, meu pai escolheu minha noiva para mim. Nosso casamento seria muito conveniente, como se diz por aí. Eu não estava entusiasmado, mas também não estava radicalmente contra, por isso. . . nós nos deixamos levar, isso pode lhe parecer uma fraqueza, mas, até conhecer você, eu nunca tinha encontrado uma mulher com quem sentisse vontade de passar o resto da minha vida.

— E. . . e Bárbara?

— Bárbara é ambiciosa. Eu sabia disso. Mas eu só descobri o quanto, ela era ambiciosa em relação a mim mais tarde.

— Mas depois que você voltou ...

— Depois que eu voltei para a Inglaterra, Bárbara passou uns tempos fora. A irmã dela acabara de dar à luz, e nós decidimos que seria bom nos separarmos um pouco. Infelizmente, no que me diz respeito, a coisa não funcionou.

— Mas você não rompeu o noivado.

— A princípio, não. — Ele apertou os lábios. — Você precisa entender a minha posição. . .

— Não é preciso — Ruth começou, mas ele removeu o dedo com que tentava silenciá-lo.

— É preciso, sim — insistiu. Então, vendo a língua dela aparecer, numa inadvertida provocação, não resistiu e beijou-a.

Pouco depois, num tom enrouquecido, continuou: — De qualquer modo, está tudo relacionado com meu irmão Michael.

— O que morreu?

— Como sabe?

— Tia Davina falou nele.

— Entendo. Mas é isso, está tudo relacionado com ele. — Fez uma pausa. — Michael morreu ao cair de um pônei, quando tinha sete anos de idade. Minha mãe ficou arrasada.

— Não duvido. Que coisa horrível, para ela! Onde foi que aconteceu?

— Não adivinha? — Dominic fez que sim, ao ver o olhar dela. — Isso mesmo, Marlin Spike. É por isso que ela nunca vai lá, é por isso que não há

mais cavalos na cocheira. Ela não suporta pensar no que aconteceu.

— Coitada!

Dominic concordou, toeando-Jhe o rosto ternamente.

— Depois da morte de Michael, eu me tornei a coisa mais importante na vida dela. É tocante, mas também é muito cansativo. Porque, naturalmente, eu sempre tentei fazer o que eles queriam.. .

— Eu entendo, — De repente, um ar de dúvida surgiu no rosto de Ruth. — Como é. . .

— Dê-me tempo — Dominic sussurrou, beijando-lhe o nariz. — Por mais que eu deseje fazer amor com você, quero que saiba que romper meu noivado com Bárbara não foi tão traumático quanto pensa. — Deu de ombros. — Discutimos, é claro, mas isso é uma coisa que vínhamos fazendo muito, ultimamente, e creio que nós dois estávamos tomando consciência de que nosso casamento não daria certo.

— Mas a sua mãe... — Ruth mordeu o lábio.

— Eu sei, eu sei. Minha mãe falou com você a nosso respeito. Ela admitiu que havia desconfiado que existia algo entre nós e não queria que você saísse magoada.

— Eu?!

— Bem, essa é a história que ela contou e que insiste em repetir — Dominic comentou, com uma cara que fez os lábios de Ruth se erguerem num sorriso. — Afinal, você vai ser nora dela, e minha mãe sonha em se tornar avó, logo, logo.

Ruth corou, mas felizmente Dominic não associou isso a nada.

— Então — ele prosseguiu —, depois de falar com meu pai e, se lhe faz bem ficar sabendo, de ganhar a bênção dele, não pude mais esperar. Fui à sua procura, mas você estava fora... por alguns dias, sua tia me disse. Assim, em vez de enlouquecer, imaginando onde estava e o que você estaria fazendo, viajei para o norte da Inglaterra, para uma visita à nossa fábrica, na Cumbria. Quando voltei, você já tinha saído do país.

— Ah, Dominic!

— Ah, Dominic, mesmo! — ele murmurou, segurando-lhe os quadris e pressionando-a de encontro a si. — E aquela sua. tia não queria nem atender ao telefone! Quando, afinal, fui à casa dela, ela ameaçou de me botar na rua à força!

— Por quê?! O que foi que você disse a ela? Foi grosseiro? Por que ela não queria falar com você?

Dominic hesitou.

— Acho que ela não gosta de mim.

— Também acho. Mas você também não gosta dela.

— Não, Mesmo assim...

— No fim, como conseguiu falar com ela? E como descobriu onde eu estava? Martin lhe contou?

— Martin não estava em casa. Ela me disse que ele estava num *rally* ou coisa parecida.

— Ah, sim! — Ruth sorriu. — No momento, Martin anda fã de carros de corrida. — Lançou um olhar brincalhão para Dominic. — Eu gosto dele. Ele foi bom para mim, e não precisava ser, naquelas circunstâncias.

— Que circunstâncias?

— Bem. . . — Ruth pesou cuidadosamente o que ia dizer. — Eu era a intrusa, não era? Nem todo filho receberia bem uma estranha em sua casa, principalmente uma pessoa com quem a mãe dele estava gastando tanto dinheiro. Dinheiro que ele pode muito bem encarar como seu, já que o herdará, um dia.

— Entendo. — Dominic contemplou-a, pensativo. Depois, como que chegando a uma decisão, disse: — É, você tem razão. Martin não é tão tolo quanto eu pensava.

Sorrindo, Ruth enlaçou-o pelo pescoço.

— Tem certeza...

Mas ele beijou-a de novo, impedindo-a de continuar, e ela só pôde se agarrar a ele, mole, perdida no êxtase da carícia.

Muito tempo se passou, antes que qualquer um deles sentisse vontade de falar, novamente. Na fraca luminosidade que precedia a aurora, Ruth abriu os olhos, sonolenta, dando com Dominic a acariciar sua nuca, com os lábios, enquanto deslizava a mão por seu abdômen ainda reto. Era a primeira vez que realmente dormia com ele, e foi delicioso sentir-lhe o corpo rijo e quente junto ao seu, com uma perna jogada possessivamente sobre suas coxas, debaixo dos lençóis. Em meio à paixão de seu ato de amor, não tivera tempo para pensar em outras coisas, mas agora o simples prazer de saber que ele não ia deixá-la de novo fez com que se aconchegasse mais ao corpo dele.

— Sabe? — Dominic murmurou, prendendo um de seus seios entre os lábios e acariciando-lhe a auréola rosada com a língua. — Acho que você engordou um pouquinho aqui, meu amor. E eu gosto disso. Hum, gosto mesmo! Os dedos acariciantes de Ruth imobilizaram-se e ele gemeu em protesto, puxando as mãos dela para si.

— Não pare — sussurrou, movendo-se para acomodá-la. — O que está querendo? Me deixar louco?

Ruth abriu os lábios sob a pressão apaixonada dos dele, sua resistência, como sempre, vencida pela ardente natureza masculina, Mas quando Dominic liberou sua boca, enterrando o rosto na nuvem de cabelos escuros que a rodeava, encontrou as palavras certas para detê-lo.

— Dominic. . . Dominic, há mais uma coisa. Uma coisa que ainda não lhe contei. — Interrompeu-se por um instante. — Uma coisa que eu não podia lhe contar, antes.. .

Dominic afastou-se um pouquinho, para poder ver-lhe o rosto, e ela desviou o olhar. Havia tanta preocupação nos olhos dele, que era bem possível que suas palavras tivessem sido mal entendidas.

— O que é? — A ansiedade deu à voz dele um tom áspero e irritado. — Ruth, pelo amor de Deus, o que é? Você não vai me deixar, agora. Seja lá o que for, não vou permitir.

Ruth ergueu as pálpebras, fitando os olhos felinos, estreitados, brilhantes com a urgência da paixão.

— Vou ter um filho — confessou simplesmente. E viu a incredulidade tomar conta do rosto dele.

— Um filho?! — Dominic examinou os contornos de seu corpo. — Um filho! Tem certeza?

— Eu. .. acho que sim. — Em sua pressa de falar, as palavras começaram a se atropelar em sua boca. — Consultei.. . consultei dois médicos, um aqui e outro na Suíça. O dr. Francis, você se lembra? Estive com ele, hoje de manhã. .. ou melhor, ontem de manhã, e ele disse... — Interrompeu-se de repente, tomando uma das mãos de Dominic entre as suas. — Você não se importa, não é? Eu. .. você sabe, ele é seu...

— Meu Deus, Ruth! — Ele ergueu o rosto dela, silenciando-lhe os lábios nervosos com uma leve pressão do polegar. — Quer dizer que você resolveu vir embora porque estava esperando meu filho?

— Em parte, sim.

— E por que, em nome de tudo que é sagrado, não me contou?

— Para... para você se casar comigo por. . . por obrigação?

— Oh, minha querida! — Encontrando dificuldade em se expressar, Dominic abraçou-a com mais força. — Não sabe que nada nem ninguém teriam me mantido longe de você, se eu soubesse? Desde o começo, eu sabia que precisava ter você, e se eu sonhasse... se eu tivesse desconfiado... — Deteve-se, fitando-a com olhos cheios de calor e ternura. — Deve ter sido aquela noite aqui, na ilha. Deus sabe que eu não estava em condições de tomar precauções contra nada.

— Então.. . Então, você não se importa? Ele riu baixinho.

— Se eu me importo? Claro que me importo! Eu queria ter você para mim, por bem mais que alguns meses. Mas não se preocupe. Tenho certeza que podemos contar com Bridie, para nos ajudar.

— A srta. Bainbridge — Ruth murmurou, contente. — Acha mesmo que ela vai querer?

— Sem dúvida. Principalmente depois que eu lhe disser que estou

pensando em reabrir Marlin Spike. Aquela casa precisa de crianças e. . . Quem sabe? Talvez minha mãe aprenda a esquecer, quando tiver um neto nos braços.

— Bem, é claro que nós não poderíamos viver na casa de seus pais. E eu adoro Marlin Spike.

— Eu também tenho um apartamento — Dominic lembrou-a. E um irlandês chamado Shannon, que toma conta de mim.

— Oh, Deus!

Vendo a ansiedade de Ruth, Dominic franziu a testa.

— O que é?

— Pode ser que ele não goste de mim!

Um riso gostoso escapou dos lábios de Dominic.

— Meu bem, foi em parte devido a ele que eu encontrei você de novo. Se ele não gostar, só poderá culpar a si mesmo.

O filho de Ruth nasceu algumas semanas antes do Natal e em fevereiro ela reencontrou tia Davina e Martin, no batismo do bebê James. Toda a família estava reunida em Marlin Spike para a ocasião, e a mãe de Dominic, que viera visitá-los várias vezes, desde o casamento, aproximou-se de Ruth quando ela pedia a Shannon para providenciar mais champanhe.

— Ele não foi um amor, querida? — Isobel sorriu, observando o marido segurar o neto, com evidente orgulho. — Não chorou nem uma vez, nem quando o pastor derramou aquela água sobre sua cabecinha. E eu tenho certeza de que tanto entusiasmo não era necessário!

Ruth sorriu, esbelta e elegante em seu conjunto de lã verde-claro. O casamento e a maternidade sem dúvida combinavam com ela, que se adaptara maravilhosamente bem a seu papel de esposa do presidente de uma grande corporação.

— O sr. Collings, o pastor, gostou muito de ver a senhora na igreja, de novo — Ruth contou à sogra. — Ah, aqui está Martin. Já conhece o meu primo, não é?

Isobel concordou, mas logo os deixou, atraída, como que por um ímã, para junto do marido. Ruth e Martin observaram seus esforços inúteis para prender a atenção do bebê, depois sorriram um para o outro, partilhando um entendimento mútuo.

— Fui mesmo um tolo — Martin comentou, fitando-a com evidente admiração. — Deveria ter pego você, antes que tivesse tempo de se encontrar novamente com Crown! E não só pelas razões mais óbvias, que Dominic sem dúvida lhe contou.

— Razões mais óbvias? — Ruth repetiu, sentindo uma pontinha de alarme. — Que razões são essas?

— Dominic não lhe contou?! É, acho que ele não contaria, mesmo. É um

sujeito bem melhor do que eu. Eu o teria diminuído o máximo que pudesse.

— Martin, eu não estou entendendo nada. — Vendo que tia Davina os fitava com uma certa apreensão, Rùth percebeu que teria que descobrir do que o primo falava, antes que ela tivesse tempo de interrompê-los. — O que Dominic deveria ter me contado? Por favor, Martin, me diga! Não pode me deixar nesse suspense.

— É sobre o testamento de seu avô. — Martin serviu-se de mais champanhe e ela deduziu que era em parte devido à grande quantidade de álcool que já tinha bebido, que ele agora falava de maneira tão livre. — Você se lembra do velho Henry Pascal, não é? Mamãe lhe falou sobre ele. Sobre sua mãe ser a filha mais velha, e o modo como ele a cortou do testamento.

— Sei. — A impaciência tomou conta dela. — Mas o que isso tem a ver comigo? Ou com Dominic?

Martin suspirou.

— É o problema da herança. Eu sou adotado, não sou filho legítimo de Davina Pascal. E o testamento diz que, se Davina morrer sem ter filhos, os descendentes de sua mãe devem herdar.

— E... Dominic sabe disso?

Ruth estava pasma. Dominic nunca tocara nesse assunto, nunca lhe contara que o interesse da tia por ela era devido ao testamento do avô. Por isso é que ela fizera tanta questão de aproximá-la de Martin, por isso quisera tanto que se casassem. . .

— Como acha que ele convenceu mamãe a lhe dizer onde você estava, quando fugiu para a ilha? Seu marido é um sujeito duro, eu lhe garanto. Nós achamos que ele lhe contaria a verdade, assim que a visse. Imagine nossa surpresa, quando recebemos um convite para o casamento!

Ruth virou-se, atordoada pelo que acabava de ouvir e, nesse momento, Dominic passou o braço por sua cintura.

— Ei — ele murmurou, sua força envolvendo-a como um escudo protetor — o que foi? O que aquele ordinário andou lhe dizendo? Se ele magoou você. . .

Ela meneou a cabeça, fitando-o com adoração.

— Ele... ele me contou... do testamento. Oh, Dominic, por que não me disse? Por que não me mostrou que mulher horrível tia Davina é?

Dominic puxou-a para um canto, escondendo-a do resto do grupo com o corpo.

— Não havia necessidade de você saber, querida. Pelo menos, não enquanto sua tia ainda estivesse viva. Ela é a única parenta que você tem. . .

— E por isso você resolveu agüentá-la, convidá-la para vir aqui, mesmo sabendo que ela fez o possível para nos separar e. . .

— O possível dela não foi o bastante, foi? — Dominic interrompeu-a

com voz rouca. — Eu só não queria que você se aborrecesse. — Beijou-lhe a têmpora, com toda ternura. — Achei que já tivera problemas demais, para uma senhora grávida.

— Oh, Dominic! — Os olhos dela encheram-se de lágrimas. — Mas como foi que você descobriu?

— Tim Connor me contou. Você se lembra de Tim Connor, não é? O sujeito que investigou a história da sua família.

— Então, você sempre soube?

— Não. Eu pensei que a investigação estivesse completa, mas ele me telefonou, na noite em que voltei do norte da Inglaterra. Você se lembra, a noite em que fui ver tia Davina. — Dominic fez uma careta. — Ele disse que, já que eu estava tão interessado no seu bem-estar, era melhor ficar sabendo de todos os fatos.

— Oh, Dominic!

— Mas agora está acabado. Esqueça-se disso tudo.

— Não posso! Eu não quero o dinheiro de tia Davina! — Então, não fique com ele. Quando você herdar, pode doá-lo a uma instituição de caridade ou continuar mantendo aquele vagabundo do filho dela no conforto, pelo resto da vida.

— Martin é bem-intencionado.

— Martin é um encenqueiro, isso sim. Você nunca teve curiosidade de saber como sua tia descobriu a meu respeito?

— Ela.... ela falou com a sua mãe. . .

— Errado. Martin falou com a secretária de minha mãe, Ginny Harris, na manhã em que vocês voltaram da Suíça. Pode ter sido por instigação da mãe dele, mas foi ele, e não a sua tia, que conseguiu a informação. Como você sabe, a coitada da Ginny é muito ingênua.

— A coitada da Ginny adora você — Ruth replicou, acalorada, o que fez Dominic sorrir.

— Adora mesmo, não é? Preciso me lembrar disso.

— Não se atreva! — Ela fitou-o, zangada, mas amoleceu ao ver a expressão que havia nos olhos dele. — Oh, Dominic, eu te amo tanto!

Dominic puxou-a para si.

Aqui, não — murmurou. — Nem agora. Amanhã, quando estivermos a milhares de quilômetros daqui.

— Uma lua-de-mel tardia. — Ruth suspirou, satisfeita. — Acha que seu filho ficará bem?

— O quê? Com pelo menos três mulheres caindo aos pés dele? Ele estará completamente arruinado por mimos, quando voltarmos!

— Isso sempre acontece com filhos únicos. — Com um olhar malicioso, Ruth afastou-se, antes, que pudesse replicar.

Dominic tinha razão, pensou, olhando-o com amor, enquanto tentava prestar atenção ao que o sogro lhe dizia. Haveria tempo de sobra para resolver os problemas de tia Davina. Sua vida era muito mais importante, e uma pessoa que tinha tanto podia se dar ao luxo de ser generosa.

Fim

A autora e sua obra

Anne Mather nasceu na região nordeste da Inglaterra, onde desenvolveu sua vocação inata para a literatura, tendo se tornado uma das maiores escritoras de ficção romântica da atualidade. Já escreveu mais de 80 romances de sucesso, traduzidos para diversos idiomas e editados em muitos países. Um dos seus últimos livros, *Paixão Selvagem*, foi recentemente editado por nós, com grande êxito, e agora temos a satisfação de apresentar-lhes o best seller *Tempestade*, também um maravilhoso romance de Anne Mather.